**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES**

KÁTIA GIOVANA COSTA LIMA

A figura do judeu nas obras de Jorge Amado: *Suor e Tenda dos Milagres*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com vistas à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

Orientadora: Profa. Dra. Berta Waldman

Versão corrigida

São Paulo

2015

KÁTIA GIOVANA COSTA LIMA

A figura do judeu nas obras de Jorge Amado: *Suor* e *Tenda dos Milagres*

Versão corrigida

São Paulo

2015

À Albertina, *in memoriam*. Mãe querida, uma flor
enfeitando o jardim do Senhor. Por ter me ensinado,
entre milhares de coisas, a respeitar e amar a Deus, ao
próximo e as minorias.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre dos mestres, Jesus.

À minha família, pelo amor, apoio, incentivo e, principalmente, por crerem comigo que seria possível “chegar lá”.

À minha orientadora Profa. Dra. Berta Waldman, pela dedicação, carinho e paciência desde a graduação.

A todos os meus professores, mestres que ajudaram na minha formação intelectual, espiritual e pessoal, desde o fundamental, E.J.A., cursinho até a Universidade.

Ao Bispo Gê, meu primeiro mestre na caminhada ministerial.

A todos os meus amigos e todos irmãos da Igreja Renascer em Cristo, pelo amor, infinitas orações e toda colaboração espiritual ou material. Especialmente ao Ap. Estevam Hernandez, Bpa. Sônia Hernandez, Bpo. Daniel e Pra. Raquel Tenuta, Bpo. Daniel e Pra. Raquel Fragoso, Bp. Erik e Pra. Camila, por ajudarem em tudo o que foi possível para eu me concentrar nos estudos. À “minha Jad” e toda equipe de intercessoras.

Às amigas que ajudaram na leitura, formatação e revisão do texto: Natália Sayuri Sabbatino, pelo Abstract, e Helenice dos Santos Neves, pelo “olhar de amiga”. Especialmente à Profa. Denise Biella de Souza Valle Borges de Alvarenga, não só pela revisão, mas pelo imenso amor e dedicação.

À Elizabeth e Dolores Biruel pela acolhida e infinitas colaborações desde 2009.

À D. Marisa Ribeiro, diretora querida da E.E. Prof.º Antônio José Leite, que abraçou o projeto “*Capitães da Areia*” e colaborou para que eu pudesse conciliar estudos e horários.

À toda equipe escolar da E.E. Prof.º Antônio José Leite, que de alguma forma colaborou, especialmente à coordenadora Kátia Satie.

Ao corpo docente da E.E. Prof.ª Veridiana C. C. Gomes, pelo carinho, amizade e incentivo, especialmente às coordenadoras Débora e Luciana e professores Alexsandra, Breno, Fátima e João pelas preciosas dicas e os “muitos cafezinhos filosóficos”.

Ao grupo de pesquisa da USP, queridos mestrandos, doutorandos, professores e doutores, especialmente aos amigos: Saul Kirschbaum, que me acompanha desde o começo, Mona, Lika e Pérola, sempre motivando e dando sugestões valiosíssimas.

À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Diretoria de Ensino Norte 2, pela obtenção da Bolsa Mestrado e ao CNPq pela Bolsa de Iniciação Científica, o início de tudo.

– Nem Deus, que fez o povo pode matar tudo de uma vez, vai matando de um a um e quanto mais ele mata mais nasce e cresce gente e há de nascer, de crescer e de se misturar...

(Lídio Corró, ferreiro, amigo de Pedro Archanjo em *Tenda dos Milagres*)

RESUMO

A figura do judeu nas obras de Jorge Amado: *Suor* e *Tenda dos Milagres*.

A dissertação propõe-se a analisar a presença de personagens judias nos romances de Jorge Amado, especificamente em *Suor* e *Tenda dos Milagres*, ambos do período modernista da literatura brasileira, abarcando, entretanto, momentos distintos da vida política e literária do autor, o qual sendo comunista foi perseguido e vigiado por seus ideais e aspirações políticas, também em momentos distintos da História. Embora os romances sejam do mesmo período, as narrativas desenrolam-se pontualmente durante o governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945, detendo-se especificamente nas décadas de 20 a 30, momentos destacados pela perseguição aos comunistas e judeus, justificando-se, então, a escolha do autor e dos dois romances. Além da Era Vargas, abrange-se o período da Ditadura Militar, visto que o romance *Tenda dos Milagres* foi publicado em 1969, sendo este o tempo presente da narrativa, tendo como passado e pano de fundo o governo Vargas. O objetivo da pesquisa foi verificar se há distinção no tratamento aos judeus, independente da época, tanto do ponto de vista do autor em relação à forma como se relaciona, escreve e os enxerga, como das personagens que compõem suas obras. Assim, as figuras judias foram contrapostas a outros não nacionais como os estrangeiros e imigrantes, visando a distinguir se estes recebem tratamento diferenciado do elemento judaico. Esta distinção entre estrangeiros e imigrantes também é um foco de estudo e análise e se dá devido a forma com que eles aparecem na literatura, ora como elemento “embranquecedor”, ora como mão-de-obra, ora como indesejado, por exemplo. O método de trabalho contemplou duas frentes: o levantamento e análise da figura do estrangeiro e do imigrante, judeu ou não, em diversas obras de Jorge Amado, mas especificamente nos dois romances em questão e a comparação entre representação e apresentação referentes à personagem judia nas obras específicas, visto que cada uma delas foi composta e publicada em períodos diferentes da História do Brasil e da sociedade baiana da época. Como resultados, são apresentadas e confrontadas as análises dos dois romances, bem como suas personagens e o contexto histórico-político-social das narrativas, chegando-se à conclusão de que há distinção de tratamento ao judeu, em comparação com outros elementos estrangeiros e imigrantes analisados; para chegar a este resultado, foram formuladas diversas perguntas que subjazem à pesquisa, como, por exemplo: em que medida o estrangeiro é discriminado, já que ocupa a posição do “outro”,

do diferente? Em que medida se discriminam os judeus no Brasil, como herança do colonialismo português? Como eles são discriminados no período da Era Vargas e da Ditadura Militar? Os estrangeiros em geral recebem um tratamento semelhante, nos diversos textos literários?

Palavras-chave: Jorge Amado. Getúlio Vargas. *Suor. Tenda dos Milagres*. Judeu. Estrangeiro. Imigrante. Nacional. Ditadura militar. Comunismo.

ABSTRACT

The jew figure in works of Jorge Amado: *Suor* and *Tenda dos Milagres*.

The dissertation proposes to examine the presence of Jewish characters in novels of Jorge Amado, specifically in *Suor* and *Tenda dos Milagres*, both from modernist period of Brazilian literature, covering, however, different times of political and literary life of the author, which communist was being persecuted and watched by their ideals and political aspirations, also at different moments in history. Although the novels are of the same period, the narratives unfold punctually during the Getúlio Vargas ruled, from 1930 to 1945, stopping specifically in the 1920s and 1930s highlighted by the persecution of Communists and Jews moments, justifying, then the author's choice and the two novels. Besides the Vargas Era, it covers up the military dictatorship, considering *Tenda dos Milagres* novel was published in 1969, this being the present time of the narrative, with the background of the Vargas government. The research objective was to determine whether there is a distinction in the treatment of the Jews, regardless of time, both from the author's standpoint in relation to how it relates, writes and sees them as the characters that compose his works. Thus, the Jewish figures were opposed to foreigners and immigrants, seeking to distinguish if they receive differential treatment from Jewish element. This distinction between foreigners and immigrants is also a focus of the study and analysis and it is due the way they appear in the literature, sometimes as an element "bleaching", or as hand labor, sometimes as undesirable, for example. The working method included two fronts: a survey and analysis of the foreigner and the immigrant. Jewish or not, in various works of Jorge Amado, but specifically in the two novels in question and the comparison between representation and presentation of the Jewish character in the specific works, since each was composed and published in different periods of Brazil's history and the bahian society of the time. As results, the analysis of the two novels are presented and compared, as well as their characters and the historical, political and social context of the narrative, concluding that there is a distinction in the treatment to the Jewish compared with other foreign and immigrants analyzed; to arrive at this result, several questions were formulated that underlie research, such as: in what measure is the foreign discriminated since he occupies the position of the "other", the different? In what measure are the Jews discriminated in Brazil, as a legacy of Portuguese colonialism? How are they discriminated during the Vargas Era and the Military Dictatorship? Do foreigners generally receive similar treatment in different literary texts?

Keywords: Jorge Amado. Getúlio Vargas. *Suor. Tenda dos Milagres*. Jewish. Foreigner. Immigrant. National. Military dictatorship. Communism.

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA	01
INTRODUÇÃO.....	03
CAPÍTULO I (APÊNDICE)	
1.1. Jorge Amado	05
1.2. Modernismo no Brasil	08
1.3. Panorama Histórico.....	12
CAPÍTULO II	
2.1. Estrangeiros e imigrantes	40
2.2. Fluxos imigratórios	45
2.3. Fluxos imigratórios de judeus e espanhóis	45
CAPÍTULO III	
3.1. <i>Suor</i>	53
3.2. Enredo, personagens e espaço da narrativa	55
3.3. A caracterização das figuras judias	56
Isaac	57
Companheiro revolucionário: Álvaro Lima	72
Companheira revolucionária: Linda	76
Conclusão sobre Isaac.....	78
3.4. A caracterização das figuras estrangeiras	80
O seu Samara	81
Os patronímicos libanês, sírio, árabe e turco.....	84
O Fernandez	89
Fernandez e Seu Isaac - comerciantes	89
As espanholas	91
A italiana.....	92
Distinção de tratamento – nacionais e estrangeiros	93
3.5. A caracterização das figuras imigrantes	94
Severino, o “sapateiro espanhol”	95
Toufik	98
O português Manuel de Tal	99
O português que se casou com a Maria do Espírito Santo	100
O alemão Franz.....	101
Zébedeu	102
Franz e Zébedeu - distinção pela nacionalidade.....	103
A prostituta polonesa	104
Prostitutas estrangeiras – mais cotadas	106
Canção da Judia de Varsóvia	106
3.6. Considerações finais	108

CAPÍTULO IV

4.1. <i>Tenda dos Milagres</i>	110
4.2. Enredo, personagens e espaço da narrativa	114
Pedro Archanjo	115
O narrador	121
4.3. A caracterização das figuras estrangeiras e imigrantes	124
James D. Levenson, o norte-americano	124
Kirsi, a finlandesa	128
O turco Maluf.....	130
Bonfanti, o italiano.....	131
Zabela, a aristocrata	135
Fayerman, o russo e Mahul, o libanês.....	137
4.4. A caracterização das figuras judias	137
Arianismo e racismo: Nina Rodrigues e Gobineau.....	138
4.5. O nacional frente ao nazifascismo	142
4.6. Archanjo e Isaac: Aspectos religioso, político e social.	145

CONSIDERAÇÕES FINAIS

<i>Tenda dos Milagres versus Suor</i>	156
---	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOTA PRÉVIA

Iniciei os estudos com vistas ao mestrado, estando ainda na Iniciação Científica, em 2009, como graduanda, no curso de Letras da FFLCH-USP, quando era aluna da Profa. Dra. Berta Waldman. Na ocasião, ela me convidou a realizar fichamentos de autores do período Modernista da Literatura Brasileira. Foi então, que entrei para o grupo de pesquisa, cujo projeto era intitulado *A representação da personagem judia na literatura modernista brasileira* (inscrito como grupo de pesquisa no CNPq, com parte dos resultados já publicada), liderado por ela e pelo Prof. Saul Kirschbaum. Esse projeto teve como objetivo verificar em todos os períodos da literatura brasileira a maneira como a personagem estrangeira em geral e a judia, em particular, era caracterizada por ficcionistas e poetas.

No meu caso, registrei e fichei obras de autores modernistas e pré-modernistas da literatura brasileira, como Inglês de Souza, Mário de Andrade, Raul Pompéia, e especialmente, João Guimarães Rosa e Jorge Amado.

O objetivo era registrar e fichar as passagens das obras em que aparecessem elementos judaicos, estrangeiros e imigrantes, de forma a termos um panorama de como esses elementos eram inseridos e identificados.

Com a realização desse trabalho e das pesquisas, surgiu, então, em 2011, o interesse em estudos com vistas ao mestrado, momento em que passei a pesquisar mais especificamente as obras de Jorge Amado, principalmente *Suor* (1934) e *Tenda de Milagres* (1969). Em 2012 iniciei os estudos na pós-graduação, dando, então, continuidade e aprofundamento aos estudos e pesquisas realizadas desde a Iniciação Científica. A pesquisa passou a ser uma continuidade do projeto inicial, tendo ainda como objetivo principal identificar a maneira como a personagem estrangeira ou imigrante em geral e a judia, em particular, era caracterizada na literatura brasileira, especificamente através das obras do autor Jorge Amado.

Cabe ainda registrar que a oportunidade de estudar na graduação e na pós-graduação a literatura brasileira em conjunto com a hebraica, assim como estudar a história, cultura, geografia e religião judaica, foi e ainda é um grande desafio, porém muito gratificante, prazeroso, surpreendente. Diversos horizontes e conhecimentos ampliaram-se, inúmeros surgiram, e ainda aparecerão (além dos preconceitos e limitações superados, como, imagine, havia comigo e ... o autor Jorge Amado! Enxergava-o como muitos, infelizmente ainda o enxergam, cheio de estereótipos: baiano, macumbeiro, pornográfico, comunista!)

Só resta agradecer à Profa. Berta, hoje, orientadora e amiga, pela oportunidade que me deu através de um simples convite para assistir à apresentação do seu grupo, em um simpósio da Universidade; hoje sou parte desse grupo e a minha contribuição é a de estudar a obra de Jorge Amado. Daquele dia em diante, a figura do judeu, estrangeiro e imigrante se fazem presentes não só nos meus estudos, como também na minha vida, no meu modo de enxergar as minorias, tantas vezes destratadas ou menosprezadas. Participar do grupo de pesquisa e interagir com professores e alunos tem sido um aprendizado que carregarei por toda a vida. E o Jorge Amado também!

INTRODUÇÃO

De acordo com o que já foi exposto, o estudo da personagem judia e dos imigrantes e estrangeiros é apresentado como o estudo das minorias, uma vez que foi observada e pesquisada a forma como eles se inserem na história brasileira, especialmente na sociedade baiana retratada por Jorge Amado, destacando-se, como citado, os romances *Suor* e *Tenda dos Milagres*¹. Quanto aos estrangeiros e imigrantes, das duas obras em questão, a pesquisa visa a registrar a representação de personagens oriundas de outros grupos étnicos, que servem de parâmetro comparativo para se chegar aos traços específicos do judeu e para distinguir o tratamento dispensado à figura do judeu dos membros de outras minorias étnicas. Este trabalho distingue “estrangeiros” e “imigrantes”, em função do modo como eles aparecem na literatura brasileira, sendo esta distinção devidamente apresentada e registrada, especialmente, no Capítulo II e no decorrer das exposições e análises. A distinção utilizada é a proposta por Carlos Eduardo Schmidt Capela², havendo outros estudiosos da mesma questão, como Regina Igel³, Jeffrey Lesser⁴ e os líderes do grupo de pesquisa, Berta Waldman⁵ e Saul Kirschbaum⁶.

A personagem judia, presente em *Suor*, e as referências à cultura e história relacionadas ao Judaísmo, como em *Tenda dos Milagres*, estão organizadas nos romances de forma a caracterizar os elementos “diferentes” e, por vezes, discriminados e rejeitados. Assim, as figuras judias não só devem ser contrapostas a outros não nacionais, como também devem ser

¹ AMADO, Jorge. **Suor**. Obras ilustradas de Jorge Amado. 27ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d.

_____. **Tenda dos Milagres**. Obras ilustradas de Jorge Amado. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.

² CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **Representações de migrantes e imigrantes: o caso de Juó Bananére**. In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade, vol. 52, 1994.

_____. **Literatura e imigração: convergências**. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003.

_____. **Juó Bananére Irrisor, Irrisório**. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

_____. **Estrangeiros, imigrantes e colonos na ficção brasileira do século XIX** (texto não publicado).

³ IGEL, Regina. **Imigrantes judeus/Escritores brasileiros: O componente judaico na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

⁴ LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional (Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil)**, São Paulo: UNESP, 2001.

⁵ WALDMAN, Berta. **Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

⁶ KIRSCHBAUM, Saul. (org.) **Dez ensaios sobre Samuel Rawet**. Brasília: LGE editora, 2007.

_____. **Viagens de um caminhante solitário**. São Paulo: Humanitas, 2011.

lidas a partir dos modelos de época que lhes imprimiram as formas. Além disto, também visamos a distinguir estrangeiros e imigrantes, respondendo a algumas questões que subjazem a esta pesquisa.

Algumas perguntas a serem respondidas são: em que medida o estrangeiro é discriminado já que é o “outro”, o diferente? Em que medida se discriminam os judeus no Brasil, como herança do colonialismo português? Os estrangeiros, imigrantes e judeus, em geral, recebem um tratamento semelhante nos textos literários? Há diferença de tratamento no mesmo período do governo de Getúlio Vargas ou no período da ditadura militar? Como se explica a diferença de tratamento entre judeus e demais estrangeiros ou imigrantes?

CAPÍTULO I

A fim de termos uma visão mais ampla do contexto histórico, político e literário em que a pesquisa se insere, objetivando dar um suporte, um apêndice, à leitura das análises dos romances em questão, neste capítulo, destacamos a biografia de Jorge Amado e um panorama histórico do período das narrativas e da publicação das obras.

1.1. Jorge Amado

Sobre o autor, um breve olhar em sua biografia é relevante, haja vista que o mesmo retratou em suas obras um panorama político, histórico e social não só da Bahia, como de todo o país nas décadas de 1920 em diante, tendo também projetado suas experiências pessoais, ideais e aspirações políticas nas narrativas e personagens, conforme analisaremos.

Jorge Leal Amado de Faria, nascido no distrito de Ferradas, município de Itabuna - Bahia, a 10 de Agosto de 1912, filho do fazendeiro de cacau, Cel. João Amado de Faria e de D. Eulália Leal Amado, conheceu profundamente a Bahia, bem como o ciclo do cacau que tanto retrata em suas obras. Passou a infância em Ilhéus, estudou o Secundário em Salvador, iniciando sua carreira literária ainda jovem, trabalhando no Jornal da Bahia, tornando-se um dos fundadores da Academia dos Rebeldes formada para “combater a convivência acadêmica com as conveniências da impunidade e as oligarquias do imutável”, em seus “breves anos de existência e tumulto (de 1928 a 1933)” (SEIXAS, 2004, p. 43-52), foi constituída por um “grupo de jovens que, juntamente com os do “Arco & Flecha” e do “Samba”, desempenhou importante papel na renovação das letras baianas. Comandados por Pinheiro Viegas, figuraram na “Academia dos Rebeldes”, além de Jorge Amado, os escritores João Cordeiro, Dias da Costa, Alves Ribeiro, Edison Carneiro, Sosígenes Costa, Válder da Silveira, Áidano do Couto Ferraz e Clóvis Amorim ” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s.d.). Segundo o próprio Amado, sobre o grupo, “não nos pretendíamos modernistas, mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la ” (RAILLARD, 1990, p. 36).

Com dezenove anos publicou seu primeiro livro, *O País do Carnaval*, em 1931, e no ano seguinte, *Cacau*, despontando então, em um momento político importante no país, a década de 30, a qual é retratada em diversas obras, especialmente nas obras *Suor e Tenda dos Milagres*, tratadas neste trabalho.

Casou-se com Matilde Garcia Rosa em 1933 (separando-se em 1944), tendo uma filha, Lila, que morreu precocemente em 1949, vítima de leucemia, sendo que na ocasião, Jorge Amado não pode comparecer ao enterro, pois estava exilado.

Forma-se em Direito no Rio de Janeiro em 1935, tendo já iniciado sua militância política. Entre 1941 e 1942 foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai, viajando, então, pela América Latina. Voltando ao país, com a legalidade do PCB, foi eleito membro da Assembleia Nacional em 1945, sendo o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo, inclusive sendo o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Ainda em 1945, casou-se com Zélia Gattai, com quem teve os filhos João Jorge (no Brasil) e Paloma (em Praga, em mais um exílio). Sobre Zélia, também é importante destacar sua importância política e literária:

A escritora nasceu em 1916 em São Paulo, onde foi criada. Junto aos pais, imigrantes italianos, participou do movimento anarquista no início do século 20. Aos 20 anos, casou-se com o intelectual e militante comunista Aldo Veiga, com quem teve o filho Luiz Carlos, em 1942. Zélia conheceu Jorge Amado em 1945, quando ambos trabalhavam pela anistia de presos políticos. A partir de então, Zélia auxiliou o processo de preparação e revisão dos livros do marido. Com o escritor, Zélia teve dois filhos: João Jorge, nascido em 1947, e Paloma, em 1952. Sua estréia na literatura deu-se apenas em 1979, quando começou a escrever suas memórias. Seu primeiro livro, "Anarquistas, Graças a Deus", recebeu o Prêmio Paulista de Revelação Literária. Antes disso, em 1963, ela organizou fotobiografia de Amado, intitulada "Reportagem Incompleta".⁷

Em 1947, com a declaração da ilegalidade do PCB, Amado foi morar com a família na França, ficando em Paris até 1950, ao ser expulso devido ao seu envolvimento com o comunismo. (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, s.d.). Sobre esta expulsão Zélia Gattai relata:

Nem bem saídos de uma guerra, enfrentávamos, além do perigo das armas nucleares, a guerra fria, a guerra contra o comunismo. Jorge era membro do Conselho Mundial da Paz e esse motivo era considerado, pelos que comandavam a guerra fria um movimento comunista. Certamente, por esse motivo, dois anos depois de chegarmos à França, fomos convidados a deixar o país em 15 dias. Motivo? "Vocês viajam demais..." Foi a explicação que nos deu o funcionário do governo francês, ao anular o nosso *permis de sejour*s. Conosco outros brasileiros foram postos para fora, alguns sob a acusação de serem amigos de Jorge Amado. A convite da União de Escritores Tchecos, fomos viver na Tchecoslováquia. (GATTAI, 2002, p. 46)

Moraram em Praga de 1950 a 1952. De volta ao Brasil, em 1955 afastou-se da militância política, dedicando-se inteiramente à literatura, como se pode verificar em *Tenda dos Milagres*.

⁷ REDAÇÃO UOL Notícias/Entretenimento. **Escritora Zélia Gattai morre aos 91 em Salvador; corpo será cremado**. 17/05/2008. (Colaboradores: Gabriel Carvalho e Aurélio Nunes, de Salvador). Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2008/05/17/ult4326u781.jhtm>>. Acesso: 11/09/2014.

Eleito em 1961 para a Academia Brasileira de Letras, coube a ele a cadeira 23, do patrono José de Alencar, antes ocupada por Machado de Assis (e após a morte de Jorge Amado, ocupada por Zélia Gattai).

Morreu em Salvador a 06 de Agosto de 2001, cremado, conforme seu desejo, tendo as cinzas espalhadas no jardim da sua residência em Alagoinhas, a Casa do Rio Vermelho. Sua esposa, Zélia Gattai faleceu em 2008 e também teve as cinzas jogadas no mesmo local, ao pé da mangueira da casa em Alagoinhas.

Sobre suas obras, premiações e títulos, citamos:

A obra literária de Jorge Amado conheceu inúmeras adaptações para cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de escolas de samba em várias partes do Brasil. Seus livros foram traduzidos para 49 idiomas, existindo também exemplares em braile e em formato de audiolivro.

(...) Sua obra mereceu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre os quais destacam-se: Stalin da Paz (União Soviética, 1951), Latinidade (França, 1971), Nonino (Itália, 1982), Dimitrov (Bulgária, 1989), Pablo Neruda (Rússia, 1989), Etrúria de Literatura (Itália, 1989), Cino Del Duca (França, 1990), Mediterrâneo (Itália, 1990), Vitaliano Brancatti (Itália, 1995), Luis de Camões (Brasil, Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1995) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997).

Recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter sido feito Doutor Honoris Causa em 10 universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel. O título de Doutor pela Sorbonne, na França, foi o último que recebeu pessoalmente, em 1998, em sua última viagem a Paris, quando já estava doente.

Jorge Amado orgulhava-se do título de Obá, posto civil que exercia no Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia. (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, s.d.)

Interessante notar que mesmo sem confessar publicamente nenhuma religião ou crença ele orgulhava-se de ser *Obá*, uma vez que vivenciou, presenciou e relatou o sincretismo religioso de Salvador, como veremos na análise de *Tenda dos Milagres*, no capítulo IV. Ainda sobre os prêmios, segundo o acadêmico Arnaldo Niskier (1935), contemporâneo e amigo de Jorge Amado, o governo brasileiro vetou por duas vezes a indicação deste para o Nobel de Literatura (não citou datas), pelo fato de ser comunista (informação verbal).⁸

Por último, a obra de Amado insere-se no Modernismo, período literário em pauta, sendo, por isso importante destacar alguns tópicos deste movimento a fim de melhor se compreender a forma utilizada pelo autor e a abordagem de cada um dos romances, apontando diferenças e semelhanças entre eles.

⁸ Informação fornecida por Arnaldo Niskier na palestra proferida no CIEE (Centro Integração Empresa-Escola), por ocasião das festividades do centenário de Jorge Amado. Seminário: *A universalidade de Jorge Amado – centenário do escritor baiano*, em 10 de Agosto de 2001.

1.2. Modernismo no Brasil

Os romances em análise fazem parte da literatura modernista brasileira, que podendo ser dividida em três fases, contando com contextos históricos e políticos diferentes, acarreta também análises e interpretações diferenciadas, tanto do ponto de vista da produção literária, dos romances e narrativas, como dos autores do período em seu próprio modo de ver e interpretar o mundo, especialmente Jorge Amado.

Da mesma forma, verificaremos se a figura do judeu, imigrante e estrangeiro será diferenciada na literatura de Amado, mesmo sendo os romances do mesmo movimento literário, como destacado. Abordaremos mais algumas questões que subjazem a esta pesquisa, como por exemplo: há diferença de tratamento na figura do estrangeiro em obras do mesmo autor? O contexto histórico-político influenciou esta distinção, tratamento, ou não? O ponto de vista do autor acerca dos estrangeiros, imigrantes e judeu muda conforme o período em que cada obra foi composta?

Primeira Fase (1922-1930)

As primeiras manifestações modernistas surgem na Europa e no Brasil antes da Primeira Guerra Mundial (1914-18), no entanto, no Brasil o movimento modernista consolida-se na década de 20, após a Semana de Arte Moderna, em 1922. O grupo que “formava a vanguarda modernista brasileira já se manifestava desde a década de 1910, destacando-se os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Juó Bananére (pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado) e dos pintores Anita Malfatti e Di Cavalcanti” (CEREJA, 2010, p. 53), entre outros, como Plínio Salgado, integralista, destaque no governo Vargas.

Esta fase caracterizou-se por um radicalismo no sentido de romper com as estruturas do passado, tendo um “caráter anárquico e forte sentido destruidor” (GRAUDEZ, s.d.), cujas características, podemos citar:

- Busca do moderno, original e polêmico
- Nacionalismo em suas múltiplas facetas
- Volta às origens e valorização do índio verdadeiramente brasileiro
- Língua brasileira - falada pelo povo nas ruas
- Paródias - tentativa de repensar a história e a literatura brasileiras

Destacando a postura nacionalista, que se apresenta em duas vertentes:

- Nacionalismo crítico, consciente, de denúncia da realidade, identificado politicamente com as esquerdas.
- Nacionalismo ufanista, utópico, exagerado, identificado com as correntes de extrema direita. (GRAUDEZ, s.d.)

Veremos que enquanto Jorge Amado se identifica com a esquerda, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, destaque como teórico do Integralismo, serão ufanistas e utópicos da direita.

Uma vez que o nacionalismo é totalmente presente neste movimento, o destaque ao estrangeiro e imigrante na literatura se dará de forma diferenciada, ora como o elemento que ajudará no “embranquecimento” da população, como exposto no capítulo sobre estrangeiros e sobre racismo em *Tenda dos Milagres*, ora como elemento indesejado, ora bem-vindo. No caso de Jorge Amado, destacaremos a importância ou rejeição de cada um, estrangeiro ou imigrante, juntamente com as análises das personagens e romances.

A cultura estrangeira neste momento era rebatida pelo movimento *Verde-Amarelismo*, constituído por Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, grupo que formou em 1927 a *Escola da Anta*: “tomando a anta e o índio tupi como símbolo da nacionalidade primitiva”. Mas, “contrariamente à xenofobia da Escola da Anta, os antropófagos não negavam a cultura estrangeira, mas também não a copiavam nem imitavam”. Assim como os “índios primitivos devoravam seu inimigo, acreditando que desse modo assimilariam suas qualidades”, os artistas antropófagos (Oswald, Tarsila e Raul Bopp, do movimento *Antropofagia*) “propunham a “devoração simbólica” da cultura estrangeira, aproveitando suas inovações artísticas, porém sem a perda da nossa própria identidade cultural” (CEREJA, 2010, p. 69).

Cabe aqui ressaltar que Oswald de Andrade casou-se com a Pagu (Patrícia Galvão), escritora comunista, associando-se ao Partido Comunista em 1931, como Jorge Amado, permanecendo neste até 1945. Um destaque para um artigo seu, já na Segunda Fase Modernista, 1943, em que ele compara Jorge Amado a Castro Alves, elogiando, o então, “adolescente” que escreveu *Cacau* e *Suor* e posteriormente, em 1943, *Terras do Sem Fim*, romance que mostra uma unidade nacional, o povo brasileiro *versus* o imperialismo e capital estrangeiro:

Dá vontade de permanecer. Dá vontade de pegar a viola e cantar. É tal a força sugestiva desse novo Castro Alves que a Bahia criou que o Brasil homérico nele se espreguiça e modorra como numa manhã do dilúvio. Um dia no Rio, quando eu procurava na extinta editora Ariel, de Gastão Cruz, um volume de "Serafim Ponte Grande", fui interpelado, por um menino de buço que não conhecia, sobre o estado de minhas relações com um poeta querido. Como essa amizade estivesse em crise, respondi: "Seu muito infiel...". E o castigo veio (sic). Nunca, em toda a minha vida de meio século, fidelidade nenhuma ia me prender como essa àquele adolescente que se chamava Jorge Amado. [...]

Confesso e deixo público que, se alguma coisa pode constituir honra para mim, é essa de ter sido colocado por um júri capaz ao lado de Jorge Amado e ver o primeiro volume de "Marco Zero" ter sido indicado com "Terras do sem Fim" para representar o Brasil num certame literário estrangeiro. [...]

Jorge Amado realiza poderosamente sua ascensão anunciada em "Suor", magistralmente erguida em "Jubiabá". Eu já disse - ele é Castro Alves. (ANDRADE, 1943, s.p.)

Segunda Fase (1930-1945)

Época muito rica na produção poética e na prosa. Os modernistas da segunda geração, herdeiros diretos de 1922, também se voltam para a realidade brasileira, “mas agora com uma intenção clara de denúncia social e engajamento político ” (GRAUDEZ, s.d.). Surge, então, o romance regionalista. Por meio de autores como Rachel de Queiróz, José Lins do Rego. Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Dionélcio Machado e Jorge Amado, “desponta um Brasil multifacetado, apresentado em sua diversidade regional e cultural, com problemas semelhantes em quase todas as regiões: a miséria, a ignorância, a opressão nas relações de trabalho, as forças da natureza sobre o homem desprotegido ” (CEREJA, 2010, p. 142).

Como já citado, Jorge Amado neste período, adolescente, então, com 19 anos, em 1931 já publicava *O País do Carnaval*, antes de ingressar no partido, e em 1934, *Suor*. Da Academia dos Rebeldes à maturidade, em 1943 chegou a *Terras do Sem Fim*, entre outros grandes romances.

Cabe aqui ressaltar o romance proletário que chegava ao país na década de 30, e que, de acordo com Vieira, segundo o próprio autor, era o tipo de romance que deveria ter “ficção com força de documento”:

O primeiro romance de Amado, *O país do carnaval*, foi publicado em 1931- antes de o escritor ingressar na política e se tornar um militante comunista; *Cacau*, seu segundo romance, escrito em fins de 32 e publicado em 33, já sofreu a influência do Partido. Amado tentou escrever um romance comprometido com a transformação da sociedade, numa perspectiva que atendia à política do Partido: o intelectual deveria produzir ficção com força de "documento", denunciando a existência de segmentos sofredores da população. (VIEIRA, 2012, p. 57)

Segundo Amado, esta literatura influenciou não só a ele, como toda a sua geração:

Eu falei das influências estrangeiras exercidas sobre mim e minha geração - a literatura soviética, a literatura norteamericana e a de outros países; quando se falava do romance proletário, toda uma literatura de esquerda que vinha dos anos 20, Upton Sinclair, os socialistas nos Estados Unidos - tudo isto não é ?, pesa sobre o "romance de 30". [...] os romancistas soviéticos [...] os grandes romances documentários [...] os livros pró-soviéticos, os socialistas mais críticos - uma crítica que em seguida foi totalmente censurada e proibida. Aquilo nos influenciou muito a todos (RAILLARD, 1990, p. 99)

Vieira também informa que ele mesmo questionou se *Cacau* era um romance proletário: “Será que vai ser um romance proletário? Tudo estava nisso. Todas as coisas que estão lá eram

corretas para a época [...], eram, todas essas influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura ” (RAILLARD⁹, apud VIEIRA, 2012, p. 61). Ainda, nessa entrevista, Amado admite:

Fazer um romance proletário era, evidentemente, pura pretensão da minha parte. A consciência proletária ainda estava em formação num país que apenas começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária; o que havia era o trabalhador manual - e, neste ponto, a descrição da vida dos trabalhadores rurais é o que torna *Cacau* muito real.¹⁰

Neste mesmo artigo, vemos um comentário sobre uma entrevista de 1985, quando Amado afirma que *Cacau*, e também *Suor* (1934), representam o seu encontro com a literatura proletária:

Cacau e *Suor*, que se seguem de muito perto - 1933, 1934 -, significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda, e meu encontro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam.¹¹

Verificamos que existem influências e ideais estrangeiros e políticos nas obras de Jorge Amado, as quais serão refletidas em suas personagens e ações, como será analisado. A denúncia social e o engajamento do período, então, se fazem marcantes neste período da literatura do autor.

Terceira Fase (1945-1960)

A prosa deste período será mais intimista, de sondagem psicológica, introspectiva, com “destaque para Clarice Lispector”, porém “ao mesmo tempo, o regionalismo adquire uma nova dimensão com Guimarães Rosa e sua recriação dos costumes e da fala sertaneja, penetrando fundo na psicologia do jagunço do Brasil central ” (GRAUDEZ, s.d.). Destaque também para João Cabral de Melo Neto, em especial por *Morte e Vida Severina*, em 1956, sua obra mais popular:

um auto de Natal do folclore pernambucano. Sua linha narrativa segue dois movimentos que aparecem no título: morte e vida. [...] Severino tem a força coletiva de um personagem típico: representa o retirante nordestino. No segundo movimento, o da vida, o autor chama a atenção para a confiança no homem e em sua capacidade de resolver problemas. (GRAUDEZ, s.d.)

⁹ RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 74

¹⁰ Ibid., p. 55

¹¹ Ibid., p. 56

Podemos dizer que Severino tem a mesma força coletiva que o proletário nordestino das obras de Amado, assim como sofrem igualmente a opressão econômico-social e buscam um caminho para sair da condição de miséria e exploração, como veremos, por exemplo, em *Suor*, através das personagens Álvaro Lima, Linda e o próprio judeu Isaac, como figura de propagação dos ideais socialistas, ou na figura de Pedro Archanjo, que combate as diferenças raciais e sociais, mesmo sendo todos da década de 30 e Severino de 54. Interessante pensar que o “Severino” de 1954 entra em cena em 1966, pleno período da ditadura militar, como o da produção de *Tenda dos Milagres*, de 1969, onde ainda veremos os mesmos problemas regionais, as mesmas denúncias sociais: opressão, exploração, miséria e o capitalismo *versus* socialismo.

Desta forma, traçamos um breve panorama do período literário em que se insere Jorge Amado, deixando demais observações, considerações e respostas às perguntas sobre os estrangeiros e imigrantes conforme seguirem as análises dos romances e das personagens.

1.3. Panorama Histórico

Os romances *Suor* e *Tenda dos Milagres* foram publicados, respectivamente, em 1934 e 1969, mas o período histórico das narrativas abrange principalmente as décadas de 20 a 30, especialmente no Brasil à época da Era Vargas (1930), incluindo, obviamente, o Estado Novo (1937-1945), além de abranger o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e uma parte do período da ditadura militar (1964-1985), especialmente até 1969, quando o romance *Tenda dos Milagres* foi publicado.

Conforme exposto, a fim de compreendermos melhor o período das narrativas, o modo como as personagens se inserem em cada época, traçamos, então, um panorama histórico, específico de 1920 a 1969:

Antecedentes de 1920

Podemos destacar que 1920-1930 foi o período entre guerras, sendo que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) transformou o panorama político mundial e não somente o Brasil, o qual já estava passando por um período de desenvolvimento econômico, fato que facilitou a vinda dos estrangeiros ao país (nosso objeto de estudo), principalmente entre 1850 e 1910, com a abertura ao capital internacional, dado o surto desenvolvimentista infraestrutural, havendo aplicações nos transportes, comunicações, aparelhamento urbano, e uma grande demanda de pessoal qualificado que não existia no país.

A **Revolução Russa** (1917) é um dos destaques internacionais importante para compreendermos melhor as atitudes e ideais de personagens como Isaac, Álvaro Lima e Pedro Archanjo, por exemplo. O início da Guerra Mundial, em 1914, encontrou a Rússia em plena crise interna. “As derrotas russas nas frentes de batalha, as dificuldades econômicas, os problemas sociais e sobretudo a fome, desencadearam uma revolução que derrubou o regime czarista e implantou o regime marxista, em 1917”¹², compreendendo duas fases, sendo a primeira de março a novembro de 1917, caracterizando-se como revolução liberal (revolução branca), promovendo algumas “reformas liberais clássicas: a separação da Igreja do Estado; criação de Tribunais, eleição por sufrágio universal; instituição do dia de trabalho limitado a 8 horas”¹⁵. Na segunda fase (revolução vermelha), de novembro de 1917 em diante, Lenine preside o Conselho dos Comissários do Povo, cujos primeiros decretos foram: “solicitação de paz; abolição da propriedade privada; abolição dos títulos nobiliárquicos; supressão das desigualdades jurídicas; declaração dos direitos dos povos russos; controle das indústrias pelos operários; estatização da economia”¹³. Com a promulgação da nova Constituição, “instalou-se o regime marxista; mas lutas internas e externas continuaram, por mais dez anos, agitando o país, impedindo que fosse o novo regime reconhecido oficialmente pelas demais nações”.¹⁴ Podemos citar a disputa de poder entre Stalin e Trotsky:

Com a morte de Lenin, em 1924, Stalin (secretário-geral do Partido Comunista) e Trotski passaram a disputar o poder. Stalin defendia a ideia de que a União Soviética deveria construir o socialismo em seu país e só depois tentar levá-lo a outros países; Trotski achava que a Revolução Socialista deveria ocorrer em todo o mundo, pois enquanto houvesse países capitalistas, o socialismo não teria condições de sobreviver isolado. Stalin venceu a disputa. Trotski foi expulso da URSS. A União Soviética ingressou, então, na fase do planejamento econômico. Foi a época dos planos quinquenais, inaugurada em 1928. Os planos se sucederam a transformaram a União Soviética numa potência industrial. Contudo, a violência foi amplamente empregada pelo governo para impor sua política. (PORTAL BRASIL, s.d.)

Após a vitória dos comunistas na Revolução Russa, em 1919, foi criada a III Internacional (ou Internacional Comunista - IC, ou ainda Komintern), tendo Lênin como organizador e inspirador, sendo a sucessora e herdeira da I e da II Internacional. O seu “principal objetivo era criar uma União Mundial de Repúblicas Socialistas Soviéticas. Dominada pelo Partido Comunista da União Soviética, a Internacional emitia diretrizes que deveriam ser seguidas por

¹² HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **História da Civilização**. Área de Estudos Sociais. São Paulo: Companhia Editora Nacional. s.d. Coleção Sérgio Buarque de Hollanda. p. 255

¹³ Ibid., p. 257

¹⁴ Ibid., p. 257

todos os seus filiados, inclusive o Partido Comunista do Brasil”. Foi dissolvida em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, com a “finalidade de tranquilizar os aliados ocidentais da União Soviética”¹⁵, “como um gesto de conciliação de Stalin para com a Forças Aliadas (Estados Unidos, Inglaterra) ”.¹⁶

Adiante, veremos a importância da IC no panorama político de Vargas e na atuação da personagem Isaac, judeu comunista.

Comunismo e Socialismo

As palavras “socialismo” e “comunismo” passaram a ser usadas como sinônimos por todo o século XX, mas existem diferenças conceituais entre elas, pois o socialismo é uma etapa de transição do capitalismo para o comunismo, segundo as palavras de Dantas:

Socialismo é um conjunto de doutrinas que tem por fim a socialização dos meios de produção. Partindo do pressuposto de que os problemas sociais derivam das desigualdades entre os indivíduos, o sistema visa à extinção da propriedade privada. O governo investiria no cidadão desde seu nascimento, no entanto, ficaria como se fosse o “dono” daquele indivíduo, que seria obrigado a seguir regras rígidas e a trabalhar para todos na medida de suas possibilidades. Nesse sentido, ainda existe a necessidade de existência do Estado para coordenar a socialização dos meios de produção e defender os interesses dos trabalhadores contra a volta do sistema capitalista.

Comunismo é um sistema de governo onde não existem classes sociais, propriedade privada e, o mais importante, não existe a figura do Estado; essa é a diferença. Em outras palavras, o socialismo é uma etapa de transição anterior ao comunismo que visa o desaparecimento do capitalismo. No comunismo, não há a necessidade de existência de um Estado em virtude do fato de que todas as decisões políticas são tomadas pela democracia operária. (DANTAS, s.d.)

Ainda de acordo com Dantas, “ao contrário do que muitos pensam, a etapa do comunismo nunca foi atingida por nenhum país, uma vez que não houve nenhuma sociedade onde se registrou a ausência de um Estado”.

Lembrando que os fundadores do chamado “socialismo científico” foram os alemães Karl Heinrich Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e com eles a doutrina comunista teve a “ênfase deslocada para a plena satisfação das necessidades humanas, possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico...” e “a partir dessa formulação, que teve uma

¹⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICO CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS: CPDOC-FGV. **Anos de Incerteza (1930 - 1937). Internacional Comunista.** In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/InternacionalComunista>>. Acesso: 31/08/2014.

¹⁶DICIONÁRIO POLÍTICO (Marxista Internet Archive). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/i/internacional.htm>>. Acesso: 03/09/2014. Fonte: Mourre, Michel, Dicionário de História Universal, vol. II, ASA, Porto, 1998, p. 694.

profunda influência sobre o comunismo contemporâneo, a sociedade comunista seria o coroamento de uma longa evolução histórica”.¹⁷ O Manifesto do Partido Comunista, 1848, documento elaborado por eles contém as bases da grande doutrina:

Manifesto do Partido Comunista: um dos mais significativos documentos programáticos do comunismo fundado em bases científicas, que contém uma exposição coerente das bases da grande doutrina de Marx e Engels. *"Esta obra expõe, com uma clareza e um vigor geniais, a nova concepção do mundo, o materialismo consequente aplicado também ao domínio da vida social, a dialética como a doutrina mais vasta e mais profunda do desenvolvimento, a teoria da luta de classes e do papel revolucionário histórico universal do proletariado, criador de uma sociedade nova, a sociedade comunista."* (Lénine) (grifo do autor)

O Manifesto do Partido Comunista armou o proletariado com a demonstração científica da inevitabilidade do derrube do capitalismo e da vitória da revolução proletária, definiu as tarefas e objectivos do movimento proletário revolucionário. O Manifesto do Partido Comunista foi elaborado por Marx e Engels como programa da Liga dos Comunistas por decisão do seu II Congresso realizado em Londres entre 29 de Novembro e 8 de Dezembro de 1847.¹⁸

A Liga dos Comunistas era “uma das organizações do movimento operário na sua primeira fase de construção” e o Manifesto, então, o seu programa:

Em 1847, Engels escreveu *Princípios do comunismo*, que serviu de base para a redação do Manifesto, cuja tarefa havia sido atribuída a Marx pela Liga, em novembro desse mesmo ano. O texto só ficou pronto em fevereiro de 1848, quando as trombetas da revolução já soavam forte. Assim, o *Manifesto do partido comunista* era o programa da Liga dos Comunistas, uma das organizações do movimento operário na sua primeira fase de construção. Mas era (e é) muito mais do que isso: é uma síntese preciosa da visão materialista e dialética da história dos homens e, em particular, do capitalismo e sua necessária superação no comunismo, como possibilidade de uma humanidade emancipada. (DEL ROIO, 2012, p. 37-44)

E sendo a classe operária o sujeito fundamental para a revolução comunista, podemos pensar, então, na representação e importância da personagem Isaac do romance *Suor*, judeu comunista, que chega ao Brasil com uma mala carregada de “sombrinhas baratas, sêdas falsificadas, bonecas e automóveis minúsculos, *letras da Internacional e manifestos revolucionários*” (grifo nosso, *Suor*, p. 239). Como mascate, era de se esperar uma mala cheia de bugigangas, mas contendo panfletos e letras da Internacional não; objetos relacionados, então, à política e revolução comunista. Lembrando que o hino *A Internacional* está associado aos movimentos socialistas, mas “serve de hino para comunistas, social democratas e

¹⁷ WIKIPÉDIA. **Comunismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>>. Acesso: 14/08/2014.

¹⁸ PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS - PCP. **1848, Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <<http://dori.pcp.pt/index.php/obras-de-marx-e-engels-menu-marxismoleninismo-102/414-marx-e-engels-1848-manifesto-do-partido-comunista>>. Acesso: 14/08/2014

anarquistas. Ganhou notoriedade entre 1922 e 1944 quando se tornou o hino da União Soviética e desde então foi traduzida em inúmeros idiomas”.¹⁹

Como veremos, Isaac terá um papel fundamental na conscientização da classe operária e disseminação das ideias socialistas. O refrão do hino reflete bem o ideal de luta e união:

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional²⁰

Ainda sobre o comunismo e o Manifesto, Del Roio diz que “as ideologias da nova classe o que a ela se referiam eram muito diversificadas” e uma das tendências e agrupamentos tinha a simpatia de Marx, a Liga dos Justos, posteriormente chamada de Liga dos Comunistas, quando ele filiou-se:

A pré-história do movimento comunista se desborda da própria revolução burguesa original (Inglaterra, EUA, França), mas particularmente de revolução francesa, com o jacobinismo. O comunismo, na origem, é uma variante à esquerda do jacobinismo, onde se destaca o nome de Felippo Buonarroti, seguidor de Babeuf. A rigor, o movimento comunista surge nos anos 1830, ao mesmo tempo em que se pode falar da construção da classe operária, pelo menos na Inglaterra e na França. As ideologias da nova classe o que a ela se referiam eram muito diversificadas. Uma dessas tendências e agrupamentos era a Liga dos Justos, formada por exilados alemães. Marx tinha simpatia com esse grupo, mas só veio a se filiar no começo de 1847, juntamente com Engels, quando a organização mudou o nome para Liga dos Comunistas. Na verdade, em toda a Europa, havia a difusa premonição de que uma explosão revolucionária estava para ocorrer. (DEL ROIO, 2012, p. 36)

E de fato, houve a explosão revolucionária em 1917, como vimos, e Marx e Engels tiveram grande importância na elaboração e disseminação da doutrina comunista através do Manifesto, do qual, concluindo, podemos destacar alguns trechos, ainda de acordo com Del Roio:

O texto informa que por história se entende a época que surge com a divisão social do trabalho e com o Estado, mas insiste na particularidade do capitalismo, uma ordem social emersa das entranhas da sociedade feudal e que representa o ápice da sociedade dividida em classes: “Mas a moderna propriedade privada burguesa é a última e a mais perfeita expressão do modo de produção e apropriação baseado nos antagonismos de classes, na exploração de uns sobre os outros.” (MARX e ENGELS, 1998a, p. 52, apud DEL ROIO, 2012, p. 38)

¹⁹ WIKIPÉDIA. **A Internacional**. s.d. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Internacional>. Acesso: 14/08/2014.

²⁰ Canção escrita por Eugène Pottier, um trabalhador do setor de transportes e membro da Comuna de Paris, em Junho 1871. Inicialmente era cantada ao ritmo da Marselhesa e só em 1888 recebeu música própria, composta por Pierre Degeyter, um operário anarquista. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/musica/international.htm>>. Acesso: Agosto de 2014.

Marx e Engels destacam como a época burguesa tende a simplificar os conflitos de classe, como desenvolve as forças produtivas, como unifica o mercado, mas também como gera crises sempre maiores, de acordo com a grandeza da riqueza produzida e que precisa ser destruída para que a crise seja superada. Vemos no *Manifesto* uma descrição sucinta de como a burguesia revolucionou o mundo e como “[...] a burguesia, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno”. (MARX e ENGELS, 1998a, p. 42, apud DEL ROIO, 2012, p.38)

Cabe aqui ressaltar que no artigo citado, Del Roio explora a questão da atualidade do Manifesto Comunista, como informa no resumo:

Este artigo se interroga sobre a atualidade do Manifesto Comunista, de Marx e Engels, demarcando o texto no seu próprio tempo (1848), nos últimos tempos de vida de Engels (1895), no momento da eclosão da revolução socialista na Alemanha (1918) e na atualidade. A conclusão é que o texto tem atualidade permanente enquanto for necessária a crítica teórico/prática da ordem do capital.²¹

E em sua conclusão, diz que:

A atualidade do *Manifesto Comunista* não está no apontar a proximidade da revolução, ainda que essa seja mais necessária que nunca, mas na indicação da necessidade de se construir a classe operária, uma nova classe e um novo movimento político do trabalho, que lute pelo comunismo, pela emancipação humana. [...] ²²

Na análise dos romances em questão, *Suor* e *Tenda dos Milagres*, veremos como Isaac e Pedro Archanjo pensam sobre a necessidade de se fortalecer a classe operária de 1920-30, especialmente, também como uma luta pelo comunismo, pela emancipação humana e pelo fim da exploração humana, miséria e degradação a que esta classe é submetida pelo sistema capitalista.

O PCB

Importante também destacarmos a formação do Partido Comunista no Brasil, o qual será de grande importância na vida do autor Jorge Amado e do Prestes (chamado por Amado de “Cavaleiro da Esperança”) e refletido na vida de seus personagens comunistas.

Podemos dizer que o PCB era um “Partido político de âmbito nacional fundado em março de 1922 com o objetivo principal de promover no Brasil uma revolução proletária que substituísse a sociedade capitalista pela sociedade socialista”. ²³ O congresso de fundação

²¹ DEL ROIO, Marcos Tadeu. **Manifesto Comunista: qual historicidade?** In: Revista Novos Rumos, Marília, Vol. 49, nº1, p. 37-44, Jan.-Jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2371>>. Acesso: 28/08/2014.

²² Ibid., p. 44

²³ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. **Anos 20. Partido Comunista do Brasil - PCB.** In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos20/QuestaoSocial/PartidoComunista>>. Acesso: 31/08/2014.

realizado em Niterói reuniu alguns “alguns poucos operários e intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Distrito Federal ”. Interessante observar que “quase todos os fundadores haviam iniciado sua militância política nos meios anarquistas e só se converteram ao comunismo após a vitória da Revolução Russa de 1917 ” (CPDOC-FGV).

No histórico de formação, sabemos que “no imediato pós-guerra, o PCB revelou-se como a instância de universalização de uma vontade política que fundia o mundo do trabalho com o mundo cultural” e que “intelectuais do porte de Astrojildo Pereira (um de seus fundadores), Caio Prado Jr., Graciliano Ramos e Mário Schenberg, entre outros, vinculavam-se a projetos e perspectivas que tinham nas camadas proletárias o sujeito real da intervenção social. ” ²⁴

Em junho do mesmo ano, 1922, apesar da pouca repercussão do congresso, o governo de Epitácio Pessoa “colocou o partido na ilegalidade, condição em que passaria a maior parte de sua existência ”. ²⁵

Em janeiro de 1927, recuperando a legalidade, forma o Bloco Operário, mas em Agosto volta a ser ilegal. Tenta uma aproximação com Prestes, como será exposto, inclusive convidando-o a participar da eleição presidencial, agora pelo BOC (Bloco Operário Camponês - “nome novo”, grifo nosso).

Já em 1930, após a reunião do *Plenum Ampliado do Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista* (SSA/IC), em abril-maio de 1930, na cidade de Buenos Aires e o estímulo da Internacional Comunista, houve um processo de mudanças, como destacado no capítulo sobre a atuação de Prestes.

Durante o Estado Novo, com a maioria dos seus dirigentes presos, desarticulou-se, mas em fins de 1941, “grupos isolados no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia empreenderam iniciativa no sentido da reorganização do partido. Foi formada, então, a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). Na prisão desde o início de 1936, Prestes mantinha seu prestígio como líder máximo do partido ”. ²⁶

²⁴ PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO - PCB. **Breve Histórico do PCB**. s.d. Disponível em <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso: 06/09/2014.

²⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. **Anos 20. Partido Comunista do Brasil - PCB**. In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/PartidoComunista>>. Acesso: 31/08/2014.

²⁶ Ibid., s.p.

Em 1943 Prestes foi escolhido como novo secretário geral e em 1945, com o avanço do processo de redemocratização no país, ele e outros dirigentes foram anistiados e em outubro, o PCB retornou à legalidade, obtendo seu registro eleitoral, sendo que o “enorme prestígio desfrutado pela União Soviética após o fim da Segunda Guerra Mundial contribuiu para que o partido obtivesse expressivo crescimento”. Um exemplo é que “no Distrito Federal, Prestes foi eleito senador com enorme votação. O bom desempenho do partido na capital federal seria confirmado nas eleições municipais de 1947, quando os comunistas conquistaram a maior bancada na Câmara Municipal.”²⁷

Porém a legalidade não durou muito. Em abril de 1947, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cancelou seu registro “argumentando que o partido era um instrumento da intervenção soviética no país. No ano seguinte, os parlamentares eleitos pela legenda do PCB perderam seus mandatos. Começava assim um novo e longo período na clandestinidade”.²⁸

Como já exposto, Jorge Amado foi eleito deputado em São Paulo em 1945, tendo também seu mandato cassado quando houve a intervenção do Estado.

Como delimitamos o panorama histórico das narrativas até 1943, deixaremos outras colocações e destaques para as análises dos romances, caso sejam relevantes para as mesmas.

Anarquismo

O movimento anarquista surgiu na Europa, na segunda metade do século XIX, sendo também uma doutrina que defende o fim do sistema capitalista, da propriedade privada e do Estado, defendendo também o fim de qualquer forma de autoridade e dominação (política, econômica, social e religiosa). Assim, em linhas gerais “os anarquistas defendem uma sociedade baseada na liberdade dos indivíduos, solidariedade (apoio mútuo), coexistência harmoniosa, propriedade coletiva, autodisciplina, responsabilidade (individual e coletiva) e forma de governo baseada na autogestão”.²⁹

²⁷ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. **Anos 20. Partido Comunista do Brasil - PCB.** In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/PartidoComunista>>. Acesso: 31/08/2014.

²⁸ Ibid., s.p.

²⁹ SUA PESQUISA. **Anarquismo.** s.d. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/anarquismo.htm>. Acesso: 14/08/2014.

Também podemos dizer que “um dos precursores do anarquismo foi William Godwin (1756 - 1836) que, já naquela época, propunha um novo tipo de arranjo social em que as pessoas não estivessem subordinadas à força dos governos e leis”.³⁰ Ainda segundo Rainer, Godwin, “em sua perspectiva, acreditava ser possível que em um contexto dominado por princípios racionais e equilibrado entre as necessidades e vontades, seria possível conduzir a vida em sociedade. Além disso, também defendia o fim da propriedade privada”. Conclui que “Já no século XIX, notamos que outros pensadores passam a aprofundar as discussões de natureza anárquica. Entre essa nova leva de teóricos podemos citar as contribuições dadas por Mikhail Bakunin, Joseph Proudhon, Enrico Malatesta, Leon Tolstói, Max Stirner e Peter Kropotkin. Em geral, todos eles tentaram trilhar caminhos que pudessem conceber uma sociedade plenamente libertária”. Lembrando que Godwin, era inglês, jornalista e filósofo; Proudhon francês, membro do Parlamento Francês, também filósofo. Bakunin era russo e um dos principais teóricos do anarquismo, assim como Kropotkin. Desta forma, a doutrina expandiu-se na Rússia, França, Itália, Espanha e nas Américas. Por isso, podemos pensar que não existe um anarquismo, mas vários anarquismos, como diz o historiador Caio Túlio e “a tentativa é detectá-los historicamente para compreendê-los um pouco antes que nos obriguem a esquecê-los”. Segundo ele:

Do anarquismo cristão de Leon Tolstói – passando pelas bombas de Ravachol em Paris do fim do século, as comunidades libertárias espanholas, os Kibutz israelitas de antes de 1948 – aos Índios Metropolitanos na Itália, que surgiram das ruas armados de arco e flexa (sic) aos gritos de “estais atentos, nós somos os verdadeiros delinquentes”, estão presentes os princípios que os anarquistas plantaram no século passado. [...] A idéia de caos na sociedade está bem distante do que um dia pensou Tolstói, Godwin, Thoreau ou Kropotkin. A palavra *anarchos*, em grego, pode ser usada para definir desordem ou falta de um governo ou quando não existe a necessidade dele. Portanto, anarquia etimologicamente quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores. Somente.³¹

No caso das Américas, no início do século XX havia uma constante migração dos anarquistas para a América, chegando à Argentina, México, Estados Unidos e Brasil; eles eram principalmente italianos e espanhóis, visto que havia uma grande repressão aos anarquistas nos países europeus. “A América Latina conheceria os ideais anárquicos no fim do século passado, por idéia e obra dos imigrantes italianos e espanhóis, principalmente. Os primeiros grupos chegaram ao México, Cuba e Argentina no começo de 1870”³². Ainda de acordo com o historiador Caio Túlio, sabemos que no

³⁰SOUZA, Rainer. **Anarquismo**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/anarquismo.htm>>. Acesso em: 14/08/2014.

³¹ COSTA, Caio Túlio. **O que é o anarquismo**. Coordenação Vanya Sant’Anna. 5. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos). p.12

³² Ibid., p. 117

fim do século XIX e início do XX chegaram ao Brasil “vigorosas as aspirações anarquistas com Neno Vasco, Gigi Damiani, Oresti Ristori, José Saul e outros. A greve geral de 1917 foi em grande parte comandada pelos anarquistas e a infinidade de jornais libertários da época atestam a força e organização alcançada no Brasil ”.³³

Como já vimos, Zélia Gattai, “juntamente com seus pais, imigrantes italianos, participou do movimento anarquista no início do século 20 ”(REDAÇÃO UOL, 2008).

Em relação ao anarquismo na Espanha, país de origem da personagem Severino, o “sapateiro espanhol” de *Suor*, este movimento passou por vários períodos e divisões, mas já no final do século XIX havia uma divisão entre os anarquistas-comunistas (partidários do comunismo-anárquico, de inspiração kropotkiniana) e os coletivistas:

Ao mesmo tempo os anarquistas espanhóis dividiam-se em comunistas-anarquistas (sustentando a necessidade de levar adiante a propaganda pela ação) e coletivistas (fiéis à linha política da finada Internacional, favoráveis às vastas organizações operárias guiadas pelas elites de anarquistas convictos). Estas duas correntes persistiram divididas mas mantendo relações amigáveis até 1940.³⁴

E ainda, segundo o autor:

Os anarquistas sempre estiveram de acordo em relação ao fim último de seus propósitos, divergindo apenas quanto à tática mais convincente para consegui-lo. Os partidários de Tolstói, próximos ao que se pode chamar de anarquismo cristão, não admitiam a violência em nenhuma circunstância. O inglês William Godwin esperava determinar mudanças mediante discussões. Proudhon e seus partidários propugnavam a mudança social através da proliferação das organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência, mas contragosto e somente porque a considerava inevitável na revolução e esta, por sua vez inevitável na etapa do progresso humano. Bakunin em vários momentos teve dúvidas, mas combateu em barricadas e exaltou o caráter sanguinário da insurreição camponesa.³⁵

Cabe ainda ressaltar que “o comunismo-anárquico é de inspiração kropotkiniana. Na Espanha os anarco-comunistas sustentaram durante anos a necessidade de organização de grupos formados somente de propagandistas ativos da causa libertária” (COSTA, 1981, p. 24).

Quanto à observação do historiador Caio Túlio sobre a “finada Internacional”, convém lembrar que trata-se da I Internacional:

Em 28 de Setembro de 1864 teve lugar uma grande reunião pública internacional de operários no St. Martin's Hall de Londres; nela foi fundada a **Associação Internacional dos Trabalhadores** (mais tarde conhecida como **Primeira Internacional**) e eleito um Comité

³³ COSTA, Caio Túlio. **O que é o anarquismo**. Coordenação Vanya Sant’Anna. 5. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos). p.118

³⁴ Ibid., p. 113

³⁵ Ibid., p. 15

provisório, que contava Karl Marx entre os seus membros.³⁶ (grifo do autor)

Ainda de acordo com o dicionário, a Segunda Internacional (Internacional Operária e Socialista) nasceu em 1889 como sucessora da Primeira Internacional. “Era uma associação livre de partidos socialdemocratas e trabalhistas, integrada tanto por elementos revolucionários quanto reformistas”. Seu caráter progressista chegou ao fim em 1914, “quando suas seções mais importantes violaram os princípios mais elementares do socialismo ao apoiar seus governos imperialistas na Primeira Guerra Mundial ”.³⁷

E, conforme já citado, em 1919 foi criada a III Internacional, (a Internacional Comunista), a qual, então, dá as diretrizes ao Brasil no período das narrativas em questão.

Se, no Brasil, em 1917 os anarquistas estavam bem ativos, em 1922 com a criação do Partido Comunista do Brasil eles perderam influência, como será exposto, além de que veremos no decorrer das análises das personagens, que os ideais políticos delas serão importantes na influência destes junto ao nacional.

A República Velha (1889 a 1920)

Também é um período importante para compreendermos melhor as narrativas. A República Velha foi marcada pelo domínio das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, o coronelismo e a política dos governadores, período conhecido como “República do café-com-leite”, em alusão aos estados paulista e mineiro. Fortaleceu os grupos ligados à agricultura (café, açúcar, algodão, etc.), por isso a indústria não encontrou condições favoráveis de desenvolvimento. No entanto, iniciou-se um aumento do número das fábricas, o que ocasionou “a vinda de muitos operários estrangeiros (imigrantes); o crescimento do mercado interno; o aproveitamento do algodão na indústria de tecidos; a existência de mão-de-obra numerosa, que trabalhava por baixos salários ” (SANTOS, 1995, p. 119).

De 1920 a 1930, as revoluções e revoltas como o “Tenentismo”, “A Revolta do Forte de Copacabana” (1922), a “Revolução de 1924”, e “A Coluna Prestes” (1925-27), ocasionaram a “Revolução de 1930”, a qual acabou com a “República do café-com-leite”. No país, a crise de 1929 afetou a economia, uma vez que o café representava 70% das exportações brasileiras. Com a crise “ os Estados Unidos e demais países diminuíram sensivelmente as compras de café,

³⁶ DICIONÁRIO POLÍTICO (Marxista Internet Archive). s.d. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/i/internacional.htm>>. Acesso: 03/09/2014.

³⁷ Ibid., s.p.

os estoques aumentaram e os preços baixaram como nunca; centenas de fazendeiros e exportadores ficaram arruinados; houve um aumento do desemprego ” (SANTOS, 1995, p. 119).

Lembramos que a crise de 1929, várias vezes citada nos romances em questão, iniciou-se no Estados Unidos, após o aumento da produção de mercadorias devido a Primeira Guerra (1914-1918). Com a superprodução os estoques aumentaram, mas não havia mercado consumidor para escoar toda esta produção, ocasionando falências e, conseqüentemente, muito desemprego, como veremos, especialmente em *Suor*; por isso o descontentamento da população, a adesão às greves e movimentos proletários.

A República Nova (de 1930 a 1945)

A Aliança Liberal, acordo entre os políticos do Rio Grande do Sul e os de Minas Gerais, apresentou como candidatos às eleições de 30 Getúlio Dorneles Vargas (RS) para presidente e João Pessoa (PB) para vice, no entanto o vencedor foi Júlio Prestes, fato que acabou em revoltas, sendo este deposto por militares do Rio de Janeiro e o governo entregue a Getúlio Vargas, em 03 de Novembro.

Vargas suspendeu a Constituição de 1891, nomeou interventores (políticos de confiança de Vargas), gerando conflitos entre as oligarquias e os tenentes, ocasionando, então, a Revolução Constitucionalista de 1932, a qual exigia a volta das eleições e a Constituição no país.

Em 1930, com o decreto de Novembro³⁸, Vargas “ iniciou o jogo político característico de seu estilo de avanços e recuos procurando atender aos vários grupos preeminentes no cenário nacional” e paralelamente, “iniciou-se uma luta contra a influência anarquista e comunista no campo sindical, esvaziando-se os sindicatos que se transformaram em organizações apolíticas ” (CARNEIRO, 1988, p. 99).

Em 1934 uma nova Constituição foi aprovada e Vargas foi eleito presidente, pela Assembleia Nacional Constituinte, por voto indireto.

Alguns movimentos do período, como o Integralismo e a Aliança Nacional Libertadora, merecem destaque também devido à atuação de certas personagens nos romances, como, por exemplo, Isaac e Pedro Archanjo, este, não por acaso, chamado de “o velho”, referência ao apelido de Prestes.

³⁸ Este decreto confirma a dissolução do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais. Ao governo provisório competia nomear interventores e qualquer outro tipo de funcionário público. Cunha, 1981, apud Carneiro, 1988.

O **Integralismo** brasileiro surgiu com o descontentamento do sistema de governo adotado, tendo como líder Plínio Salgado. Integrantes reunidos na **AIB** (Ação Integralista Brasileira), voltaram-se às ideias que vinham da Europa, em especial o fascismo, criado na Itália por Benedito Mussolini e Adolf Hitler na Alemanha.

No entanto, Vargas contou com a ajuda dos integralistas no combate ao comunismo e judaísmo, visto que o discurso destes continham ideias e mitos favoráveis à política varguista que podiam justificar o golpe de estado e a instauração do Estado Novo (1937-1945), como veremos.

No discurso de Gustavo Barroso, um dos ideólogos da doutrina do Integralismo, percebemos como estes ideais eram propícios ao governo, o qual também combatia o judaísmo e o comunismo:

Gustavo Barroso, um dos ideólogos da doutrina, ao discriminar os intuitos do movimento dos camisas-verdes, especificava que, dentre outros, este combatia:

- 1) “ao materialismo *burguês*, *capitalista* e ao materialismo *comunista*;
- 2) “ao *espírito burguês*, espírito do gozo material, da vida sem *capacidade de sacrifício*, que despreza os interesses nacionais”;
- 3) “o *capitalismo sem pátria dos judeus internacionais* que escraviza o Brasil;
- 4) “o *comunismo internacional* que destrói as Pátrias, as Famílias e as Religiões”;
- 5) “*todos os parasitas da Nação*”. (CARNEIRO, 1988, p. 115)

Segundo Del Roio, Barroso era o mais influente com relação ao antissemitismo, que nunca foi tão forte na militância integralista, a qual não era uma doutrina homogênea, como podemos observar:

Apesar do propósito contrário, o integralismo não se configurou como uma doutrina homogênea. Diferentemente de sua inspiração fascista original, o integralismo sempre esteve muito próximo do catolicismo conservador e seu projeto oscilava entre a idéia familiar-corporativa de Plínio Salgado e a sindical-corporativa de Miguel Reale e Olbiano de Mello. O anti-semitismo nunca foi forte na militância integralista e restringiu-se à influência de Gustavo Barroso. O integralismo combatia tanto o liberalismo quanto o socialismo, ambos de inspiração “materialista, segundo essa concepção reacionária do mundo” (DEL ROIO, 1989, p. 288).

De qualquer forma, Gustavo Barroso foi responsável por uma imensa literatura antissemita, sendo que suas obras:

Além de dar força ao movimento integralista, foram amplamente divulgadas e distribuídas pelas principais bibliotecas do país, autografadas pelo autor [...]. É de responsabilidade dele a tradução do *Protocolos dos Sábios de Sião*, para o qual elaborou o prólogo e inflamados comentários amplamente marcados por uma ideologia racista, muitos dos quais deturpando conceitos e realidades. [...] Dentre as obras anti-semitas e panfletárias de Gustavo cumpre citar:

- História secreta do Brasil
- A sinagoga Paulista
- O que o Integralista Deve Saber
- Integralismo e Catolicismo
- O Integralismo de Norte a Sul
- Brasil, Colônia de Banqueiros
- O quarto Império
- O judaísmo, Comunismo e Maçonaria
- Roosevelt, es Judio
- Comunismo, Cristianismo e Corporativismo.

Em 1938, os Protocolos – código do Anti-Cristo – está na sua 3ª edição, 23º milheiro, sem contar várias outras clandestinas. (CARNEIRO, 1988, p. 358)

Ainda sobre os *Protocolos*, convém lembrar que sua temática é a da existência de um complô judaico secreto, universal, para “dominar o mundo”:

Com capacidade de esclarecer as dúvidas e mistérios, propaga-se que os *Protocolos* deveriam ser lidos “por todos os que ainda não se corromperam com o veneno do monstro”, aqui identificado com os judeus. Refazendo a idéia de um complô secreto universal, divulga-se o conceito de que os israelitas eram corruptos e que com este “veneno nefasto estavam a infestar o mundo”.

Associada a essa idéia cria-se a imagem do perigo que se animaliza, tomando a forma ora de uma “serpente”, ora de uma “Hidra Polycephala”. É interessante lembrarmos que, tanto no anti-semitismo tradicional como no anti-semitismo moderno, se atribui ao judeu formas simbólicas, diabólicas, monstruosas e desumanas. (CARNEIRO, 1988, p. 364)

Por último, convém destacar que os *Protocolos* aparecem na Rússia em 1905 e propagaram-se rapidamente por vários países:

tornando-se munição onde quer que o banimento dos judeus fosse necessário aos propósitos governamentais. Através da obra tira-se a conclusão de que tudo aquilo que era nocivo para o mundo era resultado de uma conspiração judaico-maçônica-comunista, por mais idiossincrático que isto possa parecer. (CAMARGO, 2008, s.p.)

Os *Protocolos* foram “desmascarados em 1921, porém foram traduzidos para o português por Gustavo Barroso que, em 1936, pregava a sua autenticidade com toda energia.” (CARNEIRO, 1988, p. 366), como vemos, por exemplo em seu livro *Brasil - Colônia de Banqueiros*: “E, enfim, em 1906, a formidável documentação dos chamados *Protocolos dos Sábios de Sião*, embora apregoados como uma falsificação, veio confirmar ponto por ponto todos os libelos acusatórios anteriores” (BARROSO, 1936, p. 6).

Vale destacar que um dos ataques judaicos de Barroso, “o *capitalismo sem pátria dos judeus internacionais* que escraviza o Brasil”, como citado, refere-se aos banqueiros judeus, especialmente “descritos” neste livro sobre os banqueiros. Utilizando documentos, planilhas de empréstimos, entrevistas, depoimentos e cartas, Barroso faz um levantamento da dívida externa do país (a quem deve) e defende a soberania nacional, a qual precisa ser livre da dívida externa e usurpação a que se submete através dos empréstimos e dívidas contraídas com os bancos, como podemos verificar em um excerto:

Nada se fará (e é verdade que M. Hayward não está equivocado) sem que Dillon Read e Rothschild queiram. Eles parecem que são os donos da nossa terra. O povo do Brasil passou a ser uma colônia e uma propriedade desses dois banqueiros, conforme se deduz da “colaboração conjunta”.

Resta-nos ainda consultar o povo do Brasil, os moços com ideais, os soldados, os operários simples, mas dignos e bravos; resta-nos consultar à mocidade de hoje, se ela está de acordo com o ótimo negócio conduzido para benefício de Rothschild e Dillon, Read, ou se está disposta a defender e assegurar a soberania econômica e financeira, tanto quanto a soberania política do nosso povo.

Nós queremos ser os primeiros a nos alistarmos na “Legião dos Libertadores”.

Este livro não espousa as acusações pessoais contidas nessa publicação; mas a reproduz, embora em parte, porque contém documentos na verdade interessantes, que, de certos pontos de vista,

a tornam, como diria o Steinbroken do Eça de Queiroz, excessivamente grave. Entretanto, um silêncio de chumbo a acolheu na imprensa e nos meios oficiais.

Estampada aqui, depois de exaustiva documentação dos outros capítulos sobre nossos empréstimos, ela a completa e amplia. A verdade que ressalta de toda a tristíssima história de nossas dívidas externas é esta: o Brasil não passa de uma colônia produtiva dos banqueiros internacionais. E' duro mas é exato. E o ferro em brasa da verdade talvez salve o doente canceroso...

Além do cancro dos empréstimos, há mil outros meios de sermos sugados pelo judeu internacional. Vamos dar unicamente dois exemplos: [...] ³⁹

Um dos exemplos que ele cita é a empresa Eletric Bond & Share, de Nova York, que “controla no Brasil as Empresas Brasileiras de Eletricidade, tendo no seu contrato uma clausula denominada de *Supervision fees*, pela qual ela arrecada uma média de \$ 80.000 mensais”, segundo ele, é “uma taxa que deve desaparecer automaticamente, quando param as construções. ” Só que “há muito tempo essas construções estão paradas e os brasileiros continuam a morrer em oitenta mil dólares mensais a que não são obrigados, isto é, \$ 960.000 por ano. ”

Em outro exemplo, ele diz que “vale a pena um rápido olhar ao contrato pelo qual até hoje os Rotschild são oficialmente nossos Agentes Financeiros em Londres. Foi assinado no dia 20 de junho de 1855 pelo nosso plenipotenciário, conselheiro Sergio Teixeira de Macedo”. Completa o convite com um apelo: “Todo brasileiro deve conhecer esse documento. Lendo-o, talvez o rubor lhe suba às faces e resolva alistar-se entre os Camisas-Verdes para obter sua carta de alforria ”. ⁴⁰

Nos *Protocolos dos Sábios de Sião* a figura do judeu é a da serpente, mas no caso dos banqueiros, Gustavo usa a metáfora do urubu, sendo ele um dos que vai enfrentar a “urubuzada”, como afirma após o relato de um sonho que teve aos dezoito anos, ocasião em que ficou gravemente doente, tendo este sonho ficado gravado em sua memória:

Tive um sonho nessa noite que me impressionou para toda a vida. Já lá se vão vinte e sete anos e ainda o tenho tão vivo na memória como naquela noite. Eu estava debruçado na meia-porta, olhando o terreiro enlaurado da casa do mulato Antonio. (...) De olhos baixos, eu pensava na morte, tão cedo, foice cruel que me cortaria todas as esperanças dum coração ao amanhecer... De súbito, um mandamento imperioso e oculto fez-me levantar a cabeça. Dei com uma cousa informe e negra, parecendo o cadáver dum grande animal desconhecido, estendido na luz prateada do terreiro. E, em volta dele, crocitando, um bando de aves sinistras, de urubus, sem dúvida, que eu não distinguia bem. Uma voz me disse com um tom de comando:

- Aquilo ali é o teu Brasil! Em vez de pensares na morte, cobra ânimo, vive, toma dum pau e afugenta aqueles bichos! Eu acordei sobressaltado [...] ⁴¹

³⁹ BARROSO, Gustavo. **BRASIL – Colônia de Banqueiros** (História dos empréstimos de 1824 a 1934). 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1936. pp. 134-135. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/media/2013/02/516530.pdf>>. Acesso: Julho e Setembro de 2014.

⁴⁰ Ibid., p. 136

⁴¹ Ibid., p. 144

Para completar, diz que agora entende quem é a “urubuzada” que ele tem coragem de expor:

Pois bem, ao remexer arquivos e ao ler relatórios maçudos para tirar a documentação deste livro, a cada passo o sonho se refazia na minha memória. O nosso Brasil é a carniça monstruosa ao luar. Os banqueiros judeus, a urubuzada que a devora. E Deus me deu vida para que eu tivesse a coragem de rasgar o véu que encobre os verdadeiros exploradores do povo brasileiro, de mãos dadas aos políticos e estadistas incapazes ou corruptos. (BARROSO, 1936, p. 145)

Desse modo, temos mais uma visão do antissemitismo na Era Vargas, sendo o judeu visto como perigoso e nocivo como as serpentes, e devorador e monstruoso como o urubu! Conforme exposto no capítulo sobre Isaac, veremos que judeu, no caso, é usado no plural, refere-se a todos, embora nem todos sejam banqueiros, usurários, mascates, colonos ou comunistas.

O fato é que as ideias e obras de Barroso contribuíram para arraigar mais ainda os estereótipos e antissemitismo entre seus seguidores e no Brasil.

Quanto à AIB ainda convém destacar como ela se espalhou pelo país:

A AIB se espalhou rapidamente pelo Centro-Sul do país entre as camadas médias urbanas, onde justamente o movimento operário era mais forte e as idéias socialistas mais difundidas. No Sul conseguiu amplo respaldo de grupos de imigrantes alemães e italianos estabelecidos em regiões agrárias. No Ceará e em Alagoas foi onde a AIB se estabeleceu com mais força entre os estados do Nordeste, tomando por vezes posturas antioligárquicas. (DEL ROIO, 1989, p. 287)

Os partidos de orientação fascista e os da direita, emergentes desde os anos 20, “foram absorvidas pela AIB (...) e a esquerda posicionou-se em defesa dos interesses operários pregando a revolução operária e a luta contra o imperialismo e a burguesia” e em 1934 foi fundada a Aliança Nacional Libertadora “como expressão do movimento político de esquerda, de tendência socialista ” (CARNEIRO, 1988, p. 100).

A **Aliança Nacional Libertadora** – ANL, então, outro movimento político da época, tinha Luís Carlos Prestes (1898-1990) como presidente e o apoio do Partido Comunista Brasileiro, dos sindicatos e até de alguns tenentes. Indo contra os ideais de Vargas, iniciou-se uma perseguição aos integrantes, especialmente aos comunistas:

A ANL defendia a nacionalização das empresas estrangeiras e a abolição do sistema de grande propriedade rural. Em julho de 1935, Getúlio Vargas mandou fechar a ANL. Teve início então uma campanha de perseguição aos comunistas. Como as idéias da Aliança se haviam propagado entre cabos, sargentos, operários e funcionários públicos, o fechamento da associação provocou um levante armado em quartéis de Natal, Recife e Rio de Janeiro. O movimento foi dominado pelo governo, que decretou o estado de sítio. Foram presos muitos políticos, intelectuais e operários. (SANTOS, 1995, p. 123)

Atuação de Luiz Carlos Prestes na Coluna e na AL

A atuação de Prestes na política e na Intentona Comunista, por exemplo, aparece em alguns romances de Jorge Amado, não somente em *Tenda dos Milagres*, por isso é importante termos um resumo de sua trajetória e importância, as quais serão retomadas no decorrer da análise do romance:

Os integrantes da Coluna realizaram uma incrível marcha pelo interior do país, percorrendo, a pé e a cavalo, cerca de 25 mil km. A marcha terminou em 1927, quando os revoltosos se exilaram na Bolívia. Nesse país, Prestes conheceu Astrogildo Pereira, um dos fundadores do PCB. Convertido à ideologia marxista, viajou para Moscou (ex-URSS) em 1931. Retornou clandestinamente ao Brasil em 1935, casado com a comunista judia alemã Olga Benário. Depois de comandar o fracassado golpe conhecido como Intentona Comunista (1935), com o intuito de derrubar o então presidente Getúlio Vargas e instalar um governo socialista, foi preso e sua mulher entregue à Gestapo (polícia política nazista) e deportada grávida para a Alemanha, onde morreu em um campo de concentração (1942). Após ser solto com o processo de redemocratização (1945), Prestes elegeu-se senador pelo PCB. Com a cassação do registro do partido (1947), teve a prisão preventiva decretada e foi obrigado a retornar à clandestinidade. Sua prisão preventiva foi revogada em 1958, mas, com o golpe militar de 1964, o líder comunista voltou a ser perseguido. Em 1971, conseguiu sair do país e se exilou na antiga URSS. Com a anistia de 1979, retornou, mas afastou-se do PCB. (EDUCAÇÃO UOL, s.d.)

Convém destacar que antes da ANL, Prestes comandou a Coluna Prestes, como já citado, a qual era vista pelo PCB como representante da burguesia, fato que foi discutido no *Plenum Ampliado do Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista* (SSA/IC), em abril-maio de 1930, na cidade de Buenos Aires. Na delegação brasileira desta reunião estava Astrogildo Pereira, presidente do Partido Comunista Brasileiro, “que desde janeiro havia reassumido seu cargo na direção do partido, e por Octávio Brandão, que pela primeira vez se ausentava do país”. Também estavam presentes em Buenos Aires, “Plínio Melo, que desde o início do ano se encontrava em Porto Alegre com a responsabilidade de reorganizar o PCB e o BOC, acabando por ser deportado, e Aristides Lobo, que havia sido também deportado para o Prata, de São Paulo.” (DEL ROIO, 1989, p. 169).

Em relatório apresentado ao *Plenum*, Plínio, utilizando o pseudônimo de Pablo Osório, analisando a conjuntura político-eleitoral nota que “o proletariado em geral, devido a debilidade política, principalmente orgânica, do PC, se absteve passivamente de participar na luta, (...)”⁴², destacando também que a raiz da debilidade do PCB encontrava na concepção da luta de classes e na teoria da revolução que norteava o partido, que “(...) em vez de destacar o proletariado e a burguesia como classes sociais fundamentais da vida social do país, englobava proletariado, pequena burguesia e burguesia industrial, lutando todos contra os fazendeiros de café (...)”, segundo Del Roio, em uma implícita referência crítica a Octávio Brandão. Del Roio também

⁴² MELO, apud DEL ROIO, 1989. Informe de “Pablo Osório” sobre a situação brasileira ao Plenum Ampliado do SSA/IC de maio de 1930. In: ARCH A 2-11 (ASMOB).

informa que, ainda neste relatório, Plínio fala sobre a Coluna Prestes, defendendo a ideia de que o PCB teria passado de um equívoco, o de superestimar a capacidade política da Coluna Prestes e que “[...] esse erro teve origem na falsa concepção de encarar a pequena burguesia como classe historicamente independente, [...], e fazendo, arbitrariamente, da referida Coluna, seu partido”, a outro equívoco:

de a partir do segundo semestre de 1929, com a Autocrítica no.7. menosprezar por completo a Coluna rompendo as ligações políticas que existiam. Embora acreditando ser um erro identificar a Coluna Prestes como partido político da pequena burguesia, Plínio Mello retomava em outros termos a ideia de aliança orgânica com jovens militares, defendido a seu tempo por Octávio Brandão. Argumentava que “(...) essa aproximação deve ser a mais íntima possível a fim de que possamos (o PCB) despertar a necessária confiança em tão problemáticos aliados” e que “(...) a hegemonia do PCB no processo revolucionário deve ser conquistada pela destruição da Coluna Prestes, como organização política e sua incorporação ao PCB como organização técnico-militar”. A forma para proceder tal incorporação seria fazer com que Luiz Carlos Prestes e Siqueira Campos, os principais líderes aderissem ao partido, o que traria como efeito imediato e positivo a ampliação da influência e do prestígio do PCB junto às massas, além de criar as bases para a formação de um exército revolucionário. (DEL ROIO, 1989, p. 170)

Uma nota do SSA/IC indicava que “ o PCB deve desmascarar impiedosamente todas as vacilações da pequena burguesia, concentrando suas críticas especialmente sobre a esquerda deste e a fração mais radical” na mais cristalina lógica do “social fascismo” e em decorrência, como “no PCB não há lugar para os agentes de Prestes e da Coluna o partido deve imediatamente tomar medidas contra os mesmos”; indicava-se assim a ordem de expulsão contra estes elementos, “proletarizando todo o partido desde a direção até a base (...)” (DEL ROIO, 1989, p. 173)

Após o retorno da delegação houve muita discussão sobre as novas diretrizes (a proletarianização, a mudança na linha política da Internacional Comunista no sentido da “classe contra classe”), além de haver muitas expulsões e a extinção formal do BOC (Bloco Operário Camponês), face legal do PCB, que atuava no sentido de trabalhar com alianças que ampliassem o espaço do movimento operário (aliás, Prestes havia recusado em 1929 o convite da delegação brasileira da Conferência Comunista Continental de junho, de se candidatar à presidência da república pelo BOC).

Os contatos do PCB com Prestes foram mantidos pelo SSA/IC e ele rompeu com a Aliança Liberal, em outubro do mesmo ano.

Em linhas gerais, podemos resumir que Prestes foi criticado no Partido pela aliança com a burguesia através da AL, no entanto o próprio partido, antes da reunião de 1930, pensava que a pequena burguesia seria a classe responsável pela revolução, em conjunto com a classe operária, como podemos verificar:

Ainda no mês de agosto (de 1930) foi enviada uma Carta de informação a todas as regiões, zonas e células (133)⁴³, dando conta das conclusões a que havia chegado este Plenun Ampliado do CC. Antes de mais nada se reafirmava que “(...) as relações do nosso Partido e sua tática perante a Coluna Prestes constituem uma questão fundamental para todo o desenvolvimento de nosso Partido”, que era outra forma de abordar a “(...) questão das relações do proletariado com a pequena burguesia revolucionária. Rompendo abertamente com toda sua elaboração teórico-política dos anos anteriores, o PCB se “autocriticava”, afirmando ter consentido “(...) na ausência quase completa de uma linha proletária de classe” nas suas relações com a pequena burguesia, pois o “Partido esperava a revolução pequeno burguesa em vez de preparar nas massas a idéia de nossa revolução realizada pelas próprias massas, perdendo assim qualquer perspectiva revolucionária.”⁴⁴

Resumindo, houve um deslocamento na definição das forças motrizes da revolução brasileira que “ [...] seria o proletariado e a massa de assalariados agrícolas e os camponeses pobres”, abandonando-se portanto a perspectiva de aliança estratégica com a pequena burguesia, que deixava de ser vista como força revolucionária.⁴⁵ É neste contexto que veremos como o personagem Isaac, judeu comunista, vai atuar junto ao proletariado no romance *Suor*, a massa que pode fazer a revolução.

Em abril de 1930, em Buenos Aires, Prestes redigiu um Manifesto rompendo com a juventude militar e renunciou ao comando da Coluna. Aderiu ao comunismo e como a maioria da “esquerda obreirista” recusasse o ingresso dele no PCB, optou-se por levá-lo para URSS (o que ocorreu em outubro de 1931). Em carta aberta, denominada Realidade Brasileira, (grifo do autor) Prestes “se assumia definitivamente como comunista e se submetia à linha política vigente do PCB, que combatia ferozmente o “prestismo”, inclusive no tocante a linguagem vulgar e pouco científica ”.⁴⁶

Sobre a ANL, convém também destacar que ela surge em um momento de intensificação da atuação da Comissão Jurídica e Popular de Inquérito (CJPI), a qual visava “apurar os casos de desaparecimento de militantes antifascistas e de violências praticadas pela polícia e pelos integralistas ” (PRESTES, 2012, p. 10), uma vez que os “choques dos antifascistas com os integralistas e as forças policiais tornavam-se cada vez mais violentos, deles resultando mortos, feridos, numerosos presos e muitos deportados ”.⁴⁷ Entre os organizadores da Comissão

⁴³ ASMOB, apud DEL ROIO, 1989: Carta de informação a todas as regiões, zonas e células”. In: Arch A 2(10) ASMOB.

⁴⁴ DEL ROIO, Marcos Tadeu. **A classe operária na revolução burguesa**: a política de alianças do PCB, 1928-1935. 1989. Dissertação (Mestrado em Ciência Política, IFCH-UNICAMP). p. 164. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000051134>>. Acesso: Agosto de 2014.

⁴⁵ Ibid., p. 164

⁴⁶ Ibid., p. 201

⁴⁷ *A Pátria*, RJ, 11/11/1934, p. 3, apud PRESTES, 2012, p. 10

“estavam advogados pertencentes ao PCB ou à Juventude Comunista, ou muito próximos dessas organizações ”.⁴⁸

Portanto, diante da ofensiva reacionária do Governo e da intensificação da CJPI é que surge a ANL, como podemos observar:

Diante da ofensiva reacionária do Governo, que iniciara entendimentos para o envio ao Congresso Nacional do projeto de Lei de Segurança Nacional (significativamente tal projeto ficaria conhecido como “Lei Monstro”), intensifica-se a atuação da CJPI. É no bojo desse crescente movimento pela aglutinação de amplas forças populares e democráticas que nasce a ANL. A mobilização em torno do combate ao projeto da “Lei Monstro” revela-se o *acontecimento-chave*, que precipita, através da intensa atividade pública da CJPI, a criação da ANL. O surgimento da ANL representou a culminância de um processo de aglutinação de grupos, setores, organizações e personalidades decepcionados com o rumo tomado pela Revolução de 30, desiludidos de Vargas e do seu Governo. Ao mesmo tempo, para que essa unidade fosse alcançada, o nome, o prestígio, a liderança de Luiz Carlos Prestes mostraram-se essenciais.⁴⁹

Também destacamos, conforme Anita Prestes, que a figura de Prestes no ano de 35 “viria a desempenhar um papel histórico determinado e necessário – congregar em torno da ANL grande parte dos setores da nação insatisfeitos de uma maneira geral com o Governo Vargas e o processo como haviam sido conduzidos os trabalhos da Constituinte e a eleição do presidente da República”, mas também de insatisfeitos “com a dominação imperialista do país e a força do latifúndio, com o avanço do integralismo e as medidas antidemocráticas adotadas pelo Governo, como a Lei de Segurança Nacional ”.⁵⁰ Jorge Amado pertence a esse grupo de insatisfeitos, e acaba demonstrando este panorama por meio dos enredos e de alguns personagens de *Suor* e de *Tenda dos Milagres*. Veremos como Isaac e Pedro Archanjo foram detidos e Álvaro Lima morto em confronto com polícias, devido às manifestações e greves combatidas por Vargas.

Lembramos que mesmo na clandestinidade em 35, Prestes desempenhou este importante papel e em 1936 ele e Olga Benário, sua esposa, grávida, foram presos no Brasil, sendo ela deportada e entregue à *Gestapo* na Alemanha, pois era judia e Vargas estava ao lado do Eixo. A filha do casal, Anita Leocádia Prestes, nasceu em campo de concentração nazista e só foi resgatada pela avó após intensa campanha internacional. Cabe destacar que neste período o jogo político de Vargas, com receio de romper com os alemães na guerra, explica a “persistência de um grande número de circulares secretas contrárias à entrada de judeus no Brasil. Vargas foi

⁴⁸ PRESTES, Anita Leocádia. **A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe (Moscou, outubro / 1934) e os levantes de novembro de 1935 no Brasil**. 2012. p.10 In: Marxismo 21. Disponível em: <<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/07/AA Anita.doc>>. Acesso: 30/08/2014

⁴⁹ Ibid., p. 10

⁵⁰ Ibid., p. 12

conivente com a prática e um anti-semitismo político e xenófobo, endossando camufladamente atitudes fascistas, conforme rigoroso figurino da época ” (CARNEIRO, 1988, p. 258).

Outro ponto importante a ser destacado é a Intentona Comunista, em 1935, movimento liderado pela ANL na tentativa de derrubar Vargas e tomar o poder. Contou também com apoio dentro dos batalhões: “militares de baixa patente inclinados ao comunismo iniciaram a rebelião na noite do dia 23 de novembro de 1935, em Natal, no Rio Grande do Norte, onde os revolucionários chegaram a tomar o poder durante três dias. Depois se estendeu para Maranhão, Recife e por último para o Rio de Janeiro, no dia 27 ” (DEL ROIO, 1989, p. 378). No dia 5 de julho de 1935, data em que se comemoravam os levantes Tenentistas, Luís Carlos Prestes lançou um manifesto de apoio à ANL, no qual incentivava uma revolução contra o governo. Este foi o estopim para que Getúlio Vargas decretasse a ilegalidade do movimento, além de mandar prender seus líderes. ” Após a derrota da Intentona, Vargas decretou estado de sítio e uma forte repressão aos comunistas, tendo justificativas para dar o golpe que viria:

A declaração do “estado de sítio”, pode-se dizer, foi o terceiro passo em seguida à promulgação da LSN (*Lei de Segurança Nacional*) e da ilegalização da ANL, em direção ao estabelecimento de um Estado ditatorial que definiria a via “passiva” da transição capitalista na formação social brasileira. A bárbara repressão desencadeada pelo Estado, não só contra os comunistas, mas contra toda a sociedade civil que resistia ao projeto corporativo à via do desenvolvimento capitalista pelo “alto”, inviabilizou a maturação de uma alternativa nacional-popular que se definisse em torno da questão democrática. Assim, independente da participação ou opinião sobre o levante da ANL, anarquistas, marxistas e liberais começaram a ser detidos massivamente. (DEL ROIO, 1989, p. 388)

O Golpe do Estado Novo

Mais uma das justificativas para a instalação da ditadura do Estado Novo foi a divulgação em 1937 do Plano Cohen, um documento atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano de tomada do poder pelos comunistas:

Em setembro, realizou-se uma reunião da alta cúpula militar do país, na qual foi apresentado o Plano Cohen, supostamente apreendido pelas Forças Armadas. Participaram dessa reunião, entre outros, o general Eurico Dutra, ministro da Guerra; o general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército (EME); e Fillinto Müller, chefe de Polícia do Distrito Federal. A autenticidade do documento não foi questionada por nenhum dos presentes, e dias depois o Plano Cohen seria divulgado publicamente, alcançando enorme repercussão na imprensa e na sociedade ao mesmo tempo em que era desencadeada uma forte campanha anticomunista. O plano previa a mobilização dos trabalhadores para a realização de uma greve geral, o incêndio de prédios públicos, a promoção de manifestações populares que terminariam em saques e depredações e até a eliminação física das autoridades civis e militares que se opusessem à insurreição.⁵¹

⁵¹ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS.CPDOC-FVG. **Anos de Incerteza (1930 - 1937) - Plano Cohen**. In: A Era Vargas: dos anos 20 a 45. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>. Acesso: 31/08/2014.

Convém destacar que o Plano Cohen também foi associado aos judeus, como sendo idealizadores, os quais já estavam sofrendo perseguição pelos integralistas, servindo de apoio ao governo Vargas, como já comentado.

Em março de 1945, “com o Estado Novo já em crise, o general Góes Monteiro denunciou a fraude produzida oito anos antes, isentando-se de qualquer culpa no caso” e o líder maior da AIB, Plínio Salgado, “que participara ativamente dos preparativos do golpe de 1937 e que, inclusive, retirara sua candidatura presidencial para apoiar a decretação do Estado Novo, afirmaria mais tarde que não denunciou a fraude pelo receio de desmoralizar as Forças Armadas, única instituição, segundo ele, capaz de fazer frente à ameaça comunista ”.

52

O Estado Novo (1937-1945)

Nome dado ao novo regime iniciado por Vargas, após ter dado o golpe, com apoio militar. Ele fechou o Congresso Nacional em 10 de novembro de 1937, assinou uma nova Constituição, dissolveu os partidos políticos, “perseguiu comunistas e até integralistas que o haviam apoiado, centralizou o poder, nomeou interventores nos governos dos Estados; além disto, suspendeu os direitos individuais dos cidadãos, prendeu e exilou seus adversários políticos” (SANTOS, 1995, p. 124), entre eles Prestes e Jorge Amado.

E como poderemos ver em *Tenda dos Milagres*, criou o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), aumentando a censura à imprensa, controlando a publicação de revistas, jornais e até livros. Por exemplo, os romances de Jorge Amado como *Capitães da Areia*, de 1937, e *Suor*, de 1934, foram queimados em praça pública. No entanto, pelo DIP, obviamente, havia elogios ao Estado Novo e ao novo ditador, especialmente através do programa *Hora do Brasil*, o qual, aliás, até hoje está no ar.

Sobre a queima dos livros, o próprio Jorge Amado, conversando com Getúlio Vargas em uma viagem de trem entre São Paulo e Rio, obteve como resposta que a culpa “era do Fillinto Müller ”:

Gregório procurou-me, enviado por Vargas; “O presidente gostaria de vê-lo; se o senhor puder ir até lá, ele ficará encantado em poder lhe falar por uns momentos...” Eu também tinha vontade de falar com ele.

⁵² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS.CPDOC-FVG. **Anos de Incerteza (1930 - 1937) - Plano Cohen**. In: A Era Vargas: dos anos 20 a 45. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>. Acesso: 31/08/2014.

[...]

Ele conhecia muito bem a minha obra, conhecia tudo o que eu escrevera, e era um entusiasta de *Terras do Sem Fim* (1943). Eu lhe disse: “Isso não o impediu, em 38, de mandar queimar os meus livros!” Ele pôs isto na conta da polícia: “Ah! Foi o Fillinto Müller, os militares, eu não sabia de nada, estes militares são uns asnos”. Mas na realidade ele sabia o que estava acontecendo. (RAILLARD, 1990, pp. 134-135)

Ainda nesta conversa, Getúlio também se refere a Oswaldo Aranha, personagem muito importante em seu governo, como veremos:

Conta-se uma história que ele mesmo confirmou ser verídica. Foi durante a guerra. Oswaldo Aranha era ministro – creio que das Relações Exteriores. Um dia em que ele estava no gabinete de Getúlio despachando assuntos cotidianos, Getúlio por várias vezes o interrompeu: “Há algo sobre o qual quero lhe falar, não saia antes...”, e insistia. Terminado o encontro, Oswaldo preparou-se para sair e já estava longe quando Getúlio lembrou: “Oswaldo, Oswaldo... eu queria lhe recomendar que prestasse mais atenção às suas conversas telefônicas, elas estão todas grampeadas. É o ministro da Guerra...” Eu lhe perguntei, e ele me disse esta história é verdadeira. Os militares se lhe escapavam, era ele quem comandava, mas eles faziam o que queriam, até com os seus amigos mais íntimos, como era o caso de Oswaldo Aranha (RAILLARD, 1990, p. 135)

No que tange à economia, Vargas atribuiu-lhe um caráter nacionalista, priorizando projetos que visavam à exploração de riquezas nacionais, criando, por exemplo, o Conselho Nacional do Petróleo, a Companhia Siderúrgica Nacional, ambos em 1941, o Conselho Nacional de Política Indústria e Comercial em 1944 e a Companhia Vale do Rio Doce. Com isto e o advento da Segunda Guerra Mundial, o país passou a produzir mais, fortalecendo as indústrias, usinas e fábricas.

Na política social, o governo Vargas instituiu o salário mínimo, elaborou a Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT; limitou a jornada do trabalho em oito horas e criou o Instituto de Previdência Social, conquistando, assim, o apoio das massas trabalhadoras. Vale lembrar que o sindicalismo brasileiro sofreu profundas modificações a partir de 1930, sendo que antes ele estava estruturado em organizações de origem autônoma. Em 1931 um decreto instituiu a Lei de Sindicalização, tendo como objetivos: “transformar o sindicato, de arma autônoma dos trabalhadores, em agência colaboradora do Estado; disciplinar o trabalho, considerando-o mero fator de produção; evitar a emergência da luta de classes, utilizando o sindicato como “pára-choque” entre capital e trabalho ” (SANTOS, 1995, pp. 125-126). Ainda, segundo Santos, na CLT permanece o controle da atividade dos sindicatos pelo Estado. Além de perderem sua autonomia, os sindicatos “foram presos a inúmeras normas, entre as quais: [...] são proibidas atividades políticas dentro do sindicato, é proibida a filiação dos sindicatos às organizações sindicais internacionais; os sindicatos tornam-se puramente assistencialistas; dão assistência jurídica, médica, etc.”, além disto, o governo, através do Ministério do Trabalho pode “intervir no sindicato toda vez que achar conveniente ” (SANTOS, 1995, p. 126).

Desta forma, também podemos entender o panorama em que se encontravam os militantes Álvaro Lima, Isaac e Linda, junto aos operários e sindicatos, em *Suor*, como veremos adiante.

Por último, podemos lembrar que Jorge Amado recria aspectos da luta brasileira contra a ditadura do Estado Novo na trilogia “*Os subterrâneos da liberdade*”, de 1954, embora ele, mais tarde, tenha uma outra visão crítica de suas obras:

Anos mais tarde, em releitura crítica, Jorge Amado dirá que a obra foi, simplesmente, sectária: “Não há nada pior que o espírito de seita. Esse tipo de pensamento mofou”. Ao mesmo tempo, sublinhará sempre a importância de *Os subterrâneos da liberdade* no processo de seu amadurecimento literário: “Descobri ali a grande arquitetura do romance — algo que me foi de muita valia mais tarde, em livros como *Dona Flor*, *Tereza Batista*, *Tieta do Agreste*, *Tocaia Grande* e **Tenda dos milagres**, textos que representam um nítido reflorescer em minha obra”. (grifo nosso)⁵³

Antecedentes da Segunda Guerra Mundial

Como já exposto, a crise de 1929 atingiu o Brasil, mas, imediatamente os países europeus que mais dependiam do dólar, como a Alemanha e Áustria, por exemplo, e os países produtores de matérias primas, como Austrália, Argentina e Brasil. Nos EUA, Franklin Delano Roosevelt recorreu a diversas medidas para recuperação econômica-política, o *New Deal*.

A Itália, também agitada por crises sociais, econômicas e políticas, instaurou ainda em 1924 o Fascismo, por intermédio de Benito Mussolini, chefe do partido fascista. Da mesma forma, em decorrência da crise social, política e econômica advindas também da Primeira Guerra, a Alemanha, instalou o Nazismo, em 1934. O chefe do partido nazista Adolf Hitler, convidado pelo presidente alemão von Hindenburg a formar um Ministério, iniciou, então, sua jornada rumo à tomada de poder, “promulgando uma série de leis que visaram concentrar o governo em suas mãos ” (HOLLANDA, s.d., p. 264), como por exemplo a dissolução de todos os sindicatos, criando um sindicato único; extinção de todos os partidos, proclamando o Partido Nacional Socialista como partido único, e ainda, a fim de garantir o regime, criou a polícia unificada e centralizada, a *Gestapo* (*Geheime Staatspolizei*).

Na Espanha, também atingida pela crise, ocorreu um movimento revolucionário que derrubou a monarquia e instaurou a República, em 1931. As lutas partidárias nas eleições de 1936 entre a Frente Popular (formada pela coligação dos Partidos Comunista e Socialistas e os

⁵³ FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Os subterrâneos da liberdade**. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148&lang=pt&obra=836&start=16#obra>. Acesso 30/06/2014

Anarquistas - CGT e FAI)⁵⁴ e a Frente Nacional (formada pela coligação dos Partidos Republicano, Monarquista e Falangista), com a vitória da Frente Popular, desencadearam a *Guerra Civil Espanhola*, uma luta sangrenta e devastadora, “sobretudo face à intervenção estrangeira: Alemanha, Itália, Portugal auxiliaram a Frente Nacional; a Rússia auxiliou a Frente Popular. Estados Unidos, Inglaterra e França declararam-se neutras...”. Após três anos de lutas o General Franco conseguiu tomar Madri, a 28 de Março de 1939, assim, “instalava-se na Europa mais uma ditadura: a do General Francisco Franco ” (HOLLANDA, s.d., p. 264).

A evolução política dos três regimes ditatoriais iniciados na década de 30 e a invasão de territórios independentes, causaram a Segunda Mundial.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Também um período importante nos romances em análise. Iniciada na Europa, atingiu o mundo inteiro e durante algum tempo Vargas não definia a posição do Brasil sobre o conflito, uma vez que ideologicamente seu governo assemelhava-se aos governos dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), tanto pela ditadura quanto pelas ideologias nazifascistas; mas, do ponto de vista econômico, estava mais ligado aos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética).

Em 1942, após os alemães afundarem cinco navios brasileiros, o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália. Em 1943 foi organizada a FEB (Força Expedicionária Brasileira), enviando soldados para combaterem no norte da Itália, obtendo vitórias em Monte Castelo, Castel Nuovo e Collechio.

A postura do governo Vargas neste período influenciou também a entrada e presença de judeus, nosso objeto de estudo, como foi no período de 30:

Combinando interesses políticos e econômicos da classe média e burguesia industrial, impediu (Vargas) que um grande número de judeus ingressasse em território nacional, aprovando iniciativas anti-semitas mascaradas por um pretenso nacionalismo. Apesar do Estado Novo

⁵⁴ **Os partidos políticos:** As esquerdas, obedecendo a uma determinação do Comintern (a Internacional Comunista controlada pela URSS), resolveram unir-se aos democratas e liberais radicais num Frente Popular para ascender ao poder por meio de eleições. As esquerdas espanholas estavam divididas em diversos partidos e organizações, entre as quais:

PSOE (Partido Socialista Obreiro Espanhol)	Socialistas
PCE (Partido Comunista Espanhol)	Comunistas
POUM (Partido Obreiro da Unificação Marxista)	Comunistas-trotsquistas
UGT (União Geral dos Trabalhadores)	Sindical Socialista
CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores)	Sindical Anarquista
FAI (Federação Anarquista Ibérica)	Anarco-Sindicalista

expressar em toda a sua medida, o exercício do poder pessoal de Vargas, este nunca foi colocado a serviço da causa judaica. Ao contrário, deu condições para que um indivíduo do caráter de Fillinto Müller atuasse livremente em nome do anticomunismo, e que Olga Benário fosse entregue à GESTAPO como bode expiatório do caso político que dominava o Brasil nos anos 30 (CARNEIRO, 1988, p. 258)

A morte da personagem Pedro Archanjo em 1943, em *Tenda dos Milagres*, então delimita o período deste panorama, uma vez que não aparecerá o desfecho da guerra, muito embora já previsto pelas personagens.

O último período histórico da narrativa em *Tenda dos Milagres* abrange a Ditadura Militar e a Guerra Fria, partes do presente da narrativa, quando Fausto Pena, o narrador, é contratado pelo norte-americano James D. Levenson.

A Guerra Fria (1946-1991), nome dado ao período pós Segunda Guerra Mundial, designando a tensão e conflito de ordem ideológica, política, econômica, militar e tecnológica entre EUA e, a então URSS, “agrupou nações em torno de uma ou de outra dessas potências, de acordo com os interesses econômicos, políticos ou militares” (HOLLANDA, s.d., p. 275). O que podemos destacar é que houve muito mais ascensão e superioridade norte-americana, influenciando o Brasil (não só ele) tanto política, quanto ideologicamente, como já acontecia nas décadas de 20 e 30, com a política do “American Way Of Life”, disseminada, por exemplo, nos meios de comunicação como o cinema e rádio ou pela inserção de produtos no mercado nacional:

Durante o século XX, o American way of life espalhou-se pelos quatro cantos do mundo, sendo adotado, incorporado e adaptado pelas mais diferentes culturas: do Japão ao México, do Leste Europeu ao Brasil. Os meios de comunicação tiveram papel fundamental na disseminação desse modo de vida, apresentando ao mundo suas características e seus procedimentos, de modo sedutor e convincente. O cinema hollywoodiano tomou para si essa tarefa, de forma enfática, no momento em que consolidou-se como uma indústria sólida, produtora de filmes no processo de linha de montagem. [...]

A década de 1930 presenciou, no Brasil, a popularização do rádio, a expansão da eletrificação e o incentivo ao consumo de gás de cozinha. Empresas norte-americanas como a General Electric inseriam seus produtos no mercado nacional e, em 1931, já era possível encontrar anúncios de refrigeradores GE nas páginas de O Cruzeiro, o que continuou a acontecer durante toda a década. Além destes, havia também anúncios de refrigeradores e rádios Crosley, refrigeradores Fairbanks Morse e rádios Atwater Kent, entre outros. Eletrodomésticos que eram oferecidos ao consumidor brasileiro ao mesmo tempo que apareciam nas telas de nossos cinemas, equipando os lares norte-americanos. (GONÇALVES, s.d. p. 1)

O domínio norte-americano neste pós guerra é representado pela personagem James D. Levenson, em *Tenda dos Milagres*, como será analisado, pois ele é o exemplo da superioridade e do moderno; lembrando que este novo imperialismo também sofreu alteração nas décadas seguintes, como 60 e 70, tempo presente da narração do romance:

A segunda guerra mundial veio a representar uma transformação maior no que concerne às formas de imperialismo: a substituição de uma multiplicidade de imperialismos em permanente conflito por um imperialismo coletivo associando o conjunto dos centros do sistema mundial capitalista (para simplificar, a "tríade": os Estados Unidos e sua província canadense, a Europa Ocidental e Central, o Japão). Essa nova forma de expansão imperialista passou por diferentes fases de desenvolvimento, mas ela ainda está em plena vigência. [...]

Os Estados Unidos saíram da segunda guerra mundial com enormes vantagens, já que seus principais oponentes – a Europa, a União Soviética, a China e o Japão – estavam arruinados. O país se encontrava então em posição privilegiada para exercer sua hegemonia econômica: concentrava mais da metade da produção industrial do mundo de então e possuía a exclusividade das novas tecnologias que iriam moldar o desenvolvimento da segunda metade do século. Além disso, tinha a exclusividade da arma nuclear – a nova "arma absoluta". [...]

Essa dupla vantagem absoluta, contudo, foi perdida num curto intervalo (duas décadas), pela dupla recuperação, econômica pela Europa capitalista e pelo Japão, militar pela União Soviética. Lembremos que esse recuo relativo da potência dos Estados Unidos alimentou na época uma saraivada de discursos sobre "o declínio americano", e até mesmo sobre a ascensão de hegemonias alternativas no futuro (a Europa, o Japão, mais tarde a China...). (AMIM, 2005, pp. 77, 123)

A Ditadura Militar (1964-1985)

O período político em que os militares governaram o Brasil, conhecido como ditadura militar, também é presente no romance *Tenda dos Milagres*, haja vista que o romance foi escrito e publicado em 1969, e o próprio narrador nos informa: “Não estava Archanjo assim tão distante no tempo como se imaginou a princípio: batera as botas em 1943, há vinte e cinco anos, aos setenta e cinco de idade e, segundo consta, em circunstâncias singulares; encontraram-no morto, caído numa sarjeta, altas horas da noite” (*Tenda dos Milagres*, p. 37).

Ou seja, falamos de 1968, período da presidência do general Arthur da Costa e Silva (1967-1969), destacado pelas manifestações, protestos e o decreto do AI-5:

Em 1967, assume a presidência o general Arthur da Costa e Silva, após ser eleito indiretamente pelo Congresso Nacional. Seu governo é marcado por protestos e manifestações sociais. A oposição ao regime militar cresce no país. A UNE (União Nacional dos Estudantes) organiza, no Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil.

Em Contagem (MG) e Osasco (SP), greves de operários paralisam fábricas em protesto ao regime militar. A guerrilha urbana começa a se organizar. Formada por jovens idealistas de esquerda, assaltam bancos e seqüestram embaixadores para obterem fundos para o movimento de oposição armada.

No dia 13 de dezembro de 1968, o governo decreta o Ato Institucional Número 5 (AI-5). Este foi o mais duro do governo militar, pois aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do habeas-corpus e aumentou a repressão militar e policial.⁵⁵

Em 1969, doente, Costa e Silva foi substituído por uma junta militar (31/08/1969 a 30/10/1969), a qual escolheu Emílio Garrastazu Médici para o novo governo (de 1969 a 1975).

⁵⁵ SUA PESQUISA. **Ditadura Militar**. s.d. Disponível em:< <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso: 21/08/2014.

Deste período da junta militar destacamos o MR-8 e ALN, grupos de esquerda que sequestraram o embaixador dos EUA Charles Elbrick, exigindo, com sucesso, a libertação de 15 presos políticos. Em seguida, o governo instaura a Lei de Segurança Nacional, a qual decretava “o exílio e pena de morte em casos de “guerra psicológica adversa, ou revolucionária, ou subversiva”. No final de 1969, o líder da ALN, Carlos Mariguella, foi morto pelas forças de repressão em São Paulo ”. ⁵⁶

O governo Médici foi o mais duro e repressivo do período:

Em 1969, a Junta Militar escolhe o novo presidente: o general Emilio Garrastazu Medici. Seu governo é considerado o mais duro e repressivo do período, conhecido como “anos de chumbo”. A repressão à luta armada cresce e uma severa política de censura é colocada em execução. Jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística são censuradas. Muitos professores, políticos, músicos, artistas e escritores são investigados, presos, torturados ou exilados do país. O DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações e ao Centro de Operações de Defesa Interna) atua como centro de investigação e repressão do governo militar. Ganha força no campo a guerrilha rural, principalmente no Araguaia. A guerrilha do Araguaia é fortemente reprimida pelas forças militares.⁵⁷

Destaca-se neste período, como citado, a vigilância aos artistas e escritores, pois embora Jorge Amado não atuasse mais no partido ou na militância, era muito vigiado. No entanto, suas aspirações e opiniões políticas ainda aparecem em seus romances, já de forma nuançada, como veremos, especialmente pela figura de Pedro Archanjo.

A censura, vigilância, policiamento e repressão aparecerão, então, em *Tenda dos Milagres*, assim como os destaques deste panorama histórico, de 1920 a 1943, especialmente, e 1969.

⁵⁶ SUA PESQUISA. **Ditadura Militar**. s.d. Disponível em:< <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso: 21/08/2014.

⁵⁷ Ibid., p.1

CAPÍTULO II

2.1. Estrangeiros e imigrantes

Distinção entre estrangeiro e imigrantes

Conforme exposto na introdução desta dissertação, este trabalho refere-se a análise da figura do judeu, porém, contrapondo-o à figura de outros elementos estrangeiros e imigrantes, pois adotamos e utilizamos um conceito que distingue “estrangeiros” e “imigrantes”, conforme a linha de pesquisa de alguns estudiosos, já apresentados, especialmente os autores Carlos Eduardo Schmidt Capela e Abdelmalek Sayad. Desta forma, embora as figuras sejam de “não-nacionais”, trataremos de três representações distintas: estrangeiro, imigrante e judeu, sendo este também podendo ser visto como um “judeu estrangeiro” ou “judeu imigrante”, dependendo da personagem em questão, devido a singularidade que os judeus possuem, como veremos adiante, por exemplo, na questão do país de origem ou do uso da mão-de-obra como imigrante.

Os termos “estrangeiros”, “imigrantes” (e “colonos”) utilizados por Capela partem do princípio de estabelecimento de categorias distintivas, não estanques, como instrumentos para compreensão da representação dos não-nacionais na literatura brasileira:

Capela (em “Literatura e imigração: convergências”, **Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC**. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003), a partir de Sayad (em **A imigração** - ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998), estabeleceu esses termos como categorias, não estanques, como instrumentos para compreender melhor a representação dos não-nacionais na literatura brasileira (ENGERROFF, 2007, p.30)

Este estabelecimento pode ser feito com base nas reflexões de Abdelmalek Sayad, segundo Capela, que se revelam esclarecedoras: “Com efeito, um exame da condição social com que personagens são identificadas permite definir, num primeiro momento, duas classes perfeitamente distintas: a dos estrangeiros e a dos imigrantes ”⁵⁸ (grifo do autor). Como do ponto vista legal “a única categoria aceita é a de estrangeiro, que subsume quaisquer outras, é preciso ultrapassar as fronteiras do estatuto jurídico para se apreender a situação de fato de seres que ultrapassam fronteiras nacionais”⁵⁹. Assim,

conforme Sayad, o imigrante é aquele em que “os efeitos da condição social dobram os efeitos da origem nacional”, e estas, por sua vez, reiteram uma hierarquia entre nações, relação esta que – desigual em termos políticos, econômicos, culturais – divide o mundo em dois. Daí decorre que **o imigrante é sempre alguém oriundo de um mundo dominado**, “que só

⁵⁸ CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **Literatura e imigração: convergências**. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003.

⁵⁹ Ibid., p. 2

forneceria imigrantes, e todo estrangeiro proveniente deste mundo”, mesmo que permaneça pouco tempo na nação para onde se deslocou, será no mínimo “considerado como um imigrante virtual”. Já o **estrangeiro**, que seguindo a formulação do autor pode ser definido como aquele em que os efeitos da condição social anulam os efeitos da origem nacional, **proveniente do mundo dominante**, “mesmo se residir em país estrangeiro durante toda a sua vida, ser[á] tratado com respeito devido a sua qualidade de estrangeiro” (SAYAD, 1998, pp. 243, 268, 244, apud CAPELA, 2003, p. 2) (grifo nosso).

Ainda argumentando sobre a condição social e a origem nacional, Capela diz que:

Embora as observações de Sayad refiram-se antes de tudo à atualidade, é possível constatar, nas ficções de série em questão, uma sensível diferença de apreciação e tratamento de acordo como o modo segundo o qual origem nacional e condição social das personagens são combinadas. Os estereótipos literários do “carcamano” e do “turco”, por exemplo, ilustram essa situação, isso para não falar na quase absoluta ausência de representações de imigrantes (grifo do autor) franceses ou ingleses na prosa brasileira de ficção.⁶⁰

Conclui dizendo que:

A categoria de estrangeiro, neste sentido, deve ser reservada para a referência a personagens oriundas das nações mais ricas (ou, no mínimo, das camadas altas de nações não tão ricas), de boa posição social seja na nação de origem seja no Brasil, não raro possuidoras de educação formal, amíúde especializada, e que exercem cargos ou funções de relevo na sociedade brasileira. Imigrante, em contraste, deve ser empregado para designar personagens oriundas de nações pobres (ou das classes baixas de nações não tão pobres), com pouca ou nenhuma educação formal e que mantêm, pelo menos nos primeiros anos que se seguem à viagem, posição inferior na hierarquia social.⁶¹

Uma terceira categoria deve ser introduzida, ainda segundo Capela, a de colono, tendo como traço diferenciador “a fixação na terra”, tendendo a “viver em comunidades mais fechadas, formadas essencialmente por compatriotas”. Desta forma, ainda segundo Capela, para “resumir e simplificar, pode-se dizer que o imigrante possui de seu apenas a força de trabalho, que vende; já o colono possui a pequena propriedade, em que aplica o seu trabalho; o estrangeiro, por fim, possui capital financeiro, social, intelectual, muitas vezes justapostos”.⁶²

Porém, o professor destaca também, que tais categorias, apesar do inevitável esquematismo, “não devem ser tomadas de modo rígido”. Há casos, na literatura, de “personagens de imigrantes cujas ações se pautam pelo intuito de atingir a posição superior, a de estrangeiro, no que podem ter maior ou menor sucesso”⁶³, como é o caso de João Romão, da obra *O Cortiço*” o qual comentaremos no Capítulo IV, sobre a importância dos espaços físicos, em *Tenda dos Milagres*. Nesta dissertação também há variações e nuances nas distinções, podendo uma personagem ser vista como imigrante, mas também como estrangeira,

⁶⁰ CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **Literatura e imigração**: convergências. Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003. p. 2

⁶¹ Ibid., p. 2

⁶² Ibid., p. 2

⁶³ Ibid., p. 3

por exemplo a *prostituta polonesa*, imigrante, mas valorizada como estrangeira, quando se passa por francesa (vide Capítulo II, p. 104) e o personagem *Franz*, visto pelo nacional como *alemão* (estrangeiro), mas que vive em condições de imigrante (vide Capítulo II, p. 101). Um outro ponto importante é o fato de que, neste trabalho, se uma personagem for caracterizada como “estrangeira”, não quer dizer que só há aspectos positivos em sua representação, muito menos que seja bem vista pelo nacional, pois sua conduta ou caráter podem não ser positivos, haja vista o próprio personagem *seu Samara*, embora sendo “estrangeiro” não é bem visto pelo nacional, pois é explorador; de outro lado, temos também o alemão *Franz*, já citado, personagem honesto e trabalhador, mas que não é bem visto devido a sua conduta amorosa, além da *prostituta polonesa*, que é bem aceita como francesa, independentemente de ser prostituta, como veremos.

Deste modo, podemos dizer que esta distinção não é “natural”, espontânea, mas é operacional e pode ser verificada no modo como estas categorias aparecem diferentemente na literatura brasileira em função de sua inserção sócio-político-econômica. Os estrangeiros vêm ao Brasil principalmente entre 1850 e 1910, com a abertura ao capital internacional, dado o surto desenvolvimentista infraestrutural, com aplicações nos transportes, comunicações, aparelhamento urbano, e uma grande demanda de pessoal qualificado que não existia no país. Por isso, promove-se a vinda de estrangeiros, que configurarão um padrão de referência, dada a superioridade da formação que os distingue. Assim, eles merecerão um tratamento literário distinto daquele que receberá o imigrante. Veja-se, por exemplo, no próprio romance *Suor*, o *Seu Samara*, é um estrangeiro árabe, o qual, possuindo recursos, comprou o prédio 68 e o usa para ganhar dinheiro através dos aluguéis. Já os imigrantes serão sempre apresentados como instrumentos desumanizados, ao mesmo tempo reduzidos a braço-de-trabalho e semeadores do embranquecimento da população brasileira, o qual foi buscado conscientemente pelos governos da época, para contrabalançar o “escurecimento”, e conseqüentemente “deterioração da raça”, contribuindo para apagar as marcas de sua origem. (WALDMAN, 2003, pp. 169-170)

Sobre esta política imigratória e a ideologia que estava em sua base, vemos como eram marcantes na década de 30:

Na década de 1930, a política imigratória baseava-se nas idéias dos governantes e intelectuais do regime quanto à questão racial no Brasil. Entre estes, persistiam idéias antigas como a admissão da existência de raças superiores e inferiores, às quais eram atribuídas manifestações que decorrem de fatores sociais; a afirmação da inferioridade do mestiço e a certeza da influência negativa da presença do “sangue negro” em todas as civilizações. Considerava-se que o “problema racial” no Brasil resolver-se-ia com a imigração de população européia, que faria com que a população brasileira, ao longo de algumas décadas, se tornasse completamente branca. (GATTAZ, 2012, p. 88)

Já com a Constituição de 1934, foi implantado o regime de cotas de imigração, o que acabou “privilegiando os grupos que já se encontravam em maior número no Brasil (isto é: portugueses, italianos, espanhóis e alemães). Apesar de não se proibir expressamente a entrada de asiáticos ou africanos, leis complementares dificultavam tais imigrantes de obter vistos para o Brasil ” (GATTAZ, 2012, p. 88).

Ainda sobre a distinção entre estrangeiros e imigrantes e a condição social que Abdelmalek Sayad escreve, podemos citar e refletir sobre o ensaio que Egídio Nascimento faz, analisando este autor, entre outros:

É muito pertinente esclarecer nesse momento, o que diferencia o *estrangeiro* do *imigrante*, isso de acordo com a análise que Sayad faz no ensaio "Imigração e Convenções Internacionais", pois:

"Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto permanecer no país, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. **Se "estrangeiro" é a definição jurídica de um estatuto, "imigrante" é antes de tudo uma condição social.** Se todos os imigrantes, no sentido pleno do termo, são necessariamente estrangeiros (...) muitos estrangeiros que moram e trabalham na França não são contudo imigrantes; (...)"[8]⁶⁴

Revela-se, embora não diretamente, uma diferença entre *ser estrangeiro* e *ser imigrante* num dado plano nacional, uma diferença que é condicionada não por um estatuto jurídico (pois ambos, sob esse aspecto, são estrangeiros ou não-nacionais), mas por uma *condição social*. O estrangeiro, como Sayad irá expor no mesmo ensaio, por mais que trabalhe e viva num dado plano nacional, não será considerado imigrante, pois sua origem constitui-se em um valor sobre o qual a imagem dele se espelhará. Trocando em miúdos: o estrangeiro é considerado como tal (e não como imigrante) desde que seu país de origem seja um país rico ou poderoso politicamente; por outro lado, o imigrante será sempre imigrante se, além de trabalhar e viver num dado plano nacional, vier a esse plano nacional de um país tanto pobre quanto fraco politicamente (periférico).⁶⁵

No caso dos judeus, a questão da origem (pátria) tem peso menor, pois eles se dispersaram por diferentes países, muitos adotando o país, a cultura e o idioma do local em que se encontravam, no processo de assimilação, como apontaremos com a personagem Isaac. Assim, não podemos distingui-los simplesmente como estrangeiros ou imigrantes devido ao país de origem. Além disto, eles não foram usados como os espanhóis e italianos, com a ideia de contrabalancear o “escurecimento” e a “degeneração da raça”, no país, como exposto. Por estas singularidades, adotamos o parâmetro *judeu* e outros *não-nacionais* (imigrantes e estrangeiros).

⁶⁴ SAYAD, 1998, s.p. , apud NASCIMENTO, 2014, s.p.

⁶⁵ NASCIMENTO, Egídio. **Representações transitivas:** observações relativas às possibilidades representacionais dos sujeitos da migração em *Marco Zero*, de Oswald de Andrade. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/egidio.html>>. Acesso: Abril de 2014.

Eles chegam ao país no início da colonização portuguesa, chamados de *marranos* em Portugal, lembrando que não importava à Colônia a origem dos estrangeiros que chegavam de outros locais, mas sim se confessavam a fé católica, conforme abordaremos adiante. Também serão inseridos nas colônias agrícolas, como do Rio Grande do Sul, no início do século XX, e, posteriormente, atuarão como mascates:

O trabalho na terra era considerado o mais importante e os imigrantes eram bem vindos desde que fossem agricultores que ajudassem a tornar reais as potencialidades agrícolas de que o Brasil se julgava portador.

Posteriormente começa a surgir, além das imigrações internas dos primeiros colonos que partiam rumo às cidades mais importantes, um fluxo menos sistemático de imigração, porém mais caudaloso, de mesma origem para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, considerando os de vida econômica mais importante. A inserção econômica típica dos imigrantes recém-chegados da Europa oriental foi na atividade de comércio prestamista a domicílio, cujos atores eram chamados em português de mascates e, no patuá iídiche-brasileiro, de *clientelchiks*. Essa ocupação era exercida tanto nas zonas urbanas recentes, ainda pouco servidas, seguindo o exemplo imediatamente anterior e de certa forma ocupando o vácuo deixado pela imigração síria e libanesa que já se instalava em pontos fixos de comércio e indústria ligeira. [...] Os produtos oferecidos pelos prestamistas permitiam aos moradores das fazendas uma escolha mais ampla do que o tradicional “barracão”, a tenda de comércio estabelecida pelos donos das fazendas para satisfazer as necessidades de seus empregados e agregados.⁶⁶

Ainda de acordo com Grün:

Um ponto fundamental separa a experiência judaica brasileira da de seus predecessores. Diferentemente dos sírios e libaneses, a tendência geral dos judeus foi o reagrupamento da colônia em comunidades numericamente consistentes nas grandes cidades - principalmente São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Uma primeira explicação para essa diferença pode ser encontrada na dimensão do contingente judaico no Brasil, estimado em 10% do seu congênere médio oriental. O constrangimento numérico tornaria a vida comunitária impossível se o grupo estivesse disperso por muitas localidades.⁶⁷

E de acordo com alguns relatos dos imigrantes judeus que se estabeleceram no Oeste Paulista entre o início do século XX e os anos 1950, eles “afirmam sem exceção que a mudança para a cidade de São Paulo era uma necessidade imperiosa, devido ao compromisso, para eles evidente, de educar e casar os filhos na rede comunitária”, pensamento que perpetua na história do povo judaico, sobre não haver mistura de casamentos com os não-judeus.⁶⁸

Neste caso da colonização, em concordância com o professor Capela, os judeus poderiam ser caracterizados como colonos.

⁶⁶ GRÜN, Roberto. **Construindo um lugar ao sol**: os judeus no Brasil. In: Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina. Bóris Fausto (org.) 2ª ed., São Paulo: Edusp, 2000. pp. 359-360.

⁶⁷ Ibid., p. 360

⁶⁸ Ibid., p. 360

Veremos na análise da personagem Isaac como os judeus do período se relacionavam com o nacional, se podiam ser vistos simplesmente como o “não-nacional” ou até “imigrantes” e “estrangeiros”, conforme a distinção feita nesta dissertação.

2.2. Fluxos imigratórios

Como esta pesquisa refere-se a autor vinculado ao Modernismo, Jorge Amado, e como o grande fluxo imigratório ao Brasil data de fins do século XIX e início do século XX, é de se esperar que a presença de imigrantes seja mais marcante, conforme registros através das pesquisas e do contato com os textos analisados.

Neste breve panorama, destacamos os fluxos imigratórios de judeus e espanhóis devido à presença marcante destes no romance *Suor*, através das personagens Isaac e o “sapateiro espanhol”, porém também contemplamos um estudo sobre árabes, italianos, portugueses, poloneses, entre outros, no decorrer das análises e apresentações dos romances em pauta, a fim de fazermos um contraponto com a figura judaica.

Por fim, podemos pensar que este fluxo imigratório ao Brasil é marcado por dificuldades ou facilidades, dependendo do momento histórico e ideais da elite e governo da época, como por exemplo, no caso dos sírios e libaneses:

Enquadrados nos grupos *asiático* ou *semita* pelos formuladores de políticas imigratórias, os sírios e libaneses não se encontravam entre aqueles que tinham a imigração facilitada. Por outro lado, esta imigração tampouco veio a sofrer sérias restrições de ordem teórica ou prática como as que sofreram as imigrações leste-asiáticas (especialmente chinesa), africanas e judaicas ao longo do século – segundo os formuladores de políticas imigratórias, estes grupos em geral eram considerados “inassimiláveis” devido à sua extrema distância cultural, lingüística e biológica.

Segundo o conceito de *raça* de que dispunha a elite brasileira durante grande parte do século XX – embasado teoricamente no racismo científico, porém *amaciado* (ou *abrasileirado*) pela experiência concreta da relação inter-étnica – os libaneses encontravam-se no meio do espectro que ia do ariano ao negro (ou lesteasiático). (GATTAZ, 2012, p. 90)

2.1. Fluxos imigratórios de judeus e espanhóis

a) Judeus

No caso dos judeus, pensando em toda a história da imigração, podemos dividi-la em quatro marcos distintos, sendo que devido ao foco da pesquisa, traçamos somente um panorama geral, destacando mais a Bahia e o período de 1920 a 1945:

- 1) a presença de cristãos-novos e a ação da Inquisição durante o período em que o Brasil foi colônia de Portugal (1500-1822);
- 2) a formação de uma comunidade judaica em Recife, Pernambuco, Nordeste do Brasil, no século 17, durante o período de invasão e domínio holandês, que propiciou liberdade religiosa para os judeus;
- 3) o período moderno (1822-1889), no qual houve uma abertura para a aceitação de outras religiões e começou uma esparsa imigração em várias cidades. A primeira comunidade judaica no período moderno formou-se em Belém. Outra, posteriormente, no Rio de Janeiro;

4) o período contemporâneo (em 1889, o Brasil adotou uma Constituição que garantia a liberdade de religião), quando se formaram comunidades em colônias agrícolas no Rio Grande do Sul (principalmente a partir da primeira década do século 20), e comunidades organizadas em algumas das principais cidades do Brasil (a partir da Primeira Guerra Mundial). (CYTRYNOWICZ, s.d.)

Em 1904, no Rio Grande do Sul, chegaram os primeiros imigrantes à Colônia de Philippon, próxima a Santa Maria, primeira colônia judaica instalada organizadamente no país (uma leva de aproximadamente 37 famílias, principalmente da Bessarábia, região Russa banhada pelo Mar Negro). A colônia recebeu este nome em homenagem a Franz Philippon, então vice-diretor da JCA (Jewish Colonization Association), a qual deu o incentivo à imigração judaica no Rio Grande do Sul. A história da JCA remonta ao Barão Maurice Hirsch e sua esposa, a Baronesa Clara de Bichoffsh, quando ambos resolveram dedicar uma *mitsvá*, uma obra filantrópica, à perda do filho, sendo esta obra traduzida em verbas a serem usadas na construção de escolas profissionalizantes e agrícolas na Rússia. Como o Czar não aceitou, o Barão não desistiu do projeto de beneficiar de alguma forma a comunidade judaica e fundou em 24 de Agosto de 1891 a JCA, que tinha como meta facilitar a vida de imigrantes judeus tanto no continente americano como em outros lugares. (SILVA, A. 2012, pp. 55-56)

Na Bahia, região em que se passam as narrativas dos romances analisados, podemos destacar 1912 como ano de chegada dos primeiros imigrantes, de acordo com a historiadora Largman, cuja informação parte de “um anúncio da joalheria de Jacob Grunfeld, talvez um dos primeiros”, o que “confirma a crônica oral, e a informação da Enciclopédia Judaica”, que assinala este como “o ano da chegada dos primeiros imigrantes, estimando em vinte, as famílias residentes em 1914, ano em que se organiza a primeira entidade, a Tiferet Sion, de caráter cultural” (LARGMAN, 2002, p. 2).

Ainda de acordo com Largman, “um antigo imigrante, que chegou a Salvador em 1914, conta que já encontrou judeus, além dos polacos (ligados ao meretrício estrangeiro), com os quais não se misturavam e, por isso, a população os chamava de russos”. Ela destaca também que em “1916, no jornal O Democrata, encontramos divulgação de três negociantes, no ramo de mobiliários e quadros. Nessa mesma época, ambulantes começaram a percorrer os bairros mais afastados de Salvador e eram confundidos com os árabes e turcos que migraram em maior número”. Ainda nos fornece um panorama através do Instituto Nacional de Estatística: “Salvador possuía em 1917 duzentos e setenta e um mil e quatrocentos habitantes. Levine estima que, em 1917, havia no Brasil em torno de sete mil judeus”. Também temos mais alguns números do período de 1912 a 1945:

Após o término da Primeira Grande Guerra a imigração se intensifica. A carência de cifras não impede de examinar, à luz de relatos, entrevistas, depoimentos e pesquisa em jornais, como começou a pulsar essa pequena comunidade. Através de levantamento nominal, chegamos a um número estimado de famílias judias que residiram no Estado da Bahia, entre 1912 e 1945: ashquenazitas: 315, sefarditas 24. O maior número concentrava-se em Salvador; os judeus do interior estavam dispersos em vários municípios: Ilhéus, Itabuna, Cahoeira, Juazeiro, Feira de Santana, Bonfim e Alagoinhas eram os principais. (LARGMAN, 2002, p. 2)

Verificamos um maior número de “ashkenazistas” (termo do hebraico *Ashkenaz* - אֲשְׁכְנָזִי - para designar a Alemanha), uma vez que são os judeus da Europa Central e Europa Oriental. Quanto aos “sefarditas” (termo do hebraico *Sefarad* - סְפָרַד - para designar a Península Ibérica), eram os judeus da Espanha e Portugal, mas após expulsões, Inquisição e perseguições (especialmente de 1478 a 1834), muitos foram para a África e outros milhares para o Novo Mundo, contando Brasil e México, onde ficaram conhecidos como “marranos”, como veremos na apresentação que Gilberto Freyre faz em “*Casa Grande e Senzala*”, mostrando que os marranos eram uma “minoría imperecível” que não incomodava” o país no início da colonização.

Interessante destacar mais alguns dados que Largman aponta da Bahia:

No semanário *Dos idishe vochenblat* (03/02/26), o sr. L.Cenker relata uma assembléia para discutir compra de terreno destinado ao cemitério comunal, pois a colônia contava com quinhentas pessoas. Em novembro de 1929, o *Diário de Notícias* comenta a visita do sr. J. A. Ettinger, dirigente do Jewish National Fund, que informava: “As colônias maiores são do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Pernambuco tem trezentas famílias e aqui temos umas cento e vinte”. É necessário notar, contudo, que a mobilidade dessa comunidade é permanente, fazendo com que sua população tenha dados extremamente flutuantes. Em 1921, o sr. Leão Bloch já se despedia pela imprensa, indo para o sul.

O censo de 01/09/1940, realizado pelo I.B.G.E., oferece-nos dados oficiais: observamos a presença de judeus no Estado da Bahia, em 39 (trinta e nove) municípios, num total de 956 (novecentos e cinquenta e seis) pessoas.⁶⁹ Havia uma forte concentração urbana, sobretudo na capital Salvador, seguida de Ilhéus e Itabuna. Como comparação temos 1920 judeus no Rio de Janeiro e 19.743 no antigo Distrito Federal.⁶⁹

Por último, Largman lembra que “a vida para muitos judeus na Europa, após a Primeira Guerra tornou-se incompatível com suas perspectivas de vida e ideários humanos”, por isso, “pressionados econômica, política e moralmente, desnacionalizados, sem perspectivas, puseram-se a abandonar o velho continente”. Entretanto, a maioria que já procurava emigrar para os Estados Unidos encontrou dificuldades por lá, com “a lei de 1921 que fixou o número de imigrantes em 3% de cada nacionalidade que habitava em 1910”. Assim, restava no Novo Mundo, o Canadá, Argentina e o remoto Brasil, onde “vigoravam, a partir da Lei de Imigração

⁶⁹ Nota: Largman credita os dados do censo de 1940 ao IBGE, Como segue: ¹¹CENSO DEMOGRÁFICO - I.B.G.E. - Recenseamento Geral do Brasil - 1º/09/1940 Pg.66.

de 1919, os tipos de visto de estada permanente, o que possibilitava uma ocupação e subsistência em pouco tempo. ” (LARGMAN, 2002, p. 1)

Voltando às informações do historiador Cytrynowicz, desde o final do século XIX, especialmente após a abolição da escravatura em 1888, o Brasil tornou-se um “país de imigrantes”, em um ambiente de tolerância religiosa, intensa permeabilidade social e cultural e oportunidades de ascensão econômica, que não foi bloqueada por manifestações de preconceito e racismo. Desde os anos 1880 e até os anos 1940, o Brasil recebeu cerca de quatro milhões de imigrantes (dos quais 65 mil judeus, até 1942). (CYTRYNOWICZ, s.d.)

Lembrando, mais uma vez, que o Brasil destacou-se como país de acolhida após a Primeira Guerra Mundial e, principalmente, após a ascensão do nazismo alemão, momentos históricos que propiciaram a perseguição, expulsão e fuga da população judaica dos seus países de moradia.

A imigração judaica nos anos 1920 e 1930 (principal período analisado para a pesquisa em pauta), tornou-se foco de atenção entre membros do governo e intelectuais brasileiros, pois os judeus tornaram-se “mais visíveis”, segundo a expressão do historiador Jeffrey H. Lesser , ou tendo “visibilidade em excesso” (*surplus visibility*) , segundo o termo utilizado por Daphene Patai. Vivendo em “alguns poucos núcleos urbanos e com uma atividade econômica, social e cultural pública”, os judeus tornaram-se visíveis devido ao número da população:

Não apenas os imigrantes da Europa Oriental incharam a população judia de São Paulo de por volta de 15 mil em 1920 para talvez cinco vezes este número apenas duas décadas depois, mas também muitos imigrantes e refugiados judeus ascenderam na escala econômica nas cidades brasileiras. No meio acadêmico, nos escritórios editoriais e salões do governo reclamações ecoavam. Os judeus eram ao mesmo tempo capitalistas avaros e comunistas malignos. Só viviam nas cidades e nunca poderiam ser fazendeiros. Eram criminosos. Além disto, eles eram muito bem sucedidos. Para os judeus e muitos outros imigrantes, o Brasil era o “país do futuro”, e para a ditadura de Vargas os judeus eram tão economicamente desejáveis quanto eram politicamente inconvenientes. (LESSER, 2007, p. 277)

Se de 1930 a 1937 os estereótipos judeus atuaram em prejuízo aos imigrantes e refugiados judeus, em 1938, segundo Lesser, isto começou a mudar devido a nomeação do embaixador brasileiro Oswaldo Aranha, ao cargo de ministro das Relações Exteriores, o qual, ainda conforme Lesser, não era antissemita, mas “tinha muitas das ideias preconcebidas antijudaicas que possuíam outros políticos nas Américas e em outras partes do mundo”, no entanto, em sua visão, “os judeus eram ricos, hábeis e influentes, sendo então, úteis ao desenvolvimento econômico do Brasil. Além disto, Aranha reconhecia que a resolução da questão judaica no Brasil teria impacto nas relações com os Estados Unidos, um país que ele

admirava bastante”. Ainda, de acordo com as cartas dele e do Itamaraty analisadas no período, Lesser também informa que Aranha, em 1938, já como embaixador dos Estados Unidos, “estava preocupado que a interdição à entrada de judeus teria que evitar provocar “a imensa e poderosa colônia judaica”. A noção de influência mundial dos judeus tinha um importante papel na tentativa de Aranha em apresentar internacionalmente o Brasil sob uma luz mais liberal ” (LESSER, 2007, p. 278- 279).

No entanto, os vistos eram específicos, ou seja, não atendia a toda demanda, especialmente aos refugiados e milhares morriam nos campos de concentração. De acordo com a historiadora Tucci Carneiro, em 1938, Oswaldo Aranha supervisionou o texto final da legislação que regulamentava a entrada de imigrantes semitas pelo Conselho de Imigração e Colonização, considerando-o como “ótimo, nada tendo a se opor ” (CARNEIRO, 1988, p. 270). Em 1939, “novas instruções” foram dadas por ele “relativas ao visto consular em passaportes de semitas, colocando em prática as decisões do Conselho de Imigração e Colonização. Os vistos só poderiam ser concedidos nos seguintes casos ” :

- 1) aos portadores de licença de retorno, em plena validade (6 meses)
 - 2) aos turistas e representantes de comércio;
 - 3) até 31.12.1938, as cônjuges ou parentes consanguíneos, em linha direta até o 2º grau, do estrangeiro que estivesse residindo legalmente em território nacional;
 - 4) aos cientistas e artistas de reconhecido valor internacional;
 - 5) aos técnicos requisitados oficialmente pelos governos de estados, para fins exclusivamente de interesse público;
 - 6) para capitalistas e industriais, com a transferência de no mínimo 500:000\$000 (quinhentos contos de réis), por intermédio do Banco do Brasil.
- [...]

Assim, foi durante a gestão de Oswaldo Aranha no Ministério das Relações Exteriores que presenciamos a fase de maior restrição à entrada de judeus no Brasil, sustentada pela emissão da Circular Secreta nº 1.249, seguida de várias outras, que fecharam cada vez mais as barreiras impostas. Enquanto Oswaldo Aranha preocupava-se em não comprometer os laços de solidariedade “ideológica”, “comercial”, do Brasil com os EUA, milhares de judeus, desesperados, aglomeravam-se às portas de nossas embaixadas e consulados em busca do “visto capitalista ” ou do “visto da salvação ” (CARNEIRO, 1988, p. 270).

Ainda de acordo com Carneiro, em seu relato *Oswaldo Aranha: as duas faces do mito*, podemos constatar que em vários momentos o seu discurso com relação aos judeus era um e a atitude era outra, sendo contraditório, como em assinaturas e pedidos de vistos negados; porém para muitos judeus, e biógrafos, ele era visto como “o semeador de esperanças”, até devido a depoimentos de judeus que ingressaram no país através de sua ajuda. Mediante toda a documentação consultada e analisada, Carneiro informa que “foi descoberto um outro lado, ainda desconhecido, do seu perfil de político e diplomata ”:

Oswaldo Aranha não abraçou por princípios ideológicos e humanitários a causa dos judeus, faceta que seus biógrafos tentam reconstruir, mantendo vivo um mito e acobertando uma das páginas mais negras da nossa História e do governo Vargas.

O fato de Oswaldo Aranha ter auxiliado várias famílias israelitas a ingressarem no Brasil não diminui a sua responsabilidade e do Itamarati frente a tantos outros casos que culminaram com a morte de inúmeros judeus em campos de concentração, nas câmaras de gás ou que, se antecipando aos nazistas, praticaram suicídio.

O seu posicionamento contrário aos judeus é bastante explícito em toda documentação consultada e até aqui inédita. Se naquele momento não a tornou pública, foi porque ela configurava o seu perfil de político a serviço do Estado Novo; e ele tinha uma imagem a preservar: a de ministro e diplomata que sempre atuara a favor dos EUA, país onde gozava de confiança e admiração, alcançando através desses laços de amizade, brilho internacional. (CARNEIRO, 1988, p. 294)

E, saltando na história, em 1947, Aranha presidiu a reunião da Assembleia Geral da ONU:

O diplomata brasileiro Oswaldo Aranha presidiu, em 1947, a reunião da Assembléia Geral da ONU que votou a Partilha da Palestina e engendrou a criação do Estado de Israel, em 1948. O Brasil reconheceu Israel em 1949 e abriu uma embaixada em Tel Aviv em 1952. No período 1956–57, cerca de 2.500 judeus do Egito, mil do Norte da África (principalmente Marrocos) e alguns milhares de judeus da Hungria entraram no Brasil. Importantes organizações foram também fundadas no pós-guerra nas principais capitais e a vida institucional judaica se desenvolveu plenamente. (CYTRYNOWICZ, s.d.)

Votando a favor da criação do Estado de Israel, Oswaldo Aranha “atendia não só aos interesses americanos como também agia de acordo com seus princípios, oferecendo uma opção aos judeus refugiados da guerra: uma alternativa fora do Brasil ” (CARNEIRO, 1988, p. 295).

b) Espanhois

Por último, cabe também uma observação sobre a imigração espanhola, visto que o romance *Suor* contém personagens espanholas, sendo duas relevantes e bem distintas: o *Fernandez*, comerciante, e *Severino*, o “sapateiro espanhol”, anarquista.

De acordo com o que já foi exposto sobre a imigração em massa, o Brasil foi um dos países de acolhida. “Algumas estatísticas correspondentes aos anos de 1880 e 1970, mostram que chegaram a esse país, aproximadamente 700 mil emigrantes espanhóis”, sendo que o Brasil “ocupou o terceiro lugar de destino escolhido pelos espanhóis na América Latina, unicamente atrás da Argentina e de Cuba. Considera-se que, pelo menos, 70% desses imigrantes são de origem galega ” (SILVA, E. 2012, p. 214).

Dos milhares de emigrantes que desembarcaram nos portos de São Paulo e Rio, principalmente, os grupos “mais importantes numericamente são os portugueses, italianos e os espanhóis, e dentro do contingente espanhol, a Galiza ocupa lugar de destaque”. Ainda de acordo com a historiadora Érica Sarmiento da Silva, verificamos que a emigração

subvencionada coincidiu com a chegada dos imigrantes espontâneos, ou seja, os que não dependiam do governo para subvencionar as passagens, como por exemplo, os pequenos proprietários de terra que fugiam dos campos e através das vendas de suas propriedades conseguiam recursos para emigrar. Também podemos verificar através da tabela abaixo, referente aos anos de chegada dos espanhóis ao Brasil, que a maioria se refere ao final do século XIX, início do século XX, sendo os maiores registros no período de 1904 a 1913, auge da plantação de café, reduzindo-se bastante no período que envolve a queda do produto, a crise de 1929, a ditadura de Getúlio Vargas e a Segunda Guerra:

ANO DE CHEGADA	NÚMERO DE ESPANHÓIS
1884-1893	103.116
1894-1903	102.142
1904-1913	224.672
1914-1923	94.779
1924-1933	52.405
1934-1939	4.604
TOTAL	581.718

Fonte: Revista de Imigração e Colonização, Ano V, n. 3, setembro de 1944.⁷⁰

Como a narrativa do romance *Suor* se passa de 1928 a 1934, ressaltamos a imigração desta época, deixando os demais períodos a serem destacados na análise do romance *Tenda dos Milagres* (1969), o qual se passa também no início do século XX, mas publicado em outro momento histórico da vida do autor e da história da imigração estrangeira e judaica.

Segundo o próprio Jorge Amado, “Tenda dos Milagres é uma reflexão sobre a formação da nacionalidade brasileira, que mostra a importância da mistura e da luta contra o racismo no Brasil”.⁷¹

Esta mistura e luta, também sofridas e vividas pelos estrangeiros e imigrantes no Brasil, em especial pelas personagens retratadas nas obras de Jorge Amado, também são focadas neste trabalho.

⁷⁰ SILVA, Érica Sarmiento da. **Da aldeia às cidades**: um breve recorrido de uma emigração ao Brasil. In: Revista UFG/Julho 2012/Ano XIII nº 12. p.216. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/julho2012/arquivos_pdf/21.pdf> Acesso: Abril de 2014.

⁷¹ FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Obras - **Tenda dos Milagres**. Disponível em <<http://www.jorgeamado.org.br>>. Acesso: 20/03/2013.

Sobre as personagens imigrantes presentes em suas obras, Jorge Amado, em entrevista a Alice Raillard, sua tradutora francesa, disse que sempre foi questionado sobre haver mais personagens árabes do que portuguesas em seus romances, por exemplo, em Portugal:

Da mesma forma me perguntavam em Portugal por que quase não há portugueses em meus livros. Há árabes. É que os portugueses não existiam na minha região como imigrantes. Havia sangue português misturado com brasileiro. Em Ilhéus o sangue português estava no sangue sergipano, aqui na Bahia no sangue dos mulatos, da gente da Bahia, do povo. Ao lado disso, havia os árabes, na Bahia e ainda mais no sul do Estado, eram imigrantes que tinham chegado mais tarde.

A Bahia foi a capital do Brasil, uma cidade portuguesa. Os portugueses iam para lá até uma certa época, depois isso deixou de acontecer, os portugueses chegavam às centenas de milhares para o Rio e São Paulo. Mas não para a Bahia; na Bahia houve uma imigração galega, uma grande colônia de galegos. Há na Bahia mil e poucos portugueses, todos ricos – ricos não digo, mas “trabalhadores”, são pessoas com comodidades. (RAILLARD, 1990, p. 197)

E ainda nesta fala, ele discorre sobre os árabes e judeus, onde podemos constatar alguns dados do artigo da historiadora Largman, exposto neste capítulo:

Criticam-me porque não há portugueses, só árabes, mas esta foi a realidade que vivi. Os que conheci eram árabes. Era uma situação bastante curiosa, pois eu sempre digo que a palavra “judeu” no sentido de raça, de casta, só a entendi em 33, com a tomada do poder por Hitler na Alemanha. Antes disso jamais: “judeu” tinha uma conotação puramente religiosa. Em Ilhéus, por exemplo, havia dois judeus importantes. Eu nunca soube que eram judeus, só o soube depois de adulto. Um deles era nosso vizinho, Seu Alberto, um judeu sefardita que viera de algum país do Oriente, de um país em que a presença francesa era muito forte; quando chegou, ele só falava francês, e para nós ele era o “francês”. Também havia Simão, que foi meu amigo até sua morte, alguns anos atrás, e muito amigo de meu pai; era judeu de origem russa, e para nós era “o russo”. (RAILLARD, 1990, p. 197)

CAPÍTULO III

3.1. *Suor*

Mas a poesia esperava o Sr. Jorge Amado atrás da esquina de seus cortiços.
(Antônio Cândido. Brigada Ligeira e outros escritos)

O romance *Suor* (1934), que compõe a enorme produção de Jorge Amado, faz parte da trilogia *O país do carnaval*, *Cacau* e *Suor*, publicada em 1934, um dos primeiros livros do autor Jorge Amado, e apresenta um retrato da Bahia na década de 20 e início da seguinte.

O livro chegou a ser queimado em praça pública em 1937, durante o Estado Novo, governo de Getúlio Vargas, visto que a obra aborda o comunismo e o socialismo, posições políticas combatidas no período, mas que compunham o momento histórico da vida do autor, o que se reflete em suas obras:

A criação do romance teve origem na vivência do próprio autor, que, em 1928, com dezesseis anos de idade, residiu num cômodo de um dos sobrados coloniais do Largo do Pelourinho, Salvador, Bahia. Terminado de escrever em março de 1934, no Rio de Janeiro, o romance teve sua 1ª edição pela Ariel Editora, Rio de Janeiro, em agosto de 1934, com 211 páginas e capa de Santa Rosa.⁷²

A formação e ideais políticos do autor, refletidos na narrativa, não agradavam ao governo. Tanto o autor, como seus vínculos com o comunismo e o socialismo, assim como os anarquistas, eram combatidos neste período, além dos judeus, retratado pela personagem judia em sua obra:

Cumprе lembrar que tanto para o integralismo como para a Igreja, o *comunismo*, o *judaísmo*, a *maçonaria* e o *liberalismo* eram tidos como inimigos e como um perigo a ser eliminado. E o governo Vargas endossou e assumiu essa mesma posição.

Paralelamente, a imprensa encarregou-se de divulgar imagens da Guerra Civil Espanhola, trazendo até o leitor fotografias de crianças mortas, corpos dilacerados, cenas de miséria e fome. Os comunistas eram apresentados como uma grande ameaça à paz social e os anarquistas como “terroristas”, responsáveis pelas explosões de bombas e caos social. (CARNEIRO, 1988, p. 115)

A citação acima, sobre a imprensa, explica a atitude de raiva do “sapateiro espanhol”, um dos personagens anarquistas do romance, ao depredar a tela do cinema em que este tipo de cena era divulgada, conforme será exposto no capítulo sobre esta personagem.

⁷² FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Apresentação do livro Suor**. Disponível em <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148&lang=pt&obra=794&start=4#obra>. Acesso: 20/03/2013.

Conforme já visto no panorama histórico, o Estado Novo contou com a ajuda dos integralistas no combate ao comunismo e judaísmo, pois seu discurso continha ideias e mitos favoráveis à política varguista que podiam justificar o golpe de estado e a instauração do Estado Novo (1937-1945). Um dos exemplos é Gustavo Barroso, por meio de seu discurso, sua doutrina e seus livros.

Vimos que um dos alvos que ele combatia era “todos os parasitas da Nação”, claramente se referindo ao judeu. A figura do judeu parasita não era novidade neste período, pois o mesmo era alvo do estereótipo desde a Idade Média (durante esse período “acreditava-se, inclusive que o judeu não era ser humano. Atribuíam-lhe particularidades anatômicas extravagantes, descrevendo-o como possuidor de cauda, chifres e outras anomalias”). O fato é que os estereótipos clássicos (parasita, inassimilável, inútil, desintegrante da unidade étnica e religiosa) serviram de apoio às “justificativas apresentadas pelo governo Vargas e pelas autoridades diplomáticas no sentido de excluir o judeu da vida nacional brasileira” (CARNEIRO, 1988, pp. 421-422).

Ainda de acordo com Carneiro, a imagem negativa do judeu foi retomada e reavivada no Brasil na década de 30, servindo aos interesses das elites que manipulavam as esferas do poder durante o Estado Novo e:

Redefinem-se os conceitos adequando-os à realidade contemporânea. Os judeus passaram a ser definidos como “*estrangeiros parasitários*”, quiçá perigosos à ordem pública”, “*elemento suspeito e perigoso*”, “*elementos indesejáveis e parasitários*” que não se adaptam a nenhum trabalho produtivo. (CARNEIRO, 1988, p. 425).

Pela propaganda de Gustavo Barroso ainda há a figura da serpente (*Protocolos dos Sábios de Sião*) e do urubu (banqueiros) relacionadas ao judeu.

Esses dados dão suporte para o fato de que, durante o Estado Novo, a entrada do judeu no Brasil não era bem vinda; não só ele como dos demais estrangeiros e imigrantes que poderiam ter sua entrada facilitada ou dificultada conforme a política, os ideais e a necessidade da mão-de-obra, que visavam ao “embranquecimento” ou à “limpeza” dependendo de cada período.

A situação da imigração judaica no Brasil só começou a mudar após a nomeação de Oswaldo Aranha, já como embaixador dos Estados Unidos, em 1938, como analisamos. “A noção de influência mundial dos judeus tinha um importante papel na tentativa de Aranha em apresentar internacionalmente o Brasil sob uma luz mais liberal ” (LESSER, 1995, p. 278-279). Lesser também destaca que:

para convencer os líderes brasileiros de que alguns judeus eram imigrantes aceitáveis, foi crítica a influência formal e informal dos Estados Unidos. Velhos estereótipos tomaram novos significado quando diplomatas americanos astuciosamente exageraram a importância dos judeus nas esferas políticas, econômicas e jornalísticas dos Estados Unidos. (LESSER, 1995, p. 281)

Sobre Jorge Amado, com relação ao judaísmo e ao comunismo, além do que já foi exposto, lembramos que no período da composição do romance *Suor*, suas convicções e aspirações políticas como militante comunista não só serviram de inspiração para a composição das personagens e do enredo, como timbraram na década de 30 a produção do *romance proletário*, o qual deveria ter “ficção com força de documento” denunciando a existência de segmentos sofredores da população. Além disso, a própria sensibilidade do autor com relação aos oprimidos é refletida também em seu modo de ver a questão judaica, nosso objeto de estudo, tanto no antissemitismo do período da Era Vargas, daí um enfoque do judeu comunista retratado por Isaac, quanto na perseguição e genocídio advindos da Segunda Guerra, como veremos em *Tenda dos Milagres*, onde Amado já estava afastado da militância e do PCB, mas não de seu caráter humanitário frente aos oprimidos. Podemos citar seu posicionamento, inclusive, em um dos poucos poemas que publicou: *Canção da Judia de Varsóvia*, o qual, conforme Muraca, “levanta questões ainda presentes na atualidade: o antissemitismo, a perseguição a minorias, a violência contra mulheres”, e, ainda demonstra a sensibilidade e habilidade política de Amado:

Além da sensibilização à questão judaica – o que converge para seu ideal libertário e humanista em contraste à opressão que as relações de poder perpetram a minorias em geral – Jorge Amado aproveita a temática, no plano político-ideológico, para reforçar a propaganda comunista/stalinista, que julgava democrática e redentora dos espoliados, em detrimento do ideal fascista disseminado no mundo na época, inclusive no Brasil. (MURACA, 2011, p. 1)

Retomaremos este conteúdo e o poema ao analisarmos a prostituta polonesa de *Suor* na apresentação das personagens, como segue.

3.2. Enredo, personagens e espaço da narrativa

O romance⁷³ registra a presença de estrangeiros, imigrantes e nacionais, o que faz do local uma espécie de microcosmos.

Podemos dizer que a narrativa se passa entre 1928 e 1934, no Pelourinho, Salvador-BA, no prédio apelidado de 68, o número da casa, o qual:

Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandez na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo. (p. 3)

⁷³ NOTA: Todas as citações do romance são da 27ª edição: **Suor** (Obras ilustradas de Jorge Amado), 27 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d. Indicaremos somente o número da página em cada excerto apresentado ou analisado. Foram mantidas a ortografia e acentuação originais da edição.

O local nos remete ao tema da opressão, visto que mais de 30 famílias disputam o espaço, inclusive o único sanitário, de uso público. O título *Suor* é uma alusão ao suor causado não só pelo calor, mas também pelo amontoado de pessoas num mesmo local, sem privacidade, sem espaço e liberdade.

O que se destaca nesse romance é o registro narrativo da presença estrangeira, entre elas a judaica, como fatia participante dos movimentos comunistas e anarquistas presentes na sociedade brasileira da época, por exemplo, o judeu Isaac neste episódio:

A polícia deu uma batida no 68. O delegado disse a *seu* Samara que desconfiava que funcionasse no prédio uma célula de um partido extremista. *Seu* Samara subiu às nuvens. Aquilo era uma pilhéria de mau gosto...

Os dos dentes de fora, o Vermelho, Isaac e vários outros que nada tinham a ver com o caso pararam na cadeia. O negro Henrique só escapou porque na hora da batida amava liricamente uma negrinha nos areais do cais do pôrto.

No quarto do judeu foram encontrados manifestos revolucionários e livros de Lenine. *Seu* Samara botava as mãos na cabeça, considerando o prédio desmoralizado. (p. 112)

No enredo encontramos retratado o cotidiano da vida urbana de Salvador, em um velho sobrado insalubre, assim como o trabalho, a sujeira, miséria e promiscuidade dos moradores, dentre os quais podemos destacar: trabalhadores do porto, lavadeiras, vendedores, costureiras, domésticas, donas de casa, motoristas, sapateiro; além de desempregados, prostitutas, homossexuais e o mendigo Cabaça. Uma reflexão por parte das personagens faz com que comecem a pensar que a única saída ante a exploração e a miséria seria a revolução e neste papel destacam-se as figuras do judeu Isaac e do Severino, o “sapateiro espanhol”, o qual aparece como figura do anarquista. Os moradores se unem para combater a exploração quando uma multa da vigilância sanitária seria cobrada deles e não do dono do cortiço, seu Samara, e também se unem na greve, que se torna geral, conforme será exposto na apresentação de Isaac e demais personagens relevantes.

Após o panorama do romance e conforme a pesquisa em pauta, passamos a apresentar as personagens estrangeiras, imigrantes e judias.

3.3. A caracterização das figuras judias

No romance *Suor* há apenas uma personagem judia, o *Isaac*, e assim como as referências à cultura e história relacionadas ao judaísmo em *Tenda dos Milagres*, ele está, no romance em questão, organizado de forma a caracterizar os elementos “diferentes” e, por vezes, discriminados e rejeitados.

Isaac

Mora no sobrado há seis meses, tem 60 anos, é mascate, judeu, ateu e comunista. O capítulo do romance em que a personagem é apresentada intitula-se *Gringos*, sendo ele o primeiro a ser descrito. De imediato, a cena revela sua profissão de mascate, sua opção política (revolucionário, comunista), além de mostrar o estereótipo e preconceito concernentes à figura do judeu, a serem analisados:

Deu um jeito no corpo e a mala de bugigangas caiu em cima da cama. Antes pendia dos seus ombros onde duas correias de um couro avermelhado deixavam marcas que a princípio foram sangrentas. Hoje não. Há vinte anos levava aquela vida e se admirava quando ouvia elogiar homens que sabiam cinco línguas, porque ele falava oito, desde o hebraico das orações de Jeová até o chinês das tabernas de Xangai.

Bugigangas assim ele as vendera na Polônia há muitos anos. Fôra preso como revolucionário na Rússia de antes da grande revolução. Varara a Alemanha de lado a lado, agitara os operários franceses durante a grande guerra. Vira o Japão florir e a China envelhecer, carregando sempre o seu baú cheio de pequenas coisas que faziam a alegria das senhoras e das crianças, e de folhetos que incitavam greves operárias.

Vira a Norte América também com seus patrícios sofrendores e com os seus patrícios milionários. Vendeu *xarapís* mexicanos no Rio de Janeiro. Pensou, no Nôvo Mundo, em abandonar a sua mala cansada e parar a caminhada. Arrumou os últimos folhetos num canto e fundou um pequeno negócio de bôlsas. Mas novos folhetos lhe levaram os lucros e ele, fãlido e perseguido, tomou novamente a sua mala às costas e, na terceira classe de um navio do Lloyd, chegara há um mês à Bahia, com sessenta anos, outras tantas prisões, um carregamento de sombrinhas baratas, sêdas falsificadas, bonecas e automóveis minúsculos, letras da Internacional e manifestos revolucionários.

E lá estava no quarto andar do 68 na Ladeira do Pelourinho, naquele mundo de homens de pátrias diferentes e distantes, onde só ele entendia a todos, porque só ele não tinha pátria, nem leis, nem deus. Tinha sim, um grande amor pelas criancinhas miseráveis do prédio e seu rosto miúdo, pequenino para o nariz enorme, se entristecia quando eles fugiam mal o enxergavam na escada, gritando que “lá vem o judeu” ... E riu-se (os moradores acharam o riso cínico) no dia que Cipriano, um pretinho sujo de olhos inteligentes, alarmou a frase ensinada pela mãe:

– Seu Isaac vendeu Nosso Senhor ...

Seu Isaac comprou a amizade de Cipriano por um revólver de chocolate e agora conversavam no quarto do judeu, onde tudo era provisório, desde o inquilino até o cheiro de alho. [...] (pp. 239-40)

Esta passagem também demonstra o tom de destrato, desconfiança e rejeição em relação a esse “outro”, visto que “eles fugiam mal o enxergavam na escada ”.

Embora na obra haja um enfoque na questão do preconceito e rejeição à figura do judeu, verificamos também que há uma atuação importante da personagem Isaac no papel de levar os moradores do sobrado a uma reflexão política e social a respeito da situação de miséria e exploração em que vivem, como veremos adiante.

Algumas perguntas que subjazem à pesquisa são: em que medida o estrangeiro é discriminado, por ser ele o “outro”, o diferente? Em que medida os judeus foram discriminados no Brasil, como herança do colonialismo português?

Para pensar e responder a algumas destas questões, apresentamos o estudo sobre o elemento judeu, analisando os aspectos religioso, político e social, concomitantemente à análise e apresentação da personagem Isaac, assim como da narrativa.

Aspecto religioso

Veremos como se dá a rejeição ao judeu Isaac, primeiramente como herege e posteriormente como ateu:

a) Herege

A fuga das crianças na passagem de apresentação da personagem Isaac retrata a rejeição generalizada ao judeu como sendo o traidor de Jesus Cristo, demonstrada através da fala da personagem Cipriano: “Seu Isaac vendeu Nosso Senhor”. Esta “venda” é uma referência à figura de Judas Iscariotes, o “traidor” de Jesus Cristo, vendido por trinta moedas de prata:

E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para lho entregar. E eles, ouvindo-o, folgaram, e prometeram dar-lhe dinheiro; e buscava como o entregaria em ocasião oportuna. (Mc 14:10-11)
[...]

E disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata. (Mt 26:15)
[...]

E voltou terceira vez, e disse-lhes: Dormi agora, e descansai. Basta; é chegada a hora. Eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; eis que está perto o que me trai. E logo, falando ele ainda, veio Judas, que era um dos doze, da parte dos principais dos sacerdotes, e dos escribas e dos anciãos, e com ele uma grande multidão com espadas e varapaus. Ora, o que o traía, tinha-lhes dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar, esse é; preendi-o, e levai-o com segurança. E, logo que chegou, aproximou-se dele, e disse-lhe: Rabi, Rabi. E beijou-o. E lançaram-lhe as mãos, e o prenderam. (Mc 14:41-46)
Então Judas, o que o traía, vendo que fora condenado, trouxe, arrependido, as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos. E ele, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar. (Mt 27:3-5) (ALMEIDA, 2009, pp. 1591, 1545, 1592, 1549)

A imagem preconceituosa e negativa do judeu como traidor de Cristo, figura demoníaca e herege por não professar a religião cristã foi construída com o passar dos anos: “A difusão de uma imagem negativa e preconceituosa do judeu é um fenômeno antigo e complexo que sempre esteve presente com maior ou menor grau na longa história da Diáspora. ” (KUPERMAN, STORCH, 2009, p. 695). Inúmeros artigos, pesquisas, registros em geral, abordam este assunto, mas cabe ressaltar alguns comentários como os de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, acerca da figura do judeu na História do Brasil: Freyre relata que o Brasil formou-se sem a preocupação dos colonizadores da “unidade ou pureza de raça” e que “durante quase todo o

século XVI a colônia esteve escancarada a estrangeiros, só importando às autoridades coloniais que fossem de fé ou religião católica”. Informa que Handelman notou que:

para ser admitido como colono no Brasil no século XVI, a principal exigência era professar a religião cristã: “somente cristãos” – e em Portugal isto queria dizer católicos – “podiam adquirir sesmarias”. Não havia restrição alguma no que diz respeito à nacionalidade, assim é que católicos estrangeiros podiam emigrar para o Brasil e aí estabelecer-se.... (FREYRE, 1986, p. 91)

Informa que o perigo estava no herege: “soubesse rezar o padre-nosso e ave-maria, dizer creio-em-Deus-Padre, fazer o pelo-sinal-da-Santa-Cruz – e o estranho era bem vindo no Brasil”.

E sobre os judeus (chamados *marranos* em Portugal), informa que eram uma minoria imperecível, não perturbavam a unidade nacional:

Os portugueses não trazem para o Brasil nem separatismos políticos, como os espanhóis para o seu domínio americano, nem divergências religiosas, como os ingleses e franceses para as suas colônias. Os marranos em Portugal não constituíam o mesmo elemento intransigente de diferenciação que os huguenotes na França ou os puritanos na Inglaterra; eram uma minoria imperecível em alguns dos seus característicos, economicamente odiosa, porém não agressiva nem perturbadora da unidade nacional. Ao contrário: a muitos respeitos, nenhuma minoria mais acomodaticia e suave. (FREYRE, 1986, p. 91)

Desta forma, é possível perceber que neste período, o judeu, mesmo sendo minoria e “não incomodando a ordem nacional”, se não fosse cristão-novo era discriminado, considerado herege, e por isso mesmo rejeitado e perseguido, quando não era exilado, degredado ou queimado na fogueira da Inquisição (neste caso, os cristãos-novos que judaizassem). Assim, percebemos uma das “heranças” do colonialismo, no que concerne ao preconceito contra o judeu no país.

A fala da personagem Cipriano “ensinada pela mãe” demonstra que a imagem do judeu traidor, “vendedor de Cristo” perpetua de geração em geração, de país em país, sendo presente no período da narrativa até os dias de hoje.

E neste caso, o mais agravante para o judeu não é ser ateu, mas ser “contra Cristo”. Vemos na narrativa de *Suor* que o “sapateiro espanhol” é anarquista e ateu, no entanto, ele não é perseguido ou excluído pelos moradores por essas opções:

Muito retraído, metido com seu gato e as suas brochuras, se não gozava de simpatias no prédio, não o odiavam também. Sabiam vagamente que ele era anarquista e não acreditava em Deus. Antigo inquilino, habitava o quarto do sótão há seis anos sem que fôsse incomodado, apesar de sua doutrina. Pouco se falara nêles nesses anos. (p. 301)

Em outro episódio, ao mexer em um despacho, em uma atitude “pagã”, comentada pelos moradores do 68, ele também não se torna excluído ou perseguido como é Isaac, o “traidor”:

Minutos depois o grupo engrossara. Homens e mulheres cercavam o *despacho*, incapazes de transpor o degrau onde o tinham deixado.

O sapateiro espanhol desceu. Passou entre o ajuntamento sem curiosidade e ia pisando no degrau fatídico quando alguém o reteve, pegando-o pela manga da camisa.

– Vai pisar no feitiço...

– Ah! Vocês não descem por causa disso?

Meteu o pé no embrulho, desfazendo-o. Os outros olhavam, espantados.

– Que feitiço forte! É para matar mulher que tomou marido dos outros...

– Se é !

– Isso é pra Nair, essa sirigaita do sótão.

Farinha com azeite-de-dendê. Penas de galinha preta. Quatro pratas de mil réis e quatro vinténs. Cabelos que pareciam sovaco ou carapinha de negro. Uma calça de mulher.

– Que despachão!

– Fitaram o espanhol compadecidos. A cólera de Ogum e os outros orixás cairia, sem dúvida, sobre ele.

O anarquista perguntou:

– Quem quer os quatro mil-réis?

– E como ninguém os quisesse, ele juntou as pratas e meteu-as no bolso.

[...]

– Eu bem que disse que aquele despacho era para ela.

Fêz o pelo-sinal e resmungou:

– Esse gringo pagão que buliu no despacho vai ter fim ruim. Bulir em feitiço... Deus me livre. E se benzeu de nôvo... (p. 273)

Após este episódio, o sapateiro continuou convivendo normalmente com os moradores, até o dia de sua prisão, ocorrida após apedrejar a tela do cinema no qual passava uma fita americana, segundo ele “uma infâmia”, sobre o que foi a Revolução Russa:

O que aconteceu provocou, no momento, um grande escândalo. Ninguém compreendia porque o espanhol apedrejara silenciosamente a tela do cinema num dos momentos de maior dramaticidade do filme.

Exibiam uma fita americana sobre a revolução russa. Revolucionários queimavam palácios, destruíam casas, matavam multidões de pessoas, decepavam cabeças, mutilavam criancinhas, causando lágrimas às mulheres que assistiam ao espetáculo.

O espanhol dizia para o vizinho do lado:

– Não foi assim! É uma infâmia! (p. 301)

Isaac só vai conquistar a simpatia dos moradores aos poucos e conforme ensina e conscientiza cada um sobre a revolução e o comunismo.

Por último, cabe uma observação sobre relacionamento entre crianças e judeus, em que Hassoun, abordando a questão do estrangeiro e o preconceito em seu artigo, cita que “o autor racista inglês H. S. Chamberlain chega, por exemplo, a declarar com “toda a candura”:

As crianças pequenas, especialmente as meninhas, muitas vezes dão mostras de um instinto infalível para reconhecer judeus. Frequentemente, crianças sem qualquer idéia do que seria um judeu, ignorando até mesmo sua existência, começam a chorar quando um individuo autenticamente judeu aproxima delas. Assim, embora os cientistas sejam incapazes de distinguir entre um judeu e um não-judeu, uma criança mal sabendo falar nota a diferença (...). Ali onde o estudioso fracassa (...) um único olhar pode revelar a verdade como um sol.” (CHAMBERLAIN, 1899, apud HASSOUN, 1998, p. 92)

H. S. Chamberlain (1855-1927), autor da obra *Os fundamentos do Século XIX* (Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts), 1899, foi um ideário racista na Alemanha, defensor da tese da superioridade da raça, especialmente do tipo nórdico. Fica clara a intenção do autor de demonstrar que até as crianças sabem que um judeu deve ser evitado.

Percebe-se claramente em *Suor*, que as crianças fugiam do judeu porque eram ensinadas assim e *não por notar a diferença*. O narrador frisa que Cipriano “alarmou a frase **ensinada** pela mãe – Seu Isaac vendeu Nosso Senhor! ” (grifo nosso).

Na continuação do enredo, o narrador informa que Isaac “comprou a amizade de Cipriano com um revólver de chocolate” e depois disto, “conversavam no quarto do judeu”, ou seja, Cipriano não fugia mais de Isaac, houve a quebra de um preconceito.

Sobre esta personagem não podemos deixar de pensar que um autor, geralmente, não escolhe aleatoriamente o nome para sua personagem, e que pela história da religião católica, São Cipriano de Cartago foi um bispo, que em determinado período da vida preocupou-se com o “batismo dos hereges”, além de ter sido perseguido, morto, decapitado, por suas ações:

Thascius Cecilius Cyprianus, nascido de uma família rica e pagã, em Cartago, entre os anos 200-210. Recebeu em 246 o batismo, sendo ordenado, dois ou três anos depois, bispo de sua cidade. Suas atividades pastorais foram interrompidas pela perseguição de Décio (250), que o forçou a se esconder. Quando muitos apóstatas começaram a ser facilmente readmitidos na Igreja surgiu um cisma. [...]

Em 251, Cipriano volta para Cartago. Num sínodo excomungou os chefes da dissidência laxista e determinou que os apóstatas passassem por severas penitências antes de reingressarem na comunidade. A peste que atingiu o Império em 252 provocou novos sofrimentos e perseguições na África. Nos últimos anos de sua vida, teve de se preocupar com a questão do batismo dos hereges.

Cipriano considerava inválido o batismo ministrado por hereges. Mesmo com a reprovação do papa Estevão, insistiu em manter seu ponto de vista. Foi decapitado no dia 14 de setembro de 258, em Cartago, sob Valeriano. **Pelo martírio certamente foi perdoado de seu erro e foi para junto de Cristo.** (BÍBLIA CATÓLICA, s.d.). (grifo nosso)

Desta forma, também podemos refletir sobre a questão religiosa retratada na narrativa através do nome da personagem, o qual pode ser percebido tanto como santo, quanto como bruxo, pois curiosamente, no romance *Tenda dos Milagres*, veremos que o “Livro de São Cipriano”, considerado como sendo de bruxaria, foi queimado com outros, segundo o narrador, nas “fogueiras da Inquisição” preparada pela polícia do período de Getúlio Vargas:

Lá se foram presos Hovelacque e Oliveira Martins, Frazer, Ellis e Alexandre Dumas, Couto de Magalhães, Franz Boas, Nina Rodrigues, Nietzsche, Lombroso e Castro Alves, muitos outros, [...] e o “Livro de São Cipriano”.
Trazidos um a um por investigadores e soldados, os livros terminaram nos sebos.

[...]

– e nem todos (**de Archanjo**) “arderam nas fogueiras da Inquisição acesa na Central de Polícia pelos reclamos de Savonarola Argolo de Araújo” conforme relatou o professor Fraga Neto em carta a Silva Virajá. (*Tenda dos Milagres*, p. 336) (grifo nosso)

Sobre este livro, podemos citar uma de suas resenhas:

[...] Com todo esse poder, Cipriano construiu uma carreira de bruxo com muita fama, produzindo inúmeros feitos que lhe valeram a reputação de grande feiticeiro. Porém, a fê de uma mulher que resistiu a seus encantos fez com que Cipriano se convertesse ao cristianismo. Ambos morreriam por sua fê em 304 a.C. O culto a São Cipriano chegou ao Brasil com os degredados portugueses, perseguidos pela Inquisição. Na memória traziam as fórmulas, orações e magias ciprianas, porém, os primeiros “livros de são Cipriano” chegaram por aqui bem mais tarde. O livro de São Cipriano é uma compilação dos ensinamentos desse grande mago, trazendo para as novas gerações um pouco da história e do legado de um dos maiores nomes do ocultismo”.⁷⁴

Voltando à questão do judeu, em outro romance de Jorge Amado, *Jubiabá*, de 1935, aparece uma referência judaica, quando em uma cena o protagonista Antônio Balduino, enquanto criança, sendo muito arteiro e briguento e no desejo de se “tornar lobisomem”, precisando fazer maldades para isto, quebrou os bonecos de uma coleguinha, Joana. O vizinho que tudo observou, inclusive a brincadeira de “matar formigas”, xinga o menino de “menino judeu”, uma clara referência à uma pessoa de má índole, ruim, como segue:

Só saiu dali arrastado. Apanhou da porta de Joana até a cozinha de casa. Neste dia nem pretendeu furtar o corpo às chicotadas. Ainda tinha diante dos olhos a figura de Joana, as lágrimas caindo, entrando pela boca. Depois ficou amarrado no pé da mesa e aos poucos o gozo foi acabando. Então, como não tinha o que fazer, ficou brincando de matar formigas. Um vizinho disse:
– Menino judeu... Esse acaba criminoso. (AMADO, 1965, p. 23)

Para o período, não era novidade utilizar o termo judeu como um adjetivo pejorativo, preconceituoso, como lembra Eli Vieira:

“o judeu” – assim no singular era o nome de preferência dos antissemitas para atribuir aos judeus toda sorte de vícios. [...] Não há “os judeus”, de fato, para os antissemitas, pois a diversidade individual é um anátema para o “judeu”, a categoria, o bloco, o rebanho. (VIEIRA, s.d.)

Na passagem em questão, verificamos que o adjetivo judeu cabe para crianças e adultos, ou seja, como diz o autor, para toda uma categoria.

Podemos pensar também que o termo “menino judeu” se assemelha a “menino-diabo”, muito utilizado no Brasil Colônia, o qual designava os meninos da casa grande, como lembra Gilberto Freyre: “o menino do tempo da escravidão parece que descontava os sofrimentos da primeira infância – doenças, castigos por mijar na cama, purgante uma vez por mês – tornando-se dos cinco aos dez anos verdadeiro **menino diabo**. ” (grifo nosso) (FREYRE, 1986, p. 451). Lembra que as brincadeiras e os jogos tinham “tendências acremente sádicas” e não eram só

⁷⁴ PALLAS. **O livro de São Cipriano – Tratado Completo da verdadeira Magia**. RJ: Editora Pallas, 2003. Resenha disponível em: <http://www.saraiva.com.br/o-livro-de-sao-cipriano-tratado-completo-da-verdadeira-magia-5476700.html?pac_id=129448&gclid=CPE940-ckcMCFVIV7Aodu0sAKg>. Acesso: Janeiro de 2015.

meninos do engenho que “brincavam de bolear carro, de matar passarinho e de judiar com moleque: também o das cidades”. E o sadismo não era só nas brincadeiras, “é de se imaginar quanto se judiava então com as crias e com as meninas”, sem falar nos escravos, tanto os da casa, senzala, quanto os que adquiriam como presentes, para “seu uso”.

Freyre também lembra uma célebre passagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, quando o protagonista lembra de sua infância, dizendo que “não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar do negro”:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de «menino diabo»; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce «por pirraça»; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; [...] ASSIS, 1881⁷⁵, apud FREYRE, 1986, p. 454.

Assim como a alcunha de menino-diabo serve para designar crianças que cometem maldades, ou são sádicas, como diz Freyre, o termo “menino judeu”, neste contexto da narrativa, também serve, embora Balduino fosse arteiro e não sádico. O vizinho é que o enxerga assim, após uma sucessão de ações e traquinagens que Balduino comete querendo ser um menino ruim para virar lobisomem. Desejo adquirido após ouvir de um colega, cuja mãe ensinou, que “era só menino ruim que virava lobisomem”. Baldo quis virar um lobisomem, já que no morro em que morava a suposta aparição de um, fez todo mundo ficar com medo. Não passou de criancice, mas não para o vizinho, atento as “maldades” de Baldo.

Bom lembrar que Baldo não virou um criminoso como sugeriu o vizinho, mas tornou-se um grande lutador de boxe e, posteriormente, um grande líder grevista, ajudando os camaradas do porto, em Salvador, não por acaso com os mesmos ideais políticos de Isaac e os trabalhadores do 68, em *Suor*:

Antônio Balduino levanta o braço para descarregar o soco. Mas uma voz se faz ouvir. É Severino quem fala:
– Nada de bater no homem. Nós somos operários e não assassinos. Vamos levá-lo para o sindicato.
Antônio Balduino baixou o braço com raiva. Mas ele compreende que aquilo é necessário, que a greve não é feita por um, mas por todos. E entre gritos o americano é levado para o sindicato dos operários da Circular.

⁷⁵ ASSIS, Machado de. **O menino é pai do homem**. In: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Capítulo XI. 1881. p. 10. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2038>. Acesso: Março de 2014.

[...]

Um dia – pensa Antônio Balduino – hei de viajar, hei de sair para outras terras.

Um dia ele tomará um navio, um navio como aquele holandês que está todo iluminado, e partirá pela estrada larga do mar. A greve o salvou. Agora sabe lutar.

A greve foi o seu ABC. O navio vai largar. Os marinheiros souberam da greve, contarão em outras terras que aqueles negros lutaram. (AMADO, 1965, pp. 217-221)

Também é interessante pensar no termo “judiar” que aparece nos excertos de *Casa Grande e Senzala*, pois o mesmo refere-se a “maltratar, zombar, escarnecer”, entre outros significados, mas etimologicamente o verbo refere-se ao termo judeu, o qual começou a ser usado no período do exílio babilônico para designar os habitantes do reino de Judá, posteriormente Judeia, mas utilizado em sentido pejorativo. Só lembrando que o verbo judiar é sinônimo de maldade, mas no caso dos judeus, foram eles que sofreram as maldades, foram maltratados, escarnecidos e “judiados”, da Diáspora à Inquisição, passando pela *Shoá*, episódio terrível e lamentável contra os judeus e outras minorias na história da modernidade.

Por último, sobre as crianças, Balduino e Cipriano são meninos pobres e negros, também discriminados e rejeitados por sua condição social e étnica, porém ganham destaque nas narrativas, à medida que o autor com suas obras mostra que não deve haver diferença de classes. Cipriano não é rejeitado por Isaac, ao contrário, Isaac *tinha, sim, um grande amor pelas criancinhas miseráveis do prédio...* e Balduino torna-se conhecido e querido após se tornar líder grevista.

Pela representação e ação destas personagens, Jorge Amado também aborda a questão do preconceito racial, procurando desfazer o mito de que todo negro é ruim, ladrão, não obtém sucesso, mas mantém-se, entretanto, o mito do judeu ser ruim, ladrão, usurário, demoníaco, etc., o que não quer dizer que represente a opinião do autor. O Brasil desde os tempos coloniais alimenta em suas raízes valores racistas contra os cristãos-novos, endossados pela elite, discriminando-os “por portarem o sangue infecto dos judeus” e assim “perseguidos pela Inquisição, discriminados pela legislação e proibidos de ocuparem cargos públicos e religiosos, tais elementos eram considerados inimigos políticos e indignos de receber títulos honoríficos”. Carregavam consigo a imagem estereotipada do judeu do “falso cristão”, “do judeu explorador”, “agiota” e “ambicioso”. Este foi também o perfil veiculado na documentação oficial emitida pelo Itamarati durante o Estado Novo. (CARNEIRO, 1988, p. 418)

Assim, em uma pequena passagem da obra, na apresentação de Isaac, verificamos um exemplo da história de perseguição e preconceito aos judeus, seja pela “traição”, pelo “tipo físico” ou pela própria condição de ser judeu.

Ainda sobre a questão religiosa, veremos com Isaac a questão do ateísmo, juntamente com a questão da imigração, pois ambas estão relacionadas, visto que Isaac “varou o mundo”:

b) Ateu e imigrante

Isaac carrega o estigma de ser “traidor” por ser judeu, mas também carrega o preconceito por ser ateu. Obviamente que o judeu religioso não é ateu, pois embora não confesse a fé católica, que crê na imagem do Filho de Deus, Jesus Cristo, há a crença em um Deus Supremo e Único, visto que o monoteísmo iniciou-se com os hebreus, os quais deixaram para a humanidade o legado da crença em um Deus único, e as Escrituras, como a Torá e a Bíblia Hebraica.

Portanto, se não há ateísmo no judaísmo religioso, o “problema”, no caso de Isaac, é o fato de ele ser judeu e ateu: “onde só êle entendia a todos, porque só êle não tinha pátria, nem leis, nem deus”.

De onde vem o ateísmo de Isaac? Se analisarmos, mais uma vez, que Amado se inspirou em vidas e fatos reais para compor suas personagens, podemos levantar algumas hipóteses históricas para retratar a personagem, pensando que o ateísmo de Isaac representa o sentimento de uma fatia da população judaica que não é religiosa. A primeira hipótese é uma reflexão sobre a opção política, pois ele era comunista. Mas, se ele sabia “o hebraico das orações de Jeová” é porque aprendeu com judeus, além do que ele “sabia mais de oito línguas”. Dessa forma, uma segunda hipótese para este conhecimento seria o que aconteceu no período da Haskalá, o Iluminismo judaico, na Europa Oriental, no século XVIII, ocorrido antes da Revolução Russa, do comunismo e socialismo.

A Haskalá possibilitou que os judeus assimilassem o idioma e a cultura dos países em que viviam, estudassem também o hebraico, e principalmente, saíssem dos guetos e se assimilassem no país de moradia. Isso pode retratar a família de Isaac, que assim, teria aprendido o hebraico, além da cultura do país e outros idiomas. Além disto, podemos dividir a Haskalá por fases, entre elas, a primeira na Europa Ocidental, com proposta de modernizar o judaísmo e a estrutura da comunidade judaica, na Alemanha, em 1780. Em seguida a fase da Galícia (Polônia) e Áustria (1820) e a fase da Europa Oriental (1830-1832). Desta forma, através da narrativa e das hipóteses aqui levantadas, é possível entender que se Isaac sabia o “hebraico das orações de Jeová” e contava com sessenta anos em 1928, ele pode ter sido um judeu de qualquer um destes países citados, nascido em 1868, ou seja, antes da Revolução, e virou ateu devido à assimilação ou ao percorrer o mundo. Neste caso, refletimos que ele pode ter aprendido o hebraico e as orações com a família que era religiosa ou ele mesmo pode ter

passado pelo processo de restauração e assimilação quando começou a percorrer o mundo, tornando-se ateu, posteriormente seguidor do ideais comunistas e socialistas do período, em especial na Rússia, onde foi preso como revolucionário “na Rússia de antes da grande revolução”, fatos que representam a ação de diversos judeus “iguais” a Isaac.

Como o narrador destaca a prisão da Rússia, então também podemos analisar a personagem como um judeu russo, convertido ao marxismo posteriormente, o que é mais provável se pensarmos nos fatos reais que ajudaram Jorge Amado a construir o personagem, uma vez que suas aspirações políticas e o seu envolvimento com o comunismo e com os russos do período eram marcantes no período da composição do romance.

O narrador apresenta Isaac como um homem que percorreu o mundo, passando pela Polônia, Rússia, Alemanha, França, Japão, China, “Norte América”, até chegar ao Brasil, no Rio de Janeiro e, posteriormente, Salvador- BA. Então, outra hipótese é a de que ele pode ser um judeu russo que percorreu o mundo justamente para servir ao partido, como faziam muitos judeus, e afiliados do partido, neste período, já que ele “Varara a Alemanha de lado a lado, agitara os operários franceses durante a grande guerra. Vira o Japão florir e a China envelhecer carregando sempre o seu baú cheio de pequenas coisas que faziam a alegria das senhoras e das crianças, e de folhetos que incitavam greves operárias ” (p. 181). E se a narrativa se passa no período de 1928 a 1934, então, como muitos comunistas, ele pode ter chegado ao Brasil inserido nos planos da Internacional Comunista, a Komintern, já que em 1930, como vimos, a ideia do partido era se aproximar do proletariado e das massas e o seu “principal objetivo era criar uma União Mundial de Repúblicas Socialistas Soviéticas. Dominada pelo Partido Comunista da União Soviética, a Internacional emitia diretrizes que deveriam ser seguidas por todos os seus filiados, inclusive o Partido Comunista do Brasil”.⁷⁶ Mas isso tudo são hipóteses, conjecturas, já que o autor não fornece essas informações ao leitor. Porém, vejamos o trabalho que ele realizou junto ao proletariado, na análise sobre sua atuação política e revolucionária.

Com relação à origem, não sabemos a de Isaac, mas sua família pode retratar as diversas que foram vítimas dos *pogroms* (ataques violentos e em massa à população judaica) que aconteceram na Rússia e a própria Polônia, a partir de 1881 (Isaac então, “teria” por volta de

⁷⁶CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. CPDOC-FGV. **Anos de Incerteza (1930 - 1937). Internacional Comunista.** In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/InternacionalComunista> >. Acesso: 31/08/2014.

13 anos, já que, pela data da narrativa, ele nasceu em 1868), fatos que ocasionaram a migração e fuga em massa.

Destacamos que no Brasil, conforme Grün, “com raras exceções, as nacionalidades de origem dos judeus estampadas em seus passaportes, constituíam-se em agrupamentos seja pouco visíveis, seja mesmo estigmatizadas” (GRÜN, 2000, p. 371). As origens nacionais “mais numerosas dos judeus que chegaram ao Brasil no primeiro terço do século XX (*ou seja em 1930*) eram polonesa e russa/soviética” e ainda, “pesava contra o primeiro grupo no Brasil uma estigmatização análoga à sofrida nos EUA” e sobre o segundo “a analogia “russo igual a comunista” pesava sobre os titulares dessa cidadania”, principalmente “se pensarmos que estamos falando no período da história política brasileira que começou com o ocaso da República Velha por uma ditadura de direita até outubro de 1945” (Estado Novo) e “que o primeiro governo democrático, presidido pelo marechal Dutra, em nenhum momento deixou de fazer sua profissão de fé favorável ao bloco ocidental.”(GRÜN, 2000, p. 371).

Em um rápido panorama da história dos judeus na Rússia, verifica-se que durante toda a sua história, Moscou conseguiu manter seus domínios sem a presença judaica, porém com o desmembramento da Polônia, a Rússia, a contragosto acabou incorporando a maior concentração de judeus do mundo (a primeira partilha da Polônia, em 1772 transferiu cerca de 100 mil judeus para a Rússia):

Aceitos a contragosto, os judeus foram considerados, de antemão, mas com tãda a razão, como elemento alheio ao corpo nacional russo, estranho em relação à personalidade étnica eslava e adverso à entidade religiosa ortodoxa. Desde a terceira partilha da Polônia em 1795 até a Revolução de 1917, isto é, por 123 anos, a sorte dos judeus na Rússia, que formavam a maioria absoluta dos judeus no mundo, passou a depender do autocrático e despótico e espiritualmente totalitário regime imperial, implantado e mantido na Rússia pela absolutista dinastia dos Romanov.

(...)

Na medida em que a Rússia crescia no Ocidente ampliavam-se as regiões do confinamento dos judeus. Só podiam morar onde já estavam, isto é, nos territórios paulatinamente conquistados da Polônia, da Suécia ou da Turquia, politicamente periféricos, etnicamente não russos. Este gigantesco gueto territorial, chamado de território de *domicílio fixo*⁵, estabelecido gradativamente desde 21 de dezembro de 1791, só foi efetivamente abolido pela Revolução de 1917. (MARGULIES, 1971, p. 242-243)

Após a abolição do gueto territorial, em 1918, foram criados novos Estados independentes como a Polônia, Lituânia e Letônia, porém as feições demográficas da população judaica não foram alteradas. Os *pogroms* ocorridos na Rússia entre 1881 e 1884 levaram os judeus à imigração em massa. No Brasil, não há registro de imigração em massa neste período. Nesta época os judeus aqui já eram, em sua maioria, assimilados e uma parcela da população judaica concentrava-se em Belém e Manaus, posteriormente indo para o Centro- Sul. Pequenos

núcleos comunitários surgem no século XIX na região norte e na segunda metade do século XIX, os primeiros judeus ashkenazitas “começam a aportar no litoral brasileiro, em cidades como Salvador, Recife, Rio de Janeiro e Santos ” (LIMA, 2007, p. 32). Ainda de acordo com Raul Lima, e segundo Jeffrey Lesser, sabemos que “os imigrantes vindos do leste europeu, não apenas expandiram a população judaica do Brasil, de aproximadamente quinze mil em 1920, para cerca de cinco vezes este número duas décadas mais tarde...” (LESSER, 1995, p. 29). Além das dificuldades enfrentadas em cada país, os judeus viviam a hostilização e perseguição advindas da Primeira Guerra Mundial e o Brasil acabou sendo escolhido como país de acolhida, o “país do futuro”, embora para “muitos brasileiros influentes os judeus eram imaginados como sendo o menos desejável de todos os grupos de imigrantes ” (LESSER, 1995, p. 29).

Resumindo, podemos dizer que os judeus que imigraram para o Brasil no início do século XX fugiam do antissemitismo generalizado (expulsão, *pogroms*, etc.) antes do nazifascismo ou fugiam da hostilização, perseguição e morte advindas dos ideais e consequências das Guerras Mundiais (1914-1945), obviamente incluindo a ascensão e auge do nazifascismo. Este exemplo retrata estes judeus do período como judeus “imigrantes”, já que eles não possuíam um país específico, muitos não advieram de um país próspero e, muito menos, possuíam poder aquisitivo, destaque social, ou então, eram refugiados, características pertinentes à representação dos “imigrantes”, conforme a distinção utilizada nesta pesquisa. Mas há uma singularidade e nuance no caso de Isaac, como proposto sobre esta distinção, se pensarmos que ele poderia ser originário da Rússia, um país próspero. Ele não tinha poder aquisitivo por opção política, mas era mascate para sobreviver e pagar pelo material da propaganda política, não era refugiado, mas viajante. Por isso, não podemos unicamente classificá-lo ou compará-lo a “imigrante”.

Voltando ao tempo da narrativa, 1928, Isaac chegou ao Rio de Janeiro, onde “vendeu xarapis mexicanos” e lá pensou em abandonar “a sua mala cansada e parar a caminhada”, mas falido e perseguido, novamente, foi para a Bahia, com “sessenta anos e outras tantas prisões...”. Vemos que ele era um revolucionário e as perseguições do período o fizeram percorrer o mundo e o próprio Brasil (Rio de Janeiro e Salvador) na Era Vargas, durante a “caça aos comunistas”, além do que, como exposto, ele representaria o comunista que chegava ao Brasil debaixo da direção da IC, uma vez que desembarcou “com um carregamento de sombrinhas baratas, sêdas falsificadas, bonecas e automóveis minúsculos, letras da Internacional e manifestos revolucionários”.

Aspecto político

a) Comunista e revolucionário

Sua atuação política será importante na narrativa, pois ele é um dos personagens que faz com que alguns moradores do 68 reflitam sobre a condição de miséria e exploração em que vivem e entendam que há o caminho da revolução para os libertar.

Conforme exposto anteriormente, Isaac chegou ao Brasil com a mala carregada de bugigangas e “letras da Internacional e manifestos revolucionários”. Sendo mascate, era de se esperar uma mala cheia de bugigangas, mas com panfletos e a letra da Internacional não, o que ajuda a compreendermos melhor quem era este judeu comunista, revolucionário.

Ao contrário do “sapateiro espanhol” que era anarquista, mas conversava com pouquíssimas pessoas, e com exceção de Artur, aparentemente não tentava influenciar os moradores com a sua ideologia e aspirações políticas, Isaac tratou logo de fazer amizades e, aos poucos, foi convencendo os moradores da necessidade de união e revolução.

Iniciou fazendo amizade com três trabalhadores das docas: Chico, “o Vermelho”, Augusto, “o dos dentes de fora” e Henrique, “o preto” (apelidos recorrentes na narrativa):

Trabalhavam nas docas em carregar e descarregar navios que iam e vinham de portos nunca suspeitados sequer. . . Moravam juntos no quarto estreito e dormiam apertados sobre o único colchão que possuíam. Apesar do calor, não pensaram em tomar banho. Se estiraram pelo chão, respirando com força.

[...]

– Com licença!

Era o Isaac. Aparecia sempre, com manifestos no bolso. Ficou ouvindo, encantado, a história da infância do negro liberto. (p. 185)

Isaac era bem recebido pelo grupo, não havia rejeição pelo fato de ser judeu e logo, em um trabalho aparentemente silencioso, foi convencendo os trabalhadores da importância de uma revolução e do ideal comunista, como podemos perceber no diálogo entre Henrique e a “preta velha” que tinha um tabuleiro de mingau e munguzá na frente do cortiço, momento em que Henrique faz uma reflexão e tenta ensinar a velha sobre a liberdade que podiam alcançar:

Quando acabou, disse:

– Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?

– Que histórias?

– Essas histórias de escravidão.

– O que é que tem?

– Você vai esquecer elas todas.

– Quando?

– No dia que nós for dono disso...

– Dono de quê?

– Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...

– Como é isso, meu filho?

– Donos dos bondes... das casas... da comida.

- Quando é isso, meu filho?
- Quando a gente não quiser ser mais escravo dos ricos, titia, e acabar com eles.
- Quem é que vai fazer feitiço tão grande pros ricos ficar tudo pobre?
- Os pobres mesmo, titia.
- Ah! Já sei! Cabaça e esse gringo velho vivem falando nisso. Indagora tavam conversando aqui. Mas isso não vai haver, meu sobrinho.
- Por quê?
- Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele. Eu soube de um negro que quis brigar com um branco. Foi há muito tempo...
- O negro é liberto, tia.
- Eu sei. Foi a Princesa Isabel, no tempo do Imperador. Mas negro continua a respeitar o branco.
- Mas, a gente agora livra o preto de vez, velha. (p. 26)

A cena da conversa entre Isaac, o “gringo velho”, com o Cabaça, comentada pela tia, demonstra como Isaac começou fazendo amizade com todos do 68, e que ele, mesmo sendo rejeitado, não era preconceituoso, conversava com o mendigo, com o negro Henrique, assim como com todos os moradores, conforme vemos no decorrer da narrativa.

No caso de Cabaça, ele fora condutor de bonde e após um acidente de trabalho foi despedido, tornando-se mendigo:

- Ele fora condutor de bonde e ferira o pé num ferro, uma vez, quando saltava. Um mês depois não podia mais trabalhar e foi despedido. Talvez por falta de médico, talvez por outro motivo, a moléstia toma conta do pé, obrigando-o a mendigar. Primeiro, xingara a companhia de bondes. Depois se conformara. Conversando com Isaac, voltava a reclamar contra a Circular.
- Vocês precisam conversar com o Isaac.
- Agora seu Álvaro Lima tá trabalhando nas oficinas... (p. 24)

Neste episódio, Cabaça estava em frente à banca de munguzá, lendo um jornal (“deixou a parte política, que não o interessava”), e comentando sobre uma greve de operários da companhia de bondes do Rio, concordava que isto também era necessário na Bahia: “se era...! Partir a cara desses filhos da puta desses americanos. ”

Quando em seguida ele comenta que as pessoas “precisavam conversar com Isaac...” fica clara a influência de Isaac junto aos trabalhadores, começando um trabalho de conscientizá-los sobre os seus direitos trabalhistas e a necessidade da greve como instrumento revolucionário.

Não sabemos o conteúdo da conversa de Cabaça e Isaac, mas podemos concluir pelas falas e pistas deixadas pelo narrador, que falavam sobre trabalho, exploração, necessidade da greve e da revolução, sendo que na figura de Isaac vemos o agente das ideias comunistas e revolucionárias.

Em linhas gerais, como exposto no panorama histórico, entendendo o comunismo como ideologia baseada num sistema econômico e numa doutrina política e social, cujo objetivo é a

criação de uma sociedade sem classes, baseada na propriedade comum dos meios de produção e a consequente abolição da propriedade privada, compreendemos o pensamento de Isaac, bem como sua atitude em conscientizar e politizar os moradores do 68, especialmente os trabalhadores.

Já o “sapateiro espanhol”, anarquista, não tinha tanta influência junto aos moradores, embora conversasse com eles, como no caso de Artur, morador do 68, que deixou de ouvir o sapateiro para seguir Isaac: “Artur passava o tempo livre ouvindo o judeu. Antes ouvira o anarquista espanhol, mas o que êle dizia não satisfazia o aleijado ” (p. 30).

Artur perdeu os dois braços trabalhando em um fábrica, e sem condições de trabalhar, despedido, acabou se ajuntando a um propagandista, servindo de chamariz para as vendas; ocupação que ele odiava, sentia-se humilhado e, por isso, mesmo acabou interessando-se pelos ideais comunistas e revolucionários apresentados por Isaac:

Silencioso, humilhado, odiando os homens que possuíam automóveis e escravos, Artur passava o tempo livre ouvindo o judeu. Antes ouvira o anarquista espanhol, mas o que êle dizia não satisfazia o aleijado. Odiava também o pó branco e a tinta vermelha que lhe passavam no rosto quando ia para o trabalho, mas tinha amizade ao propagandista, um moço de vinte e dois anos, pálido e doente, que dividia com êle o que ganhava e ainda ajudava as irmãs costureiras. (p. 30)

No episódio da prisão do “sapateiro espanhol”, fica claro que ele conversava com poucas pessoas e, destas, só algumas entenderam sua atitude em apedrejar a tela do cinema, episódio já citado, o qual também será pormenorizado no capítulo sobre os demais estrangeiros, especialmente o Severino, o “sapateiro espanhol”.

De modo geral, os anarquistas comunistas pensavam construir o comunismo imediatamente, erradicando, sobretudo o Estado, as classes, as instituições e as tradições, diferentemente dos marxistas, os quais defendiam a ditadura do proletariado (uma fase intermediária socialista), mantendo um Estado revolucionário que construiria as condições viabilizadoras do comunismo, como podemos ver na fala de Severino, “conversando” com seu gato: “– Zug é preciso destruir tudo isso. Tudo está errado. Zug lambia o nariz. – Você é um burguês indecente, Zug. (...). Os padres. . . os ricos. . . todos. . . Destruir. ” (p. 8)

Uma hipótese para que as teorias de Isaac fossem melhores aceitas pode ser o trabalho que ele teve de conscientizar cada morador do 68, desde o mendigo até aos trabalhadores, futuros líderes sindicais e não pela essência de cada uma delas, visto que os moradores não as conheciam bem. Porém, não podemos deixar de pensar novamente que a narrativa retrata e revela as aspirações políticas do autor, Jorge Amado, o qual iniciou sua carreira política ainda jovem, aproximando-se de grupos de esquerda e do Partido Comunista Brasileiro, agindo

conforme orientações do partido. Outro ponto a ser considerado, que pode ter sido retratado no romance, exposto no panorama histórico, é o fato de que com a criação do PCB em 1922, os anarquistas perderam influência, fato que podemos perceber representado na narrativa através da personagem Severino, o “sapateiro espanhol”, o qual perdeu influência junto ao Artur, pois este voltou-se às as ideias comunistas de Isaac. Um bom exemplo de como, historicamente, os anarquistas perderam a influência, é a própria esposa de Amado, a escritora Zélia Gattai, que antes de se casar com Amado era anarquista, participante do movimento anarquista no início do século 20, mas seu primeiro casamento com um comunista e posteriormente com Amado, a tornou militante, como vimos na biografia do autor.

Além disso, conforme exposto, vimos que após o *Plenum Ampliado do Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista* (SSA/IC), em abril-maio de 1930, na cidade de Buenos Aires e o estímulo da Internacional Comunista, houve um processo de mudanças, com um deslocamento na definição das forças motrizes da revolução brasileira que “[...] seria o proletariado e a massa de assalariados agrícolas e os camponeses pobres”, abandonando-se, portanto, a perspectiva de aliança estratégica com a pequena burguesia, que deixava de ser vista como força revolucionária. (DEL ROIO, 1989, p. 164). É neste contexto histórico de mudanças que podemos situar a personagem Isaac, pois ele vai atuar junto ao proletariado, a massa que pode fazer a revolução; retratando, assim, o panorama político e as diretrizes do partido no período.

Mediante estas considerações, dois personagens da massa merecem destaque pela convivência com Isaac e a sua ideologia política: Álvaro Lima e Linda, tornando-se colegas revolucionários de Isaac.

Companheiro revolucionário: Álvaro Lima

Ele aparece inicialmente na narrativa, citado pelas pessoas que conversavam com Cabaça na barraca da tia, como sendo “um camarada bom, que agora trabalha nas oficinas” (na Circular dos bondes) e também mora no 68. Em seguida, “o negro Henrique, Chico, o dos dentes de fora, Álvaro Lima, Artur, o propagandista” conversavam em frente à porta de Joaquim, um pedreiro que havia sofrido um sério acidente de trabalho. A fala de Álvaro Lima neste momento demonstra a mesma consciência política de Isaac:

Álvaro Lima se levantou e falou:

– Camaradas! É preciso acabar com as explorações. Nós somos muitos, pobres, sujos, sem comida, sem casa, morando nesses quartos miseráveis. Explorados pelos ricos, que são poucos... É preciso que todos nós nos unamos, para nos defender... Para a revolução dos operários. É preciso que os operários se juntem em torno do seu partido, para acabar com as

explorações... com os governos podres e ladrões... Fazer um governo de operários e camponeses... – Olhem para o caso do Joaquim. Porque o doutor queria a casa mais depressa, um homem está cego, outro na cadeia...
– E os filhos...
– Os filhos na miséria... Abaixo a exploração! (p. 51)

Já no capítulo denominado “Crise”, um violinista, desempregado devido à crise que assolava o país, certamente a de 1929, também começa a adquirir consciência política, lembrando-se de Álvaro:

Lembrou-se de Álvaro Lima. O agitador lhe dissera que as coisas não melhorariam enquanto os operários não dominassem o país. Ouvira os seus planos de greve, de comícios. Um grupo de homens sujos e suados subia a ladeira. Pela primeira vez o violinista compreendeu o que seria a revolta daqueles homens explorados. No dia em que eles descobrissem... (p. 59)

Em seguida, inicia-se na narrativa um movimento de operários, onde vemos a influência de Álvaro:

Uma palavra dita em voz alta ficou na escuridão do quarto: CRISE. Lá embaixo, no quarto de Álvaro Lima, operários discutiam, fazendo planos. O violinista se sentia ligado àquele operário mecânico das oficinas da Circular que gastava o salário em livros e a existência nos comícios. Pensou que se os operários chegassem a compreender que a crise só existia para eles e não para os ricos, as coisas mudariam. (p. 61)

Em linhas gerais, Álvaro e o judeu Isaac tiveram muita influência junto aos moradores do 68 e trabalhadores para que um movimento revolucionário tivesse início visto a crise e opressão que todos sofriam, além do que, como vimos, retrata um trabalho de conscientização realizado pelos comunistas junto ao proletariado para que a revolução pudesse ser realizada, sendo este o caminho imaginado para acabar com a exploração e opressão.

A crise que assolava o país, no nível econômico teve “efeito catastrófico na Bahia, como no Brasil e em todo sistema capitalista. Na Bahia, o valor total das exportações caiu de £ 8.238 (1928) para £ 4.649 (1930) e para £ 2.162 em 1933, ponto mais baixo da depressão. As importações caíram de £ 2.872 (1928) para £ 609 em 1932, ponto mais deprimido neste setor da economia.” (SAMPAIO, 1992, p. 98). Quanto às camadas mais baixas da população, foram atingidas pelo desemprego em massa e a crise trouxe à tona “insatisfações reprimidas que se manifestaram de forma violenta, através de “quebra-bondes” e de greves, pondo a descoberto o conflito entre o trabalho e o capital”.

A crise trouxe o desemprego, miséria, exploração, insatisfação e muitos movimentos operários na Bahia na década de 30, entre eles, como já citado, as greves; situações compartilhadas no romance pela atuação e situação de vida da maioria das personagens, moradores do 68, vítimas da exploração e miséria que assolava o país nesta década.

Através da narrativa não chegamos a verificar a conclusão da “grande greve” agitada por Álvaro Lima, Linda e Isaac, mas, de forma interessante, acompanhamos algumas conversas e preparativos para a greve dos operários da companhia de bondes, por exemplo nos seguintes trechos:

Os homens pararam para dar dois dedos de prosa. Álvaro Lima disse a Linda:
– É para o fim da semana...
O dos dentes de fora sorriu. Falavam da projetada greve dos operários da companhia de bondes. O negro Henrique se encostou no corrimão:
– Um dia a gente faz uma no cais do porto... (p. 111)

Não haviam ainda cessado os falatórios sobre a briga do sótão quando estourou o caso da greve. Desta vez o prédio agiu em conjunto como se os inquilinos fossem unicamente peças de uma máquina.
Parece estranho que todo o 68 se visse envolvido nas conseqüências da greve quando apenas os operários da companhia de bondes estavam nela interessados. (p. 112)

A iniciativa dos operários dos bondes em paralisarem os serviços não só incitou os moradores do 68 a apoiarem a greve, como incitou também operários de outros setores a aderirem a paralisação:

A parede fora marcada para uma sexta-feira. Álvaro Lima e outros agitadores andavam satisfeitos com o trabalho. Não somente paralisariam o tráfego dos bondes como ficaria parado o serviço das oficinas da companhia, deixando a cidade sem luz. Os operários pleiteavam um aumento de salários. O plano desenvolvera-se vitorioso e a totalidade dos trabalhadores se comprometera a aderir.
Acreditavam que essas adesões se estendessem aos operários de estrada de ferro, aos condutores de ônibus, aos assalariados de várias fábricas.
Porém dois dias antes do marcado para início do movimento começaram a circular boatos alarmantes. Corria que os grevistas tinham sido denunciados, notícia logo confirmada por algumas prisões. A greve fracassara. (p. 112)

Esta greve fracassou, muitos operários foram presos, inclusive moradores do 68, como Isaac, já comentado, sendo este tido como um agente “desmoralizador” por ser comunista. A atuação do aparelho repressivo do Estado foi importante para desbaratar e acabar com muitos movimentos e comícios da época. Interessante verificar que a modernização do aparelho repressivo é iniciada antes do período de governo de Getúlio Vargas, já inibindo as manifestações, como podemos constatar através da História, neste excerto:

A cuidadosa modernização do aparelho repressivo do Estado, e que na Bahia foi levada a cabo no governo Góes Calmon (1924-28), foi condição necessária para a ação do Estado/classes dominantes, no sentido de enfraquecer o movimento e as organizações operárias. A seqüência de governos discricionários não deixou espaço para as manifestações sociais: à presidência de Arthur Bernardes (1922-26), onde o estado de sítio foi quase permanente, seguiu-se o governo de Washington Luís que, como se sabe, identificava a “questão social” com um “caso de polícia”. Em seguida veio o regime de exceção instalado pela Revolução de 30, regime que se prolongou com espasmos liberais até 1945. Não é de admirar, portanto, que as greves de 1927 e 1934 tenham correspondido às brechas abertas nesse longo período de autoritarismo exacerbado. (SAMPAIO, 1992, p. 102)

No entanto, de acordo com registros históricos, sabemos que além de outras greves, como a grande greve de 1917, no Brasil, não abordada no romance devido ao período, e as de 1919 que aconteceram na Bahia, trouxeram algumas conquistas aos trabalhadores, como redução de jornada, pagamento de horas extras, aumento de salário (nem todas respeitadas pelas classes dominantes), o que demonstra que os discursos de Isaac e Álvaro Lima eram adequados, ou seja, havia a necessidade de união e conscientização entre eles para chegarem à paralisação, reivindicações e conquistas.

As greves de 1919 “num dado momento, paralisaram todas as atividades em Salvador, o operariado recebeu aumento de salário, pagamento por hora-extra e redução da jornada de trabalho ” (SAMPAIO, 1992, p. 112). Ainda de acordo com Sampaio, “pode-se duvidar que essas conquistas houvessem sido respeitadas pelas classes dominantes”, contudo alguns documentos da época, mostram que “os operários haviam assegurado o cumprimento de pelo menos algumas daquelas conquistas por parte dos patrões ”. Por último, ela afirma que o “o operariado tinha consciência de que era sobre-explorado, de que vivia em condições sub-humanas, de que era vítima de profundas desigualdades sociais. Essa consciência e a disposição de lutar pela defesa dos seus interesses, permeia o discurso da classe proletária ”.

Através do enredo verificamos que a consciência e a disposição em lutar das personagens surgem através do trabalho silencioso de Isaac, um revolucionário e convicto dos ideais libertários do proletariado.

Por último, cabe uma observação sobre a greve dos operários dos bondes e a condição de vida deles e de outros trabalhadores: Cinco dias de greve em 1919 resultaram em um aumento de salário (entre 16 e 40%, que, desde então, estavam congelados), aos operários da Companhia Circular (bondes) e Energia Elétrica, sendo que os operadores de bonde receberam um maior aumento, chegando o salário, com desconto, aos 232 mil e quinhentos réis (232 \$ 500): “Em 1934, esse salário estava reduzido à 168 mil réis! Manteve-se a hora de trabalho a 700 réis, e suspendeu-se o pagamento de pagamento das horas extras. Efetuados os descontos, os condutores recebiam apenas 146 mil réis” (SAMPAIO, 1992, p. 105). Soma-se à isto, o aumento dos gêneros alimentícios, gastos com habitação e saúde, entendemos o quanto se tornava difícil manter-se com um salário extremamente baixo e defasado.

Em documento analisado por Sampaio, encaminhado pelos operários aos diretores da Cia. Linha Circular, em 1934, “estimou-se que para atender as necessidades mínimas de subsistência – alimentação, vestuário, habitação e outras necessidades básicas, excluindo-se assistência médica e medicamentos – uma família de tamanho médio da classe baixa (um casal

e 4 filhos) deveria ter um salário mínimo mensal de 469 mil réis”. De acordo com o caso analisado, operadores de bondes, se os mesmos recebiam 146 mil réis, “é legítimo concluir-se que, com um déficit mensal de 232 mil réis, os trabalhadores viviam sob condições degradantes, opressiva e sub-humanas, que não lhes permitia, sequer a conservação, muito menos a reprodução de sua força de trabalho ” (SAMPAIO, 1992, pp. 104-105).

São estas personagens, em condições degradantes, opressiva e sub-humanas, que permeiam o romance, lembrando que a narrativa cobre o período de 1928 a 1934. Podemos deduzir que a grande greve do romance não é a da 1919, mas os desdobramentos e demais greves e situação dos trabalhadores no período em questão são bem exploradas pelo autor através de suas personagens e ações.

Concluindo sobre Álvaro Lima, ele tornou-se um líder importante, agitou os operários para a “grande greve”, foi perseguido pela polícia e acabou morto em um “comício”, não sem antes deixar uma sucessora, a Linda:

Os investigadores vinham do Terreiro, subiam da Baixa dos Sapateiros. A primeira bala se perdeu entre as pedras da rua. A multidão não fugiu. A segunda derrubou a surda-muda, que soltou um som horroroso de maldição. Álvaro Lima gritou:

– Proletários de todas as nações...

A bala pegou na testa, êle caiu em cima de Linda. A moça sentiu o sangue no rosto e no vestido. Mas não teve medo, nem se moveu.

Então a multidão avançou para os investigadores, de braços levantados. (p. 114)

Companheira revolucionária: Linda

Ela morava no velho sobrado 68 com a tia Dona Risoleta, uma costureira que se esforçava muito para criar a sobrinha, desejando “um noivo rico e bom para Linda...”

A moça também pensava na mesma coisa, lia romances e sonhava com uma vida melhor para ela e a tia. Mas quando passou a conversar com Isaac e o grupo que iniciava o movimento político, adquiriu consciência política e mudou radicalmente:

Parou olhando a afilhada. Linda andava bem mudada ultimamente. Não deixara que ela auxiliasse a igreja de Nossa Senhora do Brasil, preferindo dar o dinheiro para a tuberculosa, fizera as pazes com Julieta e deixara os seus romances, trocando-os por livros esquisitos que o preto Henrique e o judeu velho lhe emprestavam. E falava em trabalhar, em costurar. Dona Risoleta não podia compreender a mudança rápida e completa. Criara a afilhada com mimos de menina rica. Enquanto puderam, haviam morado numa casinha no Tororó, com boa comida e boa escola. As coisas viraram, ela teve de costurar para viver. Andaram por Ceca e Meca, até parar no sótão do 68. Um hábito, porém conservara – o de não deixar Linda trabalhar. Sonhava um noivo rico para a afilhada. Fazia promessas a santos poderosos e tinha esperanças em que o Senhor do Bonfim atendesse aos seus desejos. Agora, era Linda mesma quem estragava seus planos, com idéias de trabalhar. Não sabia explicar a mudança da afilhada e se afligia. (p. 62-3)

Quando a tia adoeceu e não pode mais trabalhar, Linda começou a procurar emprego, mas “ouvia sempre, como resposta, a palavra crise, que se tornava o seu pesadelo”. Sem emprego, sem dinheiro, passando fome com a tia, recebe a visita de Álvaro Lima, o qual fez uma coleta para ajudar as duas. Interessante neste episódio é como aparece novamente a figura de Isaac, mais uma vez exemplificando sua influência junto aos moradores:

E entrou com dois mil-réis para a coleta que o agitador improvisara.

Linda a princípio não quis aceitar, mas Álvaro Lima disse que era empréstimo, e que pagaria logo que pudesse. Viu um livro em cima da cama. Um volume sobre a situação da mulher na Rússia.

– Está lendo aquilo?

– Foi Isaac que me emprestou.

– Está gostando?

Ela ficou silenciosa. Álvaro Lima fitou-a sério.

– Eu sempre lhe tomei por uma garotinha preguiçosa, mas agora você está entrando no bom caminho.

Dona Risoleta olhava da cadeira, sem entender.

Depois passaram a conversar mais longamente. Álvaro Lima explicando coisas que muitas vezes Linda não percebia. Os fatos de todo dia porém ela os sentia e eles trabalhavam-na melhor do que a linguagem do agitador. Linda gostava de Álvaro Lima e nem se admirava de ele nunca lhe dirigir uma palavra de galanteio. (p. 65)

Por fim, Linda acabou conseguindo um emprego com o propagandista, já citado, fazendo um papel “ridículo” de noiva e, por conta disto, aumentou seu ódio contra o sistema capitalista e juntou-se aos companheiros, assim como “a todos do 68”:

No fim da caminhada, porém, a vergonha desaparecera, deixando lugar para um ódio surdo, que lhe transformava os olhos. Nunca mais Linda sonhou com casamentos. Nunca mais foi à igreja. E começou a trabalhar com o propagandista, calada, séria, sentindo-se irmã de toda aquela gente que morava no 68, operários, árabes, vagabundos, doentes, costureiras, prostitutas. (p. 67)

E ela que era tida por sonhadora e preguiçosa, na fala de Álvaro Lima e de uma das vizinhas: “Linda acaba mal. Uma preguiçosa de marca. Não ajuda a pobre da solteirona. Um dia, você vai ver...”, tornou-se sucessora de Álvaro Lima e, não por acaso, acaba encerrando a narrativa, após ouvir a fala da “moça de azul”, a qual compartilhava a alegria de estar saindo do cortiço por conseguir casar-se com o patrão, a “alta sociedade”:

– Desculpe, mas eu estou tão contente... Calcule que vou me casar com meu patrão... A alta sociedade... Me desculpe, mas preciso dizer a alguém... Lhe desejo uma felicidade igual.

Linda olhou-a nos olhos com suavidade, apertou com o braço o embrulho de manifestos que levava embaixo do capote e desceu a escada onde os ratos indiferentes iam e vinham apostando carreira. (p. 114)

Conclusão sobre Isaac

Atuando como militante, Isaac passou a ser bem visto pelos moradores do prédio, especialmente os trabalhadores que entendiam que a situação de miséria e exploração poderia ser modificada se eles agissem em conjunto.

Os ideais comunistas de Isaac, a sua atuação silenciosa, sem imposições, mas com muita conversa e conscientização, acabou aproximando-o dos nacionais, tornando-o “igual”.

Percebemos que o preconceito continua na fala da preta velha que vende munguzá e na Dona Risoleta (o “judeu velho”, “gringo velho”), mas torna-se justificável pensando que elas não têm uma consciência política que pode trazer a união e acabar com as diferenças sociais, étnicas e religiosas entre os moradores, como é frisado na narrativa:

“Todo o 68 ali estava. Descera as escadas como um só homem.” (grifo nosso)

Os moradores uniram-se quando iria acontecer uma interdição do sanitário do prédio caso uma multa não fosse paga à Vigilância Sanitária. *Seu Samara* o dono do prédio, mediante a pressão, acabou cedendo, pagou a multa, mas o que vemos na narrativa é a importância de todos se unirem pela mesma causa, ante a exploração:

Apesar de seu Samara ter se resolvido a pagar a multa, continuaram a comentar a briga. Admirava que em meio àquela imensidade de gente, a mais diversa, de raças diferentes, sem outro traço de ligação que a escada do 68, não se ouvisse uma voz discordante, uma voz que apoiasse o proprietário.
– Cobre de seu Samara! (p. 106)

A segunda união foi por causa da greve:

Desta vez o prédio agiu em conjunto como se os inquilinos fossem unicamente peças de uma máquina.
Parece estranho que todo o 68 se visse envolvido nas consequências da greve quando apenas os operários da companhia de bondes estavam nela interessados. (p. 112)

Esta união só foi possível através da atuação de Isaac e Álvaro Lima que influenciaram e conscientizaram as demais personagens à aderirem não só a greve, como aos ideais comunistas.

Interessante verificar também na narrativa a atuação de Isaac como o judeu comunista, perigoso, desmoralizador, imagem combatida no período do Estado Novo, pois:

[...] a imagem do judeu estava ligada também à figura do “comunista e simpatizante do credo vermelho”. A tônica de denunciá-los como portadores de idéias políticas perigosas “comunistas” ou “bolchevistas” foi uma constante no discurso integralista e do clero católico identificado com o pensamento da extrema-direita... (CARNEIRO, 1988, p. 427).

Também podemos citar que “a presença de numerosos judeus quando da revolução soviética e da instauração dos regimes comunistas no leste da Europa deu origem e consistência

ao complô “*judeu-bolchevique*” e que “os judeus são constantemente suspeitos de trabalhar pela degenerescência do Estado-Nação do qual são cidadãos ” (ENRIQUEZ, 1998, p. 50). Verificamos esta situação retratada na seguinte passagem de *Suor*:

A polícia deu uma batida no 68. O delegado disse a seu Samara que desconfiava que funcionasse no prédio uma célula de um partido extremista. Seu Samara subiu às nuvens. Aquilo era uma pilhéria de mau gosto...
O dos dentes de fora, o Vermelho, Isaac e vários outros que nada tinham a ver com o caso pararam na cadeia. O negro Henrique só escapou porque na hora da batida amava liricamente uma negrinha nos areais do cais do porto.
No quarto do judeu foram encontrados manifestos revolucionários e livros de Lenine. Seu Samara botava as mãos na cabeça, considerando o prédio desmoralizado. (p. 113)

Para Seu Samara era vergonhoso e desmoralizador ter moradores comunistas, principalmente o judeu Isaac.

Cabe ainda citar que:

por entre essas expressões estereotipadas emergem sentimentos de inveja, ódio, medo e desprezo pelo judeu. Sua imagem representa a encarnação do Mal devidamente integrada no universo simbólico da ditadura de Vargas. A mensagem é sempre negativa, seja no sentido *econômico* (“concorrente comercial”), *político* (“traidores da Nação”, “intrusos”), *ideológico* (“comunista”), *étnico* (degeneração da raça), *social* (“ralé”) e *sanitária* (anti-higiênico e imundo). (CARNEIRO, 1988, p. 427).

Mas, vale analisar que esta “encarnação do Mal” ajudou os moradores do 68 a lutarem pelos seus direitos e colocarem-se contra a exploração e miséria de que eram vítimas, seja na união pelo não pagamento da multa do sanitário, pelo apoio à greve dos operários da Circular ou pelo protesto contra a prisão dos operários e moradores do 68:

Os presos proletários eram em grande número. Operários da companhia de bondes, inquilinos do 68 e do 77. Organizaram-se então comícios pró-libertação dos grevistas. Os dois primeiros correram normalmente. Um jornal que fazia oposição ao governo escreveu um tópico sobre a “indébita prisão de operários pacíficos e ordeiros”. [...] Talvez fosse o sabor da novidade que fizesse o 68 se precipitar pela escada esmagando os ratos que fugiam espantados.
Homens e mulheres se juntaram à multidão que enchia a Ladeira do Pelourinho para protestar contra a prisão dos operários. (p. 113)

Isaac foi, então, uma figura importante nesta conscientização coletiva, no despertar de construção da solidariedade, como ele comenta com Linda, após o episódio da cobrança da multa do sanitário:

Isaac, o judeu, se juntou ao grupo. E explicou a Linda:
– Você não vê? Nós fizemos uma outra escada na casa.
– Como? – o Vermelho não entendia...
– Sim. A escada era a única coisa que ligava os inquilinos... Hoje há outra, a solidariedade que nós despertamos.
Álvaro Lima comentou:
– Trabalho silencioso...
Linda sorriu. Ouviu os ruídos todos:
– É verdade. Outra escada.
O judeu concluiu:

E é esta a multidão imaginada pelos comunistas para chegar-se à liberdade econômica e política através da revolução, não por acaso, a mesma combatida no período do Estado Novo.

Por outro lado, não podemos deixar de comentar que se no período havia judeus comunistas, também havia os capitalistas, usurários e milionários. Isaac viu no “Norte América” os “patrícios sofrendores e os milionários”. Havia um vínculo do país com os judeus milionários, como os banqueiros que faziam empréstimos ao Brasil, tanto dos Estados Unidos, como da Inglaterra e os que posteriormente se instalaram no país (bancos e empresas) tratados especialmente no panorama histórico, com as observações sobre Gustavo Barroso. Estes judeus são os “de fora”, os “estrangeiros”, mas também estereotipados, vistos como “urubus”, “serpentes”, e os que “vão dominar o mundo” como vimos.

Através do panorama da personagem Isaac, tentamos, então, responder a algumas perguntas que permeiam esta dissertação, como por exemplo, como o judeu é visto pelo nacional, se é bem aceito ou não, assim como vimos como eram tratados e discriminados no período da Era Vargas. Também pensamos em que medida a discriminação dos judeus herdada pelo colonialismo português aparece no romance, por exemplo, na figura do judeu tido como “traidor” e herege.

Quanto à questão sobre haver diferença entre judeus e demais estrangeiros e imigrantes trataremos após a análise destas figuras, a seguir:

3.4. A caracterização das figuras estrangeiras

Esta dissertação visa também a registrar a representação de personagens oriundas de outros grupos étnicos, que servem de parâmetro comparativo para se chegar aos traços específicos do judeu, como os estrangeiros e imigrantes.

No romance podemos listar como estrangeiros e imigrantes as seguintes personagens:

- a) o “*sapateiro espanhol*”, Severino;
- b) o *Seu Samara*, árabe, dono de todo o prédio 68;
- c) a *espanhola* que sublocava o quarto andar do prédio;
- d) a *italiana* que sublocava o segundo andar do prédio;
- e) o *Fernandez*, espanhol, dono da venda;
- f) a *prostituta* polonesa;
- g) o árabe *Toufik* e sua mãe, uma das lavadeiras;

- h) o garoto *Zébedeu*, filho de “um árabe”;
- i) o português *Manuel de Tal*;
- j) o português que casou com a Maria do Espírito Santo;
- k) as *lavadeiras portuguesas*;
- l) o alemão *Franz* (professor de piano).

Uma pequena passagem do romance ilustra como era o lugar habitado por “gente de todas as cores, todos lugares”:

Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandez na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arresada, mascates, ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado. (p. 3)

Lembrando que esta pesquisa utiliza o conceito de distinção para “estrangeiros” e “imigrantes” devido ao modo como eles aparecem diferentemente na literatura brasileira, em função da condição social, econômica, do país de origem, do tipo de mão-de-obra, ou categorizado como elemento “embranquecedor”, expostos no Capítulo II, iniciaremos a análise destas personagens e a forma como se inserem na narrativa, tomando, inicialmente, como exemplo as personagens que podem ser destacadas como estrangeiras: o *Seu Samara* e o *Fernandez*.

Os estrangeiros

Seu Samara

É o proprietário do K.T. Espero, conhecido como o 68. De origem árabe, não mora no mesmo local, mas mantém um escritório por perto para gerenciar os aluguéis, como podemos perceber nos seguintes trechos:

Ficava uma imundícia. Ruim com o sol, pior com a chuva. Reclamavam ao proprietário, seu Samara, que respondia:
 – Onde encontrariam coisa melhor por trinta mil-réis?
 Joaquim Zarolho comprou um papagaio e ensinou o bicho a dizer:
 – Cá te espero... Cá te espero...
 – A quem, meu louro?
 – A seu Samara... A seu Samara...
 – Pra quê, meu louro?
 – Para morar aqui... Para morar aqui... (p. 74)

[...]

– Não. Tou falando outra coisa. O dono da casa não se importava que ele dormisse aqui?

– Seu Samara? Ele não vem aqui mesmo... Quer o lugar, se mal pergunto? (p. 78)

O árabe não é bem visto pelos moradores, os quais o enxergam apenas como um explorador e a própria atitude da personagem demonstra isto.

O árabe, assim como o judeu, carrega o estereótipo de explorador e sovina e esta figura aparece no romance no momento em que o prédio acaba recebendo uma multa devido às condições de higiene do sanitário. O seu Samara entende que os moradores é que devem pagar a multa e estes revidam dizendo que ele é o proprietário. O mesmo só cede por perceber que os moradores encontravam-se unidos (fato já mencionado, pela influência de Isaac e Álvaro Lima) e para evitar uma confusão maior, como segue:

A multa foi para seu Samara, que se recusou a pagar. Que resolvessem aquilo com os inquilinos! Eles que se reunissem e pagassem. Os inquilinos também não se resolveram a pagar. A coisa começou a se complicar.

[...]

– Eu lhe explico direito. Isto aqui é uma imundície. Seu Samara não liga, só quer dinheiro.

– Isso mesmo!

– A gente trabalha o dia todo. De noite é que a gente varre os quartos. .. Quem tem tempo de cuidar da latrina?

Seu Samara interrogou:

– Você lá trabalha! Urna putinha como você!

Julieta avançou para o árabe. A massa de homens e mulheres foi atrás. O médico que evidentemente torcia pelo proprietário, se meteu:

– Calma! Calma!

[...]

Seu Samara levantou a mão num gesto de absoluta generosidade e declarou:

– Tá bem. . . Não precisa briga! Eu pago! (p. 105)

Um outro momento é o da negociação do aluguel do pátio a uma leva de imigrantes cearenses, vítimas da seca (“flagelados”), que necessitavam de um lugar para ficar aguardando o navio que partiria em três dias:

Indicou o escritório de Seu Samara. Os flagelados agradeceram e seguiram com as trouxas pequenas aos ombros, mas curvados como se levassem cem quilos. Iam mulheres com baús e mulheres com crianças. Uma garota de doze anos puxava pela mão um irmãozinho de três anos e levava no braço um de seis meses, que chorava. A mãe ficara morta no Ceará. [..]

Seu Samara pediu quarenta mil-réis por dia pelo pátio. Ofereceram trinta.

– Vá lá... Deixo porque vocês estão mal de vida e não gosto de deixar de fazer uma caridade...

Mas não me sujei o pátio!

O chefe não gostou muito da caridade, mas calou a boca. (p. 85)

Interessante perceber o tom de ironia na narração quando seu Samara pagou a multa “num gesto de absoluta generosidade” e na negociação com os flagelados fazendo “uma caridade”, o que reforça a ideia de ser negociante e explorador.

Além disto, a citação de que o “médico evidentemente torcia pelo seu Samara”, reforça a ideia dele ser bem visto como estrangeiro pela condição social, por possuir o capital, não por ser a mão-de-obra imigrante.

Mas, sobre os imigrantes árabes e a forma de trabalho, Gattaz informa que:

Não obstante as exceções, parece fora de dúvida que até os anos 1950 era comum para os imigrantes libaneses, nos primeiros anos de trabalho no Brasil, a escolha de ofícios como a mascateação ou o trabalho em lojas ou restaurantes.

Se nas primeiras fases da imigração estas ocupações permitiam a acumulação de capital para a abertura de um negócio próprio e o financiamento dos estudos *dos filhos*, após os anos 1950 os imigrantes passaram a concentrar seus esforços no binômio trabalho-estudo, pois sentiam que não era mais possível a rápida ascensão econômica permitida aos primeiros imigrantes através apenas do trabalho comercial. (GATTAZ, 2012, p. 101)

Embora, neste trabalho, definimos o seu Samara como estrangeiro, e não como imigrante, podemos pensar que ele poderia ter feito parte deste grupo que chegou ao Brasil como imigrante e após acumular dinheiro na mascateação, como citado, ter comprado o imóvel 68 ou até mesmo a “padaria árabe clandestina” nos fundos do prédio:

Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandez na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. (p. 3)

Atrás, um pequeno prédio em forma de cúpula de igreja, a padaria árabe clandestina, com ótima freguesia. (p. 69)

Um flagelado descobriu a padaria.

– Gente, espia uma padaria...

– Vou comprar pão fresco.

Voltou com o pão árabe esquisito, em forma de cuia.

– Que coisa mais sem gosto...

– É pão de gringo...

– Diz que eles comem folha de uva. (p. 87)

É bem provável que a padaria pertença a seu Samara, uma vez que todo o prédio 68 é dele. Sendo assim, como proprietário, detentor do capital, podemos conceituá-lo como estrangeiro e desta forma é percebido pelos nacionais, sendo também estereotipado de modo negativo como sovina e explorador. Podemos defini-lo igualmente ao personagem João Romão, um imigrante que trabalhou para ser destacado como estrangeiro, conforme vimos e refletimos nas ideias do professor Capela. Também destacamos que só o fato de ser estrangeiro, não o torna positivo ou elemento desejável.

No geral, sabemos que o nacional via o sírio libanês como comerciante, como informa Truzzi:

Aos olhos da sociedade, ao grupo como um todo, independentemente da origem síria ou libanesa, associou-se acima de tudo uma imagem muito nítida de comerciantes. Anos seguidos de comércio ambulante, o modo peculiar de regatear para fazer negócios, o aspecto e o sotaque forte característicos fixaram um estereótipo capaz de bem definir a que se dedicavam *os turcos* e como ganhavam a vida. (TRUZZI, 1999, p. 332)

Ainda sobre a imagem do nacional sobre os sírios e libaneses, especialmente em São Paulo, o professor comenta que:

A essa imagem familiar de comerciantes sobrepuseram-se, entretanto algumas suspeitas: os *turcos* pouco se misturavam, tendiam a casar entre si, muitas vezes importando a futura esposa da terra de origem; não se dedicavam à lavoura cafeeira (para a qual a imigração havia sido concebida); tinham uma cultura e uma sociabilidade muito introvertida, desenvolvida em suas associações e clubes; mesmo sendo majoritariamente cristãos, não eram católicos; e aglomeravam-se em quarteirões no centro da cidade. É até certo ponto natural que todo este conjunto de atributos, conjugado à dedicação ao comércio – uma atividade que normalmente desperta a suspeita de lucros fáceis – resultasse na formação de preconceitos. E, de fato, não há dúvida de que estes existiram e tiveram de ser enfrentados.

Ao “turco”, termo empregado pejorativamente, associou-se a capacidade de fazer qualquer negócio.” (TRUZZI, 1999, p. 332)

Interessante pensar que a imagem aos poucos também foi sendo alterada na consciência nacional, de acordo com Gattaz, conforme a ascensão social adquirida por eles:

O relativo sucesso econômico e a conseqüente ascensão social dos libaneses provocou uma mudança na imagem que o brasileiro fazia do mascate e do comerciante árabe na sociedade. Ao passo que nas primeiras décadas do século XX os estereótipos negativos predominavam, com o tempo os “turcos” começaram a ser visto com mais respeito, sendo destacadas suas características positivas – embora a desinformação sobre os patronímicos *libanês*, *sírio*, *árabe* e *turco* permaneça até hoje.

O comércio serviu, assim, à manutenção material do próprio imigrante e da família, à sua inserção na sociedade e especialmente na elite brasileira através da ascensão econômica, e à formação das imagens interna e externa da colônia, em que se destacam o talento comercial e senso de oportunidade do libanês. (GATTAZ, 2012, p. 106)

Os patronímicos libanês, sírio, árabe e turco

Por último, cabe comentar a “desinformação sobre os patronímicos libanês, sírio, árabe e turco”, que permanece até hoje. Em seu romance *Gabriela, Cravo e Canela* (1953), Jorge Amado aborda esta questão através do personagem Nacib, dono de um bar em Ilhéus, nos áureos tempos do cacau, também na Bahia da década de 20:

Era comum tratarem-no de árabe, e mesmo de turco, fazendo-se assim necessário de logo deixar completamente livre de qualquer duvida, a condição de brasileiro, nato, e não naturalizado, de Nacib. Nascera na **Síria**, desembarcara em Ilhéus com quatro anos, vindo de um navio Francês até à Bahia. Naquele tempo, no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam à cidade de alastrada fama, diariamente, pelos caminhos do mar, do rio e da terra, nos navios, nas barcas e lanchas, nas canoas, no lombo dos burros, a pé abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte: de Sergipe e do Ceará, de Alagoas e da Bahia, do Recife e do Rio, da **Síria** e da Itália, do **Libano** e de Portugal, da Espanha e de “ghettos” variados. Trabalhadores, comerciantes, jovens em busca de situação, bandidos e aventureiros, um mulhêrio colorido, e até um casal de gregos surgidos só Deus sabe como. E todos eles, mesmo os loiros alemães da recém-fundada fábrica de chocolate em pó e os altaneiros ingleses da Estrada de Ferro, não eram senão homens da zona do cacau, adaptados aos costumes da região ainda semibárbara com lutas sangrentas, tocaias e mortes.

Já ilhenses por fora e por dentro, além de brasileiros naturalizados, eram os parentes de Nacib, uns **Ashcar** envolvidos nas lutas pela conquista da terra, onde seus feitos foram dos mais heróicos e comentados.

(...) De **árabe** e **turco** muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho, de intimidade. De turco ele não gostava que o chamassem, repelia irritado o apodo, por vezes chegava a se aborrecer:

– Turco é a mãe!

– Mas, Nacib...

– Tudo que quiser, menos turco. Brasileiro, – batia com a mão enorme no peito cabeludo – **filho de sírios**, graças a Deus.

– Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa.

– A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia. Os turcos são bandidos, a raça mais desgraçada que existe. Não pode haver insulto maior para um sírio do que ser chamado de turco.

– Ora, Nacib, não se zangue. Não foi para lhe ofender. É que essas coisas das estranhas pra gente é tudo igual... (grifos nosso). (AMADO, 1982, p. 37-38)

A frase de Nacib “Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia” é muito explicativa para esta confusão que até hoje existe, pois conhecendo geografia sabemos que a Turquia é um país situado em parte na Ásia, fronteira com a Síria, Iraque e Irã e em parte na Europa, com a Grécia e a Bulgária, mas não é um país árabe; sofreu influência das culturas árabe, latina, grega, bizantina e persa. Além disto, a Turquia foi o centro do que ficou conhecido como Império Turco-Otomano e no seu auge, entre os séculos XVI e XVII, chegou a abranger parte do norte da África, da atual Arábia Saudita e Europa. Na primeira década do século XX o Império passou por um desmantelamento e os imigrantes sírios saíam do país com um passaporte turco.⁷⁷ Ainda neste artigo, o professor e geógrafo Aziz Ab’Saber comenta: “Quer dizer, sobrou esse cognome (turco), porque por muito tempo os passaportes vinham em nome da Turquia. Chega o passaporte, falando árabe todos, e de repente olha lá e veio da Turquia, então o nome passou a ser estendido para todos os que saíram de lá”. Lembra que era dolorido e humilhante aos imigrantes serem chamados de turco quando sabiam que sua terra estava dominada pelo Império Turco. Por isso Nacib fica furioso e chama os turcos de “bandidos, a raça mais desgraçada que existe”.

O próprio professor Aziz sempre lidou com esta confusão dos patronímicos, por exemplo em uma visita a sua cidade natal, São Luís do Paraitinga: quando “...é abordado por uma conhecida de sua família. Ela não hesita: “Ah! Você que é filho do turco Nacib. Aziz é filho de Nacib Ab’Saber, mas o pai do geógrafo não era turco. Nasceu no país que hoje conhecemos como Líbano”.

Sobre o Líbano, cabe ainda citar algumas informações importantes que Gattaz relata na obra citada, por exemplo, que “ao final do século XVIII, a região do Império Otomano

⁷⁷ ICARABE. Instituto de Cultura Árabe. **Estereótipo de árabes confundidos com turcos permanece**. 23/06/2005. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/noticias/estereotipo-de-arabes-confundidos-com-turcos-permanece>>. Acesso: 19 de novembro de 2012 e Abril de 2014.

denominada *Síria* – onde se encontrava o Monte Líbano – estava dividida em quatro províncias, governadas por *pashas*: Damasco, Alepo, Trípoli e Saida. As famílias governantes desfrutavam de independência quase total, devendo apenas pagar um tributo aos otomanos; Istambul reassumia sua autoridade quando considerava necessário. ”⁷⁸

Havia um caráter hierárquico na sociedade da região do Monte Líbano e “o Líbano tinha, apesar de uma sociedade pobre e estagnada, um grau de tolerância religiosa desconhecido em outros países do Oriente Médio”. Porém, devido à inabilidade dos governantes em lidar com as ambições de poder das diversas famílias nobres drusas e maronitas e “agravados pelos conflitos de classe entre os camponeses e os lordes das montanhas, em 1840 começaram a surgir conflitos”. Já no final dos anos 1850, o Líbano entrou em convulsão quando se iniciaram conflitos entre camponeses maronitas e famílias nobres, no Norte (“os camponeses maronitas atacaram e expulsaram as famílias nobres, tomando suas propriedades”). Espalhando-se por toda a região, “o movimento tornou-se um conflito entre os camponeses maronitas e os lordes drusos – conhecido como a “guerra civil de 1860”, na verdade um misto de conflito comunal e luta de classes ”.⁷⁹

Por fim, Gattaz também relata que sob a liderança de Said Jumblat, os drusos:

provocaram grandes perdas entre seus oponentes e assumiram o controle sobre os camponeses maronitas – estima-se que em quatro semanas 11.000 cristãos tenham sido mortos pelos drusos; outros 4.000 morreram de desnutrição e 100.000 tornaram-se refugiados. Os reflexos deste conflito chegaram até Damasco, onde um massacre deixou cerca de 3.000 cristãos mortos e provocou o êxodo de milhares para a costa. [...] ⁸⁰

Mediante estes acontecimentos, houve uma reação internacional imediata, o exército francês desembarcou em Beirute, realizou-se uma intervenção otomana e “em 1861, representantes do Império Otomano, Inglaterra, França, Áustria, Prússia e Rússia assinaram em Istambul o regulamento sobre a administração do Monte Líbano – o primeiro texto oficial reconhecendo a autonomia do Líbano em relação ao Império e o direito das potências de intervir em seus negócios. ” E “Sob este regulamento, que lançou o fundamento da organização do país no sistema que veio a ser conhecido como *confessional*, e desfrutando do apoio europeu, o Líbano viveu em relativa calma até a primeira década do século XX, apresentando considerável progresso sócio-econômico ”.⁸¹

⁷⁸ GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012. Série Acadêmica, Coleção NEHO-USP. p. 18. Disponível em: <<http://www.editorapontocom.com.br/l/9/Do-L%C3%ADbano-ao-Brasil%3A-hist%C3%B3ria-oral-de-imigrantes>>. Acesso: 27/03/2014.

⁷⁹ Ibid., p. 18

⁸⁰ Ibid., p. 19

⁸¹ Ibid., p. 18-19

Desta forma, traçamos um breve panorama histórico e geográfico importante para ilustrar o comportamento de *Nacib* com relação aos patronímicos, bem como conhecermos a origem dos seus pais (filho de sírios) e a de *seu Samara*, árabe, assim como percebemos a forma como são vistos pelos nacionais, constatando que eles não são turcos e não gostam absolutamente de ser comparados a estes.

Cabe ainda citar que, na passagem sobre Nacib, também temos um panorama das pessoas que imigravam para a Bahia, Ilhéus, no caso, provavelmente no final do século XVIII, já que Nacib chegou ao Brasil com quatro anos e a narrativa se passa no período de 1920, como já vimos:

Naquele tempo, no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam à cidade de alastrada fama, diariamente, pelos caminhos do mar, do rio e da terra, nos navios, nas barcas e lanchas, nas canoas, no lombo dos burros, a pé abrindo picadas, centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte: de Sergipe e do Ceará, de Alagoas e da Bahia, do Recife e do Rio, da Síria e da Itália, do Líbano e de Portugal, da Espanha e de “ghettos” variados. Trabalhadores, comerciantes, jovens em busca de situação, bandidos e aventureiros, um mulhério colorido, e até um casal de gregos surgidos só Deus sabe como. E todos eles, mesmo os loiros alemães da recém-fundada fábrica de chocolate em pó e os altaneiros ingleses da Estrada de Ferro, não eram senão homens da zona do cacau, adaptados aos costumes da região ainda semibárbara com lutas sangrentas, tocaias e mortes. (AMADO, 1982, p. 37)

O narrador informa que eram centenas de nacionais e estrangeiros, oriundos de toda parte, inclusive Síria, Líbano e “ghettos” variados, onde podemos concluir que muitos judeus, sírios e libaneses chegaram ao Brasil para trabalhar, ganhar dinheiro no “rastro do cacau dando dinheiro”, como ele diz, e tentando “fazer a américa”, termo usualmente utilizado para designar o que estrangeiros e imigrantes desejavam ao chegar à América.

Compondo este panorama, pensando nas influências históricas e nas inspirações em vidas e fatos reais para compor seus romances, podemos citar o próprio autor, Jorge Amado, conversando com Alice Raillard, como já exposto, sobre a questão dos árabes em seus romances, pois eram os “estrangeiros” que ele conhecia bem:

Criticam-me porque não há portugueses, só árabes, mas essa foi a realidade que vivi. Os que conheci eram árabes. [...]

E havia os árabes, quantidades de árabes que se estabeleceram um pouco em cada lugar; em nossa região eles foram fazendeiros, cultivadores de terras – os Maron, uma família imensa, e muitos outros; o pai de Jorge Medauar, o escritor, tinha sido coronel do cacau; outros tinham comércio, lojas, especiarias. Eram muito poderosos e integrados. Os fundos da nossa casa davam para uma casa de árabes, os dois quintais de tocavam. Lembro-me que eles cultivavam videiras, e que comiam as folhas; aquilo nos surpreendia. Mas tínhamos relações excelentes, não havia de nenhum dos lados qualquer tipo de preconceito. Todos se misturavam, como tudo se mistura no Brasil. [...]

Na nossa região eram os sergipanos e os árabes; estes últimos geralmente eram ricos e suas mulheres lindas, gordas e fortes, como eram as belas mulheres daqueles tempos; [...] (RAILLARD, 1990, pp. 197-198)

Nesta passagem percebemos um olhar do autor sobre os estrangeiros, enxergando-os sem preconceito, e também uma explicação, como ele diz, sobre a quantidade de árabes que permeiam seus romances. Curiosamente, embora *Tenda dos Milagres* aborde uma parte do mesmo período da narrativa de *Suor*, não há nenhum personagem árabe de grande destaque, o que pode ter ocorrido justamente por não haver mais a influência direta e a convivência entre o autor e os imigrantes árabes que o inspiravam, já que o momento da composição do romance abarca outro período histórico e biográfico em sua vida, agora em 1968, morando em outra região (de Ilhéus para Salvador), período em que os árabes já tinham se estabelecido em toda a Bahia, não sendo necessariamente mais “vizinhos”. No entanto, os árabes não são totalmente deixados de lado, pois em *Tenda dos Milagres*, ele faz uma citação curiosa dos árabes mascates, no enterro de Pedro Archanjo, momento em que compareceram pessoas de “todos os lados e tipos”: “Trabalhadores de horário preciso, vagabundos sem relógio de ponto, bêbados e mendigos, habitantes dos sobradões, dos infectos cortiços, **árabes de prestação**, môços e velhos, gente de santo e comerciantes do Terreiro de Jesus, carroceiros com sua carroça...” (AMADO, 1973, p. 48) (grifo nosso). Também há a personagem Maluf, chamado de turco, dono do bar, palco de grandes discussões: “Mas o turco Maluf era boa praça, compareceu com outra rodada antes da despedida”, (*Tenda dos Milagres*, p. 40), porém, ele não tem grande atuação ou destaque no enredo, como veremos. Uma última citação cabe ao personagem nacional Zé da Inácia, ajudante do mascate “seu Ibrahim”, ora narrado como sírio, ora como turco, mais um exemplo da confusão dos patronímicos, assim como da função de mascate:

Carregando a mala de um mascate sírio, ladeira abaixo, ladeira acima, a troco de algumas moedas que mal davam para o de-comer de Caçula, companheira de muitos anos, Zé da Inácia, aos domingos, tomava invariavelmente seu porre semanal, chegava em casa às quedas. Na segunda-feira, de retorno à mala, seguia seu Ibrahim de freguês em freguês, calado, pacato, incapaz de discutir, de reclamar, sob a chuva e sob o sol a pino. (p. 243)

Uma vítima do destino, o réu ali sentado: esposo amantíssimo, homem trabalhador por excelência, sob o sol ardente com a mala do mascate, a ganhar com o suor de seu rosto — do rosto só, não, Senhores do Conselho de Sentença, do corpo inteiro, porque a mala do turco pesa toneladas! — o sustento da esposa adorada. (p. 245)

Uma grande imigração do período desta narrativa, antes e durante a Segunda Guerra, já em 1943, como veremos, será dos judeus, fugindo do nazismo e da guerra.

Por último, também cabe o comentário do autor sobre imigração em grupo:

A.R. – Houve algum momento especial de imigração em grupo, sistemática?

J.A. – A imigração começou depois da Abolição, quando o país abriu as portas à imigração. Vieram italianos, alemães, árabes. Embora os italianos tenham ido para São Paulo, os alemães para o sul, para o Rio Grande do Sul, etc., os árabes espalharam-se por todo o Brasil, desde a Amazônia até o sul.

A.R. – Isto em diversas épocas?

J.A. – Sim, embora eu não saiba até que ano a imigração continuou, mas ela durou muito tempo. [...] Veja o número de deputados brasileiros que têm nome árabe, o número de políticos. Uma quantidade enorme, em todo lugar, e em todos os Estados. (RAILLARD, 1990, p. 198)

O Fernandez

A outra personagem que podemos conceituar como estrangeira, devido a sua situação econômica e origem, é o Fernandez, dono da venda que fica na frente do prédio 68:

Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandez na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. (p. 3)

Perto das 6 horas da tarde, diariamente, a venda do Fernandez se enchia. (p. 90)

Pouca gente sabia, porém, que nos fundos do 68, havia um cortiço. O corredor escuro de entrada ficava por baixo da escada e servia também para a família de Fernandez, que morava no andar térreo do prédio, atrás da venda. (p. 68)

Ele aparece com frequência na narrativa, mas sempre atrás do balcão da venda, conversando com os clientes e, principalmente, induzindo-os consumirem no seu estabelecimento, como podemos perceber:

Fernandez fazia contas. O de camisa de listras perguntou:

– Quanto lhe devo?

– Mil e duzentos...

– Bote na conta...

Fernandez apontou o quadro em cima da prateleira:

**F I A D O
S Ó
A M A N H ã**

– Nunca chega esse amanhã.

– Outra golada para terminar...

– Mil e quatrocentos... (p. 92-3)

Porém, ao contrário do Seu Samara, ele não é apontado como explorador, mas é visto apenas como um comerciante. Desta forma, percebemos que na narrativa a figura de explorador e usurário geralmente se encaixa mais entre árabes e judeus.

Fernandez e Seu Isaac – comerciantes

Como dono de bar ou venda, cabe também pensarmos em uma comparação entre personagens de romances distintos do autor Jorge Amado, como por exemplo entre *Fernandez* e o *Seu Isaac* do romance *Cacau* (do mesmo período de *Suor*), dono de um bar no sul da Bahia, também na década de 30:

Honório foi tomar uma cerveja no bar do seu Isaac, bar que funcionava das dez em diante como cabaré.

Homens embriagados e muita cachaça. Um jazz infame. Mas a gente achava ótimo. Num compartimento, separado do resto da casa por um tabique, jogava-se roleta. Atrás do balcão *seu* Isaac dominava a freguesia. Sabia quanto cada um dos seus fregueses podia beber. E quando calculava que o dinheiro de alguém só dava para pagar o que já bebera, mandava que os empregados não servissem mais. *Seu* Isaac nunca errava no cálculo. O camarada podia morrer de chamar pelos empregados. Eles não ouviam. Êsse negócio de fiar não ia com *seu* Isaac... (AMADO, s.d., pp. 155-158)

No caso deste Isaac, fica clara uma singularidade em lidar com o dinheiro (“sabia quanto cada um dos seus fregueses podia beber”), o que não ressalta tanto com o personagem espanhol, tido mais como comerciante do que como explorador, visão mais estereotipada do judeu (mercenário, usurário, explorador).

E a figura do judeu acaba sendo explorada pelo autor em seus romances tanto como explorador, quanto como comunista.

Interessante também analisarmos as funções diferentes dos espanhóis na narrativa de *Suor*, pois de um lado há o comerciante, acumulador de capital e do outro, o anarquista, o “sapateiro espanhol”, o qual é, obviamente, contra o sistema capitalista e mais ainda contra a exploração.

Completando o que já foi exposto sobre a imigração espanhola, na Bahia os galegos “concentraram-se nos setores do comércio de alimentos e bebidas, os chamados secos e molhados, bares, padarias e pastelarias, substituindo os portugueses, que até o século XIX, foram predominantes neste ramo comercial”. Em outros estados como Rio de Janeiro e São Paulo, também houve uma caracterização de emigração urbana, embora em São Paulo também “um grande contingente espanhol se deslocou até as zonas agrícolas cafeeiras, no começo do século XX ” (SILVA, E., 2012, p. 220).

Não conhecemos a procedência de *Fernandez*, como e quando chegou ao Brasil, mas segundo os dados do romance, até poderíamos encaixá-lo no grupo dos “imigrantes espontâneos”, ou seja, os que não dependiam do governo para subvencionar as passagens, conforme já exposto, pois estes tinham o dinheiro da venda de suas propriedades na Espanha para iniciar uma vida nova no Brasil, “fazer a América”. Assim, *Fernandez* se encaixaria no grupo destes “imigrantes”, mas devido a sua condição financeira e social, de acordo com a distinção feita neste trabalho, ele se enquadra melhor como “estrangeiro”, uma vez que no período da narrativa ele é uma pessoa com melhor padrão e pode ter tido posses em seu país de origem. Uma outra observação importante é a cena em que sabemos que *Fernandez* mora no mesmo local, o 68, o que poderia fazê-lo igual ao nacional, porém, fica claro que ele não mora no cortiço, mas no mesmo terreno em que há o cortiço, o prédio, a venda, a padaria e o pátio,

local imenso, com todo tipo de pessoas: “Pouca gente sabia, porém, que nos fundos do 68, havia um cortiço. O corredor escuro de entrada ficava por baixo da escada e servia também para a família de Fernandez, que morava no andar térreo do prédio, atrás da venda” (p.68).

Na mesma entrevista de Jorge Amado à Raillard, já comentada, ele informa que no grande período de imigração na “Bahia houve uma imigração galega, uma grande colônia de galegos ” (RAILLARD, 1990, p. 197).

Assim, Fernandez também pode ser representado como o seu Samara, que chegou na condição de “imigrante”, mas alcançou destaque como “estrangeiro”, de acordo, com nossa distinção.

As espanholas

Outra figura espanhola é a mulher que sublocava um andar do prédio 68:

A espanhola que alugara o quarto andar transformara os vinte quartos e três salas em quarenta e nove apartamentos que lhe rendiam bom dinheiro. (p. 17)

Talvez ela também seja a freguesa da costureira, D. Risoleta:

Pegou na combinação e sacudia-a para ventilar as coxas.

– E esse vestido, hein, dona Risoleta? A senhora devia era mandar aquela espanhola pras profundas... Feia como uma jararaca e querendo vestido de mocinha. Garanto que quer botar os chifres em seu León. . . Quanto ela paga?

– Trinta mil-réis por dois. É o mês do quarto.

Julieta percorreu o quarto com os olhos.

– Bonito quarto! E esse cheiro de chulé.. – assobiou. – Trinta mil-réis. Eu, no dia que arranjar um cara rico, vou com êle... Quero é comida, casa boa e boa bóia. (p. 5)

O fato é que tanto uma, quanto a outra “espanhola” são apontadas como pessoas de posse, que têm dinheiro, ao contrário dos nacionais do enredo.

Esta passagem também mostra, através dos alugueis, a exploração sofrida pelo nacional através do estrangeiro, seja pelo seu Samara ou pela “espanhola”, os quais alugam quartos pequenos, fétidos e cheios de goteiras por preços absurdos (mediante o poder aquisitivo das personagens).

Esta exploração e uma falta de humanidade é representada de forma latente na personagem italiana, a qual também subloca os quartos do segundo andar.

A italiana

Em uma cena em especial, o narrador mostra como ela é cruel e insensível com um dos moradores por atrasar o aluguel do quarto:

– É a sua conta. Hoje é 18. Venceu no dia 5.
O homem passou a mão na barba, pegou no papel onde os algarismos brilhavam:
– A senhora vai ter paciência! A senhora não pode esperar até o fim da semana? Eu tenho uma promessa de emprego...
O sorriso fugiu dos lábios ressequidos da solteirona, que se apertaram, dando ao rosto uma expressão de maldade:
– Já esperei muito, seu João. Desde o dia 5. E o senhor com essa cantilena todo dia. Esperar, esperar... Per la Madonna! E eu no tenho que pagar o senhorio? No tenho que comer! No posso esperar mais. . . No sou mãe da humanidade...
Dizia no apenas, e esse no soava tragicamente.
Um bebê chorou no quarto. O homem coçou a barba e explicou:
– Mas a senhora sabe... A mulher teve filho na semana passada... As despesas... Por isso não lhe paguei... E fiquei desempregado..
– E eu, que tenho com isso? Por que faz filhos? Eu tenho culpa? Eu quero o quarto. Trate de se mudar, se não boto esses trastes na rua... No espero mais!
Saiu têsá, no vestido muito engomado. [...] (p. 57)

Por não conseguir trabalho, seu João acaba fugindo da italiana, chegando tarde, saindo cedo, conseguindo e dando comida somente para a esposa, pois esta precisava amamentar. Porém, em um momento de fúria, pelas palavras agressivas da italiana, ele a agride e acaba sendo preso e despejado:

Não arranhou quarto para se mudar, nem dinheiro para a italiana. Agora entrava tarde, quando ela já dormia. Ficava pelas ruas, filando cigarros de um e níqueis de outro para a comida da mulher. Para esta é que a vida virara um inferno. Não ia ao banheiro sem que a italiana gritasse:
– Mude-se! Mude-se! Vá se lavar noutro lugar!
Já não tinham água. Para dar banho no bebê, ela descia até o cortiço dos fundos, onde as lavadeiras batiam roupa. Depois, foi a latrina. A italiana agora se divertia em persegui-la. Mal a avistava, trancava a latrina e escondia a chave. O quarto andava uma sujeira horrorosa. João coçava a barba enorme, desanimado.
Um dia, quando entrou, mais de meia-noite, encontrou a italiana a esperá-lo. Ele se encostou na parede para passar.
– Boa noite.
– No esperava me encontrar, no é? Quero que pague o quarto e vá pra rua. Se no amanhã chamo a polícia...
– Mas...
– No tem “mas”... Vem falar em emprego? Vive bebendo de noite e de dia dorme, no é?... No sustento vagabundos. . . pra rua! Pra rua!
– Mas minha mulher...
– Sua mulher! Sua mulher me emporcalha o quarto! No sabe fazer nada! Nem lavar roupa... Por que ela no arranja um homem? Pra isso talvez ela sirva.
João esbugalhou os olhos. Não viu mais nada. Com o soco, a italiana caiu, dando uns gritinhos miúdos. Quando viu as mãos do homem se aproximarem do seu pescoço, desabou a correr pela escada gritando por socorro. João deixou cair os braços, coçou a barba e foi para o quarto esperar a polícia.
O comissário deu toda a razão à italiana e os jornais também. Um até lhe publicou o retrato, um retrato tirado em Milão, aos dezoito anos. João foi para a cadeia e os móveis – uma cadeira, um cabide e uma cama – ficaram como pagamento do aluguel. (p. 57-8)

Esta passagem é importante para traçarmos o perfil da personagem não somente como imigrante, mas também como “carcamano” (substantivo masculino, usado como pejorativo aos

italianos, como sendo exploradores, “ladrões”⁸²). Esta alcunha foi muito usada no Brasil, no início do século XX, período de maior imigração de italianos para o Brasil e acabou tornando-se também um estereótipo para os italianos.⁸³ Lembramos o exposto no Capítulo II, segundo o professor Capela, que os estereótipos literários do “carcamano” e do “turco”, por exemplo, ilustram a situação da combinação da origem e condição da personagem que a faz ser representada como “imigrante”:

Embora as observações de Sayad refiram-se antes de tudo à atualidade, é possível constatar, nas ficções de série em questão, uma sensível diferença de apreciação e tratamento de acordo como o modo segundo o qual origem nacional e condição social das personagens são combinadas. Os estereótipos literários do “carcamano” e do “turco”, por exemplo, ilustram essa situação, isso para não falar na quase absoluta ausência de representações de imigrantes (grifo do autor) franceses ou ingleses na prosa brasileira de ficção. (CAPELA, 2003, p.2)

A “italiana” queria saber do pagamento, não interessava a situação do inquilino, o capital era o mais importante. Vale lembrar que ela sublocava o andar, e ao que tudo indica pagava ao Seu Samara: “... - Esperar, esperar... Per la Madonna! E eu no tenho que pagar o senhorio? No tenho que comer! No posso esperar mais. . . No sou mãe da humanidade...”

Distinção de tratamento - nacionais e estrangeiros

Um outro ponto a ser considerado é a relação dela com os demais “não-nacionais” e com os nacionais:

Ela passava muito espigada, sapatos pretos, óculos de aros de ouro, sem cumprimentar. Usava dentadura postiça, e só o Fernandez da venda lhe merecia um boa noite. Quando Cabaça já estava na porta, ela deixava cair um níquel de cem réis na cuia de queijo. O mendigo resmungava agradecimentos de mistura com insultos:
– Deus a ajude, fia da puta, a se rebentar um dia nessas escadas... (p. 56)

Para a italiana, somente o Seu Fernandez “lhe merecia um boa noite”, ou seja, havia uma identificação da parte dela por ele também não ser nacional, além do que ele não era um simples morador, mas alguém de posse. E pela fala de Cabaça, percebe-se que ela não era querida nem por ele.

No entanto, ela passou a ser mais conhecida e até admirada ao começar frequentar as sessões espíritas e, conforme o narrador, ser médium e “aparelho” para os espíritos imundos:

⁸² DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/carcamano/>>. Acesso: 03/04/2014.

⁸³ OLIVIERE, Antonio Carlos. **Preconceito: A ética e os estereótipos irracionais**. Educação UOL. 06/01/2006. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/preconceito-a-etica-e-os-estereotipos-irracionais.htm>> Acesso: Abril de 2014.

A preta que vendia mingau ria a bom rir, mas a italiana não ouvia, longe que estava, em caminho da sessão espírita que freqüentava. Era médium de nome e, quando o espírito a pegava, diziam que ela dançava, cantava canções picantes na sua língua, fazia gestos impudicos. Era o aparelho preferido dos espíritos de padres safados e de mulheres debochadas, que contavam a perversão da sua vida para conseguir o perdão. Raros espíritos puros desciam sobre ela e, quando caíam nessa besteira, se misturavam com os impuros, que terminavam sempre por dominá-los. Por tudo isso as sessões da Rua de São Miguel eram muito freqüentadas e a italiana começava a criar uma auréola de santa.

O negro Henrique debochava:

– Aquela velha é histérica, isso sim. Precisa é de homem.

E gargalhava na cara dos crentes. (p. 56)

Desta forma, a italiana só passou a ser melhor aceita pelos moradores do 68 por causa da religião espírita, com a qual os moradores se identificavam. Vale destacar que o espiritismo começou a ganhar força no país exatamente neste período, como ressalta a Federação Espírita Brasileira:

O espaço de tempo ocupado pelos anos de 1930 a 1950 tem especial significação na vida da Instituição. Crescera o Movimento Espírita com a fundação de inúmeros Centros espalhados por todo o território nacional. Alguns jornais e revistas faziam a divulgação, secundando o trabalho nas tribunas das casas espíritas.

Desde 1891 cogitara-se da ideia de montagem de uma oficina para a impressão de *Reformador* e de obras de propaganda. Passavam-se os anos e a ideia era acalentada, e adiada por falta de recursos. (...) ⁸⁴

Já pelos demais nacionais, como o comissário de polícia e a impressa, ela era bem vista e aceita, como vimos no episódio da discussão e prisão do seu João.

Concluindo, vemos que há uma distinção de tratamento, dos nacionais em relação aos estrangeiros que possuem dinheiro e poder, como no caso do árabe *seu Samara*, da italiana e do espanhol *Fernandez*. Distinção esta, não necessariamente positiva, como exposto. Os que não possuem nada, são pessoas simples, que se misturam com os demais moradores, como Toufik e sua mãe, o alemão Franz, os portugueses e a prostituta polonesa.

3.5. A caracterização das figuras imigrantes

Vimos que seu Samara, seu Fernandez e a italiana são comerciantes, possuem poder aquisitivo, os que os diferencia dos demais do sobrado 68; sendo assim, as demais personagens apresentadas são conceituadas como “imigrantes”, pois são pobres, trabalhadoras, mão-de-obra e exploradas pelo sistema capitalista. O Severino, “sapateiro espanhol” destaca-se por ser sapateiro e anarquista, também visto como indesejado no período da Era Vargas (chamado

⁸⁴FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA- FEB. **Décadas de 30 a 50**. 21/06/2012. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/decadas-de-30-a-50/>>. Acesso: 03/04/2014

pejorativamente de “amarelos”, pelos grupos revolucionários do período), embora, como já exposto, neste momento da narrativa, os anarquistas já não tinham tanta influência no país.

Severino, “o sapateiro espanhol”

Curiosamente a personagem é apresentada no início da narrativa, fora do capítulo denominado “Gringos”, quando conhecemos Isaac, Toufik e a prostituta polonesa.

Sabemos que ele mora em um quarto do sobrado, com seu gato Zug, há seis anos, tem 40 anos e exerce a profissão de sapateiro. Pode ser um dos imigrantes do início do século XX, pois no começo deste século havia uma constante migração dos anarquistas para América, chegando à Argentina, México, Estados Unidos e Brasil; eles eram principalmente italianos e espanhóis, visto que havia uma grande repressão aos anarquistas nos países europeus, como exposto no panorama histórico.

Os anarquistas, como o sapateiro espanhol, pensavam na revolução imediata, erradicando sobretudo o Estado, as classes, as instituições e as tradições, como podemos ver exemplificado na narrativa:

O gato pulava, rodava em torno do dono, miava, até abocanhar o pedaço de presunto.
Depois da refeição, Severino acendia a vela e abria a brochura. Era um folheto de propaganda anarquista. Lia até que a luz da vela começava a murchar e o toco terminava.
Então pegava o gato e levava-o ao pequeno buraco que servia de janela. Olhava a cidade colonial.
– Zug, é preciso destruir tudo isso. Tudo está errado.
Zug lambia o nariz.
– Você é um burguês indecente, Zug.
Tinha uns grandes olhos meigos de criança e uma voz pausada, muito calma, com sotaque espanhol. Muitos cabelos brancos, apesar dos quarenta anos. Alto e angulado, com uma bela e forte cabeça, onde uma veia cortava a testa com um talho azul em alto-relevo.
– Os padres. . . os ricos. . . todos. . . Destruir.
Tirava a camisa manchada de graxa preta e a calça velha de casimira com remendos nos joelhos. Acomodava Zug nos pés da cama e deitava-se. Do resto da vela desprendia-se um cheiro nauseante. (p. 7)

No enredo não fica claro qual era a vertente que seguia, dentre as destacadas no panorama histórico, se era anarco-comunista ou coletivista, mas era radical, por isso talvez tenha perdido espaço junto aos moradores, exemplificando o momento histórico que o comunismo vivia, junto às massas, conforme exposto na análise sobre Isaac.

Por outro lado, além do que já foi exposto sobre o anarquismo no Brasil, com relação às propostas, influência e organização, podemos citar também que:

A expansão do anarquismo foi rápida nas grandes cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Suas propostas de supressão do Estado e de todas as formas de repressão encontraram receptividade entre os trabalhadores naqueles tempos em que o jogo político era exclusividade das oligarquias e praticamente inexistia qualquer proteção ao trabalho. Governo e patrões eram vistos pelos anarquistas como inimigos a serem combatidos a todo custo. Suas idéias eram difundidas por meio de congressos e por uma imprensa própria e, entre outros,

destacaram-se como divulgadores do ideário anarquista José Oiticica, Everardo Dias e Edgard Leuenroth.⁸⁵

Lembramos que a política de Vargas junto ao operariado também contribuiu para que as ideias anarquistas perdessem força. O decreto de 1930 e a luta contra a influência anarquista e comunista no campo sindical, esvaziou os sindicatos e “paralelamente, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e, ligadas a este, as Juntas de Conciliação e Julgamento, com o objetivo de controlar o operariado”.⁸⁶

Severino trabalha como autônomo, sapateiro, exercendo uma profissão para sobrevivência, sem patrão e sem acúmulo de capital. Pelo fato de ser anarquista, podemos entender que ele não pensava em enriquecer, mas, por outro lado, no episódio da sua prisão e deportação, podemos deduzir que ele tinha uma situação irregular no país, pois foi deportado e usava o nome de Severino, nome típico brasileiro, o que também sugere que ele não poderia ter um trabalho regular e muito menos ser um comerciante como o Fernandez, até mesmo pela sua ideologia, contra os patrões e capital.

E o fato de ser sapateiro também pode demonstrar que ele tinha um ofício baseado no coletivismo, visto que o mesmo era formado por operários que realizavam um trabalho manual e organizavam-se em cooperativas:

Sob o coletivismo anarquista cada membro das cooperativas operárias estaria obrigado a realizar um trabalho manual e receberia uma retribuição direta ao trabalho. Poderia desenvolver qualquer atividade intelectual. Trocando em miúdos, o critério da distribuição basear-se-ia no trabalho e não na necessidade. (COSTA, 1981, p. 23)

Um pequeno excerto do romance também traça um perfil de como ele era visto pelos nacionais e a forma como se relacionava com eles:

Muito retraído, metido com o seu gato e as suas brochuras, se não gozava de simpatias no prédio, não o odiavam também. Sabiam vagamente que ele era anarquista e não acreditava em Deus. Antigo inquilino, habitava o quarto do sótão há seis anos sem que fosse incomodado, apesar da sua doutrina. Pouco se falara nele, nesses anos. Apenas uma vez, surrara um inglês que espancara um cachorro lepreto em plena rua. Nessa ocasião, porém, nada lhe acontecera. O povo e os próprios soldados se tinham colocado ao seu lado e ele foi em boa paz. Três anos passaram sobre essa surra e há muito não se falava no assunto, quando o sapateiro voltou a ser objeto das conversas das lavadeiras e dos homens que tornavam do trabalho. Desta vez, o sapateiro espanhol não teve o povo e os soldados a seu lado. Ficaram admirados, sem entender. Só os homens que se reuniam no quarto de Álvaro Lima e o judeu velho apoiaram a atitude do anarquista e explicavam-na aos outros na porta do 68. (p. 75)

⁸⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. **Anos 20. Movimento operário**. In: A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/MovimentoOperario>> Acesso: 31/08/2014.

⁸⁶ CUNHA, 1981, apud CARNEIRO, 1988.

O episódio em que ele volta a ser objeto das conversas é o apedrejamento da tela do cinema, conforme já exposto na comparação com Isaac, em que o sapateiro fica furioso com a cena da fita norte- americana sobre a Revolução Russa e apedreja a tela querendo mostrar que não “foi assim que aconteceu”:

[...] Êle se retirou antes de terminar, mas voltou no dia seguinte com os bolsos cheios de pedras. E, no momento exato em que, provocando arrepios nas senhoras, o marinheiro de fita vermelha amarrada no braço suspendia o sabre sobre uma criancinha de meses que ria inocente, as pedras começaram a chover, rasgando a tela. Acenderam-se as luzes. Na primeira fila, um homem de bela cabeça com cabelos grisalhos, uma veia azul, que chamava a atenção, cortando a testa, dizia com voz calma:

– Isso é uma infâmia! As coisas não se passaram assim!

A polícia levou-o. (p. 76)

Após a prisão e deportação, não temos mais notícias do espanhol, mas ficou a sua mensagem e ideologia, a qual foi trabalhada junto aos moradores por Isaac e Álvaro Lima.

Por fim, completando o que já foi exposto sobre a personagem em conjunto com o Isaac, o “sapateiro espanhol” não exerce grande influência junto ao nacional, é muito retraído e contido, talvez até por sua situação irregular, mas não deixa de ser visto como o “outro”, o “diferente”, como pudemos compartilhar no episódio do despacho (“gringo pagão”) e do cinema, ocasionando a sua deportação. Se “não gozava de simpatias”, também não era odiado pelos moradores. A rejeição e perseguição, então, se dava no nível político, não junto aos nacionais do sobrado.

No seu quarto havia uma brochura “um folheto sobre propaganda anarquista”, mas “no quarto do judeu foram encontrados manifestos revolucionários e livros de Lenine. Seu Samara botava as mãos na cabeça, considerando o prédio desmoralizado” (p. 113). Ou seja, mesmo com ideologias parecidas, o “pior”, o “desmoralizador” é o judeu.

Outro fato a ressaltar, de acordo com o que já foi exposto, sobre anarquistas e comunistas é que os anarquistas “perderam influência junto à classe operária brasileira a partir de 1922 com a fundação do Partido Comunista do Brasil ” (COSTA, 1981, p. 118). No ano de 1946 “celebrou-se ainda um congresso anarquista, desprestigiado pela geração mais velha ”. Podemos pensar que os ideias comunistas do autor, Jorge Amado, bem como o enfraquecimento do anarquismo no período sejam alguns fatores que representam a limitação e a ação da personagem junto ao nacional, diferentemente de Isaac.

Outros estrangeiros e imigrantes

As demais personagens não-nacionais são pessoas simples, não possuem capital; ao contrário, são exploradas e se relacionam bem com os nacionais, como por exemplo o Toufik,

um jovem árabe, a sua mãe (que “lavava para casas ricas...” e as lavadeiras, por exemplo, na seguinte passagem:

Mulheres do sótão e dos demais andares, que também viviam de lavar roupa, se juntavam às dez lavadeiras do K. T. Espero e, quando não cantavam, conversavam com grande gasto de queixas e de risadas. Mulatas, portuguesas, árabes, velhas e moças, comentavam a vida dos fregueses, sabiam de tudo que se passava no prédio, se queixavam umas às outras, maldiziam a existência e, juntas, iam à sessão grátis do Olímpia. [...] Apesar de dizerem que a velha árabe do sótão, a mais afreguesada das lavadeiras, era amasiada com o filho e tirava o sujo da roupa mas o juntava no corpo, que Dos Reis era pancada, que Josefa deitava com os homens para quem lavava, que Vitória apanhava do marido – existia entre elas uma solidariedade que as levava a emprestar sabão à companheira sem dinheiro e a emprestar trabalho àquelas de freguesia reduzida. (p. 71)

Toufik

Vestia uma calça de casimira puída nos joelhos, com um remendo nas nádegas e camisa de bulgariana, de quadrinhos, com a fralda fora das calças. A frente desabotoada deixava aparecer o peito cabeludo, como as mangas suspensas até o cotovelo deixavam ver os braços sebertos. Teria dezenove anos no máximo, pois a barba mal apontava sob o queixo largo. Cabelo jogado no rosto, inimigo de pentes e de barbeiros, cobrindo-lhe as orelhas. Entre os dedos de unhas sujas, um cigarro. Toufik vinha olhando o chão, o pensamento longe, na Ladeira do Tabuão, no quarto de Anita. (p. 14)

Ele mora com a mãe, briga muito com ela, mas se dá bem com os demais moradores e, ao que parece, está adaptado ao país, pois não há sinais de sotaque na fala, como há na do Seu Samara e na italiana, além de se relacionar bem com os moradores do prédio:

Toufik juntou-se à negra:
– Bom dia, sinhá Maria.
– Bom dia, meu branco.
– Não vai descer?
Ela esticou o dedo, apontando o embrulho de papel de jornal. Toufik assobiou.
– Um feitiço, puxa! Pra quem será?
O árabe também acreditava. E quem não era dominado pela religião bárbara dos negros? (p. 46)

Interessante lembrar que, neste episódio, ninguém tinha coragem de descer e foi o “sapateiro espanhol” quem chutou o despacho e ainda ficou com o dinheiro. Ele era ateu, Toufik não.

Em outra passagem, a personagem se ofende pela forma como é tratada por um funcionário da Vigilância Sanitária:

Não foi preciso. Toufik vinha chegando. O mata-mosquito gordo interrogou:
– Quem é o locatário do sótão?
O árabe olhou com ar espantado em redor de si.
O magro perguntou:
– Perdeu alguma coisa?
– Não. Tou procurando o cachorro com quem seu amigo falou. Nem sabe pedir por favor.
– Me desculpe, mas rasgaram o visto outra vez.
– E eu, que tenho com isso? Aqui no sótão não tem locatário. Nos outros andares é que tem. A gente paga a seu Samara mesmo.
– Ahnn! Obrigado!
O árabe seguiu para o quarto. O mulato gordo explicou:

- Não dei umas pancadas nesse moleque porque um funcionário da Saúde Pública não pode dar mau exemplo.
- O outro concordou.
- Vamos dar parte ao chefe. (p. 105)

A sua mãe é uma das lavadeiras do prédio, como já citado, e embora falem mal dela (“que tem um caso com o próprio filho”) relaciona-se bem com as demais personagens. Também temos um panorama de sua relação com o próprio filho, com o qual brigava muito, ocasionando reclamações dos moradores, porém se entendiam:

Ela resmungou coisas imperceptíveis em árabe. Ele gritou:
– Ou você cala essa boca ou eu lhe arrebento os dentes!
– Eu sou sua mãe.
A tuberculosa tossiu.
Alguém reclamou:
– Olhem que tem gente doente.
– Vá reclamar ao bispo!
Virou-se para a velha que chorava, enquanto chamava sobre o filho a cólera de Alá e de Maomé.
– E você, minha burra, pare com isso. Se não entra nas porradas.
A velha se encolheu em cima da roupa suja. No silêncio do quarto, depois, os roncoss de Toufik e o murmúrio da velha: – Mau filho! Miserável!
Mas, como caísse um aguaceiro e, devido as telhas serem velhas, as goteiras fossem incontáveis, a árabe levantou e procurou entre a roupa suja a colcha melhor. Lavava para casas ricas e às vezes apareciam cobertas lindas. Veio com ela e, procurando não fazer ruído, cobriu o filho. Toufik, porém, acordou e puxou-a para junto de si. Beijou-lhe os cabelos.
– Deite aqui, velha.
– Não. Não dá pra dois.
– Dá, sim. Deite.
E ficaram noite adentro a pedirem perdão, entre beijos. (p. 14)

O português Manuel de Tal

Outro personagem relevante é o *Manuel de Tal*, um operário de 54 anos, residente no país há 38 anos. Devido à “crise” que o país atravessava, como já citado, a crise de 29, encontrava-se desempregado há três meses, passando fome e humilhado. Cometeu suicídio e o jornal do período tratou o caso como episódio de covardia, como podemos verificar:

COVARDE, COMO ESTAVA SEM TRABALHO ENFORCOU-SE

Os moradores do sobrado n.º 68 à Ladeira do Pelourinho acordaram esta manhã com a notícia de que um homem se enforcara num quarto do terceiro andar.
Tratava-se de **Manuel de Tal**, português, operário, que há meses fora despedido da Fábrica Ribeiro. Achando-se sem trabalho, devendo três meses de casa, enforcou-se nas travas do seu quarto com um lençol. O desditoso suicida contava 54 anos e há 38 residia no Brasil. Não deixa parentes.
É mais um caso de covardia ante a vida. Porque perdeu um emprego, preferiu desertar, sem se esforçar por conseguir outro. Porque, com o maior orgulho o dizemos, se há um país onde a situação do operário seja de absoluto bem-estar, esse país é o Brasil, onde não falta trabalho para os que não são preguiçosos. (p. 62) (grifo nosso)

Interessante é a observação do narrador:

O jornalista se esqueceu de dizer que Manuel de Tal procurara trabalho por toda a cidade e que os patrões lhe respondiam com uma única palavra: CRISE. Que o operário não comia há dois dias e ia ser posto fora do quarto, etc., e outras coisas também sem importância para o jornalista provinciano, que fazia versos e tinha de ir entrevistar o capitalista Rômulo Ribeiro, que partia para a Europa em viagem de recreio. (p. 62)

O jornal deu destaque ao episódio da italiana e o despejo de Seu João, exaltando-a, mas no caso do português, por ser pobre, é tratado com desdém e como covarde. Nestes dois episódios fica evidente uma distinção de tratamento que o nacional faz entre imigrante e estrangeiro, pensando na diferença do poder aquisitivo de cada personagem, e respondendo afirmativamente a uma das perguntas deste trabalho: se, no enredo, há distinção de tratamento, por parte do nacional, entre uma personagem considerada estrangeira e outra imigrante.

Manuel já é assimilado, está no país há 38 anos, talvez por isso já seja visto como um nacional, por isso não deram tanta importância pelo fato de ser um imigrante, mesmo já assimilado. Além disto, o fato de ser chamado *de Tal*, também revela um descaso por parte do jornalista, ou seja, Manuel era só mais um dos moradores do 68, local visto com desdém pela imprensa, como também pela vigilância sanitária, como vimos no episódio da multa do sanitário.

Por fim, lembramos o que Jorge Amado comenta com Alice Raillard sobre os imigrantes portugueses: “os portugueses não existiam na minha região como imigrantes. Havia sangue de português misturado com brasileiro” e que “a Bahia foi a capital do Brasil, uma cidade portuguesa”, ou seja, neste romance, embora criticassem Amado por não haver este tipo de personagens em suas obras, eles existem sim, mas tratados como imigrantes ou mesmo como um nacional, haja vista a história do próprio país, colonizado e povoado por portugueses e, como diz Amado, “o sangue português corria nas veias dos brasileiros ” (RAILLARD, 1990, p. 197).

O português que se casou com a Maria do Espírito Santo

Outro personagem português relevante no enredo: era um dos homens que escolhia uma esposa no orfanato que havia na cidade, porém mais em busca do dinheiro do que uma esposa, visto que uma forma do orfanato “se livrar das mais velhas” e da superlotação era realizando um depósito de duzentos mil-réis na conta das meninas e posteriormente exibindo-as no portão para que fossem escolhidas para casar:

Os portugueses iam atrás dos duzentos mil-réis e não da esposa. Com Maria do Espírito Santo fora assim. O português de longos bigodes se engraçou do seu jeito humilde e a escolheu. Casaram-se na capela do orfanato. À noite, semi-embriagado, êle a violou brutalmente. Ela pensou que êle a queria matar e rezou as orações do orfanato. Na mesma semana apanhava a primeira surra e se êle não a abandonasse um mês depois, ela fugiria. Dos duzentos mil-réis nunca soube notícia. Vagou, perdida, uma noite inteira. Andou por perto do orfanato mas não teve coragem de bater na porta. Alta madrugada foi recolhida por um vendedor de cocaína que se apiedou dela. (p. 102)

Os portugueses são apresentados como homens interessados no dinheiro, exploradores, e não em constituir família. Este personagem, após abusar da mulher e espancá-la, abandonou-a, ou seja, só tinha interesse mesmo no dinheiro. A figura de explorador, então, não recai somente sobre os judeus e árabes, embora sejam estes os estereotipados.

Com relação à Maria do Espírito Santo, tornou-se sucessora do traficante: “Uma noite o homem foi preso em flagrante. Ela o substituiu junto aos clientes e esperava a sua vez de parar na cadeia. À noite rezava as mesmas orações do orfanato, mas já não acreditava em nada a não ser no pó branco que a fazia esquecer tudo”. (p. 102)

O alemão Franz

O alemão se chamava Franz e fora sacristão num convento. O preto, apelidado *Medonho*, vendia frutas durante o dia.

Franz morava no terceiro andar e Medonho nos cortiços do fundo. (p. 34)

Franz e o *Medonho* são duas personagens homossexuais e há uma diferença de tratamento entre elas, por parte dos moradores, pois Franz é “alemão”, anda sempre asseado, arrumado, tem uma profissão de classe, professor de piano, e não se envolve facilmente, ao contrário, ele gosta de “amigar” e escolhe seus companheiros:

Franz, que ganhava bem, ensinando piano às meninas da redondeza, nem sempre era presa fácil. Precisavam conquistá-lo, namorá-lo dias e noites, para ter acesso ao seu quarto limpo, onde havia frutas, postais, quadros de santos, tal qual um quarto de rameira. A única diferença consistia em que Franz pagava aos homens que o freqüentavam. O pior é que ele gostava de se amigar e só se entregava a um. Chorava quando era abandonado. Os homens não gostavam disso. Esse negócio de se amigar com um homem não era com eles. Andar uma vez, quando estavam *atrasados*, ainda passava. Mas se amigar... (p. 34)

Medonho é nacional, negro e muito acolhedor e por isso bem recebido, ao contrário de Franz:

Demais oferecia feijoada e pinga aos admiradores e cantava sambas e marchas da moda. Não dava nem recebia dinheiro. Sentia nojo de Franz, “alemão porco que fazia buchê”. Talvez por tudo isso, quando Medonho passava com o seu tabuleiro de frutas (tinha freguesia certa e boa), os homens sentados à porta do 68 nada diziam, não faziam pilhérias. Se era, porém, o alemão quem passava, vestido de casimira azul, terno velho, mas limpo, eles assobiavam e gritavam:

– Chibungo! Chibungo! (p. 35)

Verificamos que a distinção não se dá pela opção sexual, pois tanto um quanto outro são homossexuais, mas há uma distinção clara pelo fato de Franz ter dinheiro e dá-lo aos “companheiros”, além de ser alemão, “diferente” do nacional. É visto como um “alemão porco”, mesmo sendo asseado e arrumado, ou seja, o adjetivo vale pelas práticas e etnia, não pelo asseio.

Interessante pensar que Franz ganhava bem, tinha uma profissão e formação diferente dos demais, o que poderia caracterizá-lo, segundo nossa distinção, pelo país de origem e condição, como “estrangeiro”, mas ele morava no 68, local em que moravam a classe mais baixa, classe trabalhadora explorada, pobres, prostitutas, vadios e imigrantes, entre outros. Mas, podemos pensar que a sua opção por morar neste local, talvez seja para se relacionar melhor com os nacionais, pessoas pertencentes à minoria, excluídas, como ele, sendo homossexual. Porém, também verificamos que ele não é bem aceito pelo fato de pagar aos seus companheiros, enquanto Medonho não oferecia dinheiro nenhum. Ou seja, a opção sexual não é problema, mas sim a prática do pagamento e a forma de se relacionar com os homens do local.

Outro ponto importante é que após a apresentação de Franz e Medonho, o narrador cita outra personagem homossexual que não é perturbado pelos nacionais:

No 55 havia também um pederasta, Machadinho, que lavava ternos brancos, de brim, mas este era propriedade do outro prédio e os homens do 68 não se metiam com ele. (p. 35)

O nacional, então, se relacionava bem com Franz por interesse, mas da mesma forma com Medonho, como podemos verificar, além do que já foi citado:

Só quando um se desempregava e a fome batia à sua porta e a mulher do andar falava em desalojar o quarto, o infeliz começava a seguir Franz, a namorá-lo, como se ele fosse uma loura alemã de cachos, como as que conheciam do cinema. Já Medonho era mais liberal. De certa hora em diante, o seu quarto estava aberto a todos aqueles que sofriam falta de dinheiro e de mulher. Apesar de porco e feio, beijos grossos e nariz chato, alguns o elogiavam. (p. 35)

Por último, também poderíamos pensar na figura do “alemão porco”, como Franz era pejorativamente chamado, como uma representação do autor ao nazismo, em ascensão no período da narrativa, mais ainda no período do Estado Novo, época em que Jorge Amado também foi combatido, juntamente com os comunistas e demais opositores do governo.

Zébedeu

É um outro personagem, talvez brasileiro, mas “filho de árabe”, como destaca o narrador, que tem a mesma prática de um nacional, mas sofre uma distinção:

Zébedeu era uma das crianças que gostavam de caçoar e mexer com um dos moradores do 68, apelidado de “Pega pra capá”:

A garotada – molecotes brancos, pretos, mulatos, árabes, espanhóis – cercava o homem, que rodava o guarda- chuva, espalhando o círculo.
[...]
A garotada apertava o círculo:
– Pega pra capá!
– Eu tenho nome, sacanas! Eu me chamo Ricardo Bittencourt Viana! Pega-pra-capar é a mãe!
Os garotos respondiam:
– Pega pra capá! (p. 31)

Porém, embora todos rissem e caçoassem (*molecotes brancos, pretos, mulatos, árabes e espanhóis*), ele odiava mais a Zébedeu, o filho de um árabe:

Tinha, particularmente, raiva de um. Era um filho de árabe, alcunhado Zébedeu, que certa tarde lhe acertara uma pedra na cabeça. Pega pra capar olhava-o subir, comandando os moleques. E, enquanto brandia o guarda-chuva, pensava vinganças horroresas. Queria vê-lo morrer queimado, as chamas lambendo aquele corpo gordo. Cairia um óleo no meio das chamas. E procurava acertar o guarda-chuva em Zébedeu, gritando:
– Gringo! Gringo filho da puta!
À proporção que o círculo ia apertando, a sua raiva ia crescendo. Vontade de matar e vontade de chorar. (p. 32)

Franz e Zébedeu – distinção pela nacionalidade

Num comparativo, tanto com Franz, quanto com Zébedeu, o mais relevante não é a atitude de cada um, pois conforme mencionado, ambos têm atitudes e escolhas iguais às outras personagens, mas o que acaba sendo relevante é o fato de não ser nacional, ser o “outro” e isto é claro quando percebemos o modo como são chamados: “gringo” e “alemão”, seguidos de adjetivos pejorativos (*gringo filho da puta e alemão porco*).

Interessante também pensar na forma que “Pega prá capá” pensa em vingar-se do menino, vendo-o “morrer queimado, as chamas lambendo aquele corpo gordo”, em uma alusão ao castigo dos pecadores, queimados no fogo do inferno, segundo a Bíblia Sagrada, mas também segundo o Alcorão, livro religioso dos muçulmanos (em boa parte árabes):

68 Deus promete aos hipócritas e às hipócritas e aos incrédulos o fogo do inferno, onde permanecerão eternamente. Isso lhes bastará. Deus os amaldiçoou, e sofrerão um tormento ininterrupto.
[...]
27 Aqueles que cometerem maldades serão pagos na mesma moeda, e a ignomínia os cobrirá. Não terão defensor junto a Deus; estarão como se condenados ao inferno, em que morarão eternamente. (EL HAYEK, 1994, pp. 171, 181)

Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre; a saber, a segunda morte. (Apocalipse 21:8) (ALMEIDA, 2009, p. 2086)

A prostituta polonesa

É a última personagem imigrante, relevante no romance:

Aquele era o dia de seu aniversário, 17 de dezembro. Quantos anos? Ninguém o sabia, exceto talvez aquela velhinha que ficara numa aldeia da Polônia. Nem ela se recordava mais. Não devia ser muito moça, não. Os cabelos gastavam muita negrita para ficarem pretos. Pegou nos seios flácidos, que se reduziam a duas peles. As pernas moles e cheias de varizes. Um quadro de Nossa Senhora na parede e um irrigador. Postais em cima de uma mesinha. O noivo ficara na aldeia. Era um belo rapagão que vivia no campo e a beijava nas festas. Quando o cáften a trouxe, (há quantos anos? – talvez trinta. . .) conheceu a bordo o milionário argentino. Não soube também quanto ele pagara pela sua virgindade. Fizera completa peregrinação pelos prostíbulos da América Latina. Era viajada e conhecia toda a profissão. Lembrou os tempos de glória. Sua carreira, em moeda nacional, fora, quinhentos mil-réis em Buenos Aires. Depois trezentos. Em Santiago voltara aos quinhentos. (p. 241)

De acordo com a narrativa, podemos pensar que a personagem foi uma das vítimas do tráfico de mulheres estrangeiras no período, especialmente as oriundas das aldeias europeias, como as da Polônia. Estas mulheres, por intermédio dos cáftens, tornavam-se prostitutas, sendo que muitas saíam do país com falsas promessas de um bom casamento, no sonho de “fazer a américa”, ou mesmo “vendida” pelos pais, devido à miséria e crise que enfrentavam no país, no período, o que é até mais provável ter acontecido com a personagem, visto que ela possuía um noivo na aldeia e uma vida feliz e, de repente, se encontra a bordo de um navio onde conhece “o bilionário argentino que comprou sua virgindade”, frase que também aponta o destino inicial, bem como toda a “peregrinação pela América Latina”, como podemos verificar nos seguintes excertos sobre o assunto:

As aldeias pobres conheceram um processo brutal de desagregação da sociedade camponesa tradicional como fruto das mudanças propiciadas pela mecanização dos campos e pela urbanização acelerada. A ilusão da cidade obrigava pais a venderem suas filhas para os mercadores de prazer de modo a garantir sua sobrevivência, sobretudo na Europa oriental e mediterrânica, agrária por excelência. No caso dos judeus, o quadro se agravava pelos diversos *pogroms* efetuados, espalhando o terror e a miséria pelas comunidades judaicas. A maioria das estrangeiras que, posteriormente, ficaram conhecidas por “polacas”, provinha da Polónia, Hungria, Áustria, Rússia, Portugal, Espanha e Itália.
[...]

Boa parte das “polacas” chegava ao Brasil depois de passarem pela cidade de Buenos Aires, conhecida, entre 1880 e 1930, como o terceiro centro do tráfico de mulheres do mundo. Era considerada o mercado distribuidor para todo o continente sulamericano, saindo de lá várias mulheres que se destinavam aos bordéis do Rio de Janeiro. Na capital argentina funcionava, desde 1904, uma organização de cafetões “polacos” que definia todas as regras de participação no negócio, desde os casamentos que deveriam realizar, os lugares onde deveriam recrutar as moças, os preços a serem pagos à família, as somas que deveriam ser entregues à polícia como forma de suborno. Era uma espécie de filial da organização fundada na Polónia, aparecendo na Argentina pública e legalmente como Sociedade Israelita de Socorros Mútuos Varsóvia. (GRUMAN, 2006, pp. 88, 89)

A organização citada (teve o nome mudado de *Organização para a Ajuda Mútua de Varsóvia* para *Zwi Migdal*, em homenagem a um dos seus fundadores, Luis Migdal, devido a

uma queixa de um embaixador polonês pelo uso do nome Varsóvia), foi fortemente combatida na Europa e América, inclusive por associações que se formaram no Rio de Janeiro:

A partir de 1881, uma série de atividades filantrópicas de senhoras da classe média norte-americana e europeia é desenvolvida no intuito de “salvar” tais moças da prostituição, inclusive com a fundação de entidades criadas exclusivamente para este fim: a *Union Internationale des Amis de la Jeune Fille*, a *International Catholic Girls' Protection Society*, a *Traveller's Aid Society*, a *Jewish Association for Preventive and Rescue Work*. (...)

As Américas vinham recebendo contingentes masculinos em grande proporção, constituíam um grande potencial (Kushnir 1996:67). No Rio de Janeiro, especificamente, foi fundada no ano de 1915 a *Froien Farain* (Associação das Mulheres Judias), que atuava no campo da ajuda e beneficência aos imigrantes, incumbindo-se de controlar a atividade dos rufiões a fim de evitar que estivessem presentes nos portos de desembarque de imigrantes. O objetivo era impedir o aliciamento. (GRUMAN, 2006, p. 90)

Verificamos na narrativa que após passar pela América Latina, a personagem segue para o Rio de Janeiro: “Cem mil-réis no Rio de Janeiro e pensões chiques ...”, fazendo exatamente a rota do tráfico de mulheres, e, posteriormente, já “velha” e falida, parte para a Bahia: “Cinco anos depois, sífilítica e embriagada, amava marinheiros no Mangue por cinco mil-réis e louros alemães lembravam sua terra longínqua. Na Bahia, começava a vinte mil-réis e estava agora novamente a cinco, escondida no prédio cosmopolita.” (p. 15)

Sobre a etnia da personagem, não podemos afirmar que seja judia, embora advinda da Polônia, local com maioria da população judaica no período⁸⁷, pois ela tem hábito cristão: “Então ajoelhou em frente ao quadro (de Nossa Senhora) e pediu perdão dos seus pecados. Depois refletiu. Não tinha culpa nenhuma. Era o que tinham feito dela.” (p. 14). Mas, pelo seu hábito de rezar e pelo fato de ter saído bem jovem de seu país, circulando por muitos países repletos de cristãos, ela pode ser judia assimilada, convertida ao cristianismo. Judia ou não, tratando-se de uma personagem não-nacional, é interessante verificar que em um pequeno diálogo há o apontamento da valorização dos costumes e hábitos franceses, como era costume das prostitutas estrangeiras simularem ser francesas:

- Qual é a sua nacionalidade?
- Francesa – mentiu.
- Não tem doença?
- Oh, chéri! Que idéia!
- Sim... Eu sou professor e, no meu cargo...

⁸⁷ Nota sobre a população de Varsóvia: Antes da Segunda Guerra Mundial, a cidade era um grande centro da vida e cultura dos judeus poloneses. Antes da Guerra, a população judaica de Varsóvia era de mais de 350.000 habitantes, o que representava cerca de 30% da população total da cidade. A comunidade judaica de Varsóvia era a maior da Polônia e de toda a Europa, a segunda maior do mundo, após apenas da cidade de Nova Iorque. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005069>>. Acesso: 03/03/2014.

Assim, refletindo sobre as nuances e distinção, a prostituta polonesa caracteriza-se como imigrante, advinda de um país não influente, só tem a “mão-de-obra”, porém é valorizada pelo nacional enquanto estrangeira pela “influência francesa”.

Prostitutas estrangeiras – mais cotadas

As prostitutas francesas e polacas eram as mais cotadas do período, especialmente pelo fenômeno da *belle époque*, iniciado no final do século XIX, vivido pelas principais capitais brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, e visto que a influência francesa ditava moda, regras, ideias, arquitetura, comportamento, valores e atitudes para as elites políticas e intelectuais da época (WALDMAN, 2003, p. 171). Ainda neste artigo, Waldman não só apresenta o panorama do meretrício do período, como aponta o lugar de destaque que as prostitutas estrangeiras tinham na literatura brasileira do século XX, referindo-se, entre outros textos, à carta em que a personagem Macunaíma, do romance homônimo de Mário de Andrade, de 1928, destaca o papel destas prostitutas:

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagostas.

[...]

Falam numerosas e mui rápidas línguas; são viajadas e educadíssimas; sempre todas obedientes por igual, embora ricamente díspares entre si, quais loiras, quais morenas, quais fôsse *maigres*, quais rotundas; e de tal sorte abundantes no número e diversidade, que muito nos preocupa a razão, o serem todas e tantas, originais dum país somente. Acresce ainda que a todas se lhes dão o excitante, embora injusto, epíteto de “francesas”. A nossa desconfiança é que essas damas não se originaram todas da Polônia, porém que faltam à verdade, e são iberas, itálicas, germânicas, turcas, argentinas, peruanas, e de todas as outras partes férteis de um e outro hemisfério. (ANDRADE, M. 1928, p. 61, apud WALDMAN, 2003, p. 172)

E ainda, conforme a autora, “o olho clínico do personagem registra não só as prostitutas do período, mas a farsa de todas se apresentarem como francesas ou polacas, as mais bem cotadas da época” (WALDMAN, 2003, p. 172).

Desta forma, verificamos que não é à toa que a personagem mente ao cliente a respeito da sua nacionalidade, pois embora já “velha e falida”, é melhor vista e cotada pelo fato de ser estrangeira, se for francesa, melhor ainda. Estratégia de sobrevivência.

Canção da Judia de Varsóvia

Por último, retomando o assunto, exposto nas considerações sobre Isaac, referente à sensibilidade de Jorge Amado no que concerne à questão judaica, e considerando que todas as

características da prostituta apontam para o fato dela ser judia, podemos fazer uma comparação entre personagens, analisando no poema “*Canção da Judia de Varsóvia*” (AMADO, 2010, p. 93) a forma como Amado descreve as mulheres judias vítimas dos nazistas, por exemplo neste excerto:

Meu nome, já não o sei.
Só de Judia me chamam.
Meu rosto já foi bonito na primavera em Varsóvia.
Um dia chegou o inverno,
Trazido pelos nazistas;
E nunca mais quis ir embora.
Um dia já fui bonita,
Tive noivo, e tive sonhos.
Trazidos pelos nazistas
Veio o terror, veio a morte.

A judia “não tem nome”, é tratada, como já vimos, no plural; o povo é “judeu”, é uma unidade. Como a prostituta, a judia de Varsóvia era bonita, tinha sonhos, tinha um noivo, estava em Varsóvia, mas de repente, tudo se acabou, e esta ainda foi parar no campo de concentração, como verificamos nos versos:

Em campo de concentração
São mil judias comigo, mas nenhuma nome tem.
Só, sobre o peito, uma marca feita com ferro em brasa,
Como um rebanho de gado
Para os açougues dos nazis...”

No poema, as mulheres foram vítimas do nazismo durante a guerra, em *Suor*, a prostituta foi vítima dos cáftens, muito embora muitas também tenham sido vítimas do antissemitismo acirrado do período e dos *pogroms*, sendo violentadas, arrancadas de sua aldeia, de “seu noivo”, ou como vimos, vendidas devido a situação econômica e política que a família passava, antes mesmo do envio aos campos que o poema retrata, haja vista que a prostituta relata sua saída da aldeia há mais ou menos trinta anos, o que seria por volta do início do século XX, já que a narrativa abrange a década de 30. O lamento da judia, de ter a marca como gado, demonstra o tom da crueldade e do destrato a que era submetida, em que podemos comparar, guardada as devidas proporções, ao tratamento e marcas tão profundas como as que a prostituta sofre e carrega. A prostituta diz, ao pedir perdão, que “Não tinha culpa nenhuma. Era o que tinham feito dela”. Fizeram dela também “um gado”, um pedaço de carne, sempre exposto, pronto a ser “consumido”; e, como a judia da canção, pronta a ser “abatida”.

Outro ponto importante do poema que se destaca é o tom da luta e militância, não só de Jorge Amado, como do Partido, conforme Muraca aponta: “No plano ideológico, pautado pelo ideal comunista de conscientização das massas para que a revolução proletária possa eclodir, o

poema insere a possibilidade de resistência seguida de transformação, como se observa” (MURACA, 2011, p. 4):

Disseram que em outras terras,
Judias e não judias, moças que nem
nome têm,
Em armas se levantaram,
Que guerrilheiras se chamam, que
matam nazis nas noites,
Que vingam os noivos e a honra!
Quem dera fosse verdade!
Porque... Se fosse verdade, mulheres
matando nazis,
Nesse campo desgraçado uma alegria eu teria,
uma esperança também.
Dizem que em outras terras lutam
mulheres em armas...

Ele também destaca que “nesse sentido, a escolha da temática por Jorge Amado não é resultado apenas de uma sensibilização à questão judaica – ou a Shoá”, ressaltando que “não se deve esquecer que nas primeiras décadas do século XX disseminava-se na sociedade brasileira o *mito* que combinava antissemitismo e anticomunismo, promovido por setores reacionários e fascistas”, conforme analisamos durante o governo Vargas, e que:

fora essa “associação da militância revolucionária e do comunismo à figura do judeu” (MOTTA, 1998, p. 1) que, como consequência, pode ter levado Amado a simpatizar e a se identificar com a questão judaica, há que se observar ainda a invasão da pátria comunista pelos nazistas em 1941, quebrando o pacto alemão-soviético que, convém lembrar, havia retalhado a Polônia não muito antes. Ao se tornar inimigo, Hitler passa a ser demonizado por militantes do PCB; ao converterem em aliados, velhos imperialistas como a Grã-Bretanha e capitalistas como os Estados Unidos passam a ser louvados pelo seu caráter democrático e antifascista. (MURACA, 2011, p. 5)

Desta forma, além da análise da personagem, temos também mais um detalhe do aspecto político do PCB e da posição de Jorge Amado no período da grande guerra (momento que retomaremos com a análise de *Tenda dos Milagres*), retratados por meio da ação de suas personagens.

3.6. Considerações finais

Temos, assim, em *Suor*, um panorama da participação das personagens judias e os respectivos temas que as contextualizam, que exemplifica o eixo da identidade construído pelo autor para apresentar a sociedade baiana da época formada também por imigrantes e estrangeiros. A personagem judia, juntamente com os demais não-nacionais, possui participação

ativa e importante na construção do enredo, não sendo, portanto, somente coadjuvante ou personagem irrelevante.

Pela análise feita das personagens em questão, é possível perceber que há uma diferença de tratamento por parte dos nacionais entre personagens estrangeiras e imigrantes, destacando-se a forma de tratamento conforme o poder aquisitivo, a condição social e o país de origem de cada uma, conforme exposto, por exemplo, com *Seu Samara* e *Seu Fernandez*, caracterizados e percebidos como estrangeiros e o *Manuel de Tal* e *Toufik*, como imigrantes, além das variantes, como vimos com *Franz*, *a italiana*, e o próprio *Isaac*.

Também verificamos que a figura de explorador no romance não cabe somente ao judeu, mas também ao árabe, ao italiano e português.

No caso do judeu a diferença de tratamento cabe não somente pelo fato de ser judeu, como exposto, mas também por ser comunista e ateu, ou pior, visto como inimigo de Cristo.

Com relação a todos os não-nacionais, vale a pena perguntar se o fato de o autor não dar nomes a alguns, designando-os pela nacionalidade como a “italiana”, a “espanhola”, a “prostituta francesa”, as “lavadeiras portuguesas”, não é uma forma de personalizar a nação como um todo, na forma como o nacional percebe os estrangeiros? Ou seja, o nacional generaliza, pensando que todos os italianos, judeus, espanhóis, são iguais, em caráter, educação e comportamento? Porém, também vimos algumas nuances, o estrangeiro nem sempre é bem aceito ou positivo, assim como o imigrante. Também podemos pensar que o motivo pode ser o fato de serem personagens menos importantes na narrativa.

Algumas destas perguntas serão mais exploradas no decorrer da análise e da apresentação do romance *Tenda dos Milagres*, utilizado como parâmetro de comparação de época, visto que *Suor* é do início da carreira de Jorge Amado, 1928, e *Tenda dos Milagres* de 1969, ocorrendo em outro contexto político e histórico do país, além de fazer parte de outro momento político, pessoal e literário do autor.

CAPÍTULO IV

4.1. *Tenda dos Milagres*

Na Tenda dos Milagres, Ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular. Lá está mestre Lídio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tósca gravura na madeira; lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? (Tenda dos Milagres, p. 20)

O romance⁸⁸ foi publicado em 1969, escrito no mesmo ano, “na Vila Moreira, então vivenda de veraneio de Genaro e Nair de Carvalho, num arrabalde da cidade da Bahia, entre março e julho de 1969, foi lançado em outubro imediato, em 1ª edição, pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, com 374 páginas, capa de Carybé, fartas ilustrações do pintor Jenner Augusto e retrato do autor por Carlos Scliar, integrando a coleção “Obras Ilustradas de Jorge Amado” como volume XVIII, tomo décimo oitavo, sucessivamente reeditado até a 15ª edição, em 1975, pela dita editora, que então encerrou suas atividades”⁸⁹ e a Editora Record, passou, então a publicá-lo.

Foram feitas diversas traduções: alemão, árabe, búlgaro, espanhol, finlandês, francês, húngaro, inglês, italiano, russo e turco. Também foi publicado em Portugal.

Ganhou adaptações para o cinema e televisão: o filme foi dirigido por Nelson Pereira dos Santos, Regina Films, no Rio de Janeiro, em 1977, em grande parte rodado na cidade do Salvador. Na televisão, a Rede Globo realizou uma minissérie em 1985, com adaptação de Aguinaldo Silva e Regina Braga. Ou seja, obteve grande destaque e repercussão, até devido a consagração e carreira que Amado já possuía.

E, conforme sua biografia, “Jorge Amado garante que, para ele, livro é como filho. Logo, não tem um preferido. Mas, de imediato, começa ele a falar de sua estima por *Tenda dos Milagres*, romance que publicou em 1969: “É uma reflexão sobre a formação da nacionalidade brasileira, que mostra a importância da mistura e da luta contra o racismo no Brasil”⁹⁰

⁸⁸ NOTA: Todas as citações do romance são da 5ª edição: **Tenda dos Milagres**. Obras ilustradas de Jorge Amado. 5ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971. Indicaremos somente o número da página em cada excerto apresentado ou analisado. Foram mantidas a ortografia e acentuação originais da edição.

⁸⁹FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Tenda dos Milagres**. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148&lang=pt&obra=851&start=21#obra. Acesso: janeiro/ julho de 2014.

⁹⁰ Ibid., s.p.

O romance foi publicado em um período difícil e turbulento da História do Brasil, a ditadura militar, mas ao contrário do que ocorreu na ditadura de Vargas, com o Estado Novo (1937-1945), o livro não foi queimado, como *Suor* foi em 1937.

O autor sempre teve seus ideais e aspirações políticas combatidas, como o comunismo e o socialismo, porém em 1969, ele já havia passado por prisões, perseguições e exílio, como já exposto na biografia do autor e em parte no capítulo sobre *Suor*. Do seu percurso político, lembramos a cassação do seu mandato parlamentar (assim como dos demais parlamentares), em janeiro de 1948, momento que obrigou-o a exilar-se na Europa, indo para a Itália e, posteriormente França e Tchecoslováquia (a convite da União dos Escritores Thecos), como Zélia Gattai relata: “Por resolução do partido, Jorge deveria sair do Brasil antes que o prendessem. Na Europa ele poderia fazer mais por seu país do que encarcerado. Devia viajar o quanto antes, mas cadê dinheiro? Nossa situação financeira era péssima e o Partido também não tinha dinheiro para ajudá-lo”.⁹¹ A situação foi resolvida com o que recebeu de um trabalho para um filme produzido por João Araújo: *O cavalo número 13* e também com a história para um filme, a pedido de Ruy Santos, com direção de Mário Peixoto, *A-estrela-da-manhã*, (se bem que deste trabalho acabou não recebendo nada, como Zélia expõe).

Sobre o exílio, é interessante mais este relato de Zélia Gattai:

Falar em exílio é falar em desterro, em tristeza. Para nós foi diferente. Aprendemos, nesses anos em que fomos forçados a viver longe do Brasil, a tirar proveito do que seria nostalgia. Foram anos que nos ensinaram muito, nos deram os melhores amigos, nos permitiram conhecer mundos distantes, diferentes, céus de novas galáxias para nossos olhos [...]. Convivemos nesses anos de exílio com personalidades, personagens importante e pessoas sem títulos que se tornaram nossos amigos vida afora.⁹²

Ou seja, o período que foram obrigados a viver fora do país, foi um tempo de conhecer melhor o “estrangeiro” e “imigrante” que Jorge Amado também relata em suas obras.

De volta ao Brasil, em 1952, foi morar no Rio de Janeiro e em 1955 afastou-se da militância política, sem no entanto deixar os quadros do Partido Comunista. Queria dedicar-se inteiramente à literatura, como, mais uma vez, citado por Zélia Gattai⁹³:

Em 1955, sem ter tido tempo nem paz para escrever desde que voltara do exílio, Jorge pediu uma reunião com a direção do Partido. Anunciou seu desligamento de todas as tarefas partidárias, queria tempo para escrever:

⁹¹ GATTAI, Zélia. **Um baiano romântico e sensual**: três relatos de amor / Zélia Gattai, Paloma Jorge Amado, João Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record. 2002. p. 41

⁹² Ibid., pp. 43,45

⁹³ Ibid., p. 263

– Cumprir as tarefas que me atribuem qualquer um pode, porém escrever meus livros, só eu posso – disse e não voltou atrás. Sem renegar o Partido, nem recuar de suas convicções de que o socialismo, com democracia, é o melhor caminho, mas que o socialismo sem democracia é fascismo, Jorge foi desligado das tarefas do Partido Comunista. Continuou amigo de Prestes e de Giocondo Dias, homens de bem, homens de sua maior estima e respeito, até o fim. – Dentro do Partido encontrei os melhores homens, mas também encontrei os piores – costumava dizer.

Dedicou-se, “a partir de então, inteiramente à literatura. Foi eleito, em 6 de abril de 1961, para a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis” (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, s.d.).

Mudou-se para Salvador em 1963 e na casa do Rio Vermelho “montou seu quartel general. Em contato com o mundo inteiro, viajando, recebendo gente, inspirado em seu povo, ele amadureceu seus mais belos romances” (GATTAI, 2002, p. 71).

Portanto, no período da composição de *Tenda dos Milagres*, embora o país vivesse os momentos difíceis da ditadura militar, Jorge Amado já não foi tão perseguido e nem precisou exilar-se novamente, embora suas obras ainda refletissem os ideais socialistas e ele fosse o escritor mais vigiado do país, de acordo com dados da *Folha da São Paulo*:

Nunca houve na história do Brasil um escritor tão espionado pela polícia política como Jorge Amado. Desde a primeira prisão, no dia 21 de março de 1936, até o fim do regime militar (1964-85), o autor de “Tieta do Agreste” teve os movimentos vigiados.

Quando foi viver no Uruguai, arapongas a serviço do Estado Novo (1937-45) o seguiram. Nas viagens pelo mundo em que pregou contra o poderio bélico dos EUA e em defesa da hoje extinta URSS, ofícios com o carimbo do Ministério das Relações Exteriores, endereçados aos órgãos de repressão política, esmiuçaram seus passos, discursos e companhias.

[..]

Há outros dados sobre o escritor em pelo menos uma centena de outros relatórios, cujos temas centrais são, por exemplo, o Partido Comunista Brasileiro ou o seu principal líder dos anos 1930 aos 1970, Luís Carlos Prestes.

O arquivo não permitiu a leitura dos papéis posteriores a 1960, quando, com a transferência da capital para Brasília, a polícia política do Rio passou a ser a do Estado da Guanabara.

A partir de então, os relatórios tornaram-se mais apimentados, com acentuada curiosidade sobre a vida privada dos investigados. A instituição fluminense exige autorização da família para pesquisas sobre os documentos pós-1960. (MAGALHÃES, 2001, s.p.)

Lembramos também, conforme já exposto, que haverá um novo “reflorescer” em sua obra: “Anos mais tarde, em releitura crítica, Jorge Amado dirá que a obra foi, simplesmente, sectária: *Não há nada pior que o espírito de seita. Esse tipo de pensamento mofou*. Ao mesmo tempo, sublinhará sempre a importância de *Os subterrâneos da liberdade* no processo de seu amadurecimento literário [...]” (idem, Fundação Casa de Jorge Amado). Isto também deve-se ao fato de Jorge Amado agora colocar em primeiro plano outros elementos como o humor, a

miscigenação, o sincretismo religioso e a sensualidade, deixando a parte política e os ideais socialistas mais “nuançados”:

A partir do final da década de 50, a literatura de Jorge Amado passou a dar mais relevo ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso. Apesar de não terem estado ausentes de sua literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano, e seus romances apresentam um posicionamento político mais nuançado. Gabriela, cravo e canela, escrito em 1958, marca essa grande mudança. O escritor, porém, preferia dizer que com Gabriela houve “uma afirmação e não uma mudança de rota”.

Nessa época, Jorge Amado passou a se interessar cada vez mais pelos ritos afro-brasileiros. Em 1957, conheceu Mãe Menininha do Gantois, e em 1959 recebeu um dos mais altos títulos do candomblé, o de obá Arolu do Axé Opô Afonjá. No mesmo ano, saiu na revista Senhor a novela A morte e a morte de Quincas Berro Dágua, considerada uma obra-prima, que depois seria publicada junto com o romance O capitão-de-longo-curso no volume Os velhos marinheiros (1961). Mais tarde, viriam algumas de suas obras mais consagradas, como Dona Flor e seus dois maridos (1966), Tenda dos Milagres (1969), Tereza Batista cansada de guerra (1972) e Tietê do Agreste (1977). (COMPANHIA DAS LETRAS. Jorge Amado.)

Portanto, como *Tenda dos Milagres* faz parte de um outro momento político e histórico do autor, há um reflexo disto em suas obras. Já não há a figura centralizada de um personagem comunista, anarquista ou judeu como protagonistas ou influentes politicamente junto às outras personagens, como em *Suor*, embora a luta de classes, a miséria, exploração, preconceitos e diferenças sociais continuem presentes não só na narrativa, como na própria atuação das personagens, como por exemplo com o próprio Pedro Archanjo e seus companheiros.

Em *Suor*, além da temática do proletariado que permeia a narrativa e os ideais socialistas, há também a própria experiência do autor vivida no Pelourinho, na década de 20, o que, realmente dá o tom de realidade na narrativa: (VIEIRA, 2012, p. 61)

Vivi em vários lugares. Durante algum tempo morei numa ruela vizinha ao Largo do Pelourinho, no coração da velha Bahia, um lugar admirável por sua arquitetura e terrível pelo que significa – o pelourinho era o lugar em que eram castigados publicamente os escravos. A casa em que eu morava era uma construção colonial alta e sombria, onde se amontoava uma multidão de pessoas exóticas. Eu morava bem em cima, numa água-furtada. Hoje transformaram-na num hotel, juntando dois sobrados, e até colocaram uma placa indicando que é casa descrita em *Suor*: É exatamente o que eu mostro neste romance. *Suor* é verdadeiramente a minha vida no Pelourinho. (RAILLARD, 1990, p. 33)

Tenda dos Milagres também registrará experiências do autor, porém mais do ponto de vista dos ritos afro-brasileiros, como o candomblé, conforme já citado, visto que agora o autor passará a conhecer e estudar melhor estes ritos.

A crítica contra o capitalismo, o imperialismo norte-americano, nazismo e fascismo estão presentes no romance também de forma a mostrar as aspirações políticas do autor, embora mais branda, nuançada. Porém, o que mais se destaca no enredo é a questão do preconceito étnico, como Amado mesmo diz ser esta obra uma “uma reflexão sobre a formação da nacionalidade brasileira...”, como citado. E nesta questão também aparecerá a figura do judeu,

do estrangeiro e imigrante, objetos de estudo desta dissertação, sendo esta uma das justificativas da escolha deste romance juntamente com *Suor*, para expor o estudo das minorias, do “outro”.

Assim como em *Suor*; *Tenda dos Milagres*, também destaca a reflexão do autor com relação às minorias e com a própria massa, conforme assinala Antônio Cândido:

A força do romance moderno foi ter entrevisto na massa, não *assunto*, mas realidade criadora. Os escritores aprenderam, no sentido pleno, com os trabalhadores de engenho, os estivadores, os plantadores de cacau, os operários de fábrica... No trabalho de revelação do povo criador, que assinala atrás, nenhum escritor se apresenta de maneira mais característica do que o sr. Jorge Amado. Os seus livros penetram na poesia do povo, estilizam-na, transformam-na em criação própria, trazendo o proletário e o trabalhador rural, o negro e o branco, para a sua experiência artística e humana, pois que ele quis e soube viver a deles. (CÂNDIDO, 1992)

Como já vimos, em *Suor* há a figura do judeu, de estrangeiros, imigrantes e a grande massa proletária. Em *Tenda* também veremos estes elementos e ainda a figura do negro, do mestiço e a questão do preconceito étnico e religioso.

Vale lembrar que as obras fazem parte de momentos distintos também do movimento modernista. Se em 1930 há a preocupação com o nacional, o regionalismo nordestino e o início do romance proletário, em 1969 já há uma outra preocupação e movimento literário, pós moderno; assim Jorge Amado, em *Tenda dos Milagres* mantém as aspirações de 30, nuançadas, mas os romances têm outra abordagem, como a questão étnica e religiosa que também permearam a vida do autor.

Outro ponto importante é que através da narrativa situada nos anos 30, de ditadura, repressão e perseguição política, podemos enxergar o contexto dos anos 60, igualmente repressivo, haja vista a ditadura militar do período. Jorge Amado, de forma brilhante, escreve em 1969 utilizando um presente narrativo dos anos 30, o qual cabe perfeitamente nos “anos de chumbo”. Certamente ele não quis se expor politicamente como na juventude e no período da militância, muito menos sofrer novas censuras, até por estar vivenciando outro momento na política e literatura. Veremos estas colocações de forma mais abrangente com a personagem Pedro Archanjo.

4.2. Enredo, personagens e espaço da narrativa

Pedro Archanjo é o protagonista da narrativa que se passa no Recôncavo Baiano, sendo-nos apresentado pelo narrador, em primeira pessoa Fausto Pena, um poeta e sociólogo encarregado de ajudar o norte-americano James D. Levenson em sua pesquisa sobre a vida e

obra de Archanjo, até então, desconhecido no meio literário e artístico da Bahia, conforme será exposto.

O romance foi escrito e publicado em 1969, abrangendo este período na narrativa, porém o contexto histórico abordará também, e principalmente, a década de 30 até a morte de Pedro Archanjo em 1943, devido a uma digressão feita pelo narrador Fausto Pena, para explicar quem é a personagem estudada pelo estrangeiro James D. Levenson, por exemplo nesta passagem:

A obra de Archanjo obteve por fim a presença e o realce a que fazia jus, e em meio aos salafras e vigários que aproveitaram ocasião e tema para se promover, algo de sério se escreveu, páginas dignas da memória de quem trabalhou indiferente ao sucesso e ao lucro. Alguns depoimentos de contemporâneos, gente que conheceu Archanjo e com ele tratou, traziam também a marca de real emoção e a face do homem foi sendo revelada. Não estava Archanjo assim tão distante no tempo como se imaginou a princípio: batera as botas em 1943, há vinte e cinco anos, aos setenta e cinco de idade e, segundo consta, em circunstâncias singulares; encontraram-no morto, caído numa sarjeta, altas horas da noite. Em seus bolsos, apenas uma carteira de anotações e um toco de lápis, nenhum documento de identidade. Dispensável, aliás, naquela zona pobre e imunda da cidade velha, onde todos o conheciam e estimavam. (p. 37)

Portanto, esta passagem mostra que Fausto Pena está situando o tempo presente em 1968, haja vista que Pedro Archanjo morreu em 1943, aos 75 anos de idade, há vinte e cinco anos.

Como a digressão é realizada para entendermos e conhecermos Pedro Archanjo, a maior parte do romance mostrará o período adulto da vida do protagonista, entre a década de 20 e 40. Desta forma, verificamos um panorama da Bahia em diversos momentos históricos, incluindo, como em *Suor*, a Era Vargas (1930), o Estado Novo (1937-1945) e o período da ditadura militar (1964-1985), especialmente de 1968 a 1969.

Pedro Archanjo

Embora Pedro Archanjo seja uma figura nacional, para se chegar ao estudo das minorias, dos estrangeiros e imigrantes presentes no romance, faz-se necessário primeiramente a apresentação do protagonista, visto que a narrativa gira em torno dele, e assim poderemos mostrar os demais personagens e sua relevância a fim de obtermos algumas respostas que fazem parte da pesquisa, como por exemplo: em que medida o estrangeiro é discriminado? Como os estrangeiros e imigrantes são vistos pelos nacionais? Ou ainda, os estrangeiros recebem um tratamento semelhante nos textos literários?

Interessante verificar que a construção da personagem de Pedro Archanjo foi inspirada em personalidades reais:

Jorge Amado conta em seu livro de memórias *Navegação de cabotagem* que construiu o personagem Pedro Archanjo a partir de muitas personalidades, como o escritor Manuel Querino, o obá Miguel Aré, o compositor Dorival Caymmi e Jorge Amado ele próprio. “De todos eles Archanjo incorpora um traço, uma singularidade, a preferência, o tom de voz, o gosto da comida, o trato das mulheres, a malícia”, diz o escritor.⁹⁴

De todos as personalidades citadas, observamos Manuel Raimundo Querino (1851-1923), de fato, muito parecido com Archanjo. Ele nasceu em Santo Amaro e foi “uma figura multifacetada: pintor-decorador, artista, abolicionista, jornalista, líder operário, político, professor de desenho industrial e pesquisador, fundador da historiografia da arte baiana, defensor dos terreiros de candomblé, sócio fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, inspiração para Pedro Archanjo (protagonista de *Tenda dos Milagres*) e o primeiro intelectual afro-brasileiro a destacar a contribuição do africano à civilização brasileira.” (GLEDHILL, 2014). Também foi responsável por debates sobre preconceito racial com o médico legista e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Este foi usado como inspiração a Jorge Amado para compor Nilo Argolo, personagem da Faculdade de Medicina da Bahia, o qual também trava vários debates com Pedro Archanjo, como será exposto no capítulo referente a eugenia e preconceitos.

Pedro Archanjo é “igual” a Querino, multifacetado, por isso chamou a atenção do pesquisador James D. Levenson, personagem estrangeira.

E assim como Querino fundou o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Pedro fundou a Tenda dos Milagres junto com o colega Lídio Corró:

Ao regressar do Rio, tinha vinte e um anos e um gosto janota no vestir; tocava violão e cavaquinho. Empregou-se na Tipografia dos Frades e meses depois, em noite de reisado, deu com Lídio Corró a ensaiar pastoras, fina ocupação. Tornaram-se inseparáveis e a barbearia aos poucos foi se transformando.

Três anos após o encontro no Terno da Estrela D’Alva, tendo vagado o andar térreo do sobradão número 60, Lídio o alugou e com capricho fez o desenho do letreiro, cada letra numa cor: TENDA DOS MILAGRES – pois de riscar milagres vinha-lhe o principal da fêria.

Archanjo escolhera o nome. Deixara a gráfica para ensinar abc e contas a meninos atrasados e fizera-se uma espécie de sócio de Corró. Sócio no trabalho e na vadiação porque o parco lucro Lídio o colocava a render juros.

A meta de Corró: a Tipografia Democrática, na qual seu Estevão das Dores compunha e imprimia as histórias de cantadores, as modinhas, os versos dos desafios, vasta literatura de cordel; as capas dos folhetos eram gravuras de Lídio, cavadas na madeira. Encanecido e reumático, arrastando os pés, seu Estevão se comprometera a lhe vender a prazo os abrigueces, quando se decidisse por fim a descansar. (p. 116)

⁹⁴ COMPANHIA DAS LETRAS. **Tenda dos Milagres**. s.d. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12589>>. Acesso: Agosto de 2014.

Verificamos que a Tenda era um espaço para Lídio “riscar milagres”, usar como tipografia, porém muito mais usado como um espaço para conversas, debates e discussões diversas:

Na espera dos tipos e da freguesia da Democrática, a Tenda dos Milagres se transformara no coração, no centro vital de toda aquela parte da cidade, onde se processa, potente e intensa, a vida popular, e que se estende da Praça da Sé e do Terreiro de Jesus às Portas do Carmo e a Santo Antônio, englobando o Pelourinho, o Tabuão, o Maciel de Cima e o Maciel de Baixo, São Miguel e a Baixa dos Sapateiros com o Mercado de Yansan (ou de Santa Bárbara, à escolha e gosto do distinto). No corte da madeira, no risco do milagre, no ai do boticão, na venda de mezinhas, na lanterna mágica, mestre Lídio Corró ganha seu rico e suado dinheirinho. Mas naquela mesma sala se discute e se decide sobre um ror de coisas. Ali nascem as idéias, crescem em projetos e se realizam nas ruas, nas festas, nos terreiros. Debatem-se assuntos relevantes, a sucessão de mães e pais-de-santo, cantigas de fundamento, a condição mágica das folhas, fórmulas de ebós e de feitiços. Ali se fundam ternos de reis, afoxés de carnaval, escolas de capoeira, acertam-se festas, comemorações e tomam-se as medidas necessárias para garantir o êxito da lavagem da Igreja do Bonfim e do presente da Mãe D’água. A Tenda dos Milagres é uma espécie de Senado, a reunir os notáveis da pobreza, assembleia numerosa e essencial. Ali se encontram e dialogam iyalorixás, babalaôs, letrados, santeiros, cantadores, passistas, mestres de capoeira, mestres de arte e ofícios, cada qual com seu merecimento. (p. 116-117)

Desta descrição, percebe-se o quanto este espaço é importante, fazendo jus ao título do romance. Destacamos também que a Tenda simboliza espaços que foram utilizados no período para debates, como a própria Faculdade da Bahia, palco de grandes discussões sobre a eugenia e etnia, haja vista as ideias presentes no pós Primeira Guerra, com Hitler e Mussolini, como já exposto no panorama histórico. Além disto, colocando em foco os judeus, há a questão judaica mais acirrada ainda, os *pogroms*, guetos e campos de concentração. Veremos adiante que tanto a Tenda quanto o bar do Maluf serão palcos para Archanjo e amigos discutirem estas questões.

Comparando os romances *Suor e Tenda dos Milagres*, percebemos como o título dos romances é apropriado ao espaço físico, adequado à ambientação e construção das personagens. Por exemplo, vemos que o título *Suor* é uma referência ao suor causado pelas personagens que vivem em um ambiente quente e fétido, o sobrado 68, além de ser também uma metáfora do suor causado pela exploração trabalhista que muitas personagens do romance sofrem e o quanto elas “suam” para sobreviver.

Já em *Tenda dos Milagres*, o “sobradão 60” vira a oficina, tipografia e local de discussões, como mencionado, além de ser o local de “riscar milagres”.

Além de serem espaços mencionados como sobrados, 60 e 68, há em comum o fato de serem espaços alugados:

Cigarro de palha, bengala de estoque, reumático, Estevão das Dores era presença obrigatória na oficina todo começo de mês, a partir do dia marcado para o pagamento: numa cadeira ao pé da porta, tardes inteiras em pacato conversê. (*Tenda dos Milagres*, p. 160)

Ficava uma imundícia. Ruim com o sol, pior com a chuva. Reclamavam ao proprietário, seu Samara, que respondia:

– Onde encontrariam coisa melhor por trinta mil-réis?

Joaquim Zarolho comprou um papagaio e ensinou o bicho a dizer:

– Cá te espero... Cá te espero...

– A quem, meu louro?

– A seu Samara... A seu Samara...

– Pra quê, meu louro?

– Para morar aqui... Para morar aqui... (Suor, p. 74)

Tanto seu Samara, quanto seu Estevão são proprietários de espaços importantes na narrativa, detentores do capital, sendo influentes junto ao nacional. Lembrando que seu Samara é árabe e não é bem visto pelos moradores, como já mencionado. Já com o Seu Estevão, o narrador não deixa pistas de que seja estrangeiro, mas se destaca como tal, haja vista o poder aquisitivo e o próprio nome de origem europeia. Cabe lembrar que o cortiço, Estalagem São Romão, da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo 1890, também é um espaço alugado e explorando por um estrangeiro, o português João Romão (como já vimos na citação do professor Capela, “imigrante” que lutou para alcançar *status* de “estrangeiro”):

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia: “Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco. E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. (AZEVEDO, 1993, p. 28)

Entendendo que o sobrado 68 e a Tenda dos Milagres também figuram como “um ambiente, um meio – , físico, social, simbólico –, vinculado a certo modo de viver e condicionando certa mecânica de relações”, forma como Antônio Cândido analisa o cortiço, a Estalagem São Romão: “na composição, o cortiço é o centro de convergência, o lugar por excelência, em função do qual tudo se exprime...” (CÂNDIDO, 1993, p. 124), verificamos a importância destes estabelecimentos nos enredos, os quais também atuam como se fossem

“protagonistas”, dada sua importância na narrativa. Lembrando que como *O Cortiço* é baseado no Naturalismo e Determinismo, o romance constrói o meio ambiente como laboratório, e o Homem é influenciado por este meio em que vive, como vemos na apresentação da obra:

Baseando-se na documentação, observação-experimentação, metodologia própria das ciências, Aluísio Azevedo, segundo relatos de contemporâneos, conheceu *in loco* os cortiços, visitando-os e até mesmo alugando um quarto num deles. A intenção era “estudar os mecanismos desta sociedade a fim de fazer vir à tona as leis que a regem”, superando assim o subjetivismo romântico e alcançando o máximo de verossimilhança.

Influenciado pelas teorias deterministas da época, Aluísio Azevedo criou um romance de tese, usando a obra de ficção como um laboratório para demonstrar que o homem é fruto de sua constituição psicofisiológica e do ambiente em que vive. A força do meio, aliás, é considerada tão decisiva que se pode dizer que o cortiço é a personagem principal da obra, conforme assinalou o crítico Antônio Cândido: “O romance é o nascimento, vida, paixão e morte de um cortiço”. (AZEVEDO, 1993, p. 10)

Jorge Amado também se baseou em experiências da vida real na composição do romance *Suor*, pois viveu no cortiço 68: “a criação do romance teve origem na vivência do próprio autor, que, em 1928, com dezesseis anos de idade, residiu num cômodo de um dos sobrados coloniais do Largo do Pelourinho, Salvador, Bahia ” (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, s.d.) , mas diferentemente de Aluísio Azevedo, que foi morar em um cortiço para experimentar a situação e documentar o que viveu, Jorge Amado realmente viveu no local, além do que o romance faz parte do Modernismo, período da literatura brasileira que não utiliza a observação-experimentação como há no Naturalismo.

Para compor o romance *Capitães da Areia* Amado ficou um mês dormindo no trapiche, mas com o objetivo de conhecer a rotina dos meninos e não de pesquisar se o meio influenciava o comportamento deles.

Também podemos destacar em comum entre os prédios, o espaço das lavadeiras, locais barulhentos e agitados: “... grande lavanderia, agitada e barulhenta”, como há em *Suor*:

Mulheres do sótão e dos demais andares, que também viviam de lavar roupa, se juntavam às dez lavadeiras do K. T. Espero e, quando não cantavam, conversavam com grande gasto de queixas e de risadas. Mulatas, portuguesas, árabes, velhas e moças, comentavam a vida dos fregueses, sabiam de tudo que se passava no prédio, se queixavam umas às outras, maldiziam a existência e, juntas, iam à sessão grátis do Olímpia. (*Suor*, p. 71)

E ainda a questão da higiene das habitações coletivas, já tratada no capítulo sobre *Suor*, comentada na apresentação do romance *O Cortiço*:

Abominadas pela classe alta e acusadas pelas autoridades sanitárias de causadoras de focos de doenças e epidemias, essas habitações coletivas (“viveiros de larvas sensuais” e “brejo de lodo quente e fumegante”) engendravam e acolhiam o crescente proletariado urbano, indispensável pelos serviços essenciais que prestavam à cidade, que se expandia econômica e demograficamente, porém sem oferecer suficientes moradias dignas. Ambientado na década de 1870, o livro constitui um bom retrato da época e o primeiro romance de massa da literatura brasileira. (AZEVEDO, 1993, p. 10).

E em *Tenda dos Milagres*, a sujeira e o povo também são destaques:

De repente a ladeira começou a animar-se. Do largo da Sé, da Baixa dos Sapateiros, do Carmo, surgiram homens e mulheres, apressados e aflitos. Não vinham pela morte de Pedro Archanjo, sábio autor de livros sobre miscigenação, talvez definitivos, e, sim pela morte de Ojuobá, os olhos de Xangô, um pai daquele povo. (...) Trabalhadores de horário preciso, vagabundos sem relógio de ponto, bêbados e mendigos, habitantes dos sobradões, dos infectos cortiços, árabes de prestação, môços e velhos, gente de santo e comerciantes do Terreiro de Jesus, carroceiros com sua carroça, e Ester, um quimono sobre a nudez mostrando tudo a quem quisesse ver. (p. 47-8)

Se no período de *O Cortiço* havia a discussão e preocupação sobre a degeneração da raça e da influência do meio na vida do Homem, na década de 40, de Pedro Archanjo adulto, esta preocupação ganha nova força e olhar, especialmente com o judeu no Brasil, com Vargas e o Integralismo, mais ainda na Alemanha de Hitler, o qual queria “limpar a nação”, criar a “raça pura”, ou seja, ser “livre” das influências e degeneração que os naturalistas, deterministas já haviam apontado. Esta questão será um foco de análise ao abordarmos as discussões entre Archanjo e Nilo Argolo, médico legista que já debatia e defendia estas teses antes mesmo de Hitler ascender ao poder.

Ainda podemos citar diversas semelhanças entre a Estalagem São Romão, o sobrado 68 e o sobrado 60, que além de centro de convergência, são palcos para atuações de personagens judias, estrangeiras e imigrantes, objetos de estudo deste trabalho.

De alguma forma estes três espaços, 68, 60 e a “estalagem”, acabam sendo uma grande “universidade popular”:

Na Tenda dos Milagres, Ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular. Lá está mestre Lídio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tôscas gravuras na madeira; lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? Curvados sobre velhos tipos gastos e caprichosa impressora, na oficina arcaica e paupérrima, compõem e imprimem um livro sobre o viver baiano. (p. 20)

O “reitor” Pedro Archanjo então, é a personagem sobre a qual versa toda a narrativa, como podemos concluir e resumir, conforme apresentação da obra:

Tenda dos Milagres é, basicamente, a narrativa das proezas e dos amores de Pedro Archanjo, mestiço pobre – “pobre, pardo e paisano” -, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, que se converte em estudioso apaixonado de sua gente, publicando livros sobre o sincretismo genético e cultural do povo baiano. Ao lidar pioneira e francamente com tais temas, Archanjo cai sob a mira da elite branqueada da Bahia. É perseguido. Perde o emprego. E uma cortina de silêncio se forma em torno de sua obra, eclipsando-a. Só depois da morte do autor é que ela irá se impor, triunfando sobre o racismo provinciano, graças ao interesse que desperta num cientista estrangeiro. A figura de Archanjo vai, então, renascendo das cinzas, num processo de revisão que desborda do campo erudito para o popular, para atingir o ponto máximo com a homenagem que lhe é prestada, no carnaval da Bahia, pela Escola de Samba Filhos do Tororó. (FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO, s.d.)

O narrador

O narrador do romance, em primeira pessoa, é Fausto Pena, um poeta e bacharel em ciências sociais, noivo de Ana Mercedes, também poetisa e jornalista, a qual não só apresenta o noivo ao estrangeiro James D. Levenson, como acaba tendo um romance com ele:

Fascinado, o sábio fitou a moça: vinha decidida em sua direção, o umbigo de fora, nunca vira andar tão de dança, corpo assim flexível, rosto de inocência e malícia, branca negra mulata.

Veio e parou em sua frente – não era voz, era gorjeio:

– Alô, boy!

– Alô! – gemeu Levenson, retirando o cachimbo da boca para beijar-lhe a mão.

As mulheres estremeeceram, em uníssono suspiraram, aflitas, em pânico. Ah! essa Ana Mercedes não passava mesmo de uma reles putinha, jornalista de araque, poetisa de merda, aliás quem não sabe que seus versos são escritos por Fausto Pena, o corno do momento? (p. 19)

[..]

Como era mesmo o nome dela? Ann, sim, Ann, acolhedora e impávida – e com o idiota do noivo a tiracolo.

– Quem é aquele tipo soturno que nos segue por toda parte? Um admirador ou um policial, “un policia”? – perguntou o sábio, conhecedor dos hábitos dos países subdesenvolvidos e de suas ditaduras, apontando o poeta Fausto Pena, sombra de seus passos.

– Aquele? – riu Ana, com desprazo. É meu noivo...

Por falar nisso, você não disse que deseja contratar alguém para recolher dados sobre Pedro Archanjo? Pois ele é a pessoa indicada. É sociólogo e poeta, tem talento e tempo disponível.

– Se ele garantir que começa a trabalhar agora mesmo e nos deixa em paz, pode se considerar sob contrato...

Foram dias cheios: em companhia de Ana Mercedes, Levenson correrá a cidade, intrépido andarilho, metido nos becos, nas ladeiras, no pântano dos Alagados, na zona, nas igrejas barrocas de ouro e azulejos. (p. 85)

Como mencionado, por meio de Fausto Pena é que conhecemos a história de Pedro Archanjo, objeto de estudo do pesquisador Levenson, pois Fausto conta como foi contratado para ajudar o pesquisador recolhendo dados sobre Pedro, assim como narra o que soube e recolheu sobre ele.

É uma personagem importante e interessante para analisarmos e compararmos com o estrangeiro, respondendo algumas perguntas sobre estrangeiros, imigrantes e minorias e o relacionamento junto ao nacional.

O interesse de Fausto Pena pelo estrangeiro James não era o antropológico, nem histórico ou sociológico, mas, era financeiro e, quem sabe, o de ter *status*, ser citado em umas das suas obras, como observa Pablo Silva em seu artigo sobre antropologia, religião e política, abordando o romance *Tenda dos Milagres*:

Não cabe mais aqui a idéia do antropólogo romântico que vai à campo, tendo por objetivo salvar os nativos de mundo recém industrializado, de uma globalização homogeneizadora...

Fausto Pena, por exemplo, vai ao campo com o intuito de estabelecer vínculos com o laureado Levenson, para ganhar em dólares pela pesquisa e quem sabe ser citado pelo prêmio Nobel em seu próximo livro. (SILVA, 2008, p. 15)

De fato, é o que observamos no romance, embora Fausto tente se justificar, por exemplo neste episódio:

Encontrarão os leitores, nas páginas que se seguem, o resultado de minha pesquisa em torno da vida e da obra de Pedro Archanjo. Este trabalho foi-me encomendado pelo grande James D. Levenson, e pago em dólares. (p. 12)

[...]

Aproveito para pôr os pontos nos *ii* num aspecto dessa minha colaboração com o ilustre professor da Colúmbia, miseravelmente explorada pela maledicência dos invejosos e recalçados. Não satisfeitos com se imiscuírem em minha vida íntima, em arrastar na lama, onde se cozem viver, o nome de Ana Mercedes, tentaram incompatibilizar-me com a esquerda, alardeando ter-me eu vendido, a mim próprio e à memória de Archanjo, ao imperialismo norte-americano, por um punhado de dólares. (p. 23)

Ainda, em tom melancólico e frustrado, Fausto comenta o fato do estrangeiro não ter levado em conta todo o seu trabalho e pesquisa e reclama que se James tivesse lido tudo não teria “promovido” Pedro Archanjo de bedel a professor:

De todo o material enviado, o sábio usou apenas a fotografia ao publicar em inglês a tradução de boa parte da obra de Pedro Archanjo, num dos volumes de sua monumental enciclopédia sobre a vida dos povos da África, da Ásia e da América Latina (“ENCYCLOPEDIA OF LIFE IN THE TROPICAL AND ENDERDEVELOPED COUNTRIES”), na qual colaboraram os maiores nomes do nosso tempo. Nas páginas introdutórias, Levenson praticamente não se preocupou com a análise dos livros do baiano; pouquíssimas são as referências à sua vida. Bastante, porém, para demonstrar-me não ter ele sequer lançado um golpe de vista em meu texto. Em seu prefácio, Archanjo é promovido a professor, a membro eminente da Congregação da Faculdade de Medicina (“distinguished Professor, member of the Teacher’s Council”), por cuja conta e encargo realizara suas pesquisas e publicara seus livros, imagine-se! Quem impingiu tais patranhas a Levenson, não o sei, mas houvesse ele ao menos folheado meus originais, não teria incorrido em erro assim grosseiro – de bedel a professor, ah! meu pobre Archanjo, só te faltava mais esta! (p. 25)

[...]

Já nada mais tenho a explicar, tudo está dito. Acrescento apenas, com certa melancolia, não ter sido meu trabalho, este meu trabalho, levado em consideração pelo grande Levenson. Tão logo o concluí, dele lhe enviei cópia a máquina, conforme o acertado, juntando um dos dois únicos documentos fotográficos que me foi possível descobrir e obter: no descolorido retrato, vê-se um mulato pardo, jovem e forte, metido em roupa escura, posado – eis Archanjo, recém-nomeado bedel da Faculdade de Medicina da Bahia. (p. 25)

Por fim, Fausto ainda comenta sobre o pagamento que recebeu e o fato de não ter sido citado na obra de Levenson, informações que contribuem com a análise sobre seus interesses junto ao estrangeiro:

Uns quinze dias depois, entregou-me o correio carta assinada pela secretária de Levenson, acusando o recebimento de meu texto e remetendo um cheque em dólares, correspondente à metade ainda por pagar e a umas quantas despesas, que fiz ou poderia ter feito, necessárias ao sucesso da pesquisa. Pagaram tudo sem discutir centavo e mais pagariam com certeza, não fosse eu tão modesto em minhas pretensões, tão tímido em minha lista de despesas. (p. 25)

[...]

Nem uma vez ao menos meu nome é citado nem há referências a este trabalho nas páginas de James D. Levenson. Assim sendo, sinto-me livre e à vontade para a aceitar a proposta que vem de me fazer o senhor Dmeval Chaves, o próspero livreiro da Rua da Ajuda, agora também editor, para a editoração e comércio destas desprezíveis páginas. Impus uma única condição: o estabelecimento de contrato em termos pois, segundo dizem, o senhor Chaves, tão opulento e rico, é duro no pagamento dos direitos autorais, seguindo aliás uma tradição local. (p. 26)

A noiva de Fausto, Ana Mercedes, também tinha seus interesses junto ao estrangeiro e, embora Fausto negue, ela não só teve um romance com James, mas fez questão de ostentar-se, de certa forma mostrando-se superior às mulheres nacionais:

Ana Mercedes antecipara-se e pusera o másculo expoente da ciência sob seu controle, propriedade privada e exclusiva, possessiva e insaciável – “vaca insaciável, copulativa estrela”, no verso do lírico e sofrido Fausto Pena – não iria dividi-lo, com nenhuma outra, perdidas as esperanças de qualquer competição.

Pela mão da poetisa e jornalista, o professor da Columbia University veio até ao centro da sala, à poltrona reservada. Fotógrafos explodiam flashes, luzes semelhantes flores – se abrissem o piano e tocassem a marcha nupcial, Ana Mercedes, de mini-saia e mini-blusa, e James D. Levenson, de tropical azul, seriam os noivos do ano, em caminho do altar. “Noivos”, sussurrou Silvinho.

Sentou-se o sábio e só então as mãos se separaram. Mas Ana manteve-se de pé a seu lado, em guarda, não era idiota para largá-lo solto, em meio à avidez de tantas cadelas em cio. Conhecia essas éguas todas, cada qual mais fácil e desfrutável. Riu para elas, só para machucar. Os fotógrafos, tomados de total desvario, subiram pelas cadeiras, punham-se de pé sobre as mesas, de rastros no piso, numa alucinação de ângulos, e posturas. A discreto sinal do Superintendente do Turismo os garçons serviram bebidas e deu-se início à entrevista. (p. 29)

Contudo, do que se vê de Ana Mercedes e Fausto Pena conclui-se que para ficar perto do estrangeiro, ser reconhecido por ele, ambos não se importam de “venderem-se” ao norte-americano. Desta forma, percebemos pela ação das personagens uma crítica do autor, e do período, ao imperialismo norte-americano e ao Brasil que “se vende”, se corrompe até por muito pouco. Podemos até pensar em uma alusão, um tanto quanto irônica, ao Fausto de Goethe, um sábio erudito que vendeu sua alma ao diabo, sendo os EUA o “diabo”, sedutor e belo como Levenson. Cabe também pensar na ironia de “noivos”, Ana e Levenson como metáfora de Brasil e EUA, tanto na política da “boa vizinhança”, estabelecida de 1933 a 1945 (“implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada política de boa vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período ”)⁹⁵, quanto do domínio em 69, ambos alvos de crítica pelos anti-

⁹⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC-FGV. **Anos de Incerteza (1930 - 1937). Política de boa vizinhança.** A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/InternacionalComunista>>. Acesso: 20/09/2014.

imperialistas e comunistas como Jorge Amado ou na visão de Pedro Archanjo, sua personagem que viveu até 1943.

Quanto a James D. Levenson, sendo detentor do poder financeiro e *status*, não titubeia em aproveitar-se da situação com o casal, cedendo aos encantos de Ana e pagando bem a Fausto, fazendo com que este fosse a campo em sua pesquisa, deixando o caminho livre para o romance.

4.3. A caracterização das figuras estrangeiras e imigrantes

No estudo deste romance, assim como realizado em *Suor*, também caracterizamos as personagens como estrangeiras ou imigrantes. James D. Levenson. Kirsí, Bonfanti e Maluf podem ser retratadas como estrangeiras, conforme será exposto, porém lembramos que existem variações e nuances nesta classificação e o fato de serem estrangeiros não significa que são bem vistos, bem aceitos e positivos mediante o personagem nacional e mediante a representação literária, como veremos, por exemplo, com Levenson, sendo aproveitador em algumas ocasiões, e Bonfanti, tido como “mafioso”.

James D. Levenson, o norte-americano

Afinal, quem é este que mexe com o nacional? Quem é esta figura composta para representar o imperialismo norte-americano do período?

Tudo começou com a chegada ao Brasil do famoso James D. Levenson, “um dos cinco gênios do nosso século”, segundo a Enciclopédia Britânica: filósofo, matemático, sociólogo, antropólogo, etnólogo, muita coisa mais, professor da Colúmbia University, Prêmio Nobel de Ciência, tudo isso, e como se tudo isso não bastasse, norte-americano. Polêmico e atrevido, revolucionara a ciência contemporânea com suas teorias: estudando e explicando, de ângulos imprevistos, o desenvolvimento da humanidade, chegou a conclusões novas e audazes, numa reformulação de teses e conceitos. Para os conservadores, era um perigoso herético; para seus alunos e partidários, um deus; para os jornalistas, uma bênção do céu, pois James D não media palavras nem opiniões. (p. 29)

Interessante que dentre tantas qualificações, o narrador frisa: como “se tudo isso não bastasse, norte-americano”, como que “ser americano” pode ser comparado a um título acadêmico, que, por extensão, significa maior cultura e/ou conhecimento. Outra observação interessante:

O nome de James D. Levenson dispensa qualquer apresentação ou comentário, e o fato de haver-me confiado o difícil encargo, deixa-me vaidoso e grato. De nosso breve convívio, guardo amável lembrança, apesar dos pesares. Simples, risonho e cordial, bem posto e elegante, é a negação dos sábios das caricaturas, velhos, bolorentos, enfadonhos. (p. 23)

Quer dizer, o narrador ainda observa que ele não é igual às caricaturas que vigoraram na época mostrando o poderio norte-americano, especialmente com a Guerra Fria e a corrida armamentista com URSS, as quais também abrangem o período da narrativa, fases já destacadas no panorama histórico:

A década de 50 e 60 foi marcada por momentos de tensão e intolerância, pois os dois sistemas (capitalista e socialista) eram vistos da forma mais negativa possível. Os dois países possuíam armas nucleares; porém, os dois lados estavam cientes que uma guerra naquele momento poderia destruir o mundo. Por esta razão tentavam influenciar a humanidade tomando o máximo de cuidado para não provocar uma Guerra Nuclear Internacional, como isso, a tensão diminuiu. Ainda nos anos 60, EUA e URSS viveram a época da coexistência pacífica, ou seja, fizeram a política da boa vizinhança. Na década seguinte, Nixon e o dirigente soviético Brejnev, iniciaram uma distensão mundial assinando acordos para diminuir a corrida armamentista e selaram esse acordo com um encontro simbólico no espaço entre as naves americanas e soviéticas (1975). (GOMES, s.d.)

Se nas décadas de 20 e 30 o Brasil vivia a influência do “American Way of life”, como analisamos, nas de 50 e 60 a influência era do novo imperialismo e domínio, bem representados por Levenson.

Do norte-americano, ainda há o porte físico, a beleza e o charme que chamam a atenção das mulheres brasileiras, “seduzem” o nacional:

Mas é um pão! Ai, meu Deus, um pão de mel! Exclamou Ana Mercedes, dando um passo a frente... à espera de James D. Levenson para a entrevista coletiva. O americano saíra do elevador e detivera-se a olhar a sala e a deixar-se ver: um metro e noventa de estatura, o físico de esportista, o jeito de ator, cabelos loiros, olhos azul-celeste, cachimbo, quem lhe daria os quarenta e cinco anos de seu curriculum vitae? As fotos de página inteira nas revistas cariocas e paulistas eram responsáveis pelo mulhério presente, mas todas imediatamente constataram: o material ao vivo excedia de muito os retratos. Que homem! (p. 27, 24).

Na ala feminina alguém respirou fundo – na falta do sábio loiro, do produto estrangeiro, o arrogante Marcos, levemente sarará, tinha seu encanto (p. 29)

Podemos definir pelas observações do narrador, possivelmente retratadas como as do autor, que James D. Levenson é a metáfora dos Estados Unidos, a forma como o Brasil, e muitos outros países, enxergam o estrangeiro, o que vem de fora, como Fausto observa: “produto estrangeiro”, pois este é o melhor.

O “produto estrangeiro” não só é bem-vindo, como é preferencial ao nacional, como podemos verificar quando o doutor Zezinho, “diretor-proprietário do Jornal da Cidade”, ficou chateado pela impossibilidade de Levenson voltar ao Brasil para as festividades em comemoração ao centenário de Archanjo:

O doutor Zezinho não escondeu a contrariedade: dera o comparecimento de Levenson como certo, agora sua promoção reduzia-se aos gênios nacionais e aos valores da província. Tinha a garantia da presença do professor Ramos, do Rio de Janeiro, fraco consolo para a ausência do Prêmio Nobel, “vindo expressamente do Gigante do Norte, do colosso americano”, conforme anúncio e badalação. (p. 84)

Ele ia ter que se conformar com “os gênios nacionais e os valores da província”!

Por fim, como Jorge Amado inspirou-se em pessoas e fatos reais para compor suas personagens, poderíamos levantar a hipótese de que James D. Levenson foi inspirado em Claude Lévi-Strauss, embora este fosse francês e com origem e criação judaica, analisando que há uma certa semelhança no nome, Levenson *versus* Lévi-Strauss, a carreira de ambos, além de obras com cunho antropológico e a influência norte-americana, como veremos.

Claude Lévi-Strauss, além de centenário (1908-2009) foi antropólogo, filósofo, professor universitário e ganhou diversos prêmios importantes e internacionais, assim como Levenson. Também passou três anos no Brasil, período em que lecionou na Universidade de São Paulo e empreendeu diversas expedições etnográficas:

Membro da Missão Universitária Francesa ao Brasil (com Fernand Braudel e Pierre Deffontaines, em particular), leciona Sociologia e Etnologia de 1935 a 1938 na recém-inaugurada Universidade de São Paulo (USP) e empreende várias expedições etnográficas ao Mato Grosso e à Amazônia, antes de voltar à França às vésperas da guerra, da qual participa como agente de ligação. Desmobilizado após o armistício e visado pelas leis antisemitas de Vichy, Lévi-Strauss consegue deixar a França e vai para os Estados Unidos, onde leciona na New School for Social Research de Nova York. Engajado como voluntário nas forças francesas livres e designado para a Missão Científica Francesa nos Estados Unidos, funda (com Henri Focillon, Alexandre Koyré e Jacques Maritain, entre outros), a Escola Livre de Altos Estudos de Nova York, da qual será o secretário-geral. Chamado de volta à França em 1944 pelo ministro dos Assuntos Estrangeiros, retorna aos Estados Unidos em 1945 para ocupar as funções de conselheiro cultural junto à embaixada da França. De volta à França em 1948, defende a tese de doutorado sobre *As estruturas elementares do parentesco* (seu mestrado trata da *Vida familiar e social dos índios Nambiquara*) e se dedica desde então exclusivamente a seu trabalho científico. (DESCOLA, 2009, s.p.)

Passou um período nos Estados Unidos, sendo secretário geral e conselheiro cultural junto à embaixada da França.

Chama a atenção a publicação de sua obra *As estruturas elementares do parentesco*, tratando da vida familiar e social dos índios Nambiquara, a qual pode ter servido de inspiração a Amado para retratar a obra que Pedro Archanjo escreveu sobre a vida dos negros e mestiços no Brasil. E Fausto Pena observa a obra de Levenson com o mesmo tipo de estudo:

De todo o material enviado, o sábio usou apenas a fotografia ao publicar em inglês a tradução de boa parte de Pedro Archanjo, num dos volumes de sua monumental enciclopédia sobre a vida dos povos da África, da Ásia e da América Latina (“ENCYCLOPÉDIA OF LIFE IN THE TROPICAL AND UNDERDEVELOPED COUNTRIES”), na qual colaboraram os maiores nomes do nosso tempo. (p. 25)

Em mais um comparativo, assim como Lévi-Strauss revolucionou a ciência com a antropologia estrutural⁹⁶, criada por ele, podemos pensar na atuação de Levenson, que também “polêmico e atrevido, revolucionara a ciência contemporânea com suas teorias: estudando e explicando, de ângulos imprevistos, o desenvolvimento da humanidade, chegou a conclusões novas e audazes, numa reformulação de teses e conceitos” (p. 29). Archanjo também quis revolucionar, mas não foi percebido pelo nacional sem a interferência do “Nobel” norte-americano:

Ao partir para a Bahia, porém, foi diferente, pois o desconcertante Prêmio Nobel declarou ter reservado dois dias de sua curta permanência no Brasil para ir a Salvador, “conhecer a cidade e o povo que foram objeto dos estudos do fascinante Pedro Archanjo, em cujos livros a ciência é poesia”, autor que elevava tão alto a cultura brasileira. Foi um deus-nos-acuda.

Quem é esse tal de Pedro Archanjo, do qual nunca se ouviu falar? – interrogavam-se os jornalistas, boquiabertos.

Um deles, na esperança de uma deixa, quis saber de que maneira Levenson tomara conhecimento desse autor brasileiro. “Lendo seus livros – respondeu o sábio –, seus livros imperecíveis. (p. 24)

Quanto à crítica ao imperialismo norte-americano contida no romance pela figura de James D. Levenson, convém lembrar que Jorge Amado afastou-se do Partido Comunista, mas não de suas convicções, e conforme já exposto, a política aparece de forma nuançada em seus romances deste período. Observa-se, por exemplo alguns trechos críticos à ditadura militar da década de 60, pelo olhar de Levenson:

– Quem é aquele tipo soturno que nos segue por toda parte? Um admirador ou um policial, “um polícia”? – perguntou o sábio, conhecedor dos hábitos dos países subdesenvolvidos e de suas ditaduras, apontando o poeta Fausto Pena, sombra de seus passos. (p. 85)

O “tipo soturno” não era um policial, mas Fausto Pena, o noivo de Ana, o qual por um pagamento em dólares, para de vigiar o casal e vai pesquisar a vida de Archanjo.

Outro trecho interessante aborda as conferências e entrevistas concedidas por Levenson:

As conferências, seguidas de perguntas e debates inflamados, por vezes ácidos, deram lugar a violentas manifestações estudantis de apreço ao sábio e de repúdio à ditadura.

De pé e durante longos minutos, por mais de uma vez, os estudantes ovacionaram em delírio. Certas frases suas caíram no gosto do público, correram o país de extremo a extremo: “mais valem dez anos de intermináveis conferências internacionais do que um só dia de guerra e são mais baratos”; “as prisões e os policiais são idênticos e sórdidos em todos os regimes, sem exceção de nenhum”; “o mundo só será realmente civilizado quando as fardas forem objetos de museu”. (p. 23)

⁹⁶ Nota: A antropologia estrutural, criada por Lévi-Strauss, foi cunhada no livro "Antropologia Estrutural". Publicado originalmente em 1958, ele reúne artigos que definiram o projeto científico de Lévi-Strauss. Inspirada pela obra do linguísta suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), a antropologia estrutural concentra-se no modo como elementos de um sistema se combinam, e não em seu valor intrínseco. "Diferença" e "relação" são conceitos essenciais. A combinação desses elementos dá margem a oposições e contradições que servem para dar ao reino social seu dinamismo. A antropologia estrutural considera a cultura um sistema de comunicação por símbolos, que deveria ser analisada da mesma maneira como se analisam, por exemplo, romances. (FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE, 2005, s.p.)

Já no passado de Archanjo, décadas de 20 a 30, revisitado por Fausto Pena, aparecem a política, o capitalismo e o socialismo na fala de um dos formandos, na cerimônia de formatura do afilhado de Archanjo, também de forma nuançada, porém irônica e crítica:

O engenheiro Astério Gomes, falando em nome dos colegas, respondeu ao apelo generoso. Sim, construiremos sobre as ruínas da guerra um mundo novo e arrancaremos o Brasil do marasmo em que vegeta. Um mundo de progresso e liberdade, livre de mazelas, preconceitos, opressões e injustiças. Um Brasil cortado de estradas, de fábricas e máquinas, desperto, em marcha. Um mundo com oportunidades para todos, sob o signo da técnica. Os trabalhadores na misteriosa Rússia derrubam os bastiões da tirania.

Entre aplausos, ouviu-se no salão da Politécnica a palavra socialismo e o nome estranho de Vladimir Ilich Lênin, pronunciados pelo rico engenheiro, filho de grandes fazendeiros. A Revolução de Outubro acabara de dividir o mundo e o tempo, o passado e o futuro, mas poucos se davam conta da mudança e ainda não tinham medo: Lênin era vago e distante líder e socialismo vocábulo inconsequente. O próprio orador não tinha idéia da importância de sua citação. (p. 219)

Respondendo, então, a mais algumas perguntas desta dissertação, verificamos que James D. Levenson é um “produto estrangeiro”, bem visto e recebido pelo “consumidor” nacional. Mas também, se aproveita do nacional, como vimos com Ana Mercedes (da qual, aliás, ele nem consegue lembrar o nome: “como era mesmo o nome dela? Ann, sim, Ann, acolhedora e impávida – e com o idiota do noivo a tiracolo...”), além da forma como tratou a pesquisa feita sobre a vida e obra de Pedro Archanjo, como mostramos anteriormente, de maneira mascarada ou mentirosa (“de bedel a professor universitário”). Esta talvez seja uma das formas de o autor mostrar como o estrangeiro percebe e dá importância ao nacional. Ficam algumas perguntas: por que Levenson exalta Pedro Archanjo como professor universitário? Será que por receio de seus leitores, outros estrangeiros, não valorizarem o que um bedel pode escrever e pesquisar? É necessário ter um título para ser aceito, ter credibilidade, pois ser nacional e sem título não é sinônimo de crédito? Por que ele não citou o trabalho de Fausto Pena? Por Fausto ser nacional, irrelevante? O fato é que fica claro que Levenson exaltou o trabalho, as pesquisas de Pedro Archanjo, traduziu as suas obras e através dele é que Archanjo ficou conhecido, inclusive na Bahia, não como bedel, mas como professor!

Enfim, para contrapor a figura deste estrangeiro, vale pensar na forma como os outros não-nacionais são representados no romance:

Kirsi, a finlandesa

No mercado do Ouro, certa manhã de temporal, o céu de breu e o vento solto, deu-se o encontro de Pedro Archanjo com a sueca Kirsi. O major parece revê-la: fascinante visão, parada na porta, batida de chuva, o vestido colado ao corpo, cheia de curiosidade e espanto. O menino nunca vira cabelos assim, tão lisos e loiros, loiríssimos, a pele rosa, os olhos do infinito azul, azuis como essa Igreja do Rosário dos Pretos. (p. 56)

Tocando com o dedo no peito, ela disse:

– Kirsí – disse e repetiu abrindo as sílabas.
– Ela se chama Kirsí – entendeu Archanjo e pronunciou: Kirsí.
A sueca bateu palmas, de alegre aprovação, e tocou o peito de Archanjo perguntando algo em sua língua.
– Pois já decifrei, meu bom. Me chamo Pedro – respondeu voltando-se para môça. (p. 95)

O narrador apresenta Kirsí aos poucos, mas descobrimos no desenrolar do romance que ela não é sueca, e sim finlandesa e foi um dos grandes amores de Archanjo, conhecendo-o no desembarque que deveria ser só de passagem pela Bahia, fato que a caracteriza como estrangeira, de acordo com a distinção em que se baseia essa pesquisa, já que ela não chegou ao país como mão-de-obra e advém de um país rico. Apaixonados, o casal desfrutou do romance por quase seis meses:

Quem esteve no ensaio pôde ver, cutuba e luminosa, Kirsí de estrela d'alva, mas o povo da cidade não chegou a tê-la no desfile, não deu tempo.
Outro navio veio e a levou: permanecera quase seis meses; diziam-na sueca, só uns poucos a souberam finlandesa mas todos a estimaram. Acolhida sem perguntas, fôra um deles. (p. 118)

Nesta passagem, entre outras, constatamos que ela não só foi bem aceita pelo nacional, como “fôra um deles”, foi hóspede na Tenda dos Milagres e até ia sair no desfile das pastoras, mas acabou indo embora. Seu comentário na despedida, demonstra o carinho e aceitação sentidos pelo povo baiano:

“Não há no mundo gente melhor do que vocês, povo mais civilizado do que o povo mulato da Bahia”, dissera a sueca ao despedir-se na Tenda dos Milagres, em conversa com Lídio, Budião e Aussá. Chegara de longe, vivera com eles, dizia por saber, um saber sem restrições ou dúvidas, de real conhecimento. Por que então o doutor Nilo Argolo – catedrático de Medicina Legal na Faculdade e mentor científico da congregação, com renome de sábio e descomunal biblioteca – escrevera sobre os mestiços da Bahia aquelas páginas terríveis, as candentes palavras? (p. 119)

Interessante que a finlandesa mesmo falando e conhecendo pouco a língua portuguesa ou expressando-se por meio de gestos, conheceu melhor o povo do que o catedrático Nilo Argolo, racista e preconceituoso, como percebemos na passagem, entre outras que serão apresentadas. Kirsí não precisou estudar teorias sobre a população, igual ao professor Nilo Argolo, bastou conviver com o mestiço para valorizá-lo.

Por fim, Kirsí não levou somente boas lembranças de Archanjo e do povo, mas levou também um “filho no ventre”:

Quando o cargueiro fundeou no porto, ela disse a Archanjo em seu reduzido português de sotaque marinho: é tempo que me vá, levo no ventre o nosso filho. Tudo o que é bom tem sua duração exata, tem de se acabar no prazo certo se quisermos que perdure para sempre. Levo comigo o sol, tua música e teu sangue, estarás onde eu esteja e em todos os instantes. Obrigado, Oju. (p. 118)

Tempos depois, ela envia uma foto do filho para Archanjo:

Retira do bolso o envelope de selos bonitos, veio do fim do mundo, lá do Pólo Norte onde tudo é gelo e a noite se prolonga, eterna.
– Kirsi vive no gelo?
– Uma cidade chamada Helsinque, na Finlândia.
– Eu sei, Kirsi é sueca, tão boazinha. Mandou carta?
Saca do envelope o retrato do menino: carta não tem, apenas umas frases em francês, palavras em português. (p. 183)
[...]
– ri com malícia, mede o mulato forte e bonito, o amante da finlandesa: – o menino é a sua cara.
– Mas parece também com Kirsi, Vai ser o Rei da Escandinávia – Archanjo solta o riso e a Princesa do Recôncavo, Zabela para os íntimos, o acompanha na gaitada, encantadíssima. (p. 186)

O filho da personagem Kirsi e Archanjo é uma excelente representação da “mistura de raças” tratadas no romance através dos livros que Archanjo escreveu e retrata o pensamento de Jorge Amado no que diz respeito ao preconceito racial. De uma forma lírica, romântica, o autor trata de assuntos sérios e polêmicos que permeavam o momento histórico do romance, não só o racismo, mas a eugenia e o antissemitismo.

Aliás, a questão do amor e o lirismo é uma marca nos romances de Amado, como bem assinala Antônio Cândido, inclusive destacando que suas personagens não são “bestializadas” como são as representadas pelos naturalistas:

Na nossa literatura moderna, o Sr. Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico. Amor dos ricos e dos pobres; amor dos pretos, dos operários, que antes não tinha estado de literatura senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas. (CÂNDIDO, 1993, p. 52)

O turco Maluf

Dono de um bar que é um grande palco de discussões, especialmente no que se refere ao período histórico que recobre a Segunda Guerra, sobressaem o arianismo, a eugenia e antissemitismo. Também possuía um rádio, que transmitia “estações estrangeiras”, veículo importante para Archanjo e os demais obterem informações sobre a guerra.

Ao contrário de outros personagens árabes e libaneses dos romances de Amado, este não é visto como explorador ou mesquinho. Vimos que os imigrantes e estrangeiros árabes e libaneses acabam sendo estereotipados desta forma, além de sofrerem com as confusões de nomes, os patronímicos, ou seja, não gostam de ser chamados de “turcos”. De acordo com o exposto sobre este assunto, é provável que Maluf seja libanês e não turco, no entanto, ao contrário da personagem Nacib, também dono de bar, do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, já citado, não há discussão ou rejeição por parte da personagem devido ao patronímico “turco”.

Maluf é bem visto e até elogiado como “boa praça”:

Fôra ouvir rádio, as estações estrangeiras, a BBC de Londres, a Rádio Central de Moscou, a Voz da América; seu amigo Maluf adquirira um aparelho que pegava o mundo todo. As notícias daquela noite davam gosto, os “arianos” apanhando de criar bicho. [...]

Quando Maluf, para comemorar as vitórias do dia, serviu uma pinga, a discussão começou: se Hitler ganhasse a guerra poderia ou não matar tudo o que não fosse branco puro, acabando de vez com o resto do povo? Opina daqui, opina de lá, pode, não pode, ora se pode, o ferreiro se alterou.

[...] – a mão ao bater sobre o balcão emborcou o copo e lá se foi o resto da cachaça. Mas o turco Maluf era boa praça, compareceu com outra rodada antes da despedida. (p. 40)

Ele não tem uma grande participação na narrativa, mas os bens que possui, como o bar e o rádio, são importantes, especialmente para Archanjo. Devido a sua condição social, podemos representá-lo como um “estrangeiro”, bem visto pelo nacional. Contrapondo a figura do “boa praça”, vemos a figura do italiano Bonfanti, visto como “ladrão”, “mafioso”, de “procedência duvidosa e crédito suspeito”.

Bonfanti, o italiano

Nas páginas iniciais, o narrador conta que Pedro foi vítima da personagem: “já o nosso Archanjo foi vítima de um tal Bonfanti, também livreiro e editor, com negócio no Largo da Sé, em tempos idos, como se verá adiante ” (p. 73).

No decorrer da narrativa, sabemos que Archanjo foi vítima na questão da edição e pagamento dos autorais de um dos seus livros, *A culinária Baiana – origens e preceitos*, pois Bonfanti foi o editor deste livro sobre culinária, arte que os dois apreciavam:

Quitutes e iguanas além dos livros, uniam o mulato baiano e o escuro peninsular, ambos de forte apetite e gosto apurado, ambos cozinheiros de mão-cheia. Archanjo não tinha rival em certos pratos baianos, sua moqueca de arraia era sublime. Bonfanti preparava uma pasta sciuta-ai-funghi-secchi de se lambar os dedos, reclamando contra a inexistência na Bahia de ingredientes indispensáveis. Das conversas e de almoços dominicais, nasceu a idéia de um manual de culinária baiana, reunindo receitas até então transmitidas oralmente ou anotadas em cadernos de cozinha... (p. 73)

Mostrando o caráter do livreiro, Fausto conta algumas de suas ações quando o apresenta na narrativa:

Trata-se de um livreiro e editor, estabelecido no Largo da Sé. Um fulano Bonfanti, de procedência duvidosa e crédito suspeito, estabelecera-se na Praça da Sé com sortido sebo, especialista em artigos escolares e na exploração dos estudantes de ginásios e faculdades, a quem comprava barato e vendia caro os mesmos livros: antologias, tábuas de logaritmos, dicionários, tratados de medicina e direito. (p. 72)

No caixa, Bonfanti, ostentando há sete anos, desde que ali se estabelecera, o mesmo sebento e gasto terno azul de casimira, a voz esganiçada, em compra e venda:

– Dez tostões, se quiser.

- Mas, seu Bonfanti, comprei essa “Geometria” aqui mesmo, na segunda-feira e paguei cinco mil-réis – lembrava o estudante.
- Comprou livro novo, está vendendo livro usado.
- Usado? Nem abri, está novo em folha, como saiu daqui. Dê ao menos dois mil-réis.
- Livro que saiu da livraria é livro usado. Dez tostões, nem um vintém a mais. (p. 254)

Pensando na forma como o nacional enxerga o não-nacional, vemos por intermédio de Fausto Pena que Bonfanti tem “procedência duvidosa”, é considerado como “mafioso” (*Pedro Archanjo freqüentava-lhe o negócio em prosas perdidas com o mafioso...*), “gatuno”, miserável (usava *o mesmo sebento e gasto terno* há sete anos), explorador, além de editar livros para ajudar alunos a colarem em provas e “interessado na educação dos jovens” vende livros pornográficos:

Bonfanti editara alguns livrecos destinados a ajudar estudantes relapsos nos exames do Ginásio da Bahia e dos liceus particulares: a tradução das fábulas de Fedro, obrigatórias na prova escrita de latim, soluções de problemas de álgebra e geometria, certas noções de gramática, análise de “Os Lusíadas”, tudo em volumes de tamanho reduzido para facilitar o transporte clandestino e a consulta proibida nas salas de exame. Para complementar a educação dos jovens, pela qual tanto interesse demonstrava, o italiano imprimia e vendia-lhes folhetos pornográficos, para os quais contava igualmente com seleta freguesia de graves senhores. (p. 72)

O tom de ironia é latente e para agravar há o fato de ele não ter pagado pelos direitos autorais do livro de Archanjo sobre culinária, mesmo que tenham tido uma parceria nas ideias, e ainda não gostava de ser cobrado, como podemos observar:

Não foi pacífico o acerto da edição, querendo Bonfanti reduzir o texto às receitas, com meia página de prefácio, se muito, enquanto Archanjo exigia a publicação na íntegra, sem cortes: antes, a pesquisa, os comentários, o estudo extenso; depois, as receitas. Finalmente o livro saiu completo, mas a tiragem tardou anos a se esgotar, seja porque “manual de cozinha se destina a donas de casa e não deve conter literatura ou ciência”, como proclamava Bonfanti – queixando-se de prejuízo e negando-se a pagar os direitos de autor –; seja porque o “gatuno do italiano fez muitos mais de mil exemplares”, seja por desinteresse do público. Quando Archanjo morreu, Bonfanti ainda tinha pequeno encalhe, uns poucos volumes. (p. 73)

Contente, de um lado para outro. Na Livraria Dante Alighieri a chamar Bonfanti de ladrão, “cadê o dinheiro de meu livro de cozinha, seu calabês?” “Me chame de ladrão, não me chame de calabês. io sono toscano, Dio merda!” (p. 352)

Não é à toa que o italiano não gosta de ser chamado de “calabrês”, pois a Calábria fica ao sul da Itália, considerado local mais pobre e fraco economicamente, além do que a região é um dos locais de origem da máfia italiana, sendo atualmente o reduto dos Ndrangheta, um dos mais perigosos grupos do crime organizado na Europa Ocidental:

Subestimada e considerada, durante muito tempo, uma organização rural, muito menos importante do que a Máfia siciliana, a ‘Ndrangheta ou “Onorata Società” fortaleceu-se e passou a ser uma ameaça global.

Da Calabria original, no sul de Itália, conseguiu estender os tentáculos a outros países, aproveitando-se das comunidades de italianos emigrantes para criar bases no estrangeiro.

Atualmente, a 'Ndrangheta opera na Europa, na Alemanha, na Espanha, na Holanda, na França, na Bélgica e na Suíça. Também chegou ao Canadá, aos Estados Unidos e à Colômbia, tendo ainda ramificações na Austrália.⁹⁷

Tem-se começado a duvidar do lugar comum, na Itália, de o fenómeno mafioso ser um problema que pertence só ao sul há pouquíssimo tempo – convicção alimentada por muitos dirigentes políticos do norte, locais e nacionais. Desde o início dos anos Noventa, ramificações mafiosas (sobretudo da Camorra, da 'Ndrangheta e de Cosa Nostra) sob a forma de clãs ou famílias, têm-se penetrado no norte da Itália, atirados pelo tecido económico mais activo do que o do sul.⁹⁸

Interessante verificar que com o italiano, assim como com o libanês e árabe, como já exposto, ocorre uma confusão dos patronímicos, bem como o sentimento de ofensa com os adjetivos pátrios. Bonfanti não se ofende por ser chamado de ladrão, mas de “calabrês”, isto sim é um horror!

Sobre a emigração italiana e a origem de Bonfanti, bem como a sua chegada ao Brasil, não temos mais informações além das quais o narrador apresenta, mas situando sua chegada no início do século XX (sabendo que o livro de culinária saiu em 1929 e Bonfanti havia se estabelecido na Sé sete anos antes de conhecer Archanjo) é interessante pensar que os italianos que começaram a chegar à Bahia no século XIX eram em pequena quantidade, ao contrário dos que foram para São Paulo, especialmente para as lavouras de café e houve um grande aumento já iniciando o século XX. De acordo com as pesquisas sobre a emigração italiana em Salvador, o professor Benedini⁹⁹ fornece algumas informações que auxiliam a enxergar o fluxo migratório do período da narrativa do romance:

Thales de Azevedo relata que a primeira associação pan-italiana de Salvador, a Sociedade de Recreio e Beneficência, fundada após a unificação política da Península por alguns comerciantes abastados, contava apenas 43 inscritos em 1871. Atingindo a outra fonte da época, Angelo Trento nos informa de que “em 1884, em todo o estado, os italianos não eram mais que 200 ou 300”.³⁵

Este autor especula, todavia, que “provavelmente, tornaram-se a colônia mais numerosa [...] no fim do século, chegando a 2.500 ou 3.000 pessoas”.³⁶ Um aumento importante, mesmo que, quanto aos italianos serem a maior colônia estrangeira do Estado (mais numerosa, por exemplo, que a portuguesa) haja fortes dúvidas. A que se deveu este repentino crescimento? Em primeiro

⁹⁷ EURONEWS. Notícias: **Poder econômico da Ndrangheta põe em risco a democracia e liberdade de imprensa**. Publicada, dia 22/01/2013. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2013/10/22/poder-economico-da-ndrangheta-poe-em-risco-a-democracia-e-liberdade-de-imprensa/>>. Acesso:01/08/2014.

⁹⁸ STRUGGLES IN ITALY. Resenha: “**As mãos sobre a cidade**” – **Como Milão se tornou a nova capital da 'Ndrangheta**. Breve introdução. A máfia na Itália do norte. Disponível em: <<http://strugglesinitaly.wordpress.com/mafie/pt-as-maos-sobre-a-cidade-como-milao-se-tornou-a-nova-capital-da-ndrangheta/>>. Acesso: 01/08/2014.

⁹⁹ NOTA: As citações do artigo do professor Benedini referem-se aos seguintes autores: ³⁵TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988, p. 106. ³⁶ Ibid. ³⁷INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Em 1903, na Itália, entrou em vigor Decreto Prinetti, que proibiu a emigração subsidiada para o Brasil. ³⁸ AZEVEDO, Thales Olympio Góes de. *Italianos na Bahia e outros temas*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Secretaria de Cultura, 1989, p. 17-19.

lugar nota-se que aumento do fluxo migratório para o Estado coincidiu com a grande emigração para o Brasil, aonde chegaram 1.048.317 cidadãos italianos entre 1884 e 1903.³⁷ Isto é: as causas primeiras devem ser buscadas na situação interna da Península e nas facilidades oferecidas pela emigração subsidiada para a América do Sul.

Pelo que concerne, em específico, a Bahia, não houve, como em São Paulo ou no Espírito Santo, iniciativas de fomento à imigração estrangeira por parte de latifundiários locais, talvez em consequência dos rotundos fracassos das sociedades de colonização agrícola da época imperial.³⁸ A emigração que se dirigiu no Estado o fez de maneira espontânea, contando com recursos próprios e com a ajuda de precursores já instalados. Nota-se assim que o crescimento foi alavancado sobretudo pelas comunidades italianas do interior como Jequié, Jaguaquara, Ipiaú, Barra do Rocha, Poções, Belmonte, Morro do Chapeu, entre outras, por efeito da chegada de parentes dos primeiros emigrantes. Se os cálculos de Trento forem pois corretos, naquela época entre três quartos e quatro quintos dos residentes italianos moravam longe da capital. (BENEDINI, 2013, p. 10)

Verificamos, então, que a emigração que se dirigiu ao Estado o fez de maneira espontânea, com recursos próprios, o que parece ser o caso de Bonfanti ao se instalar na Sé, talvez pela situação política que a Itália passava ou, se a acusação de Fausto Pena for verídica, talvez como um mafioso, tendo o sebo só como fachada. De qualquer forma, percebe-se que este “estrangeiro” não era bem visto pelo nacional, exceto para Archanjo, que não só escrevia como combatia o preconceito. Percebe-se que mesmo sem receber o devido pagamento pelos direitos autorais, continuava amigo do italiano.

Por último, cabe a informação da apreensão e queima de livros, especialmente os de Archanjo. Neste episódio ficamos sabendo que “o próprio Archanjo ainda conseguiu reaver alguns, comprando-os a Bonfanti: “Vendo pelo preço que paguei, figlio mio, não ganho um vintém” ”p. 336).

Jorge Amado, no tempo presente, 1968, alude ao período do Estado Novo em que houve a queima em praça pública dos seus livros como *Suor*, *Cacau* e *Capitães da Areia*, entre os de outros tantos autores, usando o narrador para contar como os livros de Archanjo também foram apreendidos:

... a patrulha invadira a tipografia, empastelara máquinas, estantes, destruíra as resmas de papel compradas fiado para completar a edição dos “Apontamentos” – “precisamos pelo menos de quinhentos exemplares, todo mundo quer comprar e ler”. Meteram os tipos em sacos de aniagem, de cambulhada com os livros. A ordem era apreender os exemplares dos “Apontamentos”, levaram junto os livros de Archanjo, salvaram-se apenas os que estavam guardados na mansarda, os de leitura quotidiana, de cabeceira. Lá se foram presos Hovelacque e Oliveira Martins, Frazer, Ellis e Alexandre Dumas, Couto de Magalhães, Franz Boas, Nina Rodrigues, Nietzsche, Lombroso e Castro Alves, muitos outros, extensa lista de filósofos, ensaístas, romancistas, poetas, dezenas de volumes, a tradução em espanhol de “O Capital” numa edição barata, de texto resumido, impressa em Buenos Aires e o “Livro de São Cipriano”. Trazidos um a um por investigadores e soldados, os livros terminaram nos sebos. [...]

Dos “Apontamentos” foram apreendidos quarenta e nove volumes – os demais haviam sido enviados por mestre Corrô a universidades, faculdades, bibliotecas, professores, críticos, redações, entregues às livrarias ou colocados diretamente – e nem todos “arderam nas fogueiras da Inquisição acesa na Central de Polícia pelos reclamos de Savonarola Argolo de Araújo” conforme relatou o professor Fraga Neto em carta a Silva Virajá. (p. 336)

E mais uma vez, usando o panorama da década de 30, de forma “nuançada”, alude ao período militar, também marcado pela censura à imprensa, apreensão de obras e prisões, como já apresentado.

Zabela, a aristocrata

Não é uma personagem estrangeira, mas representa a aristocracia arruinada, a que prospera no Brasil, mas gasta no exterior e investe em tudo que for estrangeiro, como faziam os barões do cacau, do café e da cana, por exemplo:

– Sou uma velha arruinada mas não me queixo.

Um dia fora a riquíssima Princesa do Recôncavo em pompa e luxo. Dona de plantações de cana, de engenhos de açúcar, de escravos, de sobrados nas cidades de Santo Amaro, Cachoeira e Salvador. Por ela suspiraram os galãs da corte e em duelo um oficial feriu de morte o noivo a catita, bacharel em direito. Depois, no encalço de seus favores, arruinaram-se banqueiros e barões. Teve vida acidentada, muitos amores, palmilhou o mundo; títulos, cargos e fortunas aos seus pés. [...]

Com a chegada das rugas, das câs e dos dentes falsos, dissolveu a fortuna em régios presentes, dando-os aos gigolôs com a mesma nonchalança com que em moça os recebera. O festim da vida passou a lhe custar absurdamente caro e, sem vacilar, pagara o preço exigido: valia a pena. Reduzida por fim a ossos magros, no físico e nas finanças, retornou à Bahia, com o gatarrão e a lembrança do deboche desatinado e diminuto. Por que tão parco, por que não fora mais? (p. 184)

Zabela conhece Archanjo quando vai à Tenda encomendar um “risco de milagre” pela cura de seu gato e por meio dela verificamos a valorização do estrangeiro:

A barganha prolongou-se pois a anciã sentara-se para melhor regatear e, ao fazê-lo, deu com o cartaz do Moulin Rouge, na parede, teve um choque:

– Oh, mon Dieu, c’est le Moulin!

A língua solta e dissoluta dispara a contar quanto vivera, o mundo por onde andara, as maravilhas vistas e havidas; a relembrar músicas, peças de teatro, exposições, passeios, festas, queijos, vinhos e amantes. Entregue ao prazer das recordações, alegria dupla porque não lhe restava outra e, sendo pobre e velha, um dia fora opulenta e louca. No entusiasmo dos detalhes mistura francês e português na narrativa pontilhada de exclamações em espanhol, inglês e italiano. (p. 185)

Este é mais um dos exemplos da valorização do que é francês, como já exposto em *Suor*, na apresentação da prostituta polonesa, a qual se dizia francesa, justamente pela valorização do estrangeiro no período, dada pelo nacional. Além disto, ainda há a conversa com Archanjo:

Pedro Archanjo chegou do reino de Sabá na hora exata da partida da vetusta marinheira em sua viagem de circunavegação e com ela embarcara em riso deslumbrado.

Levantaram âncoras em Montmartre, com escalas em cabarés, teatros, restaurantes, galerias de Paris e de seus arredores ou seja, o resto do mundo. Porque, saibam os amigos, existe Paris e o resto: o resto, oh! lá, lá! c’est la banlieu.

Feliz de contar: os sobrinhos-netos não tinham paciência de escutá-la nas raras e rápidas visitas a seu tugúrio, casinha fronteira ao convento da Lapa, onde vegetava com o gato e uma empregada broca. Velha da pá virada, seu nome completo era Senhora Dona Isabel Tereza Gonçalves Martins de Araújo e Pinho, de direito condessa da Água Brusca. Para os íntimos, Zabela.

Pergunta-lhe Pedro Archanjo se conhecia Helsinque. Não, em Helsinque não estivera. Em Petrograd, sim, e em Estocolmo, Oslo, e Copenhague. Por que o amigo fala da Finlândia com essa intimidade? Andou por lá, de embarcadão? Mas o amigo não parece homem do mar, seu jeito é de professor ou bacharel. (p. 185)

Interessante o comentário “Porque, saibam os amigos, existe Paris e o resto: o resto, oh! la, la! c’est la banlieu”, ou seja o “resto é subúrbio”!

Por último, nesta conversa com Zabela, há mais detalhes do filho de Archanjo com Kirsí, um menino nascido e criado no estrangeiro, mas filho de um nacional com uma estrangeira:

A ligação com a Finlândia, aí, era de amor. Exibe-lhe o retrato e a condessa demorou-se a admirar a face do menino: lavor e sedução. Numa caligrafia culta, Kirsí traçara palavras em português, poucas e categóricas, a cobrir a distância do mar e do tempo: amor, saudade, Bahia. Uma frase inteira em francês; Isabel Tereza faz a tradução, inútil, pois. Archanjo a sabe de memória: nosso filho cresce belo e forte, chama-se Oju como o pai, Oju Kekkonen, comanda os garotos e enamora as meninas, um pequeno feiticeiro.

– O amigo chama-se Oju?

– Meu nome de cristão é Pedro Archanjo mas em nagô sou Ojuobá. (p. 186)

Ainda neste diálogo, Archanjo diz que o menino será o “rei da Escandinávia”. Também verificamos que o sobrenome do menino é o mesmo de um escritor, político e ex-presidente da Finlândia: Urho Kaleva Kekkonen¹⁰⁰. Já que Amado se inspirou em pessoas reais para compor inúmeros personagens, podemos pensar que esta é mais uma inspiração, mas também pode tratar-se de mais uma das nuances políticas no romance, agora sobre as relações entre Brasil e União Soviética, haja vista que a Finlândia enfrentou a União Soviética na Segunda Guerra Mundial, teve parte do seu território anexado e no comando de Kekkonen foram criadas ativamente “as boas relações”, assim como o Brasil deveria ter no período da Guerra Fria.

Por fim, nesta passagem, lembramos que o título que Jorge Amado mais se orgulhava de ter recebido era o de “*Obá*”, igual Archanjo.

¹⁰⁰ Urho Kaleva Kekkonen (1900-1986). Figuras centrais no cenário político finlandês da década de 1930, o primeiro-ministro (1950-3, 1954-6) e Presidente da Finlândia de 1956 a 1982 Kekkonen também era colunista prolífico [...]. Como um membro do parlamento, representou o Partido Agrário (Maalaisliitto) - uma casa política natural para Kekkonen devido ao seu passado rural. [...] Depois da guerra Kekkonen começou a criar ativamente boas relações com a União Soviética, com base no entendimento mútuo e relações comerciais. (BOOKS AND WRITS. Amazon.com. **Urho Kaleva Kekkonen**. s.d. Disponível em: <<http://www.kirjasto.sci.fi/ukekko.htm>>. Acesso: 07/08/2014).

O russo Fayerman e o libanês Mahul

Por intermédio da história de Artur Ribeiro, o mestre de Lídio Corró, conhecemos mais estas duas personagens não-nacionais, relevantes no romance:

Em 1848, de acordo com um libanês e um russo, montara secreta oficina de gravura: impossível distinguir as notas falsas, gravadas por Artur, das verdadeiras do governo, feitas na Inglaterra. O negócio prosperou até demais: Ribeiro na oficina, o libanês e o russo trocando moeda falsa, mercadoria de muita aceitação. Iriam longe, não fosse o libanês um louco. Deu-lhe o delírio do luxo, fez misérias: mulheres, champanha, cabriolé. Acabou-se o que era bom, o segredo foi parar na Chefatura de Polícia. Ribeiro e Mahul, o libanês, bateram com os costados na cadeia, do russo nunca mais notícia, dera o fora em tempo com a maleta repleta de dinheiro, cédulas do governo, verdadeiras. Artur Ribeiro, fechado, carrancudo, sem conversa, ainda nas grades da vergonha embora livre do xadrez, tomou-se de interesse pelo moleque esperto, jeitoso no desenho, e lhe ensinou a riscar milagres – outro de seus bicos naquele podre fim de vida – e a gravar em pedaços de madeira; (p. 114)

Como vimos, o russo e o libanês fogem do estereótipo do período, a saber, “russo comunista” e “libanês mascate”, pois no enredo ambos representam a classe marginal, o trabalho escuso como falsificadores de moedas. O nome *Fayerman* e a origem russa são indícios de uma personagem judia, mas como ele só aparece nesta cena, não contemplamos uma análise maior, contrapondo-o a outras figuras. Mas, é interessante também pensar que ele foge com o dinheiro, fato que poderia ser interpretado como uma representação do estereótipo do judeu enganador, que só pensa em dinheiro, caso seja um.

De qualquer forma, são mais duas personagens que podem se encaixar como “estrangeiras”, mas com aspectos negativos.

Nesta cena, vemos também mais uma nuance política, pois 1848 foi o ano das Revoluções e da primeira publicação do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels.

Do russo, ainda cabe mais uma citação:

Num dia de cachaça e confidência, disse a Lídio ter um único desejo: matar com suas próprias mãos o miserável Fayerman; o russo soubera com antecedência dos passos da polícia, escafecera-se com o lucro, sem um aviso sequer aos sócios da guitarra. (p. 115)

4.4. A caracterização das figuras judias

No romance não há personagens judias em destaque, em ação, com exceção do professor Tzalie Jucht, lembrado em uma citação do narrador: “Rosto apaixonado e sofrido, na voz a dor dos ghettos e dos pogroms, o professor Tzalie Jucht representa os judeus ” (p. 359), e uma hipótese com a personagem Fayerman, como exposto, porém há um destaque sobre o preconceito e racismo, especialmente por meio do protagonista Pedro Archanjo, o qual,

conforme citado, se destaca no romance por ser uma personagem que aborda e representa a questão do preconceito racial. Archanjo escreve livros sobre o tema, enfrentando também os estudiosos e doutores da faculdade de medicina, local onde trabalhou como bedel, e que era palco para grandes discussões e manifestações referentes à eugenia, o preconceito e o arianismo, temas pertinentes, concernentes ao judaísmo.

Como exemplo, podemos citar uma passagem sobre o arianismo, a tese da raça pura, em que há uma discussão entre Archanjo e um grupo que discutia esta questão:

Do grupo destacou-se um rapazola, o ar distante e impertinente:

– A minha, não – o estudante cavalgava quatro sobrenomes e duas partículas de nobreza.

– Na minha família o sangue é puro, não se sujou com negros, graças a Deus.

Archanjo dissolvera o ódio e agora se diverte; sente-se forte de um conhecimento absoluto, e sabe que a tese do doutor Nilo – um babaquara, um porão de merda – é só erro e calúnia, presunção e ignorância. Olhou o rapazinho: – Tem certeza meu bom? Quando você nasceu sua bisavó já era morta. Sabe como ela se chamava? Maria Iabaci, seu nome de nação. Seu bisavô, homem direito, casou com ela.

– Negro insolente, vou lhe partir a cara.

– Pois, meu bom, não se acanhe, corra dentro.

[...]

Nunca mais nenhum estudante abusou Archanjo com tais assuntos. Nem mesmo quando a sombra de Gobineau se estendeu sobre o Terreiro de Jesus e o arianismo esteve em moda, doutrina oficial da Faculdade. Ao estourar o escândalo, vinte anos depois, as turmas eram outras mas os estudantes apoiaram o bedel contra os professores. (p. 124)

Arianismo e racismo: Nina Rodrigues e Gobineau

E sobre o professor Nilo Argolo de Araújo, personagem importante no romance devido aos embates com Archanjo, bem como por sua postura racista, podemos destacar suas ideias preconceituosas e antissemitas, em apoio a uma grande limpeza étnica, em conformidade com as ideias de Gobineau:

Em 1904, o professor Nilo Argolo, catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, apresentou a um Congresso Científico reunido no Rio de Janeiro e publicou numa revista médica e em separata, a memória “A degenerescência psíquica e mental dos povos mestiços – o exemplo da Bahia”. Em 1928, Pedro Archanjo escreveu os “Apontamentos Sobre a Mestiçagem nas Famílias Baianas”, pequeno volume do qual somente cento e quarenta e dois exemplares chegaram a ser impressos, e uns cinquenta enviados, por Lídio Corró, a bibliotecas, universidades e escolas nacionais e estrangeiras, a sábios, a professores, a literatos. Durante essas duas décadas travou-se uma polêmica nos bastidores da Faculdade em torno do problema racial no mundo e no Brasil, envolvendo teses, teorias, autores, cátedras e autoridades científicas e policiais. Livros, memórias, artigos, folhetos, foram escritos e publicados e o tema obteve repercussão na imprensa, sobretudo na forma de virulentas campanhas a propósito de aspectos da vida da cidade e de sua condição religiosa e cultural.(p. 169)

Como Jorge Amado inspirou-se na vida real de algumas pessoas para compor suas personagens, constatamos que Nilo Argolo é uma clara referência ao médico Nina Rodrigues, também professor da Faculdade de Medicina da Bahia:

Iniciou medicina na Bahia, mas concluiu no Rio de Janeiro, RJ (1888). Voltou à Bahia para assumir a cátedra na Faculdade de Medicina da Bahia (1891), onde promoveu a nacionalização da medicina legal brasileira, até então inclinada a seguir padrões europeus.

Desenvolveu profundas pesquisas sobre origens étnicas da população e a influência das condições sociais e psicológicas sobre a conduta do indivíduo. Como resultados de seus estudos propôs uma reformulação no conceito de responsabilidade penal, sugeriu a reforma dos exames médico-legais e foi pioneiro da assistência médico-legal a doentes mentais, além de defender a aplicação da perícia psiquiátrica não apenas nos manicômios, mas também nos tribunais.

Também analisou em profundidade os problemas do negro no Brasil, fazendo escola no assunto e faleceu em Paris, França. Entre seus livros destacaram-se *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894), *O animismo fetichista dos negros da Bahia* (1900) e *Os africanos no Brasil* (1932).¹⁰¹

Vale também verificar as citações e conteúdo dos livros que ambos escreveram, inclusive o de Archanjo combatendo o racismo (*Em 1928, Pedro Archanjo escreveu os “Apontamentos Sobre a mestiçagem nas Famílias Baianas”*).

Quanto a Gobineau (1816-1882), escritor e diplomata francês, trata-se de um dos pensadores mais polêmicos sobre a mestiçagem, a mistura de raças, grande defensor da tese da raça pura, a qual inspiraria outros pensadores, inclusive sendo a base de estudo para as teorias de Hitler. Como exemplo do relacionamento do estrangeiro com o nacional, quando Gobineau morou no Brasil, em 1869, servindo como Ministro da França, o mesmo “alegava que sua nomeação a esse cargo o obrigava a se separar da família e de Paris, além de obrigá-lo a conviver com uma população mestiça, algo para ele abominável” e

Segundo o próprio confessava em cartas à família, os momentos de alívio ao sofrimento que passava por estar no Brasil, era atenuado (sic) quando conversava informalmente com o imperador D. Pedro II. Na sua concepção, o imperador era um ariano puro ou quase... A única relação, realmente do Gobineau no Brasil era com o D. Pedro II. Com os brasileiros, ele mantinha pouco contato. Essa constatação acaba gerando suspeitas pelas descrições, ao seu ver, tão analíticas do comportamento dos mesmos sem a convivência próxima. Os seus próprios colegas do corpo diplomático, de outras nacionalidades europeias, eram desprezados pelo Gobineau.¹⁰²

Em relação às suas ideias e teses, ele:

Estava inserido nas discussões intelectuais do século XIX acerca das raças humanas. Sua ideia central era defender um escalonamento racial. Para tanto, ele elaborou uma teoria classificatória da humanidade, onde a raça ariana ocupava o topo da hierarquia social. Os miscigenados, por não serem puros de sangue não teriam ordenação na sua teoria, eles seriam inclassificáveis pela ambivalência.¹⁰³

¹⁰¹ BRASIL ESCOLA. **Biografia. Raimundo Nina Rodrigues.** Disponível em <<http://www.brasilecola.com/biografia/raimundo-nina.htm>>. Acesso: 07/08/2014.

¹⁰² GOMES, Adriana. **A Miscigenação do Brasil sob o olhar de Gobineau.** Revista História e História. Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. ISSN 1807-1783. Site atualizado em 27 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=162>>. Acesso: 07/08/2014.

¹⁰³ Ibid., s.p.

Partindo do pressuposto de que a mestiçagem desumanizava o outro, os mestiços, e que não havia critérios para se classificar, nomear e ordenar com cientificidade, afinado com o pensamento moderno (SOUSA, 2006, p. 6, apud GOMES, 2013), para Gobineau, a mestiçagem “criava um povo degenerado, porque não conserva, nas suas veias, o mesmo sangue original que sucessivas misturas fizeram, gradualmente, modificar seu valor; em outras palavras... não tem conservado a mesma raça dos seus fundadores” (GOBINEAU, 1853, p. 24, apud GOMES 2013,). Ainda de acordo com Adriana Gomes:

Esse pensamento sobre a mestiçagem foi expresso por Gobineau em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* (*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*), publicado em 1853 em quatro volumes, que teve uma enorme repercussão, sobretudo no início do século XX, quando se tornaria fundamental para as teorias racistas da história. (ARENDT, 2011, p. 201, apud GOMES 2013).

E no rastro de Gobineau, estava Nina Rodrigues, como exposto anteriormente. Analisemos uma das discussões de Nilo Argolo com Archanjo sobre estas teorias:

Na Praça a admirar o moço tão belo e impetuoso, o velho recordou um diálogo, antigo de mais de trinta e cinco anos. Vinha de publicar seu primeiro livro e o professor Argolo o interpelara no corredor da Escola. “Trata-se de um cancro – dissera o lente, referindo-se à mestiçagem –, há que extirpá-lo. A cirurgia aparenta ser forma cruel de exercer-se a medicina, em realidade é benéfica e indispensável.” Archanjo, jovem de peito aberto igual ao moço na tribuna, prendera o riso e perguntara: “Matar nos a todos, um a um, professor?” Luz amarela, de fanatismo, acendera-se nos olhos do catedrático. Pronunciou sua impiedosa, implacável condenação: “Eliminar a todos, um mundo só de arianos, de seres superiores, conservar apenas os escravos indispensáveis às tarefas torpes”. Um gênio, um líder, um enviado de Deus tomara em suas mãos a espantosa idéia, invicto senhor da guerra a cumprir missão suprema: limpar o mundo de judeus árabes e amarelos, varrer do Brasil “essa escória africana que nos enlameia”. (p. 359)

O diálogo acontecera há mais de trinta e cinco anos, como situa o narrador, e passado este tempo, Archanjo se depara com as teorias nazistas, novamente a tese da raça pura, o arianismo, agora em pleno período da Segunda Guerra Mundial:

Tudo quanto o professor reclamara e previra fizera-se em realidade. Tudo quanto o velho pregara e defendera estava em perigo. Teses e idéias em confronto, novamente. Não mais num debate intelectual, agora de armas na mão. Corria o sangue, as legiões de soldados empunhavam a morte. Se Hitler vencesse, Hitler ou outro qualquer fanático racista, poderia terminar com todos eles, na morte e na escravidão? O professor disse que sim, conclamou o líder capaz de fazê-lo, das brumas da Alemanha Hitler respondeu: Presente! Se vencesse, poderia acabar com o povo, em mortos e escravos? O velho busca uma resposta nas palavras dos oradores. (p. 359)

Nilo Argolo viveu o suficiente para “saudar” Hitler em 1943:

Formado recentemente, o velho não o conhecera mas eis que, naquele primeiro de setembro de 1943, o rapaz evoca acontecimentos esquecidos, desenterra sombras e fantasmas. Refere-se a estudo para projeto de lei de autoria de um certo professor da Faculdade de Medicina, Nilo Argolo de Araújo, pelo qual os mestiços brasileiros seriam isolados em regiões inóspitas do país e os que resistissem vivos ao clima e às enfermidades deportados para a África. A proposta

não teve seguimento, provocou riso e indignação. Quando Hitler assumiu o poder na Alemanha e anunciou o começo do milênio racista, o professor ainda era vivo e o saudou em delirante artigo: O ENVIADO DE DEUS. Enviado de Deus para exterminar negros e judeus, árabes e mestiços, a mulataria sórdida, para transformar em lei o projetado genocídio. (p. 358)

Destacamos as discussões intelectuais do século XIX acerca das raças humanas, como citado, que ocorriam no país, em especial a aplicação das “chamadas teorias higienistas como base para a criação de um projeto nacional: as diferenças de raça e o evolucionismo das mesmas tornavam-se o ponto chave para a criação do tipo ideal nacional ”.¹⁰⁴ Ainda, conforme Nascimento, “nesse contexto, as teorias apresentadas e defendidas por Silvio Romero, Oliveira Viana, Manoel Querino, Arthur Ramos, Conde de Gobineau e Nina Rodrigues entre outros fomentariam a ideologia desenvolvida nos centros de ensino nacionais como a Faculdade de Medicina da Bahia”, que como já visto, era o palco de discussões entre Archanjo e os intelectuais da faculdade, os quais, então, representam no romance a década de 30 neste contexto de discussões e teorias racistas, eugenistas e higienistas, como já exposto nas falas de Archanjo e Argolo.

Concordando com as ideias de Nascimento sobre *Tenda dos Milagres*, “no livro fica perceptível essa luta ideológica travada entre a cultura popular e a ciência européia aqui adaptada através dos vários embates empreendidos entre Pedro Archanjo, o delegado Pedro Gordilho e o professor Nilo Argolo” ; ou mesmo “no combate realizado pelo aparelho estatal através dos jornais e da polícia, na busca de minimizar, ou mesmo exterminar, as práticas culturais desenvolvidas nos terreiros de candomblé, nas rodas de capoeira e dos grupos de afoxés durante o Carnaval ”.¹⁰⁵

Como vimos no panorama histórico e literário da década de 30, o país passava pela modernização na literatura em busca do nacional e modernização urbana e industrial, a qual contou com a vinda dos imigrantes não só para trabalhar, como para “embranquecer” o país mestiço, daí surgem mais discussões, teses e o papel da ciência, já destacada com os naturalistas e darwinistas no século XIX. Como este trabalho se refere à figura do judeu e estrangeiro, realizamos, então, somente um breve panorama sobre o racismo que vigorava e Archanjo combatia por meio dos seus livros e discussões, concluindo com a ideia de Nascimento, que

a importância dos diálogos travados entre a chamada cultura popular e a ciência no texto conduz o leitor ao grande projeto nacional revisto nas palavras de Archanjo que acredita ter descoberto

¹⁰⁴ NASCIMENTO, Marysther Oliveira do. **Tenda dos Milagres**. In: Brasil Escola. Literatura. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/literatura/tenda-dos-milagres.htm>>. Acesso: 25/09/2014.

¹⁰⁵ Ibid., s.p.

o tipo ideal brasileiro na figura do mestiço, este representaria o encontro de todas as etnias gerando a idéia que seria apregoada por Gilberto Freyre de democracia racial. (NASCIMENTO, M., s.d.)

Por último, destacamos as próprias palavras de Jorge Amado sobre o assunto, respondendo à uma pergunta de Raillard sobre o papel dos candomblés e da religião no tempo da entrevista, 1990:

Quando as teorias racistas dominam grande parte da intelectualidade brasileira, numa afirmação de pseudociência, com quartel-general na Faculdade de Medicina da Bahia, cheia de doutores verbais, literatos, retóricos, dissimulando uma pseudociência reacionária sob esta retórica e esta verborréia, sob esta má literatura – eis um dos temas do meu livro *Tenda dos Milagres*, quando as idéias de Gobineau, que foi embaixador no Rio na época do Império, exerceram tanta influência quanto a sua teoria sobre a inferioridade dos negros, que foi o cavalo de batalha, aliás de uma grande parte da Escola de Medicina da Bahia – incluindo Nina Rodrigues, um homem que tinha profundo conhecimento da vida dos negros, mas que era racista, um racista mulato, fenômeno freqüente naquela época, em que os mulatos que subiam a escada social encarnavam preconceitos racistas muito acentuados – , o candomblé teve aí um papel de primeira importância na luta contra este estado de coisas. Os negros, apoiando-se em seus deuses, aqueles que eles trouxeram da África, e que aqui eram transformados e se misturavam com as imagens católicas, mas que persistiam. Isto é verdade até os dias de hoje. (RAILLARD, 1990, p. 83)

4.5. O nacional frente ao nazifascismo

Não há personagens judias de destaque no romance, no entanto, existem várias referências ao nazifascismo e destacamos as que mostram a reação do nacional frente ao genocídio, como por exemplo, a reação do próprio Archanjo, quando trabalhava no jornal e se inteirava mais sobre o assunto, como nesta passagem:

[...]distribuía as notícias do mundo e do país aos amigos, a Miguel, ao Major, a Budião, a Mané Lima, os primeiros a saber. Ia mal o mundo, de confusão em confusão. Os fascistas matando negros na Abissínia, derrubando o trono de Sabá, ai Sabina dos Anjos, Sabá, o teu rei foi posto em campo de concentração! Sucediã-se os massacres de judeus, houve a proclamação oficial do arianismo, a guerra mundial aproxima-se no rufo dos tambores. No Brasil, aquela coisa, o Estado Novo, as bocas cerradas, as prisões cheias. Não tardou e o velho não só foi despedido, teve o nome na lista negra dos jornais. (p. 351)

Além do professor Argolo e o próprio governo Vargas, outros nacionais apoiavam Hitler, por exemplo o coronel Carvalho. Como Archanjo estava trabalhando no jornal, conseguiu “empastelar” um artigo do coronel favorável a Hitler, fato que lhe custou o emprego e a censura no jornal por oito dias (“ele próprio jogava seu cargo ao reduzir escândalo e castigo à apreensão do número e a suspender a circulação por oito dias, oito dias úteis, além de ordenar aos censores do jornal rápido inquérito para apurar responsabilidades...” p. 351).

Vejamos a forma com que ele mudou os adjetivos a Hitler:

Tudo leva a crer que o velho empastelou de propósito artigo de endeusamento a Hitler, assinado por grande do governo o coronel Carvalho, e distribuído às gazetas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda com expressa advertência do maior destaque na publicação. Os gatos e pastéis sucederam-se por todo o corpo do artigo. Ainda se podia admitir, disse e repetiu o chefe da censura estadual ao diretor do órgão, aliás seu amigo, em boa fé ainda se podia admitir que saísse “Hitler, pus do mundo” em lugar de “Hitler, luz do mundo”, troca de uma letra, compreensível descuido do linotipista. Bem mais difícil aceitar “matador da humanidade” por “salvador da humanidade” como estava nos originais... (p. 358)

Outra passagem importante é a que reúne o povo no bar do Maluf, como já apresentado, para saberem e comentarem as notícias da guerra, já iniciada. Um exemplo interessante desta cena é o do Guilherme Knodler, apresentado por Archanjo, o qual ensina que nem todos alemães são nazistas:

As notícias daquela noite davam gosto, os “arianos” apanhando de criar bicho. Todo mundo xingava os alemães, “os nazistas alemães”, “os monstros alemães”, o velho, porém, só se referia aos “bandidos arianos”, assassinos de judeus, negros e árabes. Conhecia alemães ótimos, seu Guilherme Knodler casara com uma negra e tivera oito filhos, Um dia foram lhe falar de arianismo, ele puxou o cacete para fora das calças e retrucou: – Só se eu cortar o pau. Quando Maluf, para comemorar as vitórias do dia, serviu uma pinga, a discussão começou: se Hitler ganhasse a guerra poderia ou não matar tudo que não fosse branco puro, acabando de vez com o resto do povo? Opina daqui, opina de lá, pode, não pode, ora se pode, o ferreiro se alterou: – Nem Deus, que fez o povo pode matar tudo de uma vez, vai matando de um a um e quanto mais ele mata mais nasce e cresce gente e há de nascer, de crescer e de se misturar, filho-da-puta nenhum vai impedir! – a mão ao bater sobre o balcão emborcou o copo e lá se foi o resto da cachaça. Mas o turco Maluf era boa praça, compareceu com outra rodada antes da despedida. (p. 40)

O outro exemplo nesta passagem é o comentário do ferreiro Lídio Corró a respeito do genocídio, que, aliás, ficou ecoando na cabeça de Archanjo até o momento de sua morte, após sua saída do bar, como exposto adiante.

A “imponente manifestação pela passagem do quarto aniversário da Segunda Guerra Mundial se encerrou num Comício Monstro” é outro exemplo e ainda culminou em manifestação antifascista, onde Archanjo pode presenciar vários discursos:

As forças antifascistas haviam reunido milhares de manifestantes, um jornal falou em vinte e cinco mil pessoas, outro em trinta mil. Estudantes, intelectuais, operários, homens públicos, gente do povo de todas as categorias sociais. (...) Bandeiras dos países aliados, cartazes e faixas, enormes retratos dos líderes da guerra contra o nazi-fascismo. Abrindo o cortejo, aos ombros dos membros da diretoria da Frente Médica, o retrato de Franklin Delano Roosevelt. O velho reconheceu, a segurar os varais daquela espécie de andor, o professor Fraga Neto, a cabeça erguida, o cavanhaque polêmico, o bigode ruivo. Fora dos primeiros a romper com as proibições policiais e a reclamar em praça pública o envio de tropas brasileiras para os campos de batalha. Seguiam-se os retratos de Churchill, de Stalin, entre delirantes aclamações, de De Gaulle, de Vargas (p. 356).

Sobre a postura do governo Vargas mediante a Segunda Guerra, vimos no panorama histórico que mudou conforme os interesses, daí também a importância da figura de Levenson como representante dos E.U.A., país apoiado por Vargas em 1943 ou no tempo presente da narrativa, em 1968, apoiado pela ditadura militar. Também vimos no capítulo sobre imigrantes e estrangeiros a postura com relação à imigração judaica, especialmente.

Outra passagem do romance informa que:

Diante da Escola Politécnica, em São Pedro, o desfile fez breve parada e de uma janela no primeiro andar elevou voz fogosa na denúncia dos crimes do nazismo racista e totalitário, no elogio dos soldados da democracia e do socialismo. Cada palavra arrancava aplausos. Com esforço, o velho subira num banco para ver melhor o orador, um de seus preferidos, Fernando de Sant'Ana, aluno de engenharia e líder incontestado dos estudantes, voz cheia, frases redondas. (p. 357)

A narrativa segue com diversos oradores e muitos pensamentos de Archanjo sobre o início da guerra, as discussões na faculdade com Argolo e os demais professores. Encerrando o comício, citamos: “Figura popular e benquista, orador de vôo largo, Edgard Mata encerra o comício em gongórico vaticínio: “Flagelo de Satanás, Besta do Apocalipse, Hitler rastejará na lama da derrota! ” A multidão aplaude, gritos, palmas, entusiasmo e pressa. ”(p. 359)

Concluindo, nem todos nacionais eram a favor da guerra, do genocídio e muito menos antisemitas. Como já exposto, a figura do judeu no período do Estado Novo não foi sempre a mesma, pois da mesma forma que Vargas apoiou os alemães e até enviou Olga Benário de “presente”, ele também apoiou os E.U.A. na Segunda Guerra. Por intermédio do diplomata Oswaldo Aranha, assumindo o cargo de Ministro de Relações Exteriores, a tendência era de o país ter uma maior abertura à entrada de judeus, embora, como observamos no capítulo sobre imigração, o discurso era um e na prática nem todos judeus podiam entrar. E como vimos, por meio das notícias sobre a guerra e o genocídio, o nacional também tendia a mudar sua opinião sobre os judeus, seja por influência do Departamento de Imprensa e Propaganda, seja pelas discussões como as apresentadas no romance.

O fato é que por meio de Archanjo não traçamos somente um panorama político e histórico do período, mas traçamos também o panorama de relacionamento entre nacionais, judeus, estrangeiros e imigrantes.

Percebemos que tanto na década de 20, quanto nas seguintes, 30, 40 e 60, a figura do estrangeiro se fez presente na Bahia, e o judeu, em especial, passou a ser melhor visto e recebido após as informações do genocídio e a perseguição nazifascista, como vimos. Embora

intelectuais como Nilo Argolo tenham se manifestado a favor do arianismo, muitos outros se levantaram contra, como Archanjo apresenta.

Cabe considerar que foi delimitado nas pesquisas de *Tenda dos Milagres* o período histórico da narrativa encerrado em 1943, ano da morte de Archanjo, por isso não foi abordado com ênfase o final da guerra, a repercussão dos campos de concentração e todo o genocídio e a criação do Estado de Israel, em 1948, fatos concernentes e importantes para analisarmos a representação do judeu. Após 1943, a análise se deteve no final do enredo, 1968, período da ditadura militar, com Fausto Pena narrando o presente, como vimos, conhecendo James D. Levenson. Deste modo, em *Tenda dos Milagres* a figura do judeu ficou mais nuançada e sua apresentação se encerra com as discussões sobre Hitler e o nazifascismo.

Por último, podemos traçar semelhanças entre Archanjo e o Isaac de *Suor* como figuras que tocaram na questão do preconceito e com a política da época, por isso foram perseguidos e presos, podendo representar a vida e ideais do autor, Jorge Amado, no mesmo período.

4.6. Archanjo e Isaac - Aspectos religioso, político e social

No aspecto religioso, vimos que Isaac é ateu, mas pesa sobre ele e os judeus o fato de serem vistos como Anticristo. Em *Tenda dos Milagres* não há essa discussão entre judeus e católicos, no entanto o enredo relata o preconceito religioso contra a cultura e os cultos africanos da década de 20. Também temos um visão do sincretismo religioso da década de 40, haja vista que no período de composição da obra, década de 60, o autor retrata mais em suas obras o sincretismo, com os ritos afro-brasileiros na Bahia, especialmente o candomblé, já que é nessa época que ele passa a se interessar mais por esses ritos. É o período em que conheceu a Mãe Menininha de Gantois, em 1957, e recebeu, em 1959, um dos mais altos títulos do candomblé, o de obá Arolu do Axé Opô Afonjá. Inclusive isto é representado na vida de Archanjo, o qual tinha o título de “Ojuobá”:

Nem as mães-de-santo mais ciosas e estritas, tia Maci, dona Menininha, Mãe Senhora, do Opô Afonjá, as respeitáveis matronas, nem elas guardavam segredos para o velho, tudo lhe revelando de mão beijada – aliás os orixás. assim tinham ordenado, “para Ojuobá não há porta fechada”. Ojuobá, os olhos de Xangô, agora ali estirado morto junto ao passeio. (p. 45)

Quanto ao sincretismo religioso, citamos como exemplo o velório e enterro de Archanjo, pois o mesmo foi velado na igreja católica, mas com todas as obrigações do candomblé cumpridas. Quando os amigos discutiam sobre onde ele seria velado, o sacristão deu a solução:

Mas o sacristão da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Prêtos, parceiro de longa data e de muita pagodeira, lembrou ser Pedro Archanjo membro antigo da Confraria, benemérito e remido, com direito a velório no templo, encomendação do corpo, missa de sétimo dia e a jazigo perpétuo no Cemitério das Quintas.
– Vamos, então. – ordenou o Major. (p. 44)

Na igreja, sentadas, as mães-de-santo:

Muitos vêm até a igreja, fitam o rosto sereno do finado, alguns beijam-lhe a mão; depois, na Baixa dos Sapateiros, tomam o bonde das Quintas, onde aguardarão o cortejo. (p. 55)
Sentadas em torno, as mais venerandas mães-de-santo; todas, sem exceção. Antes, ainda na casa de Ester, no esconso quartinho dós fundos, mãe Pulquéria cumprira as primeiras obrigações do axexê de Ojuobá. Por toda a igreja e na praça, o povo dos terreiros: respeitáveis ogans, filhas-de-santo, iaôs de barco recente. [...]
O carro fúnebre e os ônibus superlotados partem em direção ao Cemitério das Quintas onde, em terras de sua confraria católica, Ojuobá, os olhos de Xangô, tem direito a jazigo perpétuo. (p. 56-7)

E o enterro acaba sendo narrado em tom festivo, não somente pelo sincretismo religioso, mas pela mistura de pessoas, vozes, cânticos, as mesmas que Archanjo amou, respeitou e descreveu:

A voz do pai de santo Nêzinho se ergue no canto fúnebre, em língua iurubá:

*“Axerê, axexê
Omorode. ”*

O coro repete, as vozes crescem na cantiga de adeus: “Axexê, axexê”.
Prossegue o enterro, subindo a ladeira: três passos em frente, dois passos atrás, passos de dança ao som do cântico sagrado, o caixão erguido à altura dos ombros dos obás:

*“Iku lonan ta ewê xê
Iku lonan ta ewê sê
Iku lonan.”*

No meio da encosta, o professor Azevêdo toma de uma alça do esquife; fáceis lhe foram os passos, trazia-os na mistura do sangue. As janelas estão cheias, vem gente correndo para ver o espetáculo único. Enterro igual a esse, só na Bahia e de raro em raro.
Lá vai Pedro Archanjo Ojuobá, bem posto ... (p. 58)

Quando chegam ao cemitério, a fala do poeta Simões e o silêncio que se faz, também demonstram a importância de Archanjo ao povo baiano:

Chegam finalmente à porta do cemitério. Obás e ogans de costas como ordena a obrigação, entram o caixão de Ojuobá. Ao lado do jazigo, em meio às flores e ao pranto, calam-se os atabaques, cessam a dança e a cantiga. “Somos os últimos a ver essas coisas”, diz o poeta Simões ao professor Azevêdo, que se pergunta, aflito, quantos ali têm idéia da obra de Archanjo. (p. 58)

E ainda podemos comparar o enterro de Archanjo à manifestação que Isaac, Álvaro Lima e Linda provocaram em *Suor*; pois estavam todos unidos, como um só, por uma causa, neste caso, a greve. Podemos dizer que, de forma metafórica, a multidão do 68 estava enterrando a ignorância e a paralisia:

Não haviam ainda cessado os falatórios sobre a briga do sótão quando estourou o caso da greve. Desta vez o prédio agiu em conjunto como se os inquilinos fossem unicamente peças de uma máquina. Parece estranho que todo o 68 se visse envolvido nas conseqüências da greve quando apenas os operários da companhia de bondes estavam nela interessados. (*Suor*, p. 112)

Conforme exposto, o que despertou a multidão, foi a conscientização da exploração e miséria a que eram submetidos e isto foi possível devido ao trabalho de Isaac, principalmente.

O preconceito e a repressão da década de 20 aparecerão em um momento adulto de Archanjo, do qual podemos destacar a influência estrangeira no aspecto religioso por meio dos ritos africanos, especialmente o candomblé, o qual Jorge Amado conheceu profundamente, por isso pode tão bem retratá-lo por meio da atuação de Archanjo. Pelo enredo enxergamos não só o preconceito religioso do período, como a própria perseguição através da polícia repressiva, até antes de Vargas, como neste episódio:

A guerra santa do delegado auxiliar Pedrito Gordo prosseguiu anos a fora e aos poucos a tenaz resistência de mães e pais-de-santo começou a ceder.
[...]

Muitos babalorixás e iyalorixás levaram axé e santos para longe, expulsos do centro/ e dos bairros vizinhos para as roças distantes, locais de difícil acesso. Outros tomaram dos orixás, dos instrumentos, dos trajes, dos itás, das cantigas e danças, do baticum, dos ritmos, e se transferiram para o Rio de Janeiro – assim chegou o samba à então capital do país, nas caravanas de baianos fugitivos. Alguns terreiros menores não puderam resistir a tanta perseguição, desapareceram de vez. Vários reduziram o calendário de festas às obrigações imprescindíveis, realizadas às escondidas. Somente uns poucos persistiram em luta de morte: as grandes casas de tradição antiga, com dezenas e dezenas de feitas. (p. 305)

Em outra passagem, sabemos a data mais específica da repressão e que através dela a cultura e o culto do candomblé e da capoeira espalharam-se não só pelo estado, como pelo país:

Os secretas, às vezes sob o comando do próprio Pedrito, infestavam a noite da Bahia em busca de candomblés e batuques, o pau comia solto:

*“Toca o pandeiro
Sacuda o caxixi
Anda depressa
Que Pedrito
Evém ai.”*

De 1920 a 1926, enquanto durou o reinado do todo-poderoso delegado auxiliar, os costumes de origem negra, sem exceção, das vendedoras de comida até os orixás, foram objeto de violência contínua e crescente. O delegado mantinha-se disposto a acabar com as tradições populares, a porrete e a facão, a bala se preciso.

O samba de roda foi exilado para o fim do mundo, ruelas e casebres perdidos. As escolas de capoeira fecharam suas portas, quase todas. Budião andou uns tempos escondido, Valdeloio comeu da banda podre. Com os capoeiristas, a coisa fiava mais fino, os secretas não os enfrentavam de peito aberto, tinham medo. De longe e pelas costas, era mais seguro. De quando em vez o corpo de um capoeirista aparecia crivado de balas na madrugada, tiros de tocaia, obra da malta de facínoras. Assim morreram Neco Dendê, Porco Espinho, João Grauçá, Cassiano do Boné.

Entre as vítimas de atropelos e brutalidades, nesse período de fúria desatada, encontrava-se o pai-de-santo Procópio Xavier de Souza, babalorixá do Ilê Ogunjá, um dos grandes candomblés da Bahia. Enfrentou Pedrito e foi por ele perseguido e castigado sem tréguas. Constantemente preso, tinha nas costas as marcas de chicotes de couro cru, lanhos de sangue. Nada o abateu, não se deixou derrotar. (p. 304-5)

Lembramos que uma das lutas de Jorge Amado foi pela liberdade religiosa, sendo inclusive, como citado, o autor da lei que assegura o direito à liberdade de culto religioso, após ter sido eleito deputado federal em 1945. A personagem Pedrito Gordo é uma clara referência a Pedro de Azevedo Gordilho (19 de junho de 1885 - 1º de abril de 1955): “popularmente conhecido como Pedrito Gordilho, foi um delegado e chefe de polícia da cidade de Salvador, famoso por sua truculência e pela perseguição ao candomblé e aos capoeiristas, na década de 1920. Terminou virando mito do folclore da Bahia ”.¹⁰⁶

Também, mais vez, destacamos o preconceito e a repressão policial do tempo passado da narrativa e, principalmente, neste excerto, destacamos que um estrangeiro, francês, tornou-se um dos maiores estudiosos e pesquisadores do candomblé, Pierre Verger:

Pierre Edouard Léopold Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês que viveu grande parte da sua vida na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, no Brasil. Ele realizou um trabalho fotográfico de grande importância, baseado no cotidiano e nas culturas populares dos cinco continentes. Além disto, produziu uma obra escrita de referência sobre as culturas afro-baiana e diaspóricas, voltando seu olhar de pesquisador para os aspectos religiosos do candomblé e tornando-os seu principal foco de interesse.¹⁰⁷

Trabalhando como fotógrafo, especialmente de 1932 a 1946, sua vida começou a mudar quando desembarcou na Bahia:

As coisas começaram a mudar no dia em que Verger desembarcou na Bahia. Em 1946, enquanto a Europa vivia o pós-guerra, em Salvador era tudo tranquilidade. Ele foi logo seduzido pela hospitalidade e riqueza cultural que encontrou na cidade e acabou ficando. Como fazia em todos os lugares onde esteve, preferia a companhia do povo e dos lugares mais simples. Os negros, em imensa maioria na cidade, monopolizavam a sua atenção. Além de personagens das suas fotos, tornaram-se seus amigos, cujas vidas Verger foi buscando conhecer com detalhes. Quando descobriu o candomblé, acreditou ter encontrado a fonte da vitalidade do povo baiano e se tornou um estudioso do culto aos orixás. Esse interesse pela religiosidade de origem africana lhe rendeu uma bolsa para estudar rituais na África, para onde partiu em 1948.¹⁰⁸

¹⁰⁶WIKIPÉDIA. **Pedro de Azevedo Gordilho.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_de_Azevedo_Gordilho>. Acesso: Julho e Outubro de 2014.

¹⁰⁷FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. **Biografia de Pierre Verger.** Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>>. Acesso: 06/10/2014.

¹⁰⁸ Ibid., s.p.

E nas palavras de Amado, em mais uma conversa com Alice Raillard, Pierre “se tornou baiano”, aliás, foi devido ao contato com o romance *Jubiabá* que Verger decidiu conhecer a Bahia:

J.A. – [...] Pierre Verger, que é um grande sábio, um homem admirável...

A.R. – “Pierre Verger, repleto de saber e de mistério”, é uma frase sua e o melhor retrato possível dele.

J.A. – Ele se tornou baiano e estamos muito orgulhosos com isto, eu mais do que ninguém, porque foi por causa do meu romance *Jubiabá* que ele decidiu vir à Bahia – como Carybé, aliás, dois dos mais distintos baianos de hoje...

Há alguns anos, Pierre Verger, que é muito versado no candomblé, um grande etnólogo, um africanista, resolveu, junto com um padre francês, criar uma casa-de-santo, um candomblé que fosse de uma pureza absoluta, um verdadeiro templo ioruba. (RAILLARD, 1990, p. 90)

De acordo com Amado, Verger conseguiu, o candomblé foi montado em um terreno na periferia, ao lado do Aeroporto, no entanto, não com a pureza que ele desejava, pois houve a mistura com a umbanda, como ele relata ao longo desta entrevista.

O destaque, então, sobre Pierre Verger, cabe a mais uma personalidade estrangeira, que se fez presente no período da composição deste romance e na vida de Jorge Amado, relacionando-se muito bem com o nacional, inclusive com a cultura e religião, não só assimilando, como divulgando-as através de suas pesquisas, livros e fotos:

Foi na África que Verger viveu o seu renascimento, recebendo o nome de Fatumbi, “*nascido de novo graças ao Ifá*”, em 1953. A intimidade com a religião, que tinha começado na Bahia, facilitou o seu contato com sacerdotes e autoridades e ele acabou sendo iniciado como babalaô - um adivinho através do jogo do Ifá, com acesso às tradições orais dos iorubás. Além da iniciação religiosa, Verger começou nessa mesma época um novo ofício, o de pesquisador. O *Instituto Francês da África Negra (IFAN)* não se contentou com os dois mil negativos apresentados como resultado da sua pesquisa fotográfica e solicitou que ele escrevesse sobre o que tinha visto. A contragosto, Verger obedeceu. Depois, acabou se encantando com o universo da pesquisa e não parou nunca mais.

Apesar de ter se fixado na Bahia, Verger nunca perdeu seu espírito nômade. A história, os costumes e, principalmente, a religião praticada pelos povos iorubás e seus descendentes, na África Ocidental e na Bahia, passaram a ser os temas centrais de suas pesquisas e sua obra. Ele passou a viver como um mensageiro entre esses dois lugares: transportando informações, mensagens, objetos e presentes. Como colaborador e pesquisador visitante de várias universidades, conseguiu ir transformando suas pesquisas em artigos, comunicações e livros.¹⁰⁹

Desta forma, podemos pensar que as pesquisas de Pierre Verger sobre os negros e os ritos africanos, especialmente o candomblé, na Bahia, são retratadas nas “pesquisas” do personagem James Levenson, também “etnólogo”, como vimos, “estudando e explicando, de

¹⁰⁹ FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. **Biografia de Pierre Verger**. Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>>. Acesso: 06/10/2014.

ângulos imprevistos, o desenvolvimento da humanidade”, especialmente traduzindo a obra de Archanjo, contendo a sua luta contra o preconceito étnico do período.

Além disto, com relação ao exposto, cabe comentar, em mais um excerto de sua entrevista com Raillard, a forma com que Jorge Amado destaca *Tenda dos Milagres* como sendo *Jubiabá* “revisitado”, o romance que chamou a atenção de Verger:

[...] Mas foi a *Jubiabá*, o qual eu realmente voltei vinte e cinco anos mais tarde, com um romance que escrevi em 1969, *Tenda dos Milagres*, onde são colocados os mesmos problemas, com a perspectiva de uma distância de vinte e cinco anos de tempo, quando a minha experiência literária e humana creio, era bem maior. *Tenda dos Milagres* é *Jubiabá* revisitado, mas a conotação é diferente. Trata da questão da formação da nacionalidade brasileira, da luta contra os preconceitos, principalmente o racial, contra a pseudociência a pseudo-erudição “europeizante”, contra as teorias daquele francês que foi embaixador no Brasil. (*Gobineau* – grifo nosso). (RAILLARD, 1990, p. 105).

Sobre *Jubiabá*, destacamos que faz parte do mesmo período, da mesma temática proletária de *Suor* e *Capitães da Areia* (com Pedro Bala tornando-se um líder grevista), da temática do preconceito étnico, por isso pode ser revisitado para compor o panorama em que Archanjo também viveu na década de 30:

Publicado em 1935, quando o autor tinha apenas 23 anos, *Jubiabá* constitui um verdadeiro romance de formação e trata de um dos temas mais caros ao escritor - a força da cultura afro-baiana contra a opressão política e as injustiças sociais -, atestando o vigor narrativo de Jorge Amado e seu talento para a criação de personagens vívidos e inesquecíveis. Além de Balduino e de Jubiabá, merece destaque a branquíssima Lindinalva, por quem o protagonista nutre um amor platônico na pré-adolescência e que reaparece anos depois doente e prostituída. Surgem ainda, de passagem, personagens que retornarão no livro seguinte do autor, *Mar morto*: o marinheiro Guma, o mestre de saveiro Manuel e sua esposa Maria Clara. A edição francesa de *Jubiabá* acabou motivando a vinda ao Brasil de franceses ilustres como o fotógrafo e etnólogo Pierre Verger, o escritor Albert Camus e o fotógrafo Marcel Gautherot. Qualificado de “magnífico” por Camus, o romance foi adaptado para o cinema (por Nelson Pereira dos Santos), o teatro, o rádio, a televisão e os quadrinhos.¹¹⁰

No aspecto político, Isaac era comunista e militante da causa operária, foi conquistando simpatias, assim como inimigos. Com Archanjo não foi diferente e, conforme já citamos, o momento político, histórico e econômico das narrativas é o mesmo, período da Era Vargas, pós crise de 29, com desemprego, greves e repressão policial, mas em *Tenda dos Milagres*, a crítica é nuançada. Archanjo também participou da grande greve, mas como diz o narrador, por “achar justo e divertido”. Ele havia conseguido um emprego, como entregador das contas de luz:

Inicialmente restrita aos motoneiros, condutores, fiscais de bondes e demais funcionários da Companhia Circular da Bahia, estendida depois às suas subsidiárias, Companhia de Energia

¹¹⁰ COMPANHIA DAS LETRAS. **Jubiabá**. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12594>>. Acesso: Agosto de 2014.

Elétrica e Companhia Telefônica, a greve encontrou mestre Pedro Archanjo a subir e descer as ladeiras do Pelourinho, Carmo, Passo, Tabuão, a percorrer a Baixa dos Sapateiros, apresentando contas de luz. (p. 346)

Roque, um dos personagens que ajudou na arrecadação do dinheiro para o enterro de Archanjo, em 1943, lembra da grande greve, bem como da data:

– Não faz tanto tempo, uns quinze anos, nem isso...
Espere, lhe digo a data certa, foi em trinta e quatro, há nove anos; quem não se lembra da greve da Circular? No começo era só o pessoal dos bondes, o diabo do velho não tinha por quê se meter.
– Ele trabalhou na Circular? Nunca soube.
– Por pouco tempo, era entregador dos recibos de luz, tinha conseguido o lugar com empenho e a muito custo, andava precisado.
– Sempre andou precisado.
– Pois não é que entrou em greve também, acabou na comissão, escapou de ser preso e foi posto no olho da rua.
Também nunca mais ninguém lhe cobrou passagem de bonde. O velho era o cão. (p. 52)

Quando os funcionários da Companhia de Energia Elétrica resolveram aderir à greve, lá ia Archanjo:

Apesar do pessoal da Energia Elétrica ter demorado uns dias para aderir à greve, tão logo os motorneiros e condutores a iniciaram, Pedro Archanjo não mais perdeu reunião do Sindicato, em atividade e em entusiasmo contagiantes: poucos moços podiam competir com aquele velho na ação e na iniciativa. Porque ele não o fazia a mando, por obrigação, para cumprir tarefa de grupo ou de organismo partidário. Fazia-o por achar justo e divertido. (p. 346)

Aqui também podemos pensar em Jorge Amado, que no período da escrita de *Tenda dos Milagres* não tinha mais obrigações com o partido, não era mais stalinista, mas não deixou de apoiar o povo, a massa, só que agora fazia através da literatura. Além disto, no romance há uma referência e homenagem ao “Velho”, Luiz Carlos Prestes, companheiro de partido e lutas, ativista, de certa forma muito parecido com Archanjo, como já constatamos, através dos panoramas e análises apresentadas.

Interessante neste episódio político é que ficamos sabendo que Archanjo iniciou por “achar justo e divertido”, no entanto, também vemos como ele era responsável e foi buscar apoio, assim como Isaac buscou:

– Professor, vim lhe procurar a propósito da greve da Circular.
– Da greve? Geral, não? Parou tudo, não foi? Bondes, pranchas, o Elevador Lacerda, o Xarriô, tudo parado. Formidável, hein!
– Formidável, sim! Movimento justo, professor, os salários são miseráveis. Se a Energia Elétrica e a Telefônica aderirem, a nossa vitória é certa.
– Nossa? O que é que você tem a ver com isso?
– É verdade, o senhor não sabe. Sou funcionário...
– Da Circular?
– Da Energia Elétrica, no fundo é a mesma coisa. É traste, como o senhor diz, professor.
– É verdade, o traste imperialista – riu Fraga
– Pois, professor, eu sou membro de uma comissão de solidariedade aos grevistas. E vim lhe ver...
– Dinheiro..

– Não, senhor. Quer dizer: dinheiro também ajuda, é claro, mas isso é com outra comissão, a de finanças. Se o senhor quiser cooperar com dinheiro, falo com alguém das finanças e ele vai lhe procurar. O que eu queria era outra coisa; a presença do senhor no Sindicato. Estamos em sessão permanente, dia e noite, e muita gente vem trazer solidariedade, os jornais publicam, é importante. Tem vindo professores de Direito, deputados, jornalistas, literatos, muita gente boa, estudantes à beça. Eu pensei que o professor, com suas idéias... (p. 348)

Nesta fala também verificamos mais uma crítica ao imperialismo, ao “truste imperialista”.

O professor, Fraga Neto, inicialmente teve receio de apoiar a manifestação, o sindicato, pois estava disputando uma cátedra. Pensa em como seria prejudicado:

Diabo de velho sem juízo, reduzido a entregador de contas. Um concurso é um concurso, cátedra é cátedra. Um jovem candidato à docência, recém-chegado da Europa, tem direito a ser louco e a proclamar-se marxista. Um professor da Faculdade de Medicina, às vésperas de disputar a cátedra enfrentando dois competidores, um competente, o outro protegido de Ministros, só irá a um Sindicato de grevistas se quiser perder o concurso, encerrar a carreira. (p. 349)

No entanto, ele foi ao Sindicato, mas quem se prejudicou mediante a greve foi Archanjo:

O professor Fraga Neto não perdeu a cátedra, brilhantíssimo impôs-se no concurso, derrotou com distinção o competente e o protegido. Pedro Archanjo, sim, perdeu o emprego, pois o demônio do velho não se contentou em levar gente solidária ao Sindicato. Meteu-se a agitador, conversou, convenceu, foi um dos que deflagraram a greve na Companhia de Energia Elétrica, logo seguida pela Telefônica. Greve geral, vitoriosa, na ocasião ninguém foi despedido. Um mês depois começaram as demissões. Entre as primeiras, a de Pedro Archanjo. (p. 350)

Archanjo, após esta demissão, foi trabalhar em um jornal, mas depois de “empastelar” um artigo sobre Hitler, foi mandado embora novamente, episódio em que o narrador também comenta a situação das prisões e censura do Estado Novo:

No Brasil, aquela coisa, o Estado Novo, as bocas cerradas, as prisões cheias. Não tardou e o velho não só foi despedido, teve o nome na lista negra dos jornais. Tudo leva a crer que o velho empastelou de propósito artigo de endeusamento a Hitler [...]. p. 351

Lembrarmos que outro romance de Amado, *Capitães da Areia*, de 1937, também queimado no governo Vargas, contém não só o mesmo contexto, obviamente, como os mesmos comentários, da censura e bocas cerradas:

Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fífós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida.

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais, únicas bocas que ainda falavam clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. (AMADO, 2009, p. 270)

Concluindo, verificamos que tanto Isaac, quanto Archanjo (Pedro Bala, em *Capitães da Areia* e Balduino, em *Jubiabá*, também), representaram a consciência política e social do momento que passavam e sofreram com a repressão e censura do governo Vargas. Porém, a política aparece de forma nuançada por meio de Archanjo, o qual não é como Isaac, comunista militante, uma vez que *Suor* representa a fase stalinista de Jorge Amado e da produção do romance proletário.

No aspecto social, também cabe uma comparação entre Isaac e Archanjo no sentido de estarem próximos às massas. Isaac, como analisamos, possivelmente por orientação do partido e momento de aproximação das massas para preparar a revolução; embora ele gostasse de conversar e ouvir as histórias dos companheiros, pois também se relacionava bem com o nacional: “Era o Isaac. Aparecia sempre, com manifestos no bolso. Ficou ouvindo, encantado, a história da infância do negro liberto”. (*Suor*, p. 185). Archanjo também junto à massa, porém participando do cotidiano, do trabalho, ajudando, instruindo e conversando com o “seu povo”:

[...] Pior é que não trabalha e não deixa ninguém trabalhar, apenas ele chega e pára tudo, o diabo do velho é um porão de histórias, cada qual mais embrulhada, mais cativante, Seu Major. Até eu largo o que fazer para ouvir.

Bedel de ginásio, durou um dia no emprego: os meninos internos pareceram-lhe prisioneiros, arrancados do lar e da rua, sujeitos a intolerável disciplina, em permanente fome de comida e liberdade. Na primeira e única noite de guarda, ofereceu aos garotos uma função líteromusical: poemas e cavaquinho. Chegariam à aurora a cantar se o Diretor, chamado às pressas, não fizesse valer sua autoridade pondo fim àquela “baderna indescritível”. Porteiro de hotel, saía porta a fora ao menor convite. Porteiro do cinema Olímpia, na Baixa dos Sapateiros, deixava os moleques entrarem de graça nas matinês dos domingos.

Apontador de obra em construção, ao sol e à chuva, puxava conversa com os operários, o ritmo do trabalho caía, o velho não nascera palmatória do mundo, muito menos capitão do mato, capataz de trabalhadores. Afinal, mal pagos, explorados, por que haviam eles, pedreiros, carpinteiros, oficiais e serventes de se matar para os outros ganharem dinheiro fácil? O velho jamais cumprira horários: mesmo a disciplina no estudo fora interior, não a controlara nos ponteiros do relógio; não se sujeitou jamais a folhinha e calendário. (p. 351-352)

Neste episódio, verificamos, então, mais uma nuance política sobre a liberdade e a exploração a que o povo era submetido.

Um último ponto em comum a ser considerado é com relação à moradia e modo de vida dos dois. Isaac morava no cortiço, local com “gente de todas as cores”, muitas discussões, falatórios e conversas e Archanjo morava na Tenda, também um local em que não só mistura todas “as cores”, como foi palco de muitas conversas e discussões, políticas e religiosas, conforme exposto.

Archanjo ainda presenciou a morte do amigo, Lídio Corró e soube que o local onde viveram boa parte da vida e foram “sócios”, um estrangeiro transformou em armazém: “Onde fora a Tenda dos Milagres, um turco abriu um armazém, bazar de miudezas. ” (p. 346). Mais uma vez, vemos a influência estrangeira árabe junto ao nacional, quando no início da imigração árabe a maioria se tornava mascate, como o “seu Ibrahim”, exposto no capítulo sobre imigração, mas com o passar do tempo e acúmulo de capital também adquiriam lojas e ajudavam os patrícios que queriam mascatear, quando mudavam sua condição, podendo, então, ser vistos como “estrangeiros”, detentores de capital e mão-de-obra; podemos dizer ser o caso do “turco” que abriu o bazar, de acordo o que já vimos:

[...] O comércio serviu, assim, à manutenção material do próprio imigrante e da família, à sua inserção na sociedade e especialmente na elite brasileira através da ascensão econômica, e à formação das imagens interna e externa da colônia, em que se destacam o talento comercial e senso de oportunidade do libanês. (GATTAZ, 2012 p. 106)

A partir da saída da Tenda, Archanjo “viveu ao deus-dará”:

Procura que procura, em toda parte, e nada: onde estará vivendo? Desde que deixara a mansarda sobre o mar, moradia de trinta anos, nunca mais teve dormida certa, mudou de quarto e cama cada mês, viveu ao deus-dará. Finalmente descoberto por Ester, dona de casa de mulheres no Maciel de Cima, casteleira respeitada e sua filha pequena.(p. 354)

Quando adoeceu, vivia num quarto da casa Ester: “Numa pocilga infecta, sem leito, sem colchão, um cobertor rasgado, um trapo, o caixote com livros – miséria assim Ester ainda não vira –, Archanjo queimava de febre e dizia que não era nada, simples resfriado ” (p. 354).

Isaac também viveu na sujeira, junto com os ratos, suor e lixo; só tinha a mala, cheia de bugigangas, mas com material panfletário e livros. No entanto, sabemos que Isaac não era infeliz, mas lutava por mudanças, assim como Archanjo, que viveu feliz, não só neste período, como em toda sua trajetória:

Naquele quarto dos fundos do castelo de Ester, um cubículo estreito, viveu os últimos tempos, feliz da vida.

De emprego em emprego .– não eram mais empregos: bicos, biscates – atravessou sem comemorações os setenta anos de idade; antes de completar os setenta e um a guerra teve começo e foi seu emprego único, ocupou-lhe os dias, as horas, os minutos.(p. 355)

Assim como Archanjo se dedicou “à guerra”, Isaac dedicou-se ao comunismo. E Archanjo, de casa em casa, de emprego em emprego, vivendo ao deus-dará, “errante” como o judeu Isaac, de país em país, de cidade em cidade. Sem contar que ambos viviam na pobreza,

com o mínimo. Isaac vivendo como mascate e Archanjo como bedel, entregador de contas, e, por último, de bicos e biscates.

Ambos pobres, vivendo junto à miséria, mas conscientes e revolucionários, cada um a seu modo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenda dos Milagres versus Suor

Os dois romances foram escritos e publicados em períodos distintos da história do país, e do mundo, assim como da vida do autor Jorge Amado, conforme exposto e analisado, e os respectivos temas que os contextualizam exemplificam o eixo da identidade construído pelo autor para apresentar a sociedade baiana da época, formada também por imigrantes e estrangeiros. Ambos romances apresentam um olhar crítico e reflexivo ao governo federal do período, tanto de Vargas, como da ditadura militar, ao sistema capitalista e imperialista, ao preconceito étnico e religioso, mas especialmente, contêm um olhar sobre a condição humana, a exploração e miséria a que o nacional é submetido tanto pelo próprio nacional, quanto pelo estrangeiro (seu Samara e os moradores do cortiço, Archanjo e Bonfanti, Levenson e Fausto Pena); olhar de poeta, mas de político e crítico que nunca faltou a Jorge Amado, independentemente de sua condição política, religiosa ou social, ou mesmo do local em que residiu, tanto no país, quanto no exterior.

Também vimos que a figura do estrangeiro, imigrante e judeu possui participação ativa e importante, não sendo estes, portanto, somente coadjuvantes, mas colaborando na construção dos enredos, compondo um retrato daqueles que ajudaram a formar o panorama político e histórico do país, da Bahia. Tanto nas décadas de 20, quanto na de 60, o estrangeiro e imigrante relacionavam-se com o nacional sofrendo algum tipo de rejeição ou preconceito, comportamentos que não acabaram de um período para outro, no entanto, não se agravaram também, exceto na visão do nacional com relação aos países participantes da guerra, por exemplo, com os alemães; no caso do judeu, até amenizou mediante o genocídio e o nazifascismo, como exposto em *Tenda dos Milagres*. Pela representação de Levenson, Bonfanti, Maluf e Kirsi, por exemplo, verificamos que o estrangeiro tem um espaço relevante no texto literário de Jorge Amado, seja de forma crítica, no caso norte-americano, de forma simpática como com os árabes Maluf e Nacib, de *Gabriela, Cravo e Canela*, com a finlandesa Kirsi ou relevantes como fatia participante da mistura étnica e cultural a que o país sempre foi submetido, sendo, este também, como o cortiço 68 e a Tenda, um lugar de “gente de todas as cores”, como Amado enxergou, narrou e expôs em suas obras.

Procurou-se ao longo da exposição e análises, como objetivo final, responder perguntas relacionadas à figura do judeu, estrangeiro e imigrante junto ao nacional, especialmente sobre

a forma como o nacional os enxerga. Percebemos que o preconceito, a rejeição e aceitação são constantes no panorama histórico do país, nunca deixaram de existir, no entanto, dependendo do período e contexto, a relação se dá de forma diferenciada, como vimos retratada através das personagens seu Samara e Severino, o “*sapateiro espanhol*”, onde um é explorador e o outro é anarquista ou com o *a italiana* e o Bonfanti, ambos estereotipados como *carcamanos*, mas também, em alguns momentos, contando com a simpatia do nacional. Os árabes, turcos e sírios, sempre retratados com um certo destaque e simpatia, haja vista que Jorge Amado, como ele mesmo expôs, relatou sobre o que viu e com quem conviveu mais. Também vimos a questão da miscigenação nos livros de Archanjo e seus debates, mas de forma especial, a figura do filho dele e de Kirsi, mulato concebido no Brasil, mas criado no exterior, talvez representando uma síntese que resulta das diferenças, e que também pode sofrer preconceito e rejeição como um estrangeiro ou imigrante. Por fim, a figura do judeu, visto como “anticristo”, “verme”, “perigoso”, “desmoralizador”, “ameaça vermelha”, por exemplo, na década de 20, exemplificado em *Suor*, mas melhor aceito e percebido mediante a perseguição nazifascista e o Holocausto avançando, exterminando, nas décadas de 30, 40, exemplificado em *Tenda dos Milagres*.

Resumindo, *Tenda dos Milagres* e *Suor* apresentam exemplos da grande mistura que há no Brasil, seja ela étnica, religiosa, política ou social, retratada na literatura modernista através do estilo político, crítico e reflexivo, mas “baiano, romântico e sensual” de Jorge Amado.

Como Antônio Cândido observou que “a poesia esperava o Sr. Jorge Amado atrás da esquina de seus cortiços”, somamos que o lirismo e a paixão pelo povo baiano o esperavam atrás das esquinas do cortiço 68 e da Tenda, assim como a exploração, o inconformismo e a denúncia social esperavam por um olhar da sociedade por meio das minorias representadas pelas personagens de prostitutas, bêbados, negros, mestiços, homossexuais, macumbeiros, operários, bedéis, mascates, judeus, estrangeiros ou imigrantes, que permearam as narrativas e a vida do escritor Jorge Amado. Um baiano, com uma “pitada” de judeu, árabe, italiano, francês, polonês e russo, como suas personagens que tão bem conheceu, amou e com as quais conviveu nos momentos difíceis de exílio e prisão. Jorge Amado eternizando-as, tem seu lugar reservado na literatura brasileira, na nossa memória.

Morte? Mas como, se ele continua vivo a nosso lado, nas nossas lembranças? A cada momento se escuta seu riso, suas pilhérias. Vivo em seus livros, vivo no nosso coração, vivo no coração de milhões de leitores seus.

(João Jorge Amado. *Jorge Amado. Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia de Jorge Amado**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=718&sid=244>>. Acesso: Janeiro e Setembro de 2014.

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia da Mulher**: leitura, devocional, estudo. (A Bíblia da mulher de Bem com a Vida). Almeida Revista e Atualizada. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

AMADO, Jorge. **Cacau**. Obras ilustradas de Jorge Amado. 27ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d.

_____. **Suor**. Obras ilustradas de Jorge Amado. 27ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d.

_____. **Jubiabá**. Obras ilustradas de Jorge Amado. 14ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

_____. **Tenda dos Milagres**. Obras ilustradas de Jorge Amado. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.

_____. **Gabriela Cravo e Canela** – Crônica de uma cidade do interior. Vol.1. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1982.

_____. **Capitães da Areia**. Posfácio de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **A Canção da Judia de Varsóvia**. In: Revista Mercado. Uberlândia, ano 4. n.32. p.93, 2010.

_____. **A Canção da Judia de Varsóvia**. In: Yad Vashem - World Center for Holocaust Research, Education, Documentation and Commemoration. Disponível em: <http://www.yadvashem.org/yv/en/education/languages/portuguese/jorge_amado.pdf>. Acesso: Outubro de 2014.

AMIN, Samir. **O Imperialismo, Passado e Presente**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 18, p. 77-123, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v9n18/v9n18a05.pdf>>. Acesso: 21/08/2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 1928. p. 61. e-book. Disponível em: <<http://www.download.baixatudo.globo.com/docs/Macunaíma.pdf>>. Acesso: 10/04/2014.

ANDRADE, Oswald. **Fraternidade de Jorge Amado**. Folha da Manhã, 26 de outubro de 1943. In: Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, de 07/08/2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16313.shtml>>. Acesso: 10/09/2014.

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. **Teoria, crítica e história literária** (seleção e apresentação de Alfredo Bosi). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade, 1978.

ARENDT, Hannah. **O que é tradição?** In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **The Jew as Pariah: a hidden tradition.** In: The Jewish Writings. New York: Schocken Books, 2007. (p. 275-297)

_____. **As Origens do Totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ASSIS, Machado de. **O menino é pai do homem.** In: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Capítulo XI, 1881. p. 10. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2038>. Acesso: Março de 2014.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço.** Orientação pedagógica: Douglas Tufano. São Paulo: Editora Moderna, 1993. Notas de leitura: Cláudio A. Tafarello. Coleção Travessias.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética.** A teoria do romance. São Paulo: UNESP: Hucitec, 1988.

BARROSO, Gustavo. **BRASIL – Colônia de Banqueiros** (História dos empréstimos de 1824 a 1934). 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1936. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/media/2013/02/516530.pdf>>. Acesso: Julho e Setembro de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência,** RJ: Jorge Zahar, 1999.

BENEDINI, Giuseppe Federico. **A emigração italiana para a Bahia.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Julho – Dezembro de 2013, v.10, Ano X, nº, ISSN: 1807-6971. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso: 05/08/2014.

BENELLI, Sílvio José. **Dispositivos Disciplinares produtores de subjetividade na instituição total.** In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, nº 2, p. 99-114, 2003.

BEREZIN, Rifka. **Projeções da Bíblia na Literatura Hebraica: o Midrash Moderno.** In: Lewin, Helena (org.) Judaísmo, Memória e Identidade. Vol. I, Rio de Janeiro: Univ. do Estado, 1997.

BÍBLIA CATÓLICA. **São Cipriano de Cartago.** In: História da Igreja Católica. Bíblia Católica. s.d. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/historia-da-igreja/28/#.VLUnnSvF9UU>> Acesso: Janeiro de 2015.

BOOKS AND WRITS. Amazon.com. **Urho Kaleva Kekkonen.** s.d. Disponível em: <<http://www.kirjasto.sci.fi/ukekko.htm>>. Acesso: 07/08/2014.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL ESCOLA. **Biografia. Raimundo Nina Rodrigues.** s.d. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/biografia/raimundo-nina.htm>>. Acesso: 07/08/2014.

CAMARGO, Felipe C. Real de. **A fabricação do livro “Os protocolos dos Sábios do Sião”.** Anais do Simpósio da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Disponível em: <www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anaais/st5/st5felipe.doc>. Acesso: Agosto de 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Brigada Ligeira e outros escritos.** São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. Edição original: Livraria Martins Editora, 1945.

_____. **Tese e Antítese. Ensaios.** 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. **Formação da literatura brasileira,** 5 ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP, 1975, vol II.

_____. **O discurso e a cidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. **Representações de migrantes e imigrantes: o caso de Juô Bananére.** In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade, vol. 52, 1994.

_____. **Literatura e imigração: convergências.** Anais do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte: ABRALIC, 2003.

_____. **Juô Bananére.** Irrisor, Irrisório. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

_____. **Estrangeiros, imigrantes e colonos na ficção brasileira do século XIX** (texto não publicado).

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti-semitismo na Era Vargas.** Fantasmas de uma geração (1930-1945). Prefácio Antônio Cândido. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. (Org.) **O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2007.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **CPDOC-FGV. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945.** Disponível em < <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>>. Acesso: 31/08/2014.

CEREJA, Willian Roberto. **Português linguagens:** volume 3/ Willian Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 7 ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

CHAMBERLAIN, Houston Stewart, **Os fundamentos do Século XIX** (Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts). Alemanha, 1899.

CHIAVENATO, Júlio José - **O inimigo eleito: os judeus, o poder e o anti-semitismo.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 320 p.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Jubiabá.** Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12594>>. Acesso: Agosto de 2014.

_____. **Jorge Amado.** Disponível em <<http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3?pg=2>>. Acesso: 09/07/2014.

_____. **Tenda dos Milagres.** s.d. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12589>>. Acesso: Agosto de 2014.

COSTA, Caio Túlio. **O que é o anarquismo.** Coordenação Vanya Sant'Anna. 5. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

CUNHA, C. da. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo.** São Paulo: Cortez, 1981. (Col. Educação contemporânea).

CYTRYNOWICZ, Roney. **História dos judeus no Brasil.** Confederação Israelita do Brasil. s.d. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/historia>>. Acesso: Abril de 2014.

DANTAS, Tiago. **Socialismo e Comunismo:** existem diferenças? Mundo Educação. s.d. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/geografia/socialismo-comunismo-existem-diferencas.htm>>. Acesso: 14/08/2014.

DESCOLA, Philipe. **Claude Lévi-Strauss, uma apresentação.** Estudos Avançados, São Paulo vol. 23 n. 67, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142009000300019&script=sci_arttext>. Acesso: Julho de 2014.

DEL ROIO, Marcos Tadeu. **A classe operária na revolução burguesa:** a política de alianças do PCB, 1928-1935. 1989. Dissertação (Mestrado em Ciência Política, IFCH-UNICAMP) Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000051134>>. Acesso: Agosto de 2014.

_____. **Manifesto Comunista:** qual historicidade? In: Revista Novos Rumos, Marília, Vol. 49, nº1, p.37-44, Jan.-Jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2371>>. Acesso: 28/08/2014.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/carcamano/>>. Acesso: 03/04/2014.

DICIONÁRIO POLÍTICO (Marxista Internet Archive). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/i/internacional.htm>>. Acesso: 03/09/2014. Fonte: Mourre, Michel, Dicionário de História Universal, vol.II, ASA, Porto, 1998, p. 694.

EDUCA TERRA. **História do Mundo.** Guerra Civil Espanhola. s.d. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guerra_civil_espanha.htm>. Acesso: 18/08/2014

EDUCAÇÃO UOL. **Biografia: Luís Carlos Prestes.** s.d. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/klick/0,5387,1881-biografia-9,00.jhtm>>. Acesso: 16/08/2014.

EL HAYEK. Samir. **Alcorão.** Tradução de Samir El Hayek, São Paulo, 1415 H. 1994 d.C. Fonte digital: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. LCC Publicações Eletrônicas / eBooksBrasil.com. Páginas 171 e 181. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/alcorao.pdf>>. Acesso: 17/06/2014.

ENGERROFF, Ana Carina, Baron. **DO PE OR NOD DO PE** — o macarrônico alemão de A Manha. 2007. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90785/245236.pdf?sequence=1>>. Acesso: Janeiro de 2014.

ENRIQUEZ, Eugène. **O judeu como figura paradigmática do estrangeiro.** In: O Estrangeiro. Caterina Koltai (org.). São Paulo: Editora Escuta, 1998.

EURONEWS. Notícias: **Poder econômico da Ndrangheta põe em risco a democracia e liberdade de imprensa.** Publicada, dia 22/01/2013. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2013/10/22/poder-economico-da-ndrangheta-poe-em-risco-a-democracia-e-liberdade-de-imprensa/>>. Acesso: 01/08/2014.

FAUTO, Boris. **Turquia e Sefarad.** In: Negócios e Ócios. Histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 11-59.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB. **Décadas de 30 a 50.** 21/06/2012. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/decadas-de-30-a-50/>> Acesso: 03/04/2014.

FILHO, Adonias. **O Romance Brasileiro de 30.** Coleção Pesquisa. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1969 (p.75-79 e p.97-105)

FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE. **O que é antropologia estrutural.** Folha de São Paulo. Caderno Mais! 22 de Maio de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2205200510.htm>>. Acesso: 28/07/14.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Biografia e bibliografia de Jorge Amado / obras.** s.d. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br>>. Acesso: 2013 e 2014.

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER. **Biografia de Pierre Verger.** Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>>. Acesso: 06/10/2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O impossível retorno.** In: Mitológica Rosiana. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Do lado de cá.** In: Mitológica Rosiana. São Paulo: Ática, 1978.

GATTAI, Zélia. **Um baiano romântico e sensual**: três relatos de amor / Zélia Gattai, Paloma Jorge Amado, João Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record. 2002.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012. Série Acadêmica, Coleção NEHO-USP. Disponível em: <<http://www.editorapontocom.com.br/l/9/Do-L%C3%ADbano-ao-Brasil%3A-hist%C3%B3ria-oral-de-imigrantes>>. Acesso: 27/03/2014.

GLEDHILL, Sabrina. **Travessias racialistas no Atlântico Negro**: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia. 2014 Disponível em: <https://www.academia.edu/6578299/Travessias_Racialistas_no_Atlantico_Negro_Reflexoes_sobre_Booker_T._Washington_e_Manuel_R._Querino>. Acesso: 18/07/2014

GOBINEAU, Arthur de. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Librairie de Firmin Didit Frères, 1853.

GOMES, Adriana. **A Miscigenação do Brasil sob o olhar de Gobineau**. Revista História e História. Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. ISSN 1807-1783. Site atualizado em 27 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=162>>. Acesso: 07/08/2014.

GOMES, Cristiana. **Guerra Fria**. InfoEscola, navegando e aprendendo. s.d. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/guerra-fria/>>. Acesso: 25/07/14.

GONÇALVES, Maurício Reinaldo. **O American way of life no cinema de Hollywood, na imprensa e na sociedade brasileiras dos anos trinta**. Universidade de Sorocaba. s.d. In: BRASA - Brazilian Studies Association. Disponível em: <http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Mauricio-Goncalves.pdf> Acesso: 21/08/2014.

GRAUDEZ. Literatura On-line. **Modernismo**. s.d. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/literatura/modernismo.html>>. Acesso: Setembro de 2014.

GRUMAN, Marcelo. **A Prostituição Judaica no Início do Século XX**: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil. Em busca da civilização. In: Artigos, Revista Campos 7(1):83-99, 2006. Biblioteca digital de Periódicos da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://www.ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/download/5446/4001>>. Acesso: abril de 2014.

GRÜN, Roberto. **Construindo um lugar ao sol**: os judeus no Brasil. In: Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina. Bóris Fausto (org.) 2ª ed., São Paulo: Edusp, 2000.p. 353-381.

GUMÉRY-EMERY, Claude. **Jorge Amado**. In: Caderno de Leituras. Jorge Amado. p. 75. Disponível em <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/06.pdf>>. Acesso: junho de 2013.

HASSOUN, Jacques. **O estrangeiro**: um homem distinto. In: Política e Psicanálise: O estrangeiro. Caterina Koltai (org.) São Paulo: Escuta, 1998.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **História da Civilização**. Área de Estudos Sociais. São Paulo: Companhia Editora Nacional. s.d. Coleção Sérgio Buarque de Holanda.

ICARABE. Instituto de Cultura Árabe. **Estereótipo de árabes confundidos com turcos permanece**. 23/06/2005. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/noticias/estereotipo-de-arabes-confundidos-com-turcos-permanece>>. Acesso: 19 de novembro de 2012 e Abril de 2014.

IGEL, Regina. **Imigrantes judeus/Escritores brasileiros**: O componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1997.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **Guimarães Rosa na Alemanha**. Encarte da edição especial, números 20 e 21 dos Cadernos de Literatura Brasileira. In: Cadernos de Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa. Nº 20 e 21: São Paulo, Dezembro de 2006.

KIRSCHBAUM, Saul. (org.) **Dez ensaios sobre Samuel Rawet**. Brasília: LGE editora, 2007.

_____. **Viagens de um caminhante solitário**. São Paulo: Humanitas, 2011.

KRISTEVA, Julia. **O povo eleito e a relação de estranheza**. In: Estrangeiros para nós mesmos, RJ: Rocco, 1994.

KUPERMAN, E., and STORCH, M. **Por uma imagem ética de Israel e do judeu**. In: LEWIN, H., coord. Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 695-704. ISBN: 978-85-7982-016-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso: março de 2014.

LAQUEUR, Walter. **Fuera Del “Ghetto”**. In: Historia Del Sionismo. Edición abreviada. La Semana Publicaciones Ltda., 1988. p. 15-39

LARGMAN. Esther Regina. **A comunidade judaica da Bahia**. Judeu nos trópicos. In: Revista Morasha, ed. 36. mar. 2002. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/conteudo/ed36/com_bahia.htm>. Acesso: Julho e Setembro de 2014.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**- O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LESSER, Jeffrey H. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Tradução Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago. 1995.

_____. **Semitismo em negociação**. O Brasil e a questão judaica (1930-1945). In: O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História / Maria Luiza Tucci Carneiro (org.) – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2007, p. 277.

LIMA, Raul Milton Silveira. **O personagem judeu na literatura brasileira**. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) Universidade de São Paulo - FFLCH. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-12112007-132347/pt-br.php>>. Acesso: fevereiro de 2014.

LÖWY, Michel. **Redenção e Utopia**. O Judaísmo Libertário na Europa Central. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **De Mendel Beiliss, o judeu pária, a Joseph K., a vítima universal**. Uma interpretação de O Processo de Kafka. In: Revista Literatura e Sociedade 9, São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996, p.216-227.

MAGALHÃES, Mário. **Jorge Amado foi o autor mais espionado**. In: Caderno Ilustrada, Folha de São Paulo. Rio de Janeiro, 08/08/2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16403.shtml>>. Acesso: 02/07/14.

MARGULIES, Marcos. **Os Judeus na História da Rússia**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998a.

MAZZARI, Marcus Vinícius. **Representações literárias da escola**. In: Estudos Avançados, número 11. 1997.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O Mito da Conspiração Judaico-Comunista**. In: Revista de História. n. 138. julho. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83091998000100007&script=sci_arttext>. Acesso em 01/11/2011.

MURACA, Márcio Henrique. **Jorge Amado, Poeta: A Judia de Varsóvia**. In: Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_355.pdf>. Acesso: 14/10/2014.

NASCIMENTO, Egídio. **Representações transitivas: observações relativas às possibilidades representacionais dos sujeitos da migração em Marco Zero, de Oswald de Andrade**. s.d. Disponível em: <<http://www.mafua.ufsc.br/egidio.html>>. Acesso: Abril de 2014.

NASCIMENTO, Marysther Oliveira do. **Tenda dos Milagres**. s.d. In: Brasil Escola. Literatura. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/literatura/tenda-dos-milagres.htm>>. Acesso: 25/09/2014.

OEHLER, Dolf. **O velho mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de Junho de 1948 em Paris**. Tradução de José Marcos Macedo – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Thereza Adrião (org.) e Afrânio Mendes Catani... [et al .] **Organização do ensino no Brasil**. Coleção Legislação e Política Educacional. 2 ed. São Paulo: Xamã, 2007.

OLIVIERE, Antonio Carlos. **Preconceito: A ética e os estereótipos irracionais**. Educação Uol. 06/01/2006. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/preconceito-a-etica-e-os-estereotipos-irracionais.htm>> Acesso: Abril de 2014.

PALLAS EDITORA. **O livro de São Cipriano – Tratado Completo da verdadeira Magia**. RJ: Editora Pallas, 2003.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO - PCB. **Breve Histórico do PCB**. s.d. Disponível em <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso: 06/09/2014.

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS - PCP. **1848, Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <<http://dorl.pcp.pt/index.php/obras-de-marx-e-engels-menumarxismoleninismo-102/414-marx-e-engels-1848-manifesto-do-partido-comunista>>. Acesso: 14/08/2014

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Série Bom Livro. Prefácio de Zenir Campos Reis. 16ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996.

PORTAL BRASIL. **História Geral: Revolução Russa**. s.d. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/historiageral_revolucaorussa.htm>. Acesso: 14/08/2014.

PRESTES, Anita Leocádia. **A Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe (Moscou, outubro / 1934) e os levantes de novembro de 1935 no Brasil**. 2012. In: *Marxismo 21*. Disponível em: ani>. Acesso: 30/08/2014

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. **Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RAMOS, Graciliano. **Bahia de todos os Santos**. In: *Linhas tortas (obra póstuma)*, Livraria Martins Editôra, 2ª edição, 1967.

_____. **O fator econômico no romance brasileiro**. In: *Linhas tortas (obra póstuma)*, Livraria Martins Editôra, 2ª edição, 1967.

_____. **O romance de Jorge Amado**. In: *Linhas tortas (obra póstuma)*, Livraria Martins Editôra, 2ª edição, 1967.

_____. **Angústia**. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, Ilustrações de Marcelo Grasmann. 30ª edição. Rio, São Paulo, Record, 1985, 247 p. ilustrada.

REDAÇÃO UOL. Notícias/Entretenimento. **Escritora Zélia Gattai morre aos 91 em Salvador; corpo será cremado**. 17/05/2008. (Colaboradores: Gabriel Carvalho e Aurélio Nunes, de Salvador). Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2008/05/17/ult4326u781.jhtm>>. Acesso: 11/09/2014.

REIS, José C. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

RIOLFI, Cláudia... [et al.]. **Ensino da Língua Portuguesa**. Coleção Ideias em Ação. São Paulo: Thomsom Learning, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Movimentos Sociais na Bahia de 30**. Condições de vida do operariado. In: Universitas, (29): 95-108, jan./abr.1992. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/universitas/article/viewFile/1269/852>>. Acesso: Abril e Maio de 2014.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. Edição ampliada e atualizada. 9ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SANTOS, Marco Cabral dos Santos. **Revolução de 1948**. Revolucionários populares no mundo. Educação Uol. s.d. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/revolucao-de-1848-movimentos-revolucionarios-populares-no-mundo.jhtm>>. Acesso: 25/10/2012.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. 5 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração e Convenções Internacionais**. In: A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998 (trad. Cristina Murachco). Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=E1tPJOKBo9cC&pg=PA235&lpg=PA235&dq=IMIGRA%C3%87%C3%83O+E+CONVEN%C3%87%C3%95ES+SAYAD&source=bl&ots=y011Shpb7s&sig=CfqmVHmVFJ6y7WP-sWQEvnpv_xw&hl=pt-BR&sa=X&ei=v8hYVPGPEIujgwT60YGIDA&redir_esc=y#v=onepage&q=IMIGRA%C3%87%C3%83O%20E%20CONVEN%C3%87%C3%95ES%20SAYAD&f=false>. Acesso: Agosto e Setembro de 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **A ordem da imigração na ordem das nações**. In: A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998 (trad. Cristina Murachco). pp. 265-286

SCHOLEM, Gershom. **A Mística Judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SCHWARTZ, Roberto. **Grande-Sertão: a fala**. In: A Sereia e o desconfiado. 2 ed. Coleção Literatura e Teoria Literária; v. 37. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Grande-Sertão e Dr. Faustus**. In: A Sereia e o desconfiado. 2 ed. Coleção Literatura e Teoria Literária; v. 37. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Nacional por subtração**. In: Que Horas São? São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEIXAS, Cid. **Modernismo e diversidade**: impasses e confrontos de uma vertente regional. Universidade Federal de Feira de Santana. Departamento de Letras e Artes. In: PROGEL. Revista Léngua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural. v.3, 2004, p.43-52. Disponível em: <http://www2.uefs.br/ppglde/revista2_43.html>. Acesso: 11/09/2014.

SILVA, Adelgício José da. **O imigrante judeu na obra de Érico Veríssimo**. São Paulo: Humanitas, 2012, p.55-56.

SILVA, Érica Sarmiento da. **Da aldeia às cidades**: um breve recorrido de uma emigração ao Brasil. In: Revista UFG/Julho 2012/Ano XIII nº 12. p. 214-220. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/julho2012/arquivos_pdf/21.pdf> Acesso: Abril de 2014.

SILVA, Pablo Ruan Cândido. **Pedro Archanjo e o mar de mithestórias**. Comunidade Virtual de Antropologia. ed. 51, p. 15, 2008. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a51-psilva.pdf>>. Acesso em: Julho de 2014.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. **O Conde Gobineau e o horror à ambivalência**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2006.

SOUZA, Rainer. **Anarquismo**. Brasil Escola. s.d. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/anarquismo.htm>>. Acesso em: 14/08/2014.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é comunismo**. Coordenação Vanya Sant'Anna. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos; 21).

SPITZER, Leo. **A jornada ascendente, a Jornada para o mundo externo**: A assimilação no século da emancipação. In: Experiência Cultural Judaica no Brasil: Recepção, inclusão e ambivalência. RJ: Topbooks, 2004.p.19-52

STRUGGLES IN ITALY. Resenha: **“As mãos sobre a cidade” – Como Milão se tornou a nova capital da ‘Ndrangheta**. Breve introdução. A máfia na Itália do norte. s.d. Disponível em: <<http://strugglesinitaly.wordpress.com/mafie/pt-as-maos-sobre-a-cidade-como-milao-se-tornou-a-nova-capital-da-ndrangheta/>>. Acesso: 01/08/2014.

SUA PESQUISA. **Anarquismo**. s.d. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/o_que_e/anarquismo.htm>. Acesso: 14/08/2014.

_____. **Ditadura Militar**. s.d. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso: 21/08/2014.

TRUZZI, Oswaldo M.S. **Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. p. 332. In: Fazer a América. Boris Fausto (organizador). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

TZVETAN Todorov. **A conquista da América**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História geral do Brasil**: antes da sua separação e independência de Portugal. 9ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1906). Prefácio de Alceu Amoroso Lima. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

VIEIRA, Denise Adélia, Teresinha V. Zimbrão da Silva. **Jorge Amado e o romance proletário**. In: Revista Todas as Musas, ano 04, número 01 Jul-Dez 2012, p. 57. ISSN 2175-1277. Disponível em: <http://www.todasasmusas.org/07Denise_Terezinha.pdf>. Acesso: Julho e Setembro de 2014.

VIEIRA, Eli. **Sobre judeus, bandidos, gordas e os últimos refúgios dos preconceitos**. Diário da manhã. Portal de notícias. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/texto/164853>>. Acesso: 06/03/2014.

WALDMAN, Berta. **Entre passos e rastros**. Presença judaica na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. AMÂNCIO, Moacir (orgs.) Noaj/Noah. **Revista literária da Asociación Internacional de Escritores Judíos en Lengua Hispana y Portuguesa**- n.16/ 17 (jun.2007) São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. Este número é dedicado a literatura judaica no Brasil.

WIKIPÉDIA. **Comunismo**. s.d. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>>. Acesso: 14/08/2014.

_____. **A Internacional**. s.d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Internacional>. Acesso: 14/08/2014.

_____. **Pedro de Azevedo Gordilho**. s.d. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_de_Azevedo_Gordilho>. Acesso: Julho e Outubro de 2014.

WISTRICH, Robert. S. **A modernidade e o genocídio Nazi**. In: Hitler e o Holocausto. Breve História, Grandes Temas. Rio de Mouro: Círculo de leitores, 2004. p. 230-260

YERUSHALMI, Yossef Haim. Zakhor: **Jewish History and jewish Memory**. Washington: University of Wahington Press, 1982.

¹De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.